

CAMILLE DEANGELIS

ATE
AOS
OSSOS

SUMA
de Letras



CAMILLE DEANGELIS

ATÉ AOS OSSOS

Tradução de
MARIA DO CARMO ROMÃO





Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: março de 2023

ATÉ AOS OSSOS

Título original: *Bones & All*

© 2015, Camille DeAngelis

Publicado originalmente em março de 2015

por St. Martin's Press, Nova Iorque

Esta edição foi publicada por acordo com St. Martin's Publishing Group em
associação com a International Editors & Yáñez' Co., Barcelona Todos os
direitos reservados

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do
copyright. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não
pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por
qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida
numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso
público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e
críticas.

Tradução: Maria do Carmo Romão

Revisão: Manuela Duarte

Capa: Duarte Lázaro

ISBN: 978-989-784-989-3

Composição digital: leerendigital.com

Composição digital PRHGEP: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)
Facebook: [sumadeletrasportugal](https://www.facebook.com/sumadeletrasportugal)
Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

Índice

Até aos ossos

Créditos

Dedicatória

Epílogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Camille DeAngelis

Notas

Para Kate Garrick

Um dia acordarei para descobrir que construíram
um labirinto à minha volta e ficarei aliviada.

1

A Penny Wilson queria um bebê seu da pior maneira. É o que imagino, pois deveria apenas tomar conta de mim durante hora e meia e era óbvio que o amor que me devotava era um pouco exagerado. Deve ter sussurrado uma canção de embalar, acariciado cada um dos dedinhos das minhas mãos e dos meus pés, beijado as minhas faces e acariciado a minha cabeça, soprado o meu cabelo como se pedisse um desejo à bola de sementes de um dente-de-leão. Eu já tinha dentes, mas era muito pequena para engolir os ossos, de modo que, quando a minha mãe chegou a casa, encontrou-os num montinho na alcatifa da sala.

Da última vez que a minha mãe vira a Penny Wilson, ela ainda tinha cara. Sei que a minha mãe gritou, porque qualquer pessoa faria o mesmo. Quando eu já era mais crescida, confessou-me que pensava que a minha *babysitter* fora vítima de um culto satânico. Já se deparara com coisas mais estranhas nos subúrbios.

Não era um culto. Se fosse, ter-me-iam arrebatado e feito coisas indescritíveis à minha pessoa. Ali estava eu, adormecida no chão, ao lado do monte de ossos, com as lágrimas ainda a secar nas faces e sangue em redor da boca. Nessa altura já sentia aversão por mim própria. Não me lembro de nada disto, mas sei.

Mesmo quando a minha mãe reparou no sangue que manchava a parte da frente do meu macacão da *OshKosh*, mesmo quando se apercebeu de que havia sangue no meu rosto, não o viu. Quando me entreabriu os lábios para meter entre eles o indicador — as mãos são as criaturas mais corajosas e a minha é a mais corajosa de todas — encontrou uma coisa dura entre as minhas gengivas. Retirou-a e espreitou. Era o martelo do tímpano da Penny Wilson.

A Penny Wilson vivera no nosso complexo de apartamentos, do outro lado do pátio. Vivera sozinha e trabalhara aqui e ali, de modo que ninguém lhe sentiria a falta durante vários dias. Foi essa a primeira vez que tivemos de agarrar nas coisas para nos mudarmos a toda a pressa e, muitas vezes, pergunto a mim mesma se, nessa altura, a minha mãe tinha uma vaga noção de como se tornara eficiente. Na última vez que nos mudámos, arrumou tudo em doze minutos certos.

Há não muito tempo, perguntei-lhe pela Penny Wilson: *Como era ela? De onde era? Que idade tinha? Lia muitos livros? Era simpática?* Estávamos dentro do carro, mas não a caminho de uma nova cidade. Nunca falávamos acerca do que eu fizera logo depois

de o ter feito.

— Porque é que queres saber tudo isso, Maren? — perguntou com um suspiro, esfregando os olhos com o polegar e o indicador.

— Porque quero.

— Era loura. Tinha cabelo louro, comprido e usava-o sempre solto. Ainda era jovem... mais jovem do que eu, mas não creio que tivesse muitos amigos. Era muito calada. — Depois a voz da minha mãe emperrou numa recordação indesejada. — Lembrome de como a expressão dela se iluminou quando lhe perguntei se podia tomar conta de ti nesse dia. — Parecia zangada e limpou as lágrimas com as costas da mão. — Vês? Não vale a pena pensar nessas coisas quando nada se pode fazer para as mudar. O que está feito está feito.

Pensei por um instante.

— Mãe?

— Sim?

— O que fizeste com os ossos?

Ela demorou tanto tempo a responder que comecei a rezear a resposta. Afinal de contas, havia uma mala que sempre nos acompanhava, mas que eu nunca a vira abrir. Por fim disse-me:

— Há coisas que nunca te contarei, por muito que me peças.

A minha mãe era boa para mim. Nunca disse coisas como *o que fizeste* ou *o que és*.

A minha mãe foi-se embora. Levantou-se ainda era

escuro, enfiou umas coisas dentro de uma mala de viagem, meteu-se no carro e partiu. A minha mãe já não gosta de mim. Como poderia censurá-la, se nunca tivesse gostado?

Em determinadas manhãs, quando já estávamos num sítio há tanto tempo que quase nos começávamos a esquecer, ela acordava-me com uma canção do filme *Serenata à Chuva*.

— *Good morning, good moooooooooorning! We've talked the whole night through...*

Só que ela parecia sempre um pouco triste quando a cantava.

No dia 30 de maio, quando fiz 16 anos, a minha mãe entrou a cantar. Era sábado e tínhamos combinado um dia cheio de diversão. Abracei-me à almofada e perguntei:

— Porque é que cantas sempre assim?

Ela abriu as cortinas de par em par. Vi-a fechar os olhos e sorrir para a luz do sol.

— Assim, como?

— Como se preferisses ter ido para a cama a uma hora razoável.

Ela riu-se, deixou-se cair aos pés da minha cama e afagou-me o joelho por cima do edredão.

— Parabéns, Maren! — Havia muito tempo que não a via tão feliz.

Enquanto comia as panquecas com pepitas de chocolate, levei a mão ao saco com o presente, e retirei de lá um livro grosso — *O Senhor dos Anéis*, os três volumes num só — e um cartão-oferta da Barnes

& Noble. Passámos grande parte do dia na livraria. Nessa noite, a minha mãe levou-me a um restaurante italiano, um *verdadeiro* restaurante italiano, onde os empregados e o *chef* falavam uns com os outros na sua língua materna, as paredes estavam cobertas de antigas fotografias de família a preto-e-branco, e que servia um *minestrone* que nos manteria saciadas durante vários dias.

O ambiente era escuro e aposto que me lembrarei para sempre da forma como a luz da vela dentro do copo de vidro vermelho cintilava no rosto da minha mãe de cada vez que levava aos lábios a colher da sopa. Falámos de como as coisas corriam na escola, de como as coisas corriam no trabalho dela. Falámos acerca da minha ida para a faculdade. Do que eu gostaria de estudar, do que eu gostaria de ser. Chegou um suave quadrado de *tiramisu* com uma vela espetada e todos os empregados cantaram, mas em italiano: *Buon compleanno a te*.

Depois levou-me a ver o *Titanic* no cinema onde passavam filmes já antigos e, durante três horas, perdi-me na história, como o poderia ter feito num dos meus livros preferidos. Eu era bonita e corajosa, destinada a amar e sobreviver, a ser feliz e a ter recordações. A vida real não guardava nada disso para mim, mas na agradável escuridão daquele decrépito cinema, esqueci-me de tudo isso.

Caí na cama, exausta e satisfeita, pois, na manhã seguinte, poderia banquetear-me com os restos e ler o meu livro novo. Porém, quando acordei, o

apartamento estava em perfeito silêncio e não senti o aroma a café. Alguma coisa não estava bem.

Saí para o corredor e encontrei um bilhete na mesa da cozinha:

*Sou tua mãe e adoro-te, mas já não posso
fazer isto.*

Ela não podia ter ido embora. Nem pensar. Como tivera coragem?

Olhei para as minhas mãos, palmas para cima, palmas para baixo, como se não me pertencessem. Já nada era meu: nem a cadeira onde me afundava, nem a mesa onde pousava a testa, nem a janela através da qual olhava. Nem sequer a minha mãe.

Não compreendia. Havia mais de seis meses que não fazia aquela coisa má. A minha mãe estabelecera-se no seu novo emprego e gostávamos do apartamento. Nada disto fazia sentido.

Corri ao quarto dela e encontrei os lençóis e o edredão ainda na cama. Também deixara outras coisas. Na mesa de cabeceira, livros de bolso que ainda não lera. Na casa de banho, frascos quase vazios de champô e loção para as mãos. Blusas, as não-tão-bonitas, ainda estavam penduradas no armário, nos cabides de metal baratos que vêm da lavandaria. Sempre que mudávamos de casa deixávamos coisas deste género, mas agora era eu uma das coisas que ela deixara para trás.

Voltei para a cozinha a tremer e reli o bilhete. Não sei como se consegue ler nas entrelinhas quando há

apenas uma frase, mas eu fui capaz de ler tudo o que ela dizia de forma bem clara:

Não posso continuar a proteger-te, Maren. Principalmente quando deveria estar a proteger o resto do mundo, em vez disso.

Se soubesses quantas vezes pensei em denunciarte, para que te prendessem e não pudesses voltar a fazê-lo...

Se soubesses quantas vezes me odiei por te ter trazido a este mundo...

Só que eu sabia. E deveria ter tido essa percepção quando ela me levou a sair no dia do meu aniversário, pois foi demasiado especial para não ser a última coisa que faríamos juntas. Foi assim que planeou as coisas.

Sempre fui um peso para ela. Um peso e um horror. Tudo o que fez, durante todo este tempo, foi por ter medo de mim.

Sentia-me estranha, com um zumbido nos ouvidos, como quando há demasiado silêncio, só que era como se encostasse a cabeça ao sino de uma igreja que acabara de tocar.

Depois, reparei que havia algo mais sobre a mesa. Um envelope branco, muito grosso. Não precisei de o abrir para saber que dentro dele havia dinheiro. Senti o estômago às voltas. Levantei-me e saí da cozinha aos tropeções.

Depois fui para a cama dela, enfiei-me debaixo do edredão e enrosquei-me o mais que podia. Não sabia que mais fazer. Queria dormir para que tudo

desaparecesse, para acordar e encontrar tudo bem, mas sabem como é quando queremos desesperadamente voltar a adormecer e não conseguimos. Quando queremos desesperadamente *o que quer que seja*.

Passei o resto do dia aturdida. Nem abri *O Senhor dos Anéis*. Não li mais nada senão as palavras daquele recado. Mais tarde levantei-me e andei pela casa, demasiado enjoada até para pensar em comer o que quer que fosse e, quando escureceu, fui para a cama e fiquei acordada horas a fio. Não queria estar viva. Que tipo de vida poderia eu ter?

Não podia dormir num apartamento vazio. Também não podia chorar, porque ela não me deixou nada sobre que chorar. Se fosse algo de que gostava, levaria-o consigo.

A Penny Wilson foi a minha primeira e última *babysitter*. A partir daí, a minha mãe pôs-me no infantário, onde os empregados estavam cheios de trabalho e eram mal pagos e nunca havia o perigo de alguém engraçar comigo.

Durante anos, nada aconteceu. Eu era uma criança modelo, silenciosa e sossegada, desejosa de aprender e, com o passar do tempo, a minha mãe convenceu-se de que eu não fizera aquela coisa horrível. As recordações distorcem-se, para se transformarem em verdades com as quais é mais fácil viver. *Fora* um culto satânico. Tinham assassinado a minha *babysitter*, tinham-me banhado em sangue e dado um

tímpano para chupar. A culpa não era minha — não tinha sido eu. Eu não era um monstro.

Por isso, tinha eu 8 anos, a minha mãe mandou-me para um acampamento de verão. Era um daqueles lugares em que rapazes e raparigas vivem em cabanas nas margens opostas de um lago. Também ficávamos separados no refeitório e mal nos permitiam brincar juntos. Durante a hora de trabalhos manuais, as raparigas faziam porta-chaves e pulseiras da amizade e, mais tarde, aprendemos a juntar lenha para fazer fogueiras, embora nunca as acendêssemos depois de escurecer. Dormíamos em beliches, oito raparigas em cada cabana, e todas as noites, antes de irmos para a cama, a monitora inspecionava-nos as cabeças, por causa das carraças.

Todas as manhãs íamos tomar banho ao lago, mesmo nos dias nublados em que a água estava fria e escura. As outras miúdas metiam-se na água só até à cintura e esperavam apáticas, na parte menos funda, a campainha para o almoço.

Mas eu nadava bem. Sentia-me viva na água fria e escura. Nalgumas noites até adormecia com o fato de banho vestido. Uma manhã, decidi atravessar o lago até à margem dos rapazes, só para dizer que o tinha feito. Por isso continuei a nadar desfrutando da sensação dos meus membros a cortar a água revigorante, quase sem me dar conta dos apitos do salva-vidas mandando-me voltar para trás.

Detive-me a apreciar os meus progressos e foi então que o vi. Devia ter tido a mesma ideia de

chegar à margem das raparigas.

— Olá — exclamou.

— Olá — respondi.

Ficámos a boiar a cerca de cinco metros um do outro. As nuvens agitavam-se lá em cima. A chuva começaria a cair a qualquer momento. Os salva-vidas apitavam furiosamente em ambas as margens. Aproximámo-nos um pouco mais, o suficiente para estendermos um braço e fazer com que as pontas dos nossos dedos se tocassem. Ele tinha cabelo ruivo e tantas sardas como eu nunca vira num rapaz ou rapariga — tantas que mal se lhe via a palidez da pele por baixo delas. Lançou-me um sorriso conspirador, como se já nos conhecêssemos e tivéssemos combinado um encontro ali mesmo, no centro de um lago onde ninguém queria nadar.

Olhei para trás.

— Acho que estamos metidos num sarilho.

— Não, se ficarmos aqui para sempre — sugeriu ele.

Sorri.

— Não nado assim tão bem.

— Vou mostrar-te como podes ficar durante horas. Basta que te descontraias e deixes o teu cérebro flutuar. Estás a ver?

Deitou-se de costas com as orelhas abaixo da superfície. Só lhe via o rosto dentro de água, voltado para o céu, onde o sol deveria estar.

— Nunca ficas cansado? — perguntei mais alto, para que me pudesse ouvir.

O rapaz endireitou-se e sacudiu a água das orelhas.

— Nada!

Por isso experimentei. Estávamos agora próximos, o suficiente para ele estender a mão e tocar na minha. Vim outra vez à superfície e ri-me, enquanto tamborilava com as pontas dos dedos no braço dele.

— Eu sei — disse ele. — Sou muito sardento.

Os salva-vidas em ambas as margens continuavam a apitar — ouvia-os, mesmo com os ouvidos abaixo da superfície —, porém sabíamos que não saltariam para o lago para nos arrastarem de volta. Nem sequer os salva-vidas queriam nadar naquela água.

Não faço ideia de quanto tempo ficámos assim, mas creio que não deve ter sido tanto como me pareceu. Se esta história fosse de outra pessoa e não minha, teria sido a primeira vez que vi o meu namorado de infância.

Chamava-se Luke e nos dias seguintes arranjou maneira de chegar até mim. Por duas vezes deixou um recado na minha almofada e, um dia, depois do almoço, levou-me para as traseiras da sala de recreio com uma caixa de sapatos debaixo do braço. Assim que encontrámos um lugar escondido, destapou-a e mostrou-me uma coleção de cascas de cigarras.

— Encontrei-as nos arbustos — disse, como se fosse um grande segredo. — É o exoesqueleto. Libertam-se dele uma vez na vida. Não é fixe? — Retirou uma das cascas da caixa e meteu-a na boca. — São muito saborosas — disse enquanto mastigava. — Porque

estás a fazer essa cara de nojo?

— Não estou.

— Estás. Não sejas menina. — Pegou numa segunda casca. — Toma, prova uma. — *Crac, crac.* — Tenho de fanar um saleiro ao jantar, salgadas ainda devem ser mais saborosas.

Pôs a casca na palma da minha mão e eu fiquei a olhar. Então algo brilhou num canto escuro da minha mente: sabia que havia coisas que não se deviam comer.

Depois o apito soou para a chamada da tarde. Deitei a casca para dentro da caixa e fui-me embora a correr.

Nessa noite encontrei o terceiro recado debaixo da minha almofada. Ele escrevera os dois primeiros como se se apresentasse a uma nova correspondente: *Chamo-me Luke Vanderwall, sou de Springfield, no Delaware. Tenho duas irmãs mais novas e este é o meu terceiro verão no Acampamento Ameewagan. É a época de que mais gosto em todo o ano. Ainda bem que aqui estás. Agora tenho alguém com quem nadar, mesmo que tenhamos de infringir as regras para o fazer...*

Este era curto: *Vai ter comigo às 11 horas, dizia, saímos juntos e teremos muitas aventuras.*

Nessa noite enfiei o fato de banho por baixo do pijama. Fiquei na cama até ouvir a respiração regular das outras miúdas. Depois abri a porta de rede e escapei-me da cabana. Ele já lá estava, mesmo por trás do arco de luz do alpendre. Segui em bicos de

pés, ele deu-me a mão e puxou-me para o escuro.

— Vem — murmurou.

— Não posso. — *Não devia.*

— Claro que podes. Vem! Quero mostrar-te uma coisa.

De mãos dadas, passámos pela sala do recreio aos tropeções e fomos para o acampamento dos rapazes. Minutos depois, comecei a ver as cabanas por entre as árvores, mas ele afastou-me imediatamente em direção à obscuridade.

O bosque estava vivo como nunca o vira durante o dia. O quarto minguante pairava sobre as árvores e a luminosidade era suficiente para podermos ver. Havia pirilampos por todo o lado, lançando as suas luzes verde-douradas. O que estariam a dizer uns aos outros? Havia uma brisa noturna, tão fresca que imaginei serem os pinheiros a suspirar no ar limpo, e a floresta zumbia com uma orquestra de cigarras, mochos e rãs.

Uma baforada de fumo fez-me comichão no nariz. Fora de Ameewagan, mas não muito longe, alguém fizera uma fogueira.

— Bem me apetecia um cachorro-quente — disse o Luke, melancólico. Momentos depois, mais adiante, vi o reflexo de algo, mas quando nos aproximámos, percebemos que não se tratava de uma fogueira.

Havia uma tenda vermelha no bosque, com o interior iluminado. Não era uma verdadeira tenda — do tipo das que se podem comprar numa loja, com varas de metal e um fecho-éclair, e isso tornava as

coisas ainda mais misteriosas. Ele encontrara uma lona vermelha e pendurara-a num estendal esticado entre duas árvores. Por momentos fiquei ali a admirar tudo aquilo. Do sítio onde estava, podia fingir que se tratava de uma tenda mágica, onde podia entrar e descobrir-me no meio de um bazar marroquino.

— Foste tu que fizeste isto?

— Sim — respondeu ele. — Para ti.

Foi a primeira vez que me lembro de o sentir. Ao lado do Luke, na escuridão, respirei o ar morno da noite e descobri que chegava até mim o cheiro dele, até ao cotão que tinha entre os dedos dos pés. Ainda tinha aquele fedor do lago, húmido e a ovos podres. Não lavara os dentes depois do jantar e cheirava-me a pimentão dos *sloppy joes*^[1] de cada vez que respirava.

A fome e a incerteza invadiram-me e fizeram-me estremecer. Nada sabia sobre a Penny Wilson. Tinha apenas a sensação de ter feito algo horrível quando era pequena e de estar prestes a repeti-lo. A tenda não era mágica, mas eu tinha a certeza de que um de nós não sairia de lá.

— Tenho de me ir embora — disse eu.

— Não sejas medricas! Ninguém nos vai encontrar. Estão todos a dormir. Não queres brincar comigo?

— Quero — murmurei. — Mas...

Pegou-me na mão e levou-me para baixo da lona.

Para esconderijo improvisado, estava muito bem abastecido: duas latas de *Sprite*, uma embalagem de bolachas de figo e um saco de *Doritos*, um saco-cama

azul, a sua caixa de sapatos com as cascas das cigarras, uma lanterna elétrica, um livro-jogo «Escolhe a Tua Aventura» e um baralho de cartas. O Luke sentou-se de pernas cruzadas e puxou uma almofada de dentro do saco-cama.

— Pensei que podíamos passar a noite aqui. Tirei os paus todos. O chão ainda é duro, mas imagino que seja um bom treino de sobrevivência em zonas desertas. Quando crescer vou ser guarda-florestal. Sabes o que é um guarda-florestal? — Abanei a cabeça. — Patrulham a floresta para verificarem se há pessoas a abater árvores ou a matar animais ou a fazer outras coisas más. É o que vou fazer.

Peguei no livro-jogo: *Fuga da Utopia*. Na capa viam-se dois miúdos perdidos numa selva com o chão a transformar-se num abismo debaixo dos pés. *Escolhe entre 13 finais diferentes! A tua escolha pode levar ao sucesso ou ao desastre!*

Desastre. Tive um pressentimento.

— *Sprite?* — Abriu uma lata e entregou-ma. — Olha, come uma bolacha de figo. — Serviu-se também de uma e começou a dar-lhe dentadinhas à volta. — Mas antes de ser guarda-florestal, vou fazer triatlos.

— O que são triatlos?

— É quando se correm cento e cinquenta quilómetros, se percorrem cento e cinquenta quilómetros de bicicleta e se nadam cento e cinquenta quilómetros, tudo num só dia.

— Isso é uma loucura — disse eu. — Ninguém consegue nadar cento e cinquenta quilómetros.

— Como é que sabes? Já experimentaste?

Ri-me.

— Claro que não.

— Bem, já sabes como boiar para sempre. É um bom princípio. Sei boiar para sempre, mas tenho também de ser capaz de nadar para sempre. Por isso vou treinar muito, durante o tempo que for preciso, até conseguir. Depois vou no meu cavalo até às Montanhas Rochosas, combater os fogos florestais e viver numa casa na árvore construída por mim. Vai ter dois andares, como uma casa de verdade, só que para lá chegarmos teremos de subir por uma escada de corda e depois descer por um varão. — Franziu a testa como se algo lhe tivesse ocorrido. — Claro que o varão terá de ser de metal para não me magoar nas farpas.

— Como é que vais comer? Vais precisar de uma cozinha, mas depois podes queimar a casa.

— Oh, vou casar-me e a minha mulher cozinha para mim. Ainda não sei se a cozinha vai ser no chão ou lá em cima na árvore.

— A tua mulher também vai ter uma casa na árvore?

— Não me parece que ela precise de uma casa só para ela, mas pode ter o quarto noutro ramo, se quiser. Talvez seja artista ou isso.

— Parece-me bem — disse eu com tristeza.

— Que se passa? Pensei que gostasses de estar ao ar livre.

— Gosto.

— Pensei que ficarias feliz com isto.

— E fico. Mas vais arranjar problemas se não voltares para a tua cabana.

— Oh, não me importo de amanhã limpar as mesas do refeitório — disse ele, com um movimento descuidado da mão. — Isto vale a pena.

Amanhã. A palavra parecia estranha, como se já não quisesse dizer nada.

— Não era isso que eu queria dizer.

— Podes preocupar-te com isso amanhã. Senta-te ao meu lado e vamos jogar ao burro antes de irmos dormir.

Assim fiz e o Luke agarrou no baralho de cartas. Começámos a jogar. Levantou as cartas e eu escolhi uma (o burro, claro). Guardei-o e ofereci-lho, mas ele abanou a cabeça e disse-me que baralhasse. Eu nem pensava no jogo. Continuava a sentir o cheiro a colorau, a ovos podres e a cotão. A sua ansiedade, a sua coragem, a sua sede de ar livre: tudo aquilo tinha um cheiro, como folhas molhadas, pele salgada e cacau quente numa caneca de metal que conhecia a forma das suas mãos.

— Não quero jogar mais — murmurei.

Ele não cresceria. Nunca seria guarda-florestal. Nunca andaria a cavalo. Nunca apagaria fogos florestais. Nunca viveria numa casa na árvore.

O Luke largou as cartas e agarrou-me nas mãos.

— Não te vás embora, Maren. Quero que fiques.

Eu não queria. Mas queria, queria mesmo. Inclinei-me sobre ele e cheirei-o. Colorau, ovos podres, cotão.

Encostei os meus lábios ao pescoço dele e senti como se endireitava de antecipação. Pousou a mão no meu rabo de cavalo e acariciou-o como se o fizesse a um cavalo. Respirou para cima de mim. Senti o cheiro do colorau e já não houve volta atrás.

Saí aos tropeções da tenda vermelha e segui em direção ao lago, até à beira do ancoradouro e atirei o saco das compras à água. Depois, despi o pijama e lancei-o também o mais longe possível. Vi a minha *T-shirt* da *Pequena Sereia* afundar-se no lago e ouvi o saco de plástico borbulhar, enquanto se enchia de água.

Deixei-me cair no ancoradouro, balançando o corpo para a frente e para trás, com as mãos a tapar a boca para impedir que o meu grito saísse, mas pressionava-me de tal forma o rosto que senti que os olhos me iam saltar. Por fim, não consegui aguentar mais, deitei-me nas tábuas, mergulhei a cabeça e soltei-o até a água subir para me queimar o nariz.

Só quando regressei pelo atalho que atravessava o pinhal — molhada, cheia de frio, tremendo por fora, mas horivelmente quente e cheia por dentro — pensei na minha mãe. *Oh, mãezinha! Já não vais gostar de mim quando souberes o que fiz.*

Voltei para a minha cabana o mais silenciosamente que pude e vesti o pijama sobresselente por cima do fato de banho. Se alguém perguntasse, diria que tinha ido à casa de banho. Deitei-me na cama a tremer, enrolada como se o mundo pudesse ficar lá

fora. Queria ser uma cigarra. Queria arrancar a minha pele e deixá-la nos arbustos para que ninguém me reconhecesse, nem sequer a minha mãe. Seria uma pessoa completamente diferente e não me lembraria de nada.

De manhã estava a chover e eu tinha as pontas das unhas tingidas de vermelho. Pus o poncho, escondi as mãos e corri para a casa de banho. Fartei-me de esfregar debaixo da torneira, mas, mesmo assim, continuava a ver aquilo. Uma pessoa saiu dos cubículos para lavar as mãos e lançou-me um olhar estranho. As minhas unhas não podiam ficar mais limpas.

Segui as outras miúdas até ao refeitório, tão entorpecida que nem sentia o chão debaixo dos pés. Pus-me na fila do balcão do *buffet*. Peguei numa *waffle*, mas nem lhe senti o sabor. O diretor do acampamento pôs-se à nossa frente e ligou o microfone.

— Lamentamos ter de vos dizer que um dos vossos colegas do acampamento desapareceu. Para vossa segurança, notificámos os vossos pais, que vos virão buscar a todos esta tarde. Entretanto, terminem o pequeno-almoço e regressem às vossas cabanas. Ninguém poderá ir a parte alguma aqui no acampamento até os vossos pais chegarem.

Sáímos do refeitório e encontrámos as carrinhas das estações de televisão locais no parque de estacionamento. O diretor do acampamento não quis

falar aos repórteres.

As miúdas da minha cabana reuniram-se em volta da mesa de piquenique no centro do quarto.

— Ouvi o diretor falar à porta da casa de banho — murmurou alguém. — Pensam que o Luke foi assassinado.

As outras soltaram exclamações abafadas.

— Porque haveriam de pensar tal coisa? Quem foi?

— Meninas! — interrompeu a nossa monitora do outro lado do quarto. Estava de braços cruzados junto à porta de rede, a ver a chuva transformar-se em lama no passadiço entre as árvores. — Não quero mais conversas a esse respeito. Por agora basta.

Era sempre tão divertida, pronta a entrançar-nos o cabelo ou a jogar ao peixinho connosco. Se tinha perdido o seu sorriso, a culpa era minha — era minha a culpa do desaparecimento do Luke e também de toda a gente ter de ir para casa. Deitei-me na cama, voltada para a janela, a fingir que lia.

A tempestade ruge, a água chega-nos à cintura num rio de lama. Caminhamos há dias pela selva sem encontrarmos um local seco para dormir. Fechamos os olhos, exaustos, deslizamos para abaixo da superfície e a corrente leva-nos.

FIM

Fechei o livro com um profundo suspiro. *Quem me dera.*

— Ele disse que, ontem à noite, o Luke foi sozinho

para o bosque — continuou a primeira miúda, desta vez em voz mais baixa. — Encontraram o saco-cama dele e estava cheio de sangue.

— Eu disse *basta!*

Mais ninguém falou. As outras começaram a fazer mais pulseiras da amizade, enquanto eu fiquei num canto a desejar ter o poder de me fazer desaparecer. Uma hora depois, chegaram os primeiros pais e as miúdas começaram a sair uma a uma, de mochilas às costas.

A minha mãe chegou, pálida e silenciosa, e levou-me para o parque de estacionamento. Os outros pais ficaram em grupos, de braços cruzados ou nervosos, fazendo tilintar os porta-chaves. Falavam baixo entre eles, mas consegui ouvir parte do que diziam.

«Só fazia o que lhe apetecia... não tinha nada que estar no bosque... neste acampamento não há disciplina... O diretor não faz nada de jeito... Felizmente a minha Betsy porta-se melhor... Disseram que, de certeza, não foi um urso... O saco-cama estava praticamente encharcado em sangue; dizem que não há possibilidade de ele estar vivo... Suponho que vão drenar o lago... Ouvi dizer que vão interrogar toda a gente num raio de quinze quilómetros... Dizem que deve ter sido alguém que more aqui perto...»

Onde estavam os pais *dele*? Se aparecessem antes de a minha mãe me levar, olhariam para mim e saberiam que tinha sido eu? Larguei a mão dela e corri para a cabana.

Estava vazia e os lençóis tinham sido amontoados no chão. Aos tropeções, aproximei-me do meu beliche no canto e deixei-me cair no colchão nu para esconder a cara na almofada velha e granulosa. A minha mãe entrou e sentou-se na beira da cama.

— Maren — murmurou. — Maren, olha para mim.

Ergui o rosto da almofada, mas não tive coragem de a olhar nos olhos.

— Olha para mim. — Olhei para ela. Estava misteriosamente calma, para quem sabia que a filha comera uma pessoa. — Diz-me que não é verdade — pediu.

Escondi de novo o rosto.

— Não posso.

Teve de me levar ao colo para o carro. *Pobre miúda*, diziam os pais. *Está a ser muito difícil para ela*.

*

A minha mãe queria partir imediatamente. Apesar de o acampamento Ameewagan distar três horas de carro, o diretor tinha a nossa morada e, se descobrisse que eu estivera com o Luke nessa noite, saberiam onde nos encontrar. Ela explicou-me tudo isto com muita calma e mandou-me arrumar as coisas o mais depressa possível.

— Vamo-nos embora assim?

Afrouxei o cinto de segurança, inclinei-me para diante e encostei o queixo ao banco da frente. Fixei os limpa para-brisas que rangiam e observei o asfalto a desaparecer como uma mancha debaixo do capô do

carro, até ficar com os olhos a chorar. Senti-me estranha. Iria para o terceiro ano noutra escola?

— Não sei que mais hei de fazer.

— Disseste que deveria dizer sempre a verdade.

Ela suspirou.

— Pois, sim, e é o que deves fazer. Mas já pensei nisto, Maren. Não podemos dizer a ninguém. Ninguém acreditaria.

— Mas se eu lhes falasse do Luke e tu lhes contasses da Penny...

— Não é assim tão simples. Por vezes as pessoas confessam um homicídio que não cometeram.

— Porque fazem isso?

— Porque precisam de atenção, creio eu.

Seguimos em silêncio, mas as palavras da minha mãe pairavam no ar: um homicídio e eu cometera-o, o que me transformava numa assassina. Pensei no Luke, no seu cavalo, na sua casa da árvore e em como nadaria cento e cinquenta quilómetros. Tentei não me lembrar nos dedos dele, do *sloppy joe*, ou de como o seu sangue era quente e sabia a moedas velhas.

Tinha uma cigarra no meu ouvido. Saíra da sua casca e continuava a zumbir atrás do meu olho direito. Afundei-me no assento e encostei a testa à janela, o que fez com que o sussurro aumentasse.

Sou sardento. Não sejas menina. Tenho de aprender a nadar para sempre.

O ouvido começou a doer-me, mas disse para comigo que aquilo não era nada comparado ao que ele sentira.

— Mas disseste que ninguém consegue mesmo safar-se do que quer que seja — murmurei.

Ela não respondeu durante um ou dois minutos e pensei que não o fosse fazer.

— Um dia terás de responder por isto — disse ela com os olhos na estrada. — Um dia alguém acreditará em ti.

Preferia responder por isto agora, pensei. Esfreguei o ouvido. Leva-me, bocado a bocado. A minha vida pela dele.

A minha mãe olhou para mim pelo retrovisor.

— O que se passa?

— Dói-me um ouvido.

Quando estacionámos no caminho de acesso à nossa casa, a dor já quase eclipsara o horror da noite anterior. Ouvi-a resmungar enquanto me tirava do carro.

— Bem *sabia* que aquele lago estava poluído... Não creio que te tenham dado gotas para os ouvidos depois de teres ido nadar... Nunca devia ter deixado que fosses para aquele estúpido acampamento... — Mas a voz dela parecia estranha, como se estivesse no fundo do mar. Meteu-me na cama e tirou dois comprimidos de *Tylenol* de um frasco.

Nessa noite, um homem ajoelhou-se junto à minha cama e furou-me o tímpano com uma faca tão afiada que era invisível. Claro que também não consegui ver o homem, mas sabia que ele lá estava, picando-me ao som do bater do meu coração. *Faca, dá a volta, faca, dá a volta.* Sonhei que me mostrava o tímpano na

ponta da faca e o encostava aos meus lábios. Os seus dedos eram compridos e ossudos e o seu hálito gelado. A minha mãe deixara a luz do corredor acesa, mas não consegui ver-lhe a cara. Talvez não a tivesse.

Voltei-me e uma sombra cobriu a porta.

— Maren? — A minha mãe correu para a cama e meteu o dedo na minha boca, tal como fazia quando eu era bebé. — Que se passa? O que estás a mastigar?

O meu tímpano.

Ela caiu de joelhos. Encostou a face à cama e começou a chorar. *Ela vê-o, pensei. Ela sabe quem é, mas não consegue fazer com que ele se vá embora.*

De manhã ouvi-a telefonar para a agência de trabalho temporário e disse-lhes que não conseguiria terminar o contrato. A seguir veio com um copo de *ginger ale* que mexia com uma colher.

— Sei que ele me está a castigar — disse eu.

Ela olhou-me com curiosidade.

— Quem?

— Deus.

— Maren... — A minha mãe sentou-se na beira da cama, fechou os olhos e esfregou a cana do nariz. — Deus não existe.

— Como é que sabes?

— Ninguém sabe, mas creio que se pode dizer que Deus é uma coisa que as pessoas inventaram para que as suas vidas façam sentido. Para que haja quem possam culpar quando acontecem coisas terríveis.

As palavras que ia dizer, mas não disse, pairaram

no ar quando me deixou só. *Se Deus não existe, as nossas vidas fazem sentido.*

Passei dias sem comer. Não bebi o *ginger ale* e cerrava os dentes quando ela tentava dar-me o antibiótico. Via manchas diante dos olhos, os meus lábios murcharam e ficaram gretados e a minha boca era um deserto, mas não quis saber. A dor de ouvidos transformara-se num latejar surdo. Mal ouvia a minha mãe quando ela me implorava que bebesse.

— Estás tão desidratada. — Puxava-me pelos ombros para me obrigar a sentar, mas eu era um peso morto.

— Se continuas assim, terei de te levar para o hospital.

Eu não ouvia, não me mexia. Assim que fechei os olhos, tudo se desvaneceu.

*

Quando acordei estava no hospital, na pediatria. A minha mãe estava sentada numa cadeira ao lado da cama a roer a unha do polegar, com o olhar vazio e um livro de bolso, muito folheado, aberto no colo. Uma enfermeira estava junto a mim, do outro lado, a sorrir vagamente, enquanto mexia na agulha espetada no meu braço.

— Está tudo bem — murmurou, afastando-me o cabelo do rosto como se me conhecesse. — Agora vais ficar boa.

A minha mãe pôs o livro no parapeito da janela e inclinou-se quando a enfermeira se afastou para o

outro extremo do quarto e foi encher na torneira um pequeno copo de papel. Pegou-me na mão, mas não disse nada. A minha mãe não tentaria consolar-me com coisas que não eram verdade.

— Porque me trouxeste para aqui? — Mesmo depois do que eu fizera, ela queria que eu continuasse viva.

— Sou tua mãe — disse ela. — Tinha de o fazer.

— Porque gostas de mim?

Ela hesitou um instante tão breve, que ninguém teria reparado.

— Claro — respondeu e soltou-me a mão quando a enfermeira chegou com o copo de água.

— Deves ter muita sede — chilreou a enfermeira.

Mais tarde, nesse mesmo dia, uma mulher que não era a enfermeira apareceu à porta e pediu para falar com a minha mãe. Foram juntas para o corredor e ausentaram-se durante muito tempo.

A enfermeira regressou com um novo saco de soro.

— Ora, ora! Estou muito contente por ver que já tens alguma cor nas faces. Agora que estás acordada, podemos dar-te comida de verdade. Que tal um hambúrguer para o jantar? Gelatina ou gelado para sobremesa? — Tocou com o pé no pedal do caixote de lixo cirúrgico e deitou fora o saco de soro vazio. — Ou talvez gelatina e gelado? — Lançou-me um novo sorriso, *o nosso segredinho*. — Amanhã, se voltares a comer e a beber, tiramos-te o soro. És uma menina com sorte, Maren.

A sorte não era nenhuma. Uma mulher desconhecida tratava-me pelo nome num lugar cheio

de cheiros estranhos, vozes ríspidas e ruídos mecânicos. Encolhia-me quando ela pronunciava o meu nome.

— Quero a minha mãe — disse eu. — Quem é aquela mulher que saiu com a minha mãe?

— É uma assistente social. Quer ajudar a tua mãe para que fiques melhor.

Claro que era mentira. Fiquei a olhar para a enfermeira até ela afastar os olhos e se apressar a sair do quarto.

Talvez uma hora depois, a minha mãe voltou. Parecia de facto muito cansada.

— O que é que ela queria? — perguntei.

— Pensava que eu não te dava de comer.

— O que lhe disseste?

— A verdade... ou melhor, parte dela. Disse que tinhas ficado perturbada porque um amigo teu do acampamento de verão tinha... — suspirou. — Tive de lhe dar pormenores, de contrário não acreditaria em mim. — Juntou o polegar ao indicador. — Estiveste *a esta distância* de ser entregue a uma família de acolhimento. — Olhei para ela espantada. Poderia ter passado a ser o problema de outra pessoa. — Por favor, trata de comer e de beber tudo o que te trouxerem, para podermos sair daqui, está bem?

No dia seguinte, logo de manhã, antes de a minha mãe ter chegado, a assistente social voltou com a sua prancheta. Apertou-me a mão, disse que se chamava Donna e fez-me perguntas acerca da minha mãe e de como era a nossa vida. Disse-lhe que a minha mãe

sempre tomara bem conta de mim. Que eu sempre tivera muita comida e a Donna ficou a olhar para mim, enquanto eu picava os ovos mexidos com um garfo de plástico. Por fim, esgotou as perguntas e deixou-me em paz. Não perguntou nada do acampamento.

Tive alta no dia seguinte. A minha mãe rodeou-me com o braço enquanto nos dirigíamos para o carro e, quando entrei, vi metade do banco de trás cheio até ao teto de sacos de lixo e caixas de cartão. Havia mais sacos no lugar do passageiro e, sem dúvida, ainda mais na mala do carro. Enquanto eu comia gelatina num copo de plástico, ela estivera a encher o carro com a parte das nossas vidas que lá cabia.

2

Na manhã seguinte à minha mãe se ter ido embora, fui à cozinha e atirei um prato ao chão para ver o que sentia. Pisando os cacos, agarrei no envelope branco e volumoso, mas encontrei lá dentro algo mais do que dinheiro. Ela deixara-me a minha certidão de nascimento. Era azul, estava amarrotada, e desdobrei-a lentamente. Uma certidão de nascimento é uma espécie de documento sagrado para a pessoa em questão, até para um monstro como eu.

Só me recordo de ter perguntado uma vez quem era o meu pai.

— Foi-se embora — dissera a minha mãe.

— Mas como se chamava?

— Que importa isso?

— Só quero saber.

— Não tinha nome.

— Toda a gente tem nome!

Ela não respondeu e eu não insisti. Semanas depois, ouvi os miúdos da minha sala falarem baixinho acerca de outra miúda, a Tina, cuja mãe

estivera com tantos homens que ela nunca saberia quem era o pai. Não percebi como poderiam ter conhecimento de tal coisa, mas apontavam-lhe o dedo como se o soubessem de fonte segura.

A princípio pensei que eu e a Tina estivéssemos no mesmo barco, mas a minha mãe não era como as outras mães solteiras. Ainda usava a aliança na mão esquerda, nunca arranjava namorados e tínhamos as duas o mesmo apelido. Por isso, os meus pais deviam ter sido casados. Talvez tivessem vivido naquele apartamento na Pensilvânia quando a minha mãe encontrou os ossos da Penny Wilson no tapete e ele se tivesse ido embora nessa altura. Quanto ao facto de ela não ter namorados — bem, era fácil de entender. Eu era um problema de peso para ela.

Desdobrei a certidão de nascimento e alisei os vincos antes de a ler. *General Hospital of Friendship, Wisconsin*. Dela constava o meu nome, a data de nascimento — sexo feminino; 52 cm; 3,515 kg — o nome de solteira da minha mãe, Janelle Shields, no espaço para o nome da mãe (*Local de nascimento: Edgartown, Pensilvânia*) e no espaço para o nome do pai havia um nome que eu nunca vira: *Francis Yearly*. Eu tinha um pai! Um pai de verdade! Claro que sabia que teria um, mas fazia toda a diferença ver ali o nome dele em letras desbotadas sobre a linha tracejada.

Fui assimilando aquilo aos poucos, como um ovo partido que pingasse junto aos meus ouvidos: *Sandhorn, Minnesota*. Era onde ela esperava que eu

fosse com o dinheiro que me dera. A minha mãe queria que eu me metesse num autocarro, fosse à procura do meu pai e me esquecesse de que ela existia.

E se eu *encontrasse* o meu pai — o que faria? Senti um baque no coração. Não podia, não podia mesmo. Tinha de arranjar maneira de emendar as coisas com a minha mãe.

Eu tinha colado o envelope do postal de Natal com a morada dos meus avós na parte de trás da capa do meu caderno, embora a tivesse decorado assim que retirei o papel do balde do lixo. Não via os meus avós desde antes da história da Penny Wilson — e sabia que o melhor seria não perguntar, pois a minha mãe nunca me levaria a visitá-los —, mas ela fora para casa deles e era para lá que eu ia. Não sabia o que lhe diria; só sabia que cem dólares eram mais do que suficientes para me levar até lá.

Comi os restos que ainda havia no frigorífico, tomei um duche e fiz a mala. Sempre que nos mudávamos, enfiava a maior parte das minhas coisas numa velha mochila da tropa que dizia SHIELDS e U.S. ARMY em grandes letras negras. Era do meu avô, mas supunha-se que eu não soubesse. Desta vez tinha de lá caber tudo.

Teria de escolher bem os livros que levava comigo, pois sabia que a mochila me pareceria cada vez mais pesada quanto mais tempo a carregasse. Guardei o livro que fora presente de aniversário, os dois volumes de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do*

Outro Lado do Espelho e o Que Lá Encontrou, e guardei outros livros, os *deles*, juntamente com as outras coisas que lhes tirara — uma bússola que brilhava no escuro, um par de óculos de tartaruga.

Deixei a chave de casa sobre a mesa, fui até ao fim da rua e apanhei o autocarro. Um homem tentou sorrir para mim, mas acabou por parecer estar cheio de dores. Tinha a barba de pelo menos uma semana.

— Vais a algum lado?

Olhei para ele.

— Não vamos todos?

Voltou-se no assento a rir e eu apertei a mochila com as mãos e pus-me a olhar pela janela. Era estranho sair de um lugar onde não tinha feito a coisa má. Passámos pela minha escola. Eu devia estar a fazer o teste de Geometria.

Saí na estação dos autocarros Greyhound e gastei grande parte do dinheiro que a minha mãe me deixara num bilhete só de ida para Edgartown. Durante a viagem comi coisas das máquinas nas paragens obrigatórias: *Pop-Tarts* não torradas ao pequeno-almoço, rosquinhas *Snyder's* ao almoço, salgadinhos *Fritos* ao jantar. Tive de mudar de autocarro três vezes e, de todas as vezes, os motoristas franziram a testa como se dissessem: *Não devias estar na escola?*

Quanto mais nos aproximávamos, mais eu sentia o estômago às voltas. Estava nervosa por ir ver a minha própria mãe.

Tinha geralmente dois tipos de sonhos com o Luke, e nunca fui capaz de decidir qual o pior. No primeiro não o via, apenas escutava a sua voz ao meu ouvido. *A minha casa da árvore terá três andares e apenas uma escada para subir pelo tronco, mas dentro dela haverá escadas a sério — escadas de caracol e janelas por todos os lados para podermos ver os pássaros, o pôr do sol e também o nascer do sol, se nos levantarmos cedo. Vou ter uma mulher que vai ser tão bonita como tu e havemos de dormir em beliches no segundo andar. Gosto mais do beliche de cima, mas, se ela o preferir, cedo-lho, porque é o que os homens fazem, chama-se cumplicidade. E terei também um cavalo para quando sair como guarda-florestal, mas creio que também precisaremos de construir um estábulo no chão...*

No outro tipo de sonho estávamos de novo na tenda. A lanterna ficara sem pilhas e, se bem que eu não conseguisse aperceber-me da forma do rosto do Luke, ele olhava-me com olhos vermelhos e brilhantes. Estremecia ao sentir o seu hálito quente e fedorento como o meu devia ter sido, e depois abria a boca cheia de presas cintilantes e rasgava-me a cara. Pensarão que esse seria o pior, mas, mesmo que me estivesse a acontecer, era como nos filmes de terror. Não é tão assustador quando as pessoas recebem o que merecem.

— Achas que mais alguém faz isto? A coisa má? — perguntei uma vez à minha mãe.

Ela hesitou.

— Se houvesse outros, fazia-te sentir melhor ou pior?

— Quero dizer melhor, mas sei que não devia. Seria o mesmo que desejar que ainda mais pessoas... — calei-me. — Mas não estaria sozinha.

Queria que ela dissesse «Não estás sozinha, minha querida. Tens-me a mim». Mas a minha mãe nunca dizia coisas só para me fazer sentir melhor. Nunca me tratava por *minha querida*, nem dizia nada que não fosse verdade.

Só encontrei pessoas como eu nos livros de contos que lia na biblioteca. Gigantes. *Trolls*. Bruxas. *Ghouls*. O Minotauro. Se se tratasse de uma epopeia grega, eu teria escapado por pouco. Cronos, o deus do tempo, estava convencido de que um dos seus filhos o destituiria, por isso, de cada vez que a mulher dava à luz, devorava a criança.

Devorava. A palavra era a razão para eu recear o Dia de Ação de Graças. Uma vez, a minha professora do quarto ano disse à minha mãe que eu era uma leitora voraz e a minha mãe ficou de facto perturbada e fingiu que se estava a sentir mal para poder sair da reunião de pais. Mas talvez não estivesse a fingir. A minha mãe nunca me lia contos de fadas e eu sabia porquê.

Sempre que ia para a escola, passava o tempo livre na biblioteca. A minha mãe não me quis comprar o *Amigo Gigante*, por isso li-o no intervalo do almoço, mas Roald Dahl desiludiu-me. A heroína nunca comeu ninguém e os horríveis gigantes que comiam pessoas

tiveram todos o castigo merecido.

De que estaria eu à espera? Uma pessoa como eu nunca poderia ser a boazinha.

Juntei todas as histórias de monstros que encontrei e pu-las num caderno. Por vezes copiava passagens inteiras e fotocopiava sempre as imagens. *Saturno Devorando Um Filho*. Goya. Pintado cerca de 1820. Sawney Beane, chefe de um clã de canibais que viveu numa caverna junto à costa da Escócia. Costumava esconder-me no canto mais afastado para evitar que os bibliotecários viessem perguntar-me em que estava eu a trabalhar. *Vivo ou morto, vou moer os ossos para fazer o meu pão.*^[2]

Cheguei a Edgartown e pedi informações a um homem no balcão do McDonald's. Era quase noite quando cheguei ao bairro onde moravam os meus avós, se é que lhes podia dar esse nome.

Viviam numa daquelas casas de dois andares construídas nos anos 50, num bairro em que três lados de cada casa e cada pátio eram limitados por outros exatamente iguais. Doeui-me o coração ver o nosso carro estacionado no caminho de acesso, atrás de um *Cadillac* azul-escuro que tinha de ser do meu avô. Esperei até ter escurecido, dei a volta ao quarteirão e saltei a sebe das traseiras do vizinho. Era melhor ser apanhada por alguém que não me conhecesse.

Imaginei que a cozinha ficasse nas traseiras da casa, por isso acocorei-me junto à sebe dos vizinhos a

olhar lá para dentro. Não deviam chamar-lhes janelas panorâmicas por terem uma bela vista para fora. São panorâmicas porque, se tudo lá dentro estiver iluminado, de fora, no escuro, podemos ver o panorama das pessoas sentadas a jantar como se assistíssemos a um filme.

A minha mãe levou a saladeira para a mesa, sentaram-se e o pai dela serviu-lhe um copo de vinho. Não conseguia ver bem os meus avós porque o meu avô estava de costas para a janela e a minha avó sentava-se mesmo à frente dele. Mas via muito bem a minha mãe. Vi-a afastar a comida no prato, exatamente como me dissera que não se fazia, vi os lábios dela formarem respostas de uma só palavra e vi quando deixou cair o garfo para esconder a cara nas mãos. A minha avó levantou-se da mesa e abraçou-a e a minha mãe agarrou-se a ela a chorar. Provavelmente, já lhes contara tudo.

Pensei ter compreendido como era difícil para a minha mãe. Lamentava e desejava que tudo tivesse sido diferente, mas não era o mesmo que compreender. Não compreendia quando ela se fechava na casa de banho, não compreendia quando via as garrafas de vinho vazias, em fila, sobre a bancada da cozinha, não compreendia quando a ouvia chorar do outro lado da parede. Agora começava a perceber.

Estava visivelmente esgotada e a minha avó deu-lhe um lenço de papel. O meu avô acendeu um cigarro. Estendeu o maço à minha mãe e ela aceitou um.

Aquilo chocou-me, porque a minha mãe *nunca* fumava.

A minha avó levantou a mesa e lavou a loiça, enquanto a minha mãe e o pai ficaram sentados a fumar em silêncio. A seguir a mulher passou o braço pelos ombros da minha mãe e levou-a dali. O pai apagou a luz da cozinha e eu atravessei outra vez a sebe e saí do bairro.

Caminhei por uma rua comprida com lojas de ambos os lados, já fechadas para a noite. Nem sequer havia um sítio onde pudesse pedir uma fatia de *pizza*.

Segui pelas traseiras da rua das lojas, pensando que talvez houvesse por ali alguma comida suficientemente limpa, embora a ideia de comer o que estava no contentor do lixo me enojasse. Não havia nada comestível, mas encontrei um carro estacionado atrás do contentor. Experimentei a porta e descobri que não estava fechada. Era um *Cadillac*, como o do meu avô, mas havia jornais e latas de bebidas gasosas por cima dos assentos e buracos enormes nos estofos, como se o carro tivesse sido ali esquecido há muitos meses. Limpei o banco traseiro o melhor possível, meti-me lá dentro e fechei as portas. O carro cheirava a bolor, a cigarros e ao corpo sujo da última pessoa que o conduzira, mas era melhor do que andar toda a noite para a frente e para trás pela estrada.

Encostei a cabeça à minha mochila e acabei por adormecer. Acordei com a cabeça no colo de uma mulher que me acariciava o cabelo. A minha avó

olhava-me com uma expressão séria e preocupada. Fiz-lhe perguntas enquanto ela retirava da escuridão um cobertor aos quadrados e o estendia em cima de mim.

— *Onde está a minha mãe? Ela sabe que vim?*

Mas ela limitou-se a sorrir e prendeu uma madeixa do meu cabelo atrás de uma orelha, tal como a minha mãe costumava fazer.

O meu avô fumava um cigarro no lugar do condutor. Ergui os olhos para o espelho retrovisor e olhámos um para o outro, mas ele nem me cumprimentou. Soprou o fumo do cigarro com um suspiro, e atirou a beata pela janela antes de a fechar.

Seguimos em silêncio pela cidade vazia e, a intervalos regulares, os candeeiros da rua lançavam a sua esfumada luz alaranjada sobre o *Cadillac* escuro. Deslizei para o lado e encostei a cabeça ao frio assento de cabedal e, quando acordei, estava de novo no carro vazio, a tremer de frio.

*

Por vezes, de repente, sentia aquele gosto na boca — o gosto das coisas que as pessoas honestas não reconhecem — e ia imediatamente à casa de banho à procura de *Listerine*. Bochechava repetidas vezes, mantendo-o na minha boca até arder, porém, assim que cuspi o líquido, voltava aquele sabor depois da coisa má. Na escola, as miúdas entravam na casa de banho e apanhavam-me a meio dos bochechos. Olhavam para mim no espelho enquanto eu cuspi,

fechava a tampa do frasco de *Listerine* e o guardava na mochila. Talvez fosse por isso que nunca consegui fazer amizade com raparigas.

No sexto ano tínhamos de fazer os nossos primeiros trabalhos de pesquisa, com notas de rodapé, bibliografia e tudo. Eu estava habituada a procurar coisas em livros, por isso teria gostado de escolher o meu tema, mas todos tínhamos de escrever sobre as térmitas. Durante uma semana, toda a turma foi para a biblioteca no horário da aula de Inglês.

Na quinta-feira de manhã alguém se aproximou da minha mesa e eu ergui os olhos. Era o Stuart, um puto esperto. Percebi que se inclinava por cima dos meus ombros para ver o que eu estava a ler, senti a sua proximidade e o cheiro de atum do seu hálito, mas não me fez sentir estranha. Era um daqueles rapazes que nunca pensava nas miúdas dessa maneira, ou pelo menos ainda não o faria durante muito tempo.

— Precisas deste livro, ou isso? — perguntei por fim.

— Não. Já acabei o trabalho em casa ontem à noite. O que procuras?

— Nada.

— Temos de pesquisar as térmitas — disse ele.

— E quem é que vai dizer?

Senti que encolhia os ombros atrás de mim.

— De resto, tens razão. A aranha-das-costas-vermelhas é muito mais interessante. — Continuou a ler por cima do meu ombro. — Esta entrada está

incompleta. A enciclopédia entomológica que tenho em casa é melhor. Sabes porque lhes chamam viúvas-negras?

— Porquê?

— Porque todos os seus parceiros morrem. Ela come-os. — O Stuart sentou-se à minha frente enquanto conversávamos. — Come-os depois de copularem, por vezes ainda enquanto o estão a fazer. Ele deixa que ela o coma, porque ela precisa das proteínas para os filhos e, de qualquer forma, o seu destino reprodutivo foi cumprido.

O seu destino reprodutivo foi cumprido? Ter-me-ia rido dele por ter decorado linhas completas da enciclopédia, mas fiquei de repente muito nervosa e não consegui dizer nada. O meu coração batia como se quisesse saltar.

— Chama-se canibalismo sexual — explicou. — É a coisa mais importante que há a saber acerca da aranha-das-costas-vermelhas australiana e não está lá escrito.

— É uma enciclopédia para miúdos — disse eu. — Não podem lá pôr a palavra «sexo». — Fiz uma pausa. — Stuart?

— Sim?

— As outras espécies também fazem isso?

— Isso o quê? Comerem-se um ao outro? — Assenti. — A viúva-negra, como te disse. E, de qualquer forma, há mais dois ou três tipos de aranhas que morrem depois da cópula... estou a falar dos machos... por isso, embora a fêmea não ataque

durante a cópula... — Estava a usar a palavra «cópula» em voz muito alta e demasiadas vezes; os outros miúdos já levantavam os olhos dos cadernos. — Sabes que ela até pode comê-lo depois?

— Por causa das proteínas — disse eu, tendo o cuidado de falar em voz baixa.

— Isso, por causa das proteínas.

— Mas, além dos insetos, há outras espécies que fazem isso? Tipo mamíferos?

O Stuart lançou-me um olhar estranho e não respondeu. Tive consciência de que tínhamos estado a conversar, mas agora já não estávamos e tive vontade de bater em mim própria.

— Porque andas sempre vestida de preto? — perguntou.

Por via das dúvidas.

Para que o sujo não se notasse.

Mas o que disse foi:

— Para não ter de combinar cores.

— Devias usar cores. Talvez as pessoas não te achassem tão estranha. — Olhámo-nos de frente, mas apenas por um instante. — Desculpa, mas é verdade.

Nós, os proscritos, tínhamos um modo de nos organizarmos em círculos concêntricos, por isso miúdos como o Stuart sentiam-se mal em relação a outros como eu, marginalizados, e sentiam-se felizes por não o serem.

— Vão achar-me sempre estranha independentemente do que vista — declarei.

Ele olhou para mim.

— Pois! — Levantou-se da mesa e apertou contra o peito o seu dossiê. — Provavelmente tens razão. — Depois foi sentar-se sozinho noutra mesa.

Os rapazes que queriam ser meus amigos eram como eu — bem, «como eu» no sentido de haver neles algo estranho, que ninguém conseguia exatamente identificar — e por isso, tal como eu, eram marginalizados no ginásio e no refeitório. Eram rapazes que se mudavam muitas vezes, rapazes que usavam muito a bomba da asma, que eram «sopinha de massa» ou tinham um olho preguiçoso, rapazes demasiado inteligentes para não se ressentirem por isso.

Assim, um ou dois meses depois de eu chegar a uma escola nova, um desses rapazes podia arranjar uma desculpa para falar comigo. Perguntava-me qual era o trabalho de Matemática, como se não o anotasse sempre. Deslizava para a cadeira diante da minha no refeitório e falava-me dos seus planos para o projeto a apresentar na Feira de Ciências ou do seu disfarce para o Halloween. E um dia, meses mais tarde, convidava-me a ir a casa dele depois da escola, para estudar para um teste de História ou experimentar o mecanismo do projeto de Ciências. Em determinada altura aprendi a palavra para isto: um pretexto, uma razão que é afinal uma desculpa. Os pais do rapaz estavam a trabalhar. Íamos para o quarto dele. Acontecia quase sempre assim.

Devia ter dito não. De todas as vezes queria dizer não. Sabia que o certo seria dizer-lhe que me

deixasse em paz, mas ele já fora desprezado pelos colegas centenas de vezes. Como poderia recusar-me?

Foi, pois, o que aconteceu com o Dimitri e o Joe e o Kevin e o Noble e o Marcus e o C. J. Sempre que ia a casa deles a pensar que, dessa vez conseguiria evitá-lo, dessa vez ele não seria simpático ou não se aproximaria muito. Dessa vez não me sentiria tentada.

Acabei por me aperceber do seguinte: sempre que dizia a mim própria «Desta vez vai ser diferente», era tão bom como prometer que acabaria por acontecer o que sempre acontecia.

Depois do C. J., mudámo-nos para Cincinnati, no Ohio. Uma manhã estávamos dentro do carro e eu disse:

— Talvez eu não devesse ir mais à escola. — Ela não respondeu. — Mãe?

— Vou pensar nisso. — Creio que nesse momento já decidira ir-se embora.

A estrada parecia tão triste como na noite anterior. Nada a não ser estações de serviço e ruas de lojas completamente vazias. Animei-me ao ver um toldo que dizia PÃEZINHOS QUENTES, antes de reparar no cartaz ARRENDAR-SE na montra. Estava quase a chegar à estação da Greyhound quando vi outro com as palavras CENTRE HISTÓRICO DE EDGARTOWN. Talvez pudesse parar num verdadeiro restaurante, aquecer-me e conseguir um bom pequeno-almoço antes de

comprar o meu bilhete para Sandhorn.

Uns quarteirões a seguir, a estrada transformava-se numa antiquada rua principal. Ainda era cedo e a maioria das lojas não estavam abertas: uma gelataria, um alfarrabista, um restaurante italiano. Uma igreja, uma imobiliária, uma galeria de arte com imagens de barcos à vela na montra, outra igreja, uma florista, uma farmácia, outra igreja, e parecia continuar assim até aparecer uma cafetaria, que tinha na montra um cartaz escrito à mão a oferecer 2 OVOS, BOLINHOS DE BATATA & TORRADAS, 1,99\$. Exatamente o que eu precisava.

O ruído na única divisão do café compensava o silêncio da rua. Senti o aroma do café e uma pontada de saudades da minha mãe. Uma empregada olhou para a minha mochila e disse-me que podia sentar-me ao balcão. Todas as pessoas que se encontravam nos reservados junto à parede ergueram os olhos dos seus pratos quando passei, bati com o saco na outra empregada e murmurei as minhas desculpas.

Cheguei ao balcão e um ou dois homens ergueram os olhos dos seus jornais. Não havia um único banco.

Depois do Luke, mudámo-nos para Baltimore. A minha mãe arranhou emprego num escritório de advogados — era sempre contabilidade ou direito; a sua velocidade a datilografar era a única coisa que podia levar para onde quer que fosse — e, durante algum tempo, fingimos que tudo era normal

Depois, pouco antes do Natal, a minha mãe levou-

me a uma festa em casa do patrão. Como já disse, depois do que acontecera com o Luke e a Penny Wilson, nunca mais me confiara a uma *babysitter*.

Antes de sairmos, sentou-me no sofá.

— Este é o primeiro emprego de jeito que tenho, Maren. Tenho amigos... pessoas com quem posso falar, pessoas com quem me posso rir ao almoço. E há outra coisa: posso ser promovida em breve.

— Que bom, mãe! — Mas não me conseguia sentir feliz por ela, uma vez que apenas me estava a dizer aquilo por reçar que lhe estragasse tudo, que tivesse outro deslize e que tivéssemos de mudar de cidade.

— Seria ótimo para ambas, se ao menos tu pudesses... — suspirou. — Por favor, por favor, *por favor*, porta-te bem. Promete-me que desta vez te vais portar bem.

Anuí, mas nunca era questão de tentar portar-me bem. Era como se ela me levasse a um banquete e me dissesse para não comer.

Era um *cocktail* de gente crescida, com camarões dispostos em volta de taças com um molho vermelho-sangue e mulheres de unhas perfeitas beberricando martinis em copos de pé alto e soltando gargalhadas demasiado ruidosas enquanto engoliam as azeitonas. A sala tinha um teto abobadado e a árvore de Natal ia até ao cimo.

Junto à porta da frente havia um quarto vazio e a Sra. Gash disse-nos que podíamos ir lá pôr os nossos casacos em cima da cama. Não vinha ninguém atrás de nós, por isso a minha mãe fechou a porta e avisou-

me:

— Não fales com ninguém. Se alguém te cumprimentar ou perguntar o teu nome, responde, mas mais nada... não quero que pensem que és mal-educada. Lê o teu livro e pronto.

— Onde?

Apontou para um cadeirão num canto do quarto e eu deixei-me cair nele com um suspiro.

— Vou trazer-te um prato de comida e qualquer coisa para beberes. *Por favor*, Maren, fica aqui e porta-te bem. — Minutos depois regressou com o prometido prato de camarões e bolachas de água e sal, pediu-me mais uma vez que ficasse no quarto e voltou a sair. Comi os camarões e vi três mulheres entrarem, despirem os casacos e sacudirem o frio lá de fora. Ninguém reparou que eu estava sentada num canto.

O monte de casacos continuava a crescer, até que, por fim, as pessoas deixaram de entrar. Vi um casaco de peles a espreitar debaixo do monte e levantei-me, estendi a mão e acariciei a manga. Pensei que gostaria de me enterrar no monte de casacos para fazer uma sesta, de modo que, quando acordasse, seriam horas de ir para casa. E assim fiz.

Debaixo do monte de casacos senti-me quente, segura e confortável e, de cada vez que respirava, sentia o cheiro a perfume e a fumo do cigarro. Adormeci. Não ficara satisfeita com os camarões e o meu estômago roncava enquanto eu dormitava.

Algum tempo depois, senti algo roçar-me o rosto e

num segundo fiquei perfeitamente desperta, com o coração a bater acelerado. Na escuridão, senti uma mão meter-se num bolso junto ao meu ombro, procurar e retirar qualquer coisa — ouvi o suave chocalhar de uma caixa de fósforos. Depois uma pausa, porque quem quer que fosse percebera que eu estava ali dentro. Senti uma pancada forte vinda de cima.

— Ei! — disse eu deslizando para fora do monte de *tweed*, *Gore-Tex* e lã virgem.

Vi um rapaz ao lado da cama. Tinha um nariz comprido e arrebitado que lhe dava o aspeto de um simpático roedor, personagem de um livro de contos e óculos de aros de tartaruga demasiado grandes para ele. Aos seus pés, sobre o tapete, vi um montinho de coisas retiradas dos bolsos dos casacos alheios.

— Quem és tu? — perguntei.

— Vivo aqui. E tu quem és?

— Pertença a uma das secretárias. — Ele ainda tinha a mão esquerda estendida e fechada num punho diante do corpo, como se eu só fosse reparar nisso se ele fizesse um movimento para o esconder. — Andavas a revistar os bolsos, não é verdade? Eu vi. Tiraste uma caixa de fósforos.

— Não ia roubar nada. Só ia ver.

— Pois, sim... — Deslizei de dentro do monte de casacos e fiquei diante dele. — Como te chamas?

— Jamie. E tu?

— Maren.

— Que nome estranho.

Revirei os olhos.

— Sim, como se eu nunca tivesse ouvido isso antes.

Ele baixou o olhar.

— Desculpa.

— Encontraste alguma coisa de jeito?

O Jamie abriu a mão e revelou um acordeão de embalagens de preservativos. Claro que, nessa altura, eu não sabia do que se tratava. Talvez ele também não soubesse e era por isso que nenhum de nós perguntara.

Apontei para o monte de coisas que estava no chão.

— Disseste que ias pôr isto tudo no sítio, não disseste? — Ele assentiu. — Mas como vais descobrir de que bolso tiraste cada coisa?

— Oh. Não tinha pensado nisso.

— Talvez pô-las nos bolsos, em qualquer um, se não te consegues lembrar. Depois, na segunda-feira fazem as trocas, no trabalho.

— Pois. — Agarrou num maço de *Marlboro* que estava em cima do monte e enfiou-o no bolso de um casaco de lã azul-escuro. Ajudei-o a devolver tudo e, quando o chão ficou vazio, ele olhou para mim durante um minuto.

— O que é? — perguntei eu.

— Gostas de estrelas?

— Daquelas do céu?

Ele assentiu.

— Tenho um telescópio. Queres ver?

— Claro. — Saí atrás dele do quarto de hóspedes e

subi a escada.

— Ofereceram-mo no ano passado pelo Natal — disse o Jamie, olhando para trás. — O meu pai estudou Astronomia na faculdade, por isso sabe muito. — O quarto ficava ao fundo do corredor e, quando lá chegámos, mal se ouvia o barulho da festa.

Nunca tinha estado no quarto de um rapaz. Havia coisas do *Star Wars* por todo o lado — lençóis, colcha e um póster da Princesa Leia na parede por cima da cama. Num canto, junto à porta do armário, havia uma figura em cartão do Darth Vader em tamanho real e um mealheiro com a forma do R2-D2 na mesa de cabeceira. O quarto estava muito arrumado e imaginei a Sra. Gash a avisá-lo que o limpasse, embora os convidados não subissem ao primeiro andar. A Sra. Gash era esse tipo de mãe.

O Jamie tinha uma estante por cima da cómoda e eu inclinei a cabeça para ler as lombadas — *A Guerra dos Mundos*, Isaac Azimov, e uma fila de *Escolhe a Tua Aventura*, que me deu volta ao estômago ao pensar no Luke — enquanto ele se dirigia a um enorme telescópio negro num tripé, junto à janela, e fazia alguns ajustes. Depois, abriu a janela e uma rajada de vento frio atravessou o quarto fazendo com que as peças de um mobile do sistema solar se entrechocassem sobre a cama.

— Agora, apaga a luz — disse.

Desliguei o interruptor junto à porta e fui ter com ele, tremendo por causa da corrente de ar.

— Como é obvio, é melhor quando o levamos para o

telhado, mas não permitem que vá lá para cima sem o meu pai. — Afastou-se do telescópio e fez um gesto a indicar que chegara a minha vez. — Olha, vou mostrar-te as Plêiades. Podes vê-las sem o telescópio, mas é muito mais fixe com ele.

Inclinei-me e coleí os olhos às lentes. Um perfeito conjunto de estrelas brilhou ao fundo de um túnel escuro.

— Estás a ver?

— Sim — murmurei. Ele estava muito perto de mim, tão perto que lhe sentia o cheiro. *Irish Spring*. A mãe obrigara-o a tomar banho antes da festa.

— Conheces o mito das Plêiades?

— Não.

— Eram as filhas de Atlas. Sabes, o tipo que sustentava o globo terrestre?

— Sim?

— Então, depois de os Titãs terem sido derrotados pelos deuses do Olimpo e de Atlas ter sido castigado, as irmãs ficaram tão perturbadas que se mataram, mas Zeus, com pena delas, transformou-as em estrelas, para poderem fazer companhia ao pai para toda a eternidade. Esta é apenas uma versão, mas é aquela de que mais gosto. O meu pai contou-me a razão do nome de todas as constelações. — Afastei-me do telescópio. — Agora vou mostrar-te a Via Láctea — disse.

Ouvi passos na escada e, momentos depois, a Sra. Gash voltou a acender a luz.

— Jamie? Que estás a fazer aqui em cima? — Não

parecia que estivéssemos a fazer nada de mal e eu esquecera-me do aviso da minha mãe. Porém, havia algo estranho na voz dela.

— O Jamie estava só a mostrar-me o telescópio — disse eu. — Estamos a ver as Plêiades.

O rapaz ainda tinha o rosto colado ao óculo.

A Sra. Gash fez um gesto de assentimento na minha direção.

— Jamie, escuta-me. Não quero que tu e a Maren fiquem cá em cima sozinhos.

Ele voltou-se e disse apenas:

— Está bem. — Depois voltou para o telescópio e a mãe ficou a olhar para nós de braços cruzados.

— Estou a dizer *já*, Jamie. Porque não levas a nossa convidada lá para baixo e lhe ofereces alguma coisa de comer? Gostas de camarão, Maren?

— Sim, Sra. Gash.

— Experimenta também os biscoitos de açúcar. Foram feitos por mim e pelo Jamie.

O Jamie suspirou, saiu do quarto e desceu a escada atrás de nós. Fomos até à mesa das bebidas junto à árvore de Natal e ele serviu duas chávenas de ponche de uma taça de cristal trabalhado, e entregou-me uma.

— Desculpa aquilo.

Encolhi os ombros.

— Obrigada por me teres mostrado as Plêiades.

A Sr. Gash regressara aos seus deveres de anfitriã e ninguém mais parecia reparar em nós. Vi a minha mãe a conversar com duas mulheres junto à lareira.

Estava a contar uma anedota e, quando chegou ao final da história, elas inclinaram a cabeça para trás e riram-se às gargalhadas.

— Anda! — O Jamie agarrou-me na mão livre e puxou-me pelo corredor, para longe do ruído da festa, de modo que bebi apressadamente o meu ponche para não salpicar a carpete.

— Aonde vamos?

— Quero mostrar-te outra coisa lá em baixo.

A porta da cave ficava ao lado da do quarto dos hóspedes. Estava frio lá em baixo e havia um cheiro a tinta, bolor e bolas de naftalina, e a única luz vinha de uma lâmpada nua num teto de traves inacabadas e em ziguezague. Havia uma máquina de lavar roupa e uma secadora ao fundo das escadas e o resto do espaço estava cheio de móveis antigos e montes de caixas de cartão. O chão de cimento estava nu, exceto diante das máquinas da roupa onde havia uma tira de alcatifa cinzenta.

— Porque me trouxeste aqui? — perguntei. — Lá em cima estamos melhor.

O Jamie pousou a chávena de ponche sobre a secadora.

— Deixa-me ver.

— Ver o quê?

Ele soltou a fivela das calças de ganga, olhando para a alcatifa entre os nossos pés.

— Já sabes.

Quero mostrar-te outra coisa lá em baixo. Enganei-me.

— Não — disse eu. — Tu primeiro.

Abriu o fecho e deixou que as calças lhe caíssem até aos tornozelos.

As cuecas dele tinham cometas e foguetões. Depois, meteu os polegares no cóis e baixou-as e subiu-as tão depressa que mal consegui dar uma olhadela.

— Agora tu.

Abanei a cabeça.

— Disseste que o farias.

— Não. Não disse.

Percebi que tentava lembrar-se do que se passara no minuto e meio anterior. Franziu a testa quando se apercebeu de que eu tinha razão.

— Bem, agora sinto-me estúpido.

— Não sintas.

— Não foi boa ideia. Nunca te devia ter trazido cá abaixo.

Dei um passo em direção à escada.

— Não há problema. Vamos para cima.

— Podes fazer-me só uma coisa?

— O quê? — Ele murmurou qualquer coisa. — Hã?

— Deixas-me... beijar-te?

Sei que não devia, mas já lhe tinha ferido os sentimentos uma vez. *Fere-os mais uma vez e estarás a fazer-lhe um favor. Vai-te embora. Já. Vai.*

Mas ele avançou um passo e eu não me voltei para fugir. Algo em mim me agarrava. Senti um rugido de pânico nas entranhas. *Vai, vai, vai já — se ele se aproximar mais de ti, não conseguirás parar.*

A lâmpada nua zumbia no teto, a cadeia de metal

balançava suavemente na corrente de ar gélida. Por um segundo, era como se eu fosse uma miúda vulgar prestes a receber o primeiro beijo.

Vai — fuge — JÁ...

Pousei-lhe os lábios no pescoço, fiz pressão e bebi-o. Senti-lhe no hálito o cheiro do *cocktail*, os bocadinhos de marisco que lhe apodreciam nos cantos escuros da boca. Recuei e olhei para ele. Tinha os olhos fechados e sorria como se eu lhe pudesse fazer o que quisesse e ele ficaria nas nuvens. *Não vai ser o que tens em mente*, pensei. Mas já é tarde.

Quando terminei, caí sobre o bocado de alcatifa, diante da secadora, e tremia tanto encostada à máquina que esta estremecia como se estivesse a funcionar. Ninguém lá em cima poderia ter ouvido. Através dos altifalantes da sala, ouvia-se um coro a cantar: «*Take good care of yourself, you belong to me...*»

Sentei-me ali mais um pouco, pensando no telescópio e na fronha do Chewbacca e no Cubo de Rubik sobre a cómoda dele. Manteriam tudo assim no quarto? Porque não me teria ele deixado em paz?

Encontrei um saco de plástico amarrotado junto à máquina de lavar e meti tudo lá dentro, as calças, a camisa vermelha desabotoada e as cuecas de *O Homem Que Caiu na Terra* e os bocados que não consegui comer — tudo menos os seus óculos de tartaruga — e depois estendi a mão para as teias de aranha por trás da secadora, procurando o buraco em

que a mangueira entrava na placa de gesso, para meter o saco dentro da parede. Arrastei o bocado de alcatifa manchada para o canto mais escuro da cave. Alguém acabaria por encontrá-lo. *Lamento. Lamento muito.*

Lavei a cara, despi as calças e a camisola de gola alta e lavei a sujidade debaixo da torneira do tanque. Havia também sangue na minha camisola interior, mas ninguém veria. Podia lavá-la em casa.

Não. Em casa não. Não haveria tempo para isso.

Lavei a boca e sentei-me no chão de cimento encostada à secadora, à espera de que as minhas roupas secassem. Dava um salto a cada som vindo do andar de cima, aterrorizada com a ideia de alguém descer as escadas e me encontrar.

A minha mãe. Tinha de dizer à minha mãe.

Vesti as calças e a camisola e comecei a subir a escada da cave como se nunca fosse chegar ao cimo. Ela vinha a sair do quarto de hóspedes, com os nossos casacos no braço. Fechei rapidamente a porta atrás de mim e afastei-me dela um passo.

— Maren! Vamo-nos embora, sim? Tenho aqui o teu casaco. — Entregou-me o casaco e eu vesti-o. — Onde é que estiveste? — perguntou em tom sibilante.

— Na casa de banho.

— Sabes muito bem que não deves mentir-me. Porque estavas na cave?

Estava ali num silêncio desesperado quando ouvimos a Sra. Gash noutra divisão a chamar o Jamie. Senti a minha mãe rígida a meu lado. A mãe do Jamie

entrou no vestíbulo no momento seguinte.

— Para onde foi agora esse rapaz?

— Não está no quarto dele? — perguntou o Sr. Gash. Estava junto à porta da rua, a apertar a mão às pessoas, antes de elas saírem para o frio. Os seus dentes brancos brilhavam por baixo do seu bigode negro e brilhante.

— *Claro* que não está no quarto.

— Vai ver no telhado — disse o Sr. Gash e voltou-se para trás a rir, estendendo a mão à minha mãe. — Estou muito contente por ter podido vir, Janelle. — Acenou-me com a cabeça. Muito gosto em conhecerte, Maren. — Depois, voltando-se mais uma vez para a minha mãe, disse em voz baixa: — Falamos na segunda-feira, logo de manhã, sim? Fico à espera.

A Sra. Gash foi até ao fundo da escada.

— Jamie! Jamie, onde estás?

— Também eu — disse a minha mãe em voz fraca. Olhou para mim e percebi que estava a tentar esconder o seu pânico, o seu horror. De cada vez que isto acontecia, ela conseguia escondê-lo um pouco melhor. *Não o fizeste. Por favor, diz-me que não o fizeste.*

A Sra. Gash voltou-se para nós.

— Há bocado estavas a brincar com o Jamie, não estavas, Maren?

Encolhi os ombros, mantendo os olhos baixos. Como poderia olhá-la de frente? Sentia-me de novo prestes a chorar e a Sra. Gash fez a suposição que me salvou.

— Coitadinha! Sei que ele disse qualquer coisa que a incomodou. É bom rapaz, mas tem tendência a marginalizar as outras crianças. É um pouco esperto demais para seu bem, se é que me entende, Janelle. Não há problema, tenho a certeza.

A minha mãe não ouvia uma única palavra do que a Sra. Gash lhe dizia e o Sr. Gash estava agora a despedir-se de outra pessoa. Agarrou-me na mão com tanta força que soltei uma exclamação abafada e avançou para a porta, sempre com a cabeça às voltas. Estava a calcular de quanto tempo precisaríamos para fazer as malas e partir e a elaborar uma nova lista de desapontamentos. Na segunda-feira já não lhe falaria na promoção — nunca mais veria aquelas pessoas — e eu senti a raiva dela percorrer-lhe o braço e atravessar-lhe a mão em direção à minha.

A Sra. Gash cruzou os braços e olhou para trás.

— Provavelmente voltou a sair com o telescópio. Será melhor ir procurá-lo.

— Muito obrigada pela sua festa encantadora — murmurou a minha mãe.

A mãe do Jamie já seguia pelo corredor em direção à porta das traseiras.

— Obrigada por ter vindo. Conduza com cuidado — disse ela, enquanto a minha mãe rodava o puxador e me levava daquela casa. Desejava tanto poder desfazer aquilo, que a Sra. Gash pudesse encontrar o filho no baloiço de cordas do quintal, amuado por eu não ter baixado as cuecas.

Seguimos para casa em silêncio, sempre quinze

quilómetros acima do limite. A minha mãe olhou para mim quando tirei os óculos do Jamie do bolso e os revirei entre as minhas mãos. Não disse uma palavra. Tinha terminado o trabalho de casa antes da festa, mas nunca o entreguei.

Nessa noite soube que há dois tipos de fome. Posso satisfazer o primeiro com *cheeseburgers* e leite com chocolate, mas, por outro lado, há outra parte de mim à espera de uma oportunidade. Pode continuar assim durante meses, talvez anos, mas, mais cedo ou mais tarde, acabo por ceder. É como se houvesse um enorme buraco dentro de mim e, quando toma a forma dele, é ele a única maneira de o preencher.

3

Não conseguia pensar que teria de ficar de pé naquele café, à espera, como uma idiota, que alguém me cedesse o lugar. Com as faces a arder, apressei-me a sair e continuei a andar.

Percorri uns quarteirões e cheguei a um supermercado ACME. Senti-me um pouco estranha com a mochila às costas, mas, de qualquer forma, entrei. Percorri a secção de frescos, peguei numa maçã, andei por ali e pu-la no mesmo sítio. Meti pelo corredor dos enlatados e vi uma senhora de idade a correr atrás de uma lata que rolava pelo linóleo brilhante e branco. Apanhei-a e entreguei-lha.

A senhora sorriu-me através dos seus óculos de ver ao perto, com armações olho de gato. Vestia um casaco verde-claro com uma rosa de seda vermelha na lapela, uma camisa cinzenta de *tweed* e sapatos de atacadores de cabedal, como se a ida ao supermercado fosse uma saída formal.

— Muitíssimo obrigada. — Entregou-me a lata. — Podes ler-me isto, minha querida? Estes óculos são

inúteis, tenho mesmo de comprar outro par.

— «Metades de Peras Frescas em Sumo de Uva Branca» — li eu.

— Oh, ainda bem. É mesmo isto que eu quero. — Pôs a lata no carrinho. — Obrigada.

Estava prestes a desejar-lhe um bom dia quando ela me perguntou:

— Estás sozinha, minha querida?

Fiz que sim com a cabeça.

— Vieste fazer as compras para a tua mãe? Que linda.

Não sabia o que lhe responder e calculo que tenha sido então que decidiu adotar-me.

— Dava-me jeito uma ajuda para levar as compras a casa. Tenho de ir de autocarro, sabes, porque nunca aprendi a conduzir. Já tens a carta?

Abanei a cabeça.

— O meu marido levava-me sempre aonde eu precisava de ir. — Enquanto ela falava, olhei para o conteúdo do carrinho: duas cebolas vermelhas, feijão encarnado, uma caixa de ovos, sumo de laranja, soro de leite, uma embalagem de bacon, quatro latas de alimento para gatos e as peras. — Gostavas de ganhar um dinheirinho? — perguntou. — Mas só se não tiveres muitos sacos teus para levar, nem estiveres muito ocupada.

Tê-la-ia ajudado de borla.

— Com todo o prazer.

— Esplêndido. Como te chamas querida?

— Maren.

Tinha as mãos frias, mas cumprimentou-me com firmeza.

— Maren! Que nome tão bonito. Chamo-me Lydia Harmon.

Depois de a senhora ter pagado as compras, saímos e esperámos na paragem de autocarro. Ocorreu-me que ela podia viver perto dos meus avós, mas esperava que não. A Sra. Harmon sentou-se no banco ao lado de uma mãe com tantos filhos que tinha dificuldade em controlá-los. As crianças riam e batiam umas nas outras, pontapeavam pedras, enquanto a mulher se limitava a ficar ali, a fumar um cigarro e a olhar para o chão. A Sra. Harmon, distraída, sorriu para mim e perguntou-me se tinha fome.

O autocarro chegou e a Sra. Harmon pagou-me o bilhete. Quando nos afastámos do passeio, avistei um velho edifício de pedra com os dizeres BIBLIOTECA PÚBLICA DE EDGARTOWN gravados em pedra por cima da entrada. Vi um rapazinho com uns 9 ou 10 anos segurar na porta para uma senhora idosa entrar.

Para grande alívio meu, parecíamos ir na direção oposta da casa dos meus avós. Um ou dois quarteirões a seguir avistei outra pessoa no passeio — um homem velho, não tão velho como a Sra. Harmon, com uma camisa vermelha de xadrez de mangas arregaçadas, que não parecia ir para lado nenhum, nem olhar para o que quer que fosse. Quando o autocarro passou por ele, olhou para as janelas, para observar o rosto dos passageiros,

parecendo procurar alguém. Sorriu ao ver-me, como se fosse eu a pessoa que ele procurava. Nesse instante, reparei que lhe faltava a metade superior de uma orelha, pois fora-lhe cortada na diagonal, o que lhe dava um ar de gato vadio. Voltei-me no assento quando passámos. Ele continuava a olhar para mim, com um leve sorriso, e ergueu a mão quando o autocarro virou a esquina.

— Viste alguém que conheces, minha querida? — perguntou a Sra. Harmon.

— Não. Só uma pessoa que parecia conhecer-me.

— Oh — respondeu ela. — Não é engraçado quando isso acontece?

Há dez anos, a casa da Sra. Harmon estaria maravilhosamente conservada, mas agora a tinta das portadas estava um pouco estalada e a erva crescera bastante entre as ripas brancas da vedação. Mesmo assim, era uma casinha bonita, branca, com frisos azul-violeta e uma alegre porta vermelha. A sala era luminosa e acolhedora — havia filas de discos e de livros de capa dura em pequenas estantes de porta de vidro, gravuras de lugares longínquos, o Grand Canyon e o Taj Mahal, e girassóis verdadeiros numa jarra de vidro sobre uma mesa de apoio. Ouvi bater o relógio na prateleira da lareira, antes de o ter visto.

Um gato com juba, como um leãozinho branco, saltou de um banco estofado diante da lareira e seguiu pelo tapete em direção à cozinha. A Sra. Harmon pousou os sacos das compras numa cadeira junto à porta e baixou-se para lhe fazer festas quando

ele passou.

— Como está o meu *Bichano*? — Depois pegou outra vez nos sacos e seguiu o gato até à cozinha. — Ele sabe que são horas de comer. Ouve o tinir das latas dentro do saco. — Riu-se. — E o que *te* apetece para o pequeno-almoço, minha querida? Tenho ovos e bacon e talvez um ou dois bolinhos de batata...

Perfeito. Aquilo era simplesmente perfeito.

— Que maravilha, Sra. Harmon, muito obrigada. — Arrumei a mochila atrás de um cadeirão e segui-a até à cozinha com o resto das compras. Era tal como eu imaginava uma casa de verdade: fotografias de crianças risonhas no frigorífico, individuais de chita acolchoada sobre a mesa, pingentes de vidro colorido pendurados nas janelas: um sapo, um barco, um trevo de quatro folhas. Por cima do interruptor da luz, um anjo pintado tinha uma faixa que dizia: DEUS ABENÇOE ESTA CASA E TODOS OS QUE NELA HABITAM. Nunca houve coisas assim em nenhuma das casas onde vivêramos. A cozinha cheirava a canela.

Depois de abrir os armários percebi para onde deviam ir as mercearias. O frigorífico estava bem abastecido para uma só pessoa e vi, pelos grandes boiões de vidro cheios de farinha e açúcar sobre a bancada, que a Sra. Harmon adorava fazer bolos. Havia um, mas não percebi de quê, num *tupperware* de cor clara, ao lado de uma tigela com maçãs e bananas.

Ela despiu o casaco e trocou-o por um avental vermelho de algodão fino que estava pendurado num

cabide ao lado do frigorífico.

— O abre-latas elétrico é a melhor invenção do século xx — disse, usando-o para abrir uma lata de comida para gato. — Verás porquê quando tiveres a minha idade.

O *Bichano* (seria esse o seu verdadeiro nome? Era como se eu me chamasse «Rapariga») esperava abanando a cauda ao lado da tigela de aço inoxidável pousada no chão junto à janela, enquanto a Sra. Harmon se aproximava e lhe servia a comida com um garfo.

— Agora, para o *nosso* pequeno-almoço. — Pegou numa frigideira e apontou para o sofá da sala. — Fica à vontade, Maren. O que queres beber? Sumo de laranja?

— Sumo de laranja seria ótimo, obrigada. — Sentei-me e passei a mão sobre uma manta de lã num padrão de ziguezague, que cobria as costas do sofá. Nunca tivemos mantas destas em casa. Se tivéssemos frio íamos buscar os edredões à cama. Mantas para o sofá, tal como individuais para a mesa ou ornamentos para as janelas não eram necessários.

Voltei-me para observar as fotografias sobre a mesa de apoio, enquanto a Sra. Harmon agitava o novo pacote de sumo de laranja, o abria e deitava para dois copos. A fotografia do casamento fora pintada a aquarela, de modo que ela tinha as faces rosadas como algodão doce e o jardim em volta cintilava como a Cidade das Esmeraldas. Por vezes as pessoas mudam tanto que não as reconhecemos nas fotos da

sua juventude, mas a Sra. Harmon não estava assim tão diferente. Pareciam dois artistas de cinema. A fotografia tinha uma moldura castanha com letras douradas por baixo:

SR. E SRA. DOUGLAS HARMON

2 DE JUNHO DE 1933

— O seu marido era muito bonito — disse eu, quando ela me entregou o copo.

— Obrigada, querida. Estivemos casados cinquenta e dois anos — suspirou. — Querido Doughie. Em breve irei ter com ele.

— Oh, não diga isso — repliquei automaticamente.

Ela encolheu os ombros e voltou para a cozinha para acender o bico do fogão e deitar um grande bocado de manteiga numa frigideira.

— Consegues adivinhar quantos anos tenho, Maren?

— Não sou muito boa a adivinhar a idade das pessoas.

— Vais conseguir fazê-lo melhor, à medida que fores ficando mais velha. Tenho 88 e meio.

Era mais velha do que parecia.

— Espero estar como a senhora quando tiver 88 e meio.

— Ora, muito obrigada, minha querida. Não há melhor elogio.

Examinei a sala ao meu redor, enquanto a Sra. Harmon deixava aquecer os bolinhos de batata congelados com o bacon. Ficámos imersas num

silêncio confortável. O tiquetaque do relógio da lareira era reconfortante.

— Não te incomoda, pois não? — perguntou.

— O quê?

— O relógio. A minha sobrinha diz que esse relógio faz tanto barulho que nem consegue ouvir os seus próprios pensamentos. — Pôs a mão na anca enquanto passava os bolinhos de batata e o bacon para um prato à parte e começava a fazer os ovos. — Para mim também é reconfortante. Afinal, a passagem do tempo é a única coisa que temos certa neste mundo. — A Sra. Harmon pôs duas fatias de pão na torradeira, retirou os ovos do fogão e preparou os nossos pratos.

Foi o melhor pequeno-almoço que alguma vez comi. Ninguém pode sentir-se completamente desesperado com uma refeição quente no estômago — uma refeição quente e *autêntica* —, e estar ali com a Sra. Harmon era ainda melhor. Fazia-me esquecer, pelo menos durante algum tempo, que já não tinha um lar para onde regressar. A Sra. Harmon sorriu-me enquanto beberricava o seu sumo e depois percebi: confiava em mim.

Levei os pratos para o lava-loiça e lavei-os juntamente com a frigideira. Ela deitou-se no sofá com um murmúrio de agradecimentos e cobriu-se com a manta azul e vermelha. De um salto, o gato branco instalou-se em cima dela.

— Ah, *Bichano* — disse ela e fez-lhe festas atrás das orelhas.

Sentei-me no cadeirão junto à porta e reparei que na mesa ao lado havia um cesto de verga cheio de novelos de lã de cores pastel, framboesa, pêssego e azul-bebé.

— Sabes fazer malha? — perguntou a Sra. Harmon e eu abanei a cabeça. — Tenho montes de novelos de lã, mas nunca conseguirei usá-los todos. Já não posso trabalhar muito com as agulhas... por causa da minha artrite.

— Talvez pudesse ensinar-me, isto é, se não lhe fizer doer muito as mãos. — Nunca tinha pensado em aprender a fazer malha, mas agora, de repente, apetecia-me muito. Queria fazer uma camisola onde me pudesse esconder.

— Adorava, minha querida. Mas primeiro vou descansar um pouco. — Na minha mente já eu tricotava um capuz como o da Ceifeira. Usá-lo-ia para que ninguém me visse o rosto. — Também pareces cansada, Maren. Porque não dormes uma sesta no quarto vazio?

De cada vez que oiço as palavras «quarto vazio» penso em Narnia. *Filha de Eva da terra longínqua da Sala Vazia, onde o verão eterno reina na luminosa cidade do Guarda-Roupa...*

— Já há muito tempo que ninguém fica aqui comigo — dizia a Sra. Harmon. — Creio que esses quartos deveriam ser usados o mais possível, não achas? É a primeira porta à direita, a seguir à cozinha. Depois, quando acordares, vamos beber chá e comer bolo. Ontem fiz um bolo de cenoura. E vou ensinar-te a

tricotar e quando fores para casa dou-te um saco com novelos de lã para lebares. Que tal? — Depois de uma noite num *Cadillac* abandonado, parecia-me um sonho. Vi-lhe as pálpebras pesadas. — Bom descanso, Maren.

— Para si também, Sra. Harmon.

Depois sobressaltou-se ao pensar numa coisa.

— Oh! Talvez devesse telefonar à tua mãe.

Abanei a cabeça.

— Só está à minha espera muito mais tarde. — Não me agradava mentir-lhe, mas a mentira talvez não fosse assim tão grande, se eu desejasse que fosse verdade.

— Ah, ainda bem.

A Sra. Harmon fechou os olhos e eu segui pelo corredor e abri a porta à direita. Lá dentro estava a cama mais elegante que já vira, com uma cabeceira de mogno escuro e querubins risonhos embutidos — demasiado antiga, estranha e maravilhosa para uma casa vulgar como aquela — e uma colcha de retalhos de tecido amarela e azul. Na parede oposta havia uma cómoda enorme com um espelho e, no canto, uma cadeira com uma almofada de veludo vermelho. Era a mais bonita Sala Vazia que já vira.

Na mesa de cabeceira, encontrei uma escultura antiga, uma esfinge de bronze com as asas abertas. Peguei nela — era mais pesada do que pensava e a base estava protegida por um feltro macio, verde-esmeralda. Quando li a inscrição, apercebi-me de que se tratava de um troféu:

A TAÇA LUCRÉCIO É CONFERIDA A DOUGLAS HARMON
COM GRANDE ESTIMA E ADMIRAÇÃO PELO SEU
MAGNÍFICO ENSAIO SOBRE A NATUREZA DA
CONSCIÊNCIA HUMANA.
SOCIEDAD CLÁSSICA DA UNIVERSIDADE DA
PENSILVÂNIA, JUNHO DE 1930

Era um prêmio a sério, não uma daquelas bugigangas que os meus colegas recebiam quando venciam o campeonato de *softball*. Passei os dedos pela esfinge, pelas suas patas, asas e rosto, orgulhosa e remota. Fez com que eu sentisse vontade de lutar por qualquer coisa, de ganhar qualquer coisa bonita que pudesse guardar para o resto da minha vida.

Pousei o troféu sobre a mesa e abri a cama, descalcei as minhas peúgas sujas e deslizei entre as cobertas brancas de neve. Senti a almofada fresca encostada ao meu rosto. Compreendi então por que razão o cheiro do detergente da roupa era tão reconfortante: as coisas não podiam ser tão desesperadas se alguém ainda se preocupasse com lavar os lençóis.

Dormi e, quando acordei, espreguicei-me como um gato. A casa estava silenciosa. Fui à sala e ajoelhei-me ao lado do sofá.

— Sra. Harmon? — Não sei por que razão continuava a repetir o nome dela. Assim que lhe toquei na mão, soube que estava morta.

Nunca tinha visto uma pessoa morta — bem, percebem o que quero dizer. Senti nos dedos com que

lhe tocara uma sensação estranha a subir-me pelo braço e a espalhar-se por todo o meu corpo e, embora estivesse ajoelhada junto ao sofá, o chão parecia afundar-se debaixo dos meus pés.

Sacudi o corpo e levantei-me. O gato branco estava enrolado sobre o seu banco almofadado junto à lareira como se nada tivesse acontecido. Levantou a cabeça e olhou para mim, depois fechou os olhos e esfregou o lado do focinho com a pata, como se dissesse: «E então?»

E então? Acabaram-se os petiscos para ti. Voltei ao sofá e aconcheguei o cobertor ao pescoço da Sra. Harmon, como se pudesse aquecê-la. Avistei mais uma vez o cesto da malha e retirei dois novelos e um conjunto de agulhas de madeira, que meti na minha mochila.

— Obrigada, Sra. Harmon — murmurei.

Depois, percorri as divisões da pequena casa, muito arrumada, olhei para as fotografias antigas e toquei em todos os trabalhos feitos à mão: os naperons no centro da mesa da casa de jantar, o casaco de malha com botões de pérola nas costas de uma cadeira, como se estivesse pousado nos ombros de uma pessoa; o provérbio bordado, UM CORAÇÃO FELIZ É TÃO BOM COM UM MEDICAMENTO, por cima do interruptor da luz do quarto dela. Só que, de facto, não os vi. Voltei para a Sala Vazia e meti-me na cama, só porque não sabia que outra coisa havia de fazer. Não a podia deixar assim, mas não sabia quem chamar, e mesmo que soubesse não poderia explicar a minha presença

ali. Alguém haveria de pensar que eu fizera qualquer coisa de mal.

Decidi voltar a adormecer e fingir durante algum tempo que nada daquilo acontecera. Não sabia que mais fazer.

Não comera bolo, não aprendera a fazer malha e não tinha ninguém que confiasse em mim.

Ouvi um barulho noutra parte da casa e foi isso que me acordou pela segunda vez. Deve ter sido ao princípio da noite. Sentei-me na cama, apurando o ouvido e, segundos depois, voltei a ouvir. Estava ali alguém — alguém ainda vivo.

Abri a porta e, pelo corredor, senti a acidez de uma refeição que só deveria ser provada uma vez. Senti também o cheiro do sangue, mas não exatamente o cheiro que eu conhecia. Talvez o sangue de pessoas mortas não cheirasse nem soubesse sempre ao mesmo.

Vi uma figura enquadrada no corredor escuro, ajoelhada e inclinada sobre o sofá. Era o velho que eu avistara do autocarro. Vi-lhe a orelha defeituosa. Tinha a cabeça profundamente enterrada na barriga da Sra. Harmon — vi os farrapos da blusa no tapete — e o braço dela, rígido como uma tábua, pendia por cima das costas do homem, que mergulhava nela. A cabeça da Sra. Harmon desaparecera, mas havia grossas madeixas de cabelo grisalho sobre o braço do sofá.

Abri a boca, mas não saiu dela o mínimo som. Como

poderia gritar, se tudo aquilo me era familiar?

Se ele sabia que eu ali estava, não se manifestou, nem pareceu minimamente agitado. Não consegui ver-lhe a cara, mas sabia que não estava arrependido. Mordia, mastigava e engolia com toda a calma, metodicamente até. *Será esse o aspeto que tenho, quando o faço? Também farei aquele barulho horrível?*

Quando acabou de lhe comer a barriga, estendeu a mão, agarrou-lhe os compridos dedos já roxos e a mastigação ruidosa começou. Desviou-se um pouco mais para baixo, ainda sentado nos calcanhares enquanto lhe mastigava as pernas. Eu queria desviar os olhos, mas não conseguia.

Quando terminou, recuou e soltou um arroto que ficaria registado na escala de Richter.

— Perdão — resmungou, enfiando a mão bolso de trás de onde puxou um lenço amarelo com que limpou a boca. — Não precisas de te preocupar — disse, enquanto guardava o lenço no bolso. — Nunca os como vivos. — Em ocasião alguma se voltou para olhar para mim. Não sei como, mas ele sabia que eu ali estava.

Andou em volta a apanhar os farrapos da roupa da Sra. Harmon para os meter dentro dos sacos em que trouxéramos as compras. Os sapatos de cabedal castanho encontravam-se exatamente onde os pés dela tinham estado, a aguardar a saída seguinte como se tal pudesse acontecer. O homem olhou para mim, depois estendeu a mão e escondeu-os debaixo da

cobertura de tecido às flores.

Quando por fim consegui falar, a voz não parecia pertencer-me.

— Pensei que era a única.

Ele encolheu os ombros.

— Todos pensam. — Puxou algo de dentro do cobertor amarrotado sobre o sofá e fê-la tilintar na mão. Era o emaranhado das joias da Sra. Harmon, os anéis que tinha nos dedos e o medalhão de esmalte creme e cor-de-rosa que usava ao pescoço. Com as joias na mão, levantou-se ao som de ossos que estalavam e instalou-se no cadeirão ao lado do sofá. Ia meter a mão no bolso da camisa, mas resolveu não o fazer.

— Toma — disse. O desconhecido inclinou-se para diante e eu estendi a mão para aceitar o montinho de joias. Depois retirou do bolso da camisa um frasco de prata fosca e levou-o à boca. Vi a sua maçã de adão subir e descer enquanto bebia, como se quisesse que o líquido o ajudasse a *digeri-la*. Havia apenas algumas horas que encontrara a Sra. Harmon, mas, nesse momento, sentia a sua falta como se a tivesse conhecido durante toda a minha vida.

Fui até à lareira, desemaranhei os anéis do fio e coloquei as joias, peça a peça, diante das fotografias que recordavam o marido. Um elegante Douglas Harmon em tons suaves olhava para mim com uma benevolência que eu não merecia.

— Ouve lá, já é altura de nos apresentarmos. Chamo-me Sullivan. — O homem pôs-se de pé e

estendeu a mão. Tinha uns olhos azul-claros sob hirsutas sobrancelhas grisalhas. — Mas tratam-me por Sully.

Antes de eu ter oportunidade de recusar, ele olhou para os dedos — manchados de vermelho, especialmente em volta das cutículas — e achou melhor não me estender a mão. Foi à cozinha e lavou-as debaixo da torneira, enquanto voltava a cabeça para olhar para mim.

— Então, miúda? Não tens nome?

Nunca conhecera uma pessoa que falasse como ele. Devia ser algures do Sul, um lugar qualquer rural, como a Virgínia Ocidental.

— Maren — respondi.

— Um nome bonito. Nunca o tinha ouvido — disse o Sullivan enquanto limpava as mãos ao pano da loiça da Sra. Harmon. Não diria que tinha os dedos limpos, porém, tanto quanto sabia, o *whisky* poderia ser mais eficaz do que o *Listerine*.

— Como é que soube? — perguntei.

Ele ergueu uma sobrancelha encanecida.

— Estás a perguntar como soube a teu respeito? — Assenti e o Sully fez uma pausa, como se estivesse a pensar no que haveria de responder. — Soube e pronto — disse.

— Esta manhã viu-me... no autocarro... e soube? Só assim?

— Soube que eras tu — disse.

— Disse-me «Todos pensam», como se houvesse outros.

— O quê? Como se andássemos todos em grupo, ou isso? — O Sully soltou uma gargalhada enquanto puxava uma cadeira e se sentava à mesa da cozinha onde, umas horas antes, a Sra. Harmon saboreara os seus ovos com bacon. — Que nos juntássemos para jogar póquer à quinta-feira à noite? — Soltou outra gargalhada, ruidosa e alegre como se eu pudesse fechar os olhos e imaginar um Pai Natal bebedor de gim e fumador inveterado, só que era tão magro que eu lhe via os ossos através da camisa. — Estamos sós e sempre estaremos. É assim que tem de ser, entendes?

Encostei-me à ombreira da porta com os braços cruzados.

— Parece uma profecia que se concretiza sozinha.

— Tens muito que aprender, miúda. Podes ser perigosa para muita gente, o que não quer dizer que não haja pessoas que também te possam fazer mal. Não te podes chegar aos da tua espécie se quiseres manter a dignidade.

— E o senhor?

— Eu o quê?

— Acabou de dizer que me devia afastar de si.

— Ah, mas eu não sou como tu e tu não és como eu. Tu estás viva e eu não sou adolescente desde o século XIX. É por isso que nos podemos sentar para comer juntos, percebes?

Senti o estômago roncar à menção do jantar, mas algo que ele dissera fez com que me detivesse de repente.

— Como soube? — perguntei. — Que eu... que eu como...?

— Quem mais poderias comer com a tua idade? — Ele soltou uma gargalhada e eu sorri.

— O senhor é assim tão velho?

O velho fez estalar a língua.

— Já vi tudo, mas nem por sombras cheguei aos 100.

— Conheceu muitos como nós?

— Aqui e ali — disse, encolhendo os ombros. — Mas como te disse, o melhor é não fazer amigos.

Não era só a orelha que o Sully não tinha — também lhe faltava grande parte do dedo indicador. Viu-me a olhar, ergueu a mão na minha frente e agitou os dedos, como uma jovem à espera de que lhe admirassem o anel de noivado.

— Perdi-o numa luta de bar — disse. — Arrancou-o com uma dentada certa. E o sacana engoliu-o antes de eu o conseguir reaver. — Levantou-se da mesa e começou a abrir os armários. Pegou numa frigideira. — Tens fome? Vou fazer o jantar para nós.

— Ainda tem fome?

— Tenho sempre fome. — O Sully tirou algumas cebolas e batatas de uma tigela em cima da bancada e deixou-as cair sobre uma tábua. — Vem cá e faz alguma coisa. Vou mostrar-te como se faz um belo guisado vagabundo^[3].

Peguei numa faca e cortei uma cebola ao meio.

— O que é um guisado vagabundo? — Não resisti a perguntar. — É feito com vagabundos?

O velho riu-se, lançou a cabeça para trás e até deu uma palmada no joelho.

— Nada disso. É só com aquilo que tiveres à mão.
— Abriu o frigorífico e espreitou para uma das gavetas. — Vamos ver se há por aqui carne picada... Ah! Também há cenouras. — Ligou o forno. — Duzentos graus — disse, voltando-se para trás antes de retirar a carne da embalagem com as mãos. Ainda lhe via o sangue em volta das cutículas. Teria de tentar não pensar naquilo.

Vi-o andar pela cozinha e pegar em duas latas de feijão que abriu com o abre-latas elétrico. Deixando a carne e os legumes a cozinhar, o Sully avançou em direção ao *tupperware*, abriu-o e inclinou-se para cheirar.

— Hum, o que é isto?

— Creio que é bolo de cenoura.

— E também fez a cobertura. Creme de queijo. Parece muitíssimo saboroso. — Repôs a tampa e olhou para mim. — Afinal, o que estavas a fazer com ela?

— Nada — disse eu. — Pediu-me que a ajudasse a trazer as compras e depois convidou-me para tomar o pequeno-almoço.

— Depois ficou cansada e disse-te que te pusesses à vontade, foi isso?

Não sei porque de repente me senti tão culpada, principalmente depois do que o vira fazer.

— Foi muito simpática para mim. E não fez nada de mal.

O homem lançou-me um olhar que não fui capaz de entender.

— Não disse que fizeste. — Misturou os ingredientes numa assadeira, deitou-lhes queijo *cheddar* por cima e meteu tudo no forno.

O relógio da lareira marcou as 18 horas quando o Sully trouxe o seu saco da sala e o encostou ao frigorífico, para retirar dele um objeto parecido com uma corda. A princípio pensei que fosse mesmo uma corda, mas depois ele puxou o nó prateado do carrapito da Sra. Harmon e pousou-o no individual de chita com uma espécie de reverência. Foi então que percebi o que era a coisa que parecia uma corda. Tratava-se de uma trança feita com todo o tipo de cabelos: ruivo, castanho, preto e platinado, encaracolado e extravagante e liso e escorregadio. Não sabia que uma coisa podia ser tão grotesca e tão bela ao mesmo tempo.

O Sully pousou uma ponta da corda sobre o joelho e puxou com suavidade uma madeixa do cabelo do carrapito da Sra. Harmon para a transformar em dois e depois em quatro pedaços irregulares.

— Há anos que trabalho nisto — disse, erguendo os olhos quando começou a entretecer o primeiro pedaço. — Esse teu ar enxofrado não é muito bonito. Precisas de saber uma coisa acerca do velho Sully: não vou mudar o que faço só para te agradar. — Encolheu os ombros. — De qualquer forma, é mais ou menos poético, se pensarmos bem.

— O que quer dizer com isso?

— Fazer uma coisa útil, uma coisa bonita, a partir de algo que já partiu. Há cem anos, era hábito fazer pulseiras com os cabelos dos mortos, sabias? — Abanei a cabeça. — Uma viúva usava o cabelo do marido para o resto dos seus dias. — A corda estremeceu quando o Sully começou a entrançar os pedaços. — Uma coisa bonita — repetiu em voz baixa, quase só para si. — Uma coisa para se recordar dele. — Tinha as mãos ásperas e deformadas, mas trabalhava as madeixas com destreza. — Tenho de ter as mãos ocupadas — disse. — «Mãos ociosas fazem o trabalho do diabo», era o que o pregador nos dizia na catequese, quando eu era pequeno. E, de qualquer forma, será melhor do que esculpir as mesmas peças de xadrez uma e outra vez como fazem algumas pessoas.

— Seria bom se o senhor jogasse xadrez — arrisquei.

Ele fez um gesto aborrecido.

— E fazia o quê? Jogava contra mim próprio?

Durante um ou dois minutos fiquei a vê-lo entretecer os pedaços prateados nos fios que já lá estavam.

— O que vai fazer com isso quando terminar?

Encolheu os ombros.

— Quem disse que alguma vez estará terminado?

— Mas não percebo qual o objetivo, se não o vai terminar.

— Não se passa o mesmo com a vida? Continua sempre e não há razão para isso.

Não fui capaz de argumentar. De repente, os dias, semanas e meses estendiam-se diante de mim, ainda mais desolados do que ontem ou anteontem.

— Pronto — disse o Sully, puxando uns metros de corda do seu saco para mos entregar. — Puxa com força. São suficientemente fortes para enforcar um homem. — Hesitei, em parte por não querer tocar naquilo, em parte por receio de a partir ao meio e de ele se zangar comigo. — Vá lá — insistiu. — Não se vai partir.

Assim, agarrei com as duas mãos e puxei, mas era como ele tinha dito. Aposto que poderia ter trepado por aquilo até ao teto, como fazíamos com a corda na aula de ginástica da escola primária.

— Onde aprendeu a fazer isto?

— O meu pai era cordoeiro. — Fez uma pausa. — Entre outras coisas — acrescentou em voz baixa. Com um movimento rápido do pulso fez saltar a corda de cabelo, que ondulou como uma cobra. Sobressaltei-me e ele troçou de mim. — Agora — pediu. — Conta-me do teu primeiro.

Passei o dedo pelo acolchoado do individual de chita da Sra. Harmon.

— Foi a minha *babysitter*.

— Lembras-te?

Abanei a cabeça.

Pegou no frasco e bebeu mais um gole.

— A tua mãe descobriu?

Assenti.

— E o senhor?

O Sully riu-se para consigo.

— Comi o meu próprio avô, enquanto estavam à espera do cangalheiro. — Passou a língua pelos lábios e lançou-me um olhar enquanto enroscava a tampa do frasco. — Poupei uns trezentos dólares ao meu paizinho. Porque é que estás sozinha? — perguntou pouco depois. — A tua mãe abandonou-te?

— Como é que sabe?

Encolheu os ombros.

— É por isso que estás aqui?

Assenti.

— Deixa-me adivinhar — suspirou—, foste lá a pensar que conseguias fazer um acordo qualquer. Depois chegaste e viste que nunca na vida irias tocar à campainha.

Odiei que aquele homem, completamente desconhecido, me lesse como a um livro. Teria sido mais fácil sair do quintal dos meus avós a pensar que poderia voltar, mas ele tinha razão. *Não podia* voltar. Não poderia pedir perdão pelo que tinha feito.

— Escuta lá — continuou o Sully. — Nunca sentirás nada que outras pessoas já não tenham sentido um milhão de vezes. — Franziu a testa ao recordar-se de algo. — Quis despedir-me da minha mãe. Dormi semanas na mata, à espera de uma oportunidade.

Soltei um profundo suspiro e tentei afastar todos os pensamentos acerca da minha mãe.

— E não foi difícil? Dormir ao relento e ter de arranjar comida e assim?

— Não. Não é difícil quando alguém nos ensina a

disparar, a procurar comida e a fazer uma fogueira. Tinha um arco e uma flecha e usava-os para arranjar o jantar. Coelhos, esquilos. O meu avô ensinou-me tudo isso.

— Mas não era difícil adormecer ao relento?

— Estou a ver que a tua mãe nunca te levou a acampar — comentou a rir. — Para quê dormir debaixo de teto quando se tem um céu cheio de estrelas lá fora? — Apontou com a cabeça para trás, para a janela da cozinha.

— Dorme sempre ao ar livre?

— Nunca num sítio com casas como este. É provável ser preso pela bófia e acusado de vadiagem. Não importa, mesmo que não tenhamos roubado nada ou acampado em terrenos públicos. Se estivéssemos na mata, teria feito o guisado numa fogueira. — Suspirou. — Não há nada melhor neste mundo do que o cheiro do fumo da madeira. Se estivéssemos na mata, encontraria uma clareira e mostrar-te-ia como ver as imagens entre as estrelas.

Pensei no Jamie Gash e estremeci.

— Mas puseste-me a falar de outras coisas, miúda. Como estava a dizer-te, voltei e fiquei a ver a minha mãe pela janela da cozinha e a tentar arranjar coragem. Ia fazê-lo enquanto o meu pai estava fora.

— E fez?

Abanou a cabeça.

— Tive as minhas oportunidades e deixei-as passar todas. Sabia que ela saltaria como um coelho ao verme e, quanto mais tempo passasse, mais ela se

assustaria. — Tinha os olhos pousados no individual, mas eu percebia que estava a ver o rosto da mãe emoldurado pela janela da cozinha. — É a pior parte — disse por fim. — Quando os nossos familiares têm medo de nós. — Inclinou a cabeça e olhou para mim por um ou dois instantes. — Que idade tens, miúda? Uns 16, 17?

— Tenho 16.

— És muito nova — afirmou. — Mas também nunca se é demasiado jovem para se estar sozinho. Saí de casa quando tinha 14 anos.

— Aos 14!

O Sully encolheu os ombros.

— Que havia eu de fazer? O meu pai já não me queria em casa.

— Foi por causa de...

— Não. O meu pai dizia sempre que eu não era muito certo, mas não sabia porquê. Não contando com o meu avô, nunca fiz aquilo dentro de casa.

— E nunca souberam que foi o senhor?

Ele abanou a cabeça.

— Eu estava a velar o corpo... era o que costumavam fazer antigamente na minha terra, nunca se deixava o defunto sozinho na sala. Disse a toda a gente que tinha ido fazer chichi e que, quando voltara à sala, o corpo já lá não estava. Ficaram todos horivelmente perturbados, mas ninguém me culpou. Eu só tinha 10 anos, disseram. Não percebia nada. A minha tia meteu na cabeça que ele se tinha levantado e saído de casa. — Começou a rir, um riso baixo e

surdo, a princípio, e logo um uivo completo. — Andou a bater às portas para cima e para baixo na rua, a perguntar se alguém vira o seu defunto pai.

O riso dele animou-me um pouco e fez-me esquecer quem éramos, mesmo achando graça àquilo que fazíamos. Eu também me ri. Ele chorou a rir e depois ficámos ali sentados durante alguns minutos num silêncio confortável, com o Sully a limpar os olhos com os nós dos dedos.

Lembrei-me de uma coisa:

— Alguma vez conheceu uma rapariga que...?

Ouvi um som suave e áspero, como lixa sobre madeira, quando o velho passou a mão pelas faces mal barbeadas.

— Conheci algumas mulheres — disse. — Há muito tempo.

— Como é que as conheceu?

Ele encolheu os ombros.

— Da mesma forma que te conheci.

— Que tipo de pessoas comiam?

O Sully inclinou a cabeça e semicerrou os olhos.

— Hã?

— Quero dizer, comiam pessoas que eram boas para elas, pessoas que eram más, ou...?

— Uma mistura, creio.

Fiz mais uma tentativa.

— Sabe o que lhes aconteceu?

Encolheu os ombros mais uma vez.

— Como já te disse, miúda, eu segui o meu caminho, elas seguiram o delas.

O gato branco entrou na cozinha. Tinha-me esquecido dele e tive esperança de que não se encontrasse ali enquanto a Sra. Harmon estava a ser comida. Ao avistar a corda de cabelo, o gato sentou-se nas patas traseiras e começou a bater nela.

— Xô! — O Sully afastou-o com a mão. — Então! Vai-te embora! — O *Bichano* só desistiu quando o homem lhe encostou a biqueira da bota. — Já tiveste um gato?

— A minha mãe dizia que não podíamos ter animais de estimação. Estávamos sempre a mudar de casa.

— Nunca gostei de gatos — fungou. — Os gatos só querem saber deles.

Sorri.

— Como a maioria das pessoas, creio.

O Sully não respondeu. O *Bichano* perdeu o interesse pela corda de cabelo, mas não fazia tensões de nos deixar sozinhos. Sentou-se no linóleo a abanar a cauda e a olhar, ora para mim ora para o Sully, como se tomasse parte na conversa.

— Que gato estúpido — resmungou o Sully. — Xô!

— Acho que tem fome. — Levantei-me, abri uma lata de comida para gatos e o *Bichano* roçou-se nas minhas pernas enquanto eu despejava a comida para a taça que estava no chão.

— É isso mesmo. Os gatos só se preocupam com eles próprios.

Saciado, o *Bichano* foi à sua vida e durante uns minutos fiquei a ver o Sully tecer. A Sra. Harmon tinha muito cabelo para uma idosa de 88 anos.

— É verdade que só come pessoas já mortas?

Ele assentiu.

— Algum tempo depois, comecei mais ou menos a sentir pelo cheiro quando alguém ia morrer em breve, ou a vê-lo no rosto da pessoa. Não me perguntes como... não é um cheiro ou uma expressão que eu possa descrever. Sei e pronto. — Deixou cair a corda de cabelo no colo, tirou uma maçã da fruteira da Sra. Harmon, sacou do bolso da camisa de flanela vermelha um canivete, abriu-o e começou a descascar a maçã numa única tira, longa e serpenteante. — Costumava sentir-me um abutre, estacionado em frente da casa de alguém, mas agora já não penso assim. — Apontou-me a faca, como se se quisesse explicar melhor. — Não posso impedir-me de ser o que sou, miúda. Essa é a regra número um.

O Sully cortou um quarto da maçã descascada e ofereceu-mo na ponta da faca. Ainda me sentia um pouco enojada com a ideia de ver a Sra. Harmon nas mãos dele — já para não falar do cabelo de só Deus sabe quantas pessoas —, mas não queria ofendê-lo, por isso aceitei.

— Já ouviste falar nas ilhas do Sul do Pacífico? — Fiz que sim com a cabeça. — Algumas tribos dessas ilhas comem os seus mortos e é uma coisa sagrada. Fazem um banquete. — Cortou outro bocado da maçã e meteu-o na boca, mastigando enquanto falava. — O morto já teria comido o fígado do avô diretamente do espeto, a língua do pai em conserva e o coração da mãe num guisado e agora era a sua vez, e se os seus

restos se pudessem sentar a essa mesa e falar, diriam que não o desejariam de outro modo. Aprendeu muitas coisas durante uma longa vida e os filhos pensam que também as podem aprender se o desmembrarem e comerem.

— Isso não faz sentido — disse eu. — Porque é que ele não se limita a ensinar aos filhos aquilo que sabe, enquanto ainda está vivo?

O Sully riu-se.

— A sabedoria não se ensina, menina.

— É isso que o senhor faz? Come pessoas e espera aprender alguma coisa?

— Não — disse ele com uma fungadela. — Limito-me a comê-las.

Quando o temporizador do fogão tocou, o Sully levantou-se, enrolou a corda sobre o linóleo amarelo e retirou o guisado do forno enquanto eu punha a mesa. Colocou a assadeira fumegante no centro e começou a servir. O queijo estava perfeito, estaladiço por cima e viscoso por baixo. Atirou-se ao guisado como se não tivesse comido nada em todo o dia. Eu servi-me de novo e ainda mais uma vez. Era como uma mistura de vegetais derretidos, metidos num *cheeseburger* esmagado.

— Ah — disse ele. — É muito saboroso. E nunca tem duas vezes o mesmo sabor.

Saciada, recostei-me na cadeira.

— Já acabaste?

Fiz que sim com a cabeça e ele continuou a comer até raspar a crosta de *cheddar* das bordas do prato.

Nunca tinha visto ninguém com um apetite tão insaciável, apesar de ter o rosto cavado, como se tivesse passado a vida a pão e água.

O Sully levantou-se e levou os pratos para o lava-loiça. Olhei para ele quando começou a lavá-los.

— Não ponhas essa expressão tão surpreendida, miúda. Deixo sempre tudo como encontrei, mesmo que ela já não note a diferença.

Quando acabou de lavar os pratos, foi ao armário buscar a lata das metades de pera em sumo de uva branca e conseguiu abri-la depois de ter passado um ou dois minutos a debater-se com o abre-latas elétrico. Com os dedos manchados e deformados, retirou cada um dos bocados desmaiados e moles de dentro do sumo, para os colocar sobre um pequeno tabuleiro.

— O que vai fazer agora? — perguntei quando ele fez girar o botão do *grill* no fundo do forno.

— Peras caramelizadas. — Deitou um bocado de manteiga numa frigideira e, à medida que a gordura derretia, ia adicionando colheradas de açúcar amarelo. — Porquê comer só um doce quando podemos comer dois?

Assim que a mistura do açúcar se derreteu a seu gosto, salpicou com ela as peras e pô-las no forno. Depois, trouxe o bolo de cenoura para a mesa e cortou uma fatia tão grande como a sua cabeça.

— Queres?

Abanei a cabeça. Queria, mas não me pareceria bem, pois eu e a Sra. Harmon pensávamos comê-lo

juntas. O Sully comeu o bolo todo, bebeu o leite coalhado da Sra. Harmon diretamente da embalagem e voltou para a sua tecelagem enquanto as peras crepitavam no forno.

Tirei a lã e as agulhas do meu saco e descobri uma folha com um pequeno modelo para um casaquinho de bebê no fundo do cesto. Tinha instruções atrás e examinei-as antes de desistir de olhar para o Sully, que girava, prendia e sacudia as madeixas prateadas.

— Lembra-se a quem pertenciam todos estes tipos de cabelo?

Ele segurou numa secção da corda e apontou para ela com o dedo mindinho curvado.

— Estás a ver aqui este bocado muito grosso e frisado? É aquilo a que os putos agora chamam rasta. Foi muito difícil metê-las aqui, mas consegui. — Abanou a cabeça. — Encontrei esse rapaz afogado no seu próprio vômito. — Estremeci. — Fartei-me de o limpar antes de o poder comer. Mesmo assim, um estômago sabe melhor quando não tem nada lá dentro.

Sabia lá eu. Apercebi-me de uma madeixa de cabelo louro arruivado que distava uns centímetros das rastas. Era a cor mais bonita que já vira.

— E aquele?

— Aquele... — Fez uma pausa. — Foi ela que *quis*.

Percebi então a diferença que havia entre nós. Eu tinha vítimas. Ele não.

Levei o meu prato para o lava-loiça e passei-o por água.

— Disse que tinha 10 anos quando o seu avô morreu?

Ele assentiu.

— Porquê?

— Parece um bocado velho para ter sido o seu primeiro.

— Os cadáveres não aparecem assim com tanta facilidade — comentou. — O meu pai não era cangalheiro.

— Mas disse que ele o achava diferente.

— Eu costumava comer coisas. Engolia o algodão do cesto da minha mãe, mais depressa do que ela o conseguia fiar. Sabia que o meu pai tentaria tirá-lo cá de dentro se descobrisse, por isso ela não lhe dizia. Foi assim durante anos. Rasgava um sapato velho e mastigava-o até conseguir engoli-lo. Só coisas macias. Uma vez engoli uma colcha que a minha avó fez em 1902. Não comia nada que pudesse levantar suspeitas ao meu pai. — Continuava a tecer enquanto falava, mas tinha de novo uma expressão remota no olhar, como se pudesse ver o passado num turbilhão de bruma a pairar sobre o meu ombro direito. — Quando a minha mãe cortava o cabelo à minha irmã, comia o que ficava no chão, como se fossem ostras. Engoli-lhe a boneca de trapos e ela fartou-se de chorar. Mas tinha tanto medo de mim que não disse nada ao meu pai. — Fez uma pausa. — Estou arrependido. — O Sully olhou para mim. — Nunca comeste algo que não devesses? — Lancei-lhe uma olhadela. — Tirando aquilo? — acrescentou e eu

abanei a cabeça. — Agora têm um nome para isto — continuou. — Um nome elegante para quando não consegues deixar de engolir coisas que não devem ser comidas. Jornais, terra, vidro. Que raio, até cocó. Fico a pensar se também não há um nome para isso. — Recostou-se na cadeira e pousou as mãos na barriga.

Aquilo deu-me uma ideia.

— Alguma vez foi a um médico?

Sully ergueu uma sobrancelha.

— Alguma vez foste à Lua?

Sorri e revirei os olhos.

— O que quero dizer é... pensa que seja hereditário? — Os lábios dele franziram-se lentamente num sorriso de gato que comeu o canário. Estremeci. — O que foi? — perguntei.

Ele recostou-se na cadeira e coçou o pescoço, mas o seu sorriso desapareceu.

— Não posso dizer de certeza que o meu avô fosse um comedor, mas tenho as minhas razões para pensar que sim.

Senti a curiosidade fazer-me cócegas debaixo da pele.

— Que tipo de razões?

— Lembro-me de todo o tempo que passávamos juntos nas matas... a caçar, a pescar, a aprender a viver longe da civilização... tenho recordações nítidas, mas outras são vagas. E julgo que as vagas têm uma razão para o ser.

Pensei ter compreendido. Era como quando eu

soube que a Penny Wilson tinha o cabelo tão louro que era quase branco, um nariz afilado numa cara comprida e olhos azuis, demasiado proeminentes para serem bonitos.

— Como se de facto se lembrasse, ou talvez estivesse a inventar?

— Não — respondeu. — Não estava a inventar.

— E o seu pai?

O Sully lançou-me um olhar duro.

— O meu pai, o quê?

Encolhi os ombros.

— Se o seu avô era comedor, talvez...

— Talvez nada — retorquiu o Sully. — Nunca tive nada em comum com o meu pai, ponto final. — Levantou-se, retirou as peras do *grill*, passou-as para pratos de sobremesa e deitou sobre elas o resto do molho de caramelo que estava no tacho.

Depois pousou o prato na minha frente, agradeceu-me, provei um bocado de pera e suspirei. O sabor do cravinho e do caramelo misturava-se perfeitamente com as peras. Decidi deixar de falar de mortos.

— Isto é mesmo bom.

— Claro que é bom — disse ele entre duas garfadas. Comeu a pera em dois ou três segundos. — Nunca como só um doce. A vida é demasiado curta.

Quando terminámos, o Sully disse:

— Apetece-me um pouco de música. — Foi à sala, sentou-se nos calcanhares e começou a investigar a coleção de discos do armário de porta de vidro por baixo da janela da frente.

— Tens melhor gosto do que eu pensava — disse o Sully para o retrato de Douglas Harmon por cima da lareira. — Tem o Bobby Johnson. Um dos melhores guitarristas de todos os tempos. — Retirou o disco da capa e pô-lo no prato do gira-discos. — Dizem que, uma noite, o Bobby Johnson encontrou o diabo numa estrada do Alabama e que o diabo lhe disse: «Ensino-te a tocar *blues* melhor do que ninguém e só terás de me pagar com a tua alma.» E o Bobby Johnson aceitou o negócio.

Instalei-me no cadeirão junto à lareira quando a música começou. Era um disco um pouco riscado, em que o cantor murmurava ao dedilhar as cordas da guitarra, e, quando começou a cantar, ouvi algo destemperado, algo rico e desenfreado. «*Ah, the woman I love, took from my best friend, some joker got lucky, stole her back again...*»

O Sully tirou da mochila um cachimbo e uma bolsa de tabaco, pôs um pouco no forninho e acendeu um fósforo. Puxou uma fumaça.

«*When a woman gets in trouble, everybody throws her down. Lookin' for a good friend, none can be found...*»

O disco terminou e eu disse:

— Sabe que o diabo não existe, não sabe?

— Não me digas que pensas que é apenas uma história. — O Sully lançou a cabeça para trás e desatou a rir. — Digo-te uma coisa: às vezes faço um pequeno jogo e vou aos bares, peço uma rodada e conto-lhes tudo ao meu respeito. — Pôs a mão em

concha do lado da boca como se murmurasse num palco. — Só que não sabem que sou eu. E todos os rapazes dizem que tenho uma imaginação fértil. Recomendo-lhes que olhem por cima do ombro no caminho para casa, que fechem a porta à chave e espreitem debaixo da cama, mas eles limitam-se a rir. — Levantou a agulha do disco e virou-o para o lado B. — É assim que começam as histórias: contamos a nossa vida como se não fosse verdade porque é a única maneira de não acreditarem em nós.

Veio-me à cabeça a recordação de uma vez que alguém roubou o rádio da nossa carrinha e a minha mãe me obrigou a ir com ela à esquadra para fazer a participação. Eu devia ter 12 anos — a lista de nomes no meu coração ainda não era extensa —, mas sentia-me aterrorizada só de pensar que os polícias pudessem olhar para mim e saber o que eu tinha feito. Por cima da porta havia um quadro bordado que dizia A VERDADE DE LIBERTA-TE e eu lembrei-me de que o homem atrás do balcão reparou que eu estava a olhar e a rir-me daquela ironia.

Estava ainda a pensar no tal bordado quando o telefone tocou. O Sully não reagiu e o atendedor de chamadas na bancada da cozinha entrou em funcionamento. Ele puxou uma fumaça do cachimbo enquanto ouvíamos a mensagem. «Olá, tia Liddy, é a Carol. Só liguei para conversarmos. Estou a pensar ir amanhã a Edgartown às compras e convidá-la para almoçarmos fora. Ligue-me quando ouvir a mensagem, sim? Beijinhos, depois falamos, adeus.»

O Sully resmungou e tirou o cachimbo da boca quando a máquina se desligou.

— Para onde vais depois disto?

— Minnesota.

O homem ergueu uma sobrancelha sinuosa.

— O que vais fazer ao Minnesota?

— O meu pai é de lá. E não sei... talvez ainda lá esteja.

— Não percebeste nada do que te disse, miúda? Se remexeres no passado só terás desgostos.

— Não é melhor saber? — Apanhei um novelo do cesto de verga e passei os dedos pela lã macia. — Disse-me que pensava que o seu avô era um comedor. Creio que o meu pai também é. — Era a primeira vez que pensava nisso conscientemente, e muito menos alguma vez o dissera em voz alta, e aquilo fez-me estremecer. — Quero saber de onde veio e porque nos deixou.

O Sully abanou a cabeça.

— A razão por que o teu pai te deixou não importa, deixou-te e pronto.

Senti as lágrimas nos olhos. Não o consegui evitar.

— Não tenho mais para onde ir.

— Então — disse ele em tom bondoso. — Ando sempre de um lado para o outro, mas enquanto cá estiver, tens sempre uma casa.

— Pensei que tinha dito que era melhor não fazer amigos.

— Sou famoso por mudar de opinião. — O Sully soprou uma espiral de fumo e ficou a admirá-la

enquanto se dissipava. — Que me dizes?

— Obrigada! — Retirei um lenço de papel de uma caixa sobre a mesa e levei-o aos olhos. — Vou pensar nisso.

O tiquetaque do relógio introduziu-se de novo no silêncio e o Sully pegou no jornal.

— Será melhor ires para a cama — disse por fim. — Temos de nos levantar cedo para que a sobrinha não nos encontre aqui.

Levantei-me, atirei o novelo de lã para o cesto e peguei na mochila.

— Bem — disse eu. — Boa noite, Sully.

Ele continuou a fumar cachimbo, enquanto voltava a página e lia os títulos.

— Dorme bem, miúda.

Vesti o pijama, lavei os dentes e fui para a Sala Vazia. Quando ia a fechar a porta, o gato branco surgiu no corredor, vindo do quarto da Sra. Harmon, e meteu a pata entre a porta e a ombreira, miando para que o deixasse entrar.

— Desculpa, *Bichano*. — Ajoelhei-me e empurrei-o suavemente para o corredor. Nunca dormira com um animal e receei que ele me mantivesse acordada.

Algo fez com que desse a volta à chave. Se ele fosse honesto, nunca o saberia.

Apaguei a luz e deitei-me. O luar refletia-se na esfinge da mesa de cabeceira e nas faces dos querubins entalhados na cabeceira da cama, lançando luz nos seus olhinhos de madeira que pareciam fitar-me. Guardar-me. Senti a falta da Sra.

Harmon e fiquei a pensar quando dormiria outra pessoa naquela cama vazia. Talvez nunca mais.

Claro que a sesta dessa tarde fora muito longa. O sono não chegaria. A escuridão era opressiva e o silêncio cobria-me como uma manta que podia dispensar. Quando por fim dormitei, sonhei com o homem invisível e a sua faca invisível e através da bruma senti a dor encaminhar-se para o meu ouvido. Faca, torcer. Faca, torcer. Encostou a faca à minha boca.

De manhã encontrei outro recado na mesa da cozinha, mas este obrigou-me a sorrir.

MIÚDA

Tenho a sensação de que não levaste a peito o meu conselho para não ires à procura do teu paizinho. Porém, se mudares de ideias, volta à cidade e espera por mim, algures. Eu arranjo maneira de te encontrar. A vida com o velho Sully nunca é chata.

SULLIVAN

P.S. Encontrei isto nas minhas viagens, pensei que gostarias de ficar com ele.

Ao lado do recado, estava um livro de bolso, do tamanho da palma da minha mão, com pelo menos cinquenta anos. Na capa escarlate estava escrito em letras prateadas: LIVRO DE RECORDAÇÕES DOS IRMÃOS RINGLING. Abri ao acaso e encontrei não

palavras, mas sim uma ilustração a vermelho e negro de três pequenos acrobatas no ar. Os dois homens tinham bigodes de pontas encaracoladas e a mulher usava sapatilhas vermelhas atadas até ao joelho. Voltei uma página e depois outra. *Ah*, pensei, *um livro de animação!* Por isso animei os desenhos e os cavalheiros no trapézio atiravam a dama de uma página para a outra e faziam-na voltar. Talvez não seja assim tão mau que um desconhecido nos conheça melhor do que pensamos.

Depois de um rápido pequeno-almoço, despedi-me dos amigos que fizera nas últimas vinte e quatro horas, a esfinge de latão, o gato branco e a Sra. Harmon no seu casamento na Cidade das Esmeraldas. Os meus dedos pairaram sobre a fileira das suas belas joias antigas e escolhi o medalhão de esmalte creme e cor-de-rosa. Quando carreguei no botão, a tampa saltou e lá estava mais uma vez o Sr. Harmon a sorrir para o lado. Fechei-o e pu-lo ao pescoço. Sabia que não devia levá-lo comigo. As joias, todas elas, pertenciam à sobrinha por direito, mas eu precisava de algo para me recordar da Sra. Harmon.

Minutos depois, meti-me no autocarro e, desta vez, sabia que ia na direção oposta à casa dos Shields. Nunca mais veria a minha mãe, nem sequer através de uma janela panorâmica.

Já nada havia que me interessasse em Edgartown, por isso, em vez de olhar pela janela do autocarro, brinquei com o livro do circo. Fechei os olhos e imaginei como seria atravessar o ar, fingindo voar,

enquanto esperava que alguém me agarrasse pelos tornozelos.

Eram quase dez horas quando cheguei à estação dos autocarros Greyhound. Dirigi-me ao balcão, onde uma mulher com demasiado batom nos lábios estava a limar as unhas.

— Quando sai o próximo autocarro para o Minnesota? — perguntei. — Preciso de ir para Sandhorn.

— Isso fica perto de St. Paul?

— Creio que não.

— Se não sabes para onde vais, como queres que te ajude?

Apeteceu-me agarrar na lima das unhas e enfiar-lha no nariz.

— Pensei que pudesse dizer-me qual era a estação mais próxima.

— Olha, menina, podes arranjar um mapa ou meter-te naquele autocarro para St. Louis que vai sair da porta 1 dentro de um minuto e meio. Era o que eu faria se fosse a ti. Só às oito da noite partirá outro em direção a oeste.

A empregada era rude, mas sensata. Comprei o bilhete para St. Louis.

4

Mais autoestradas, mais desconhecidos a ressonar e tentativas nauseadas de me perder num livro, mais refeições de máquinas automáticas. Levei dois dias a chegar a St. Louis, por isso tive muito tempo para pensar em todas as coisas estranhas e maravilhosas de que o Sully me falara: dormir ao relento e caçar para comer, viver confortavelmente só com uma mochila, contratos com o diabo e contar a verdade como se fosse apenas uma história — pensei muito tempo nessa parte, pois podemos aceitá-la, mesmo que mais ninguém possa.

Depois pensei em como poderia ser a minha vida se encontrasse o meu pai e foi como se desembrulhasse um rebuçado de hortelã-pimenta guardado há montes de tempo. Sabia que tinha de haver uma boa razão para ele nos ter deixado, pois, embora nunca falasse dele, sabia que a minha mãe ainda o amava. De contrário, porque continuaria a usar a aliança?

Hora após hora, ali estava eu a olhar pela janela do autocarro, a imaginar o seu rosto, a sua voz e as suas

mãos. Era meia cabeça mais alto do que a minha mãe e também ainda usava a aliança e não morreria sem me contar tudo o que sabia. Imaginei até o modo de ele assinar *Francis Yearly* no talão do cartão de crédito quando me levasse a um restaurante italiano. O meu pai ensinar-me-ia a entrar no mundo, de forma a não ter importância ninguém saber a verdade a meu respeito. Encontraríamos amigos como o Sully e seria o bastante. Eu e o meu pai viveríamos numa casa com individuais para a mesa e fotografias em molduras e faríamos voluntariado, servindo refeições aos necessitados nas manhãs de domingo, enquanto as outras pessoas estivessem na igreja.

Quando finalmente desci do autocarro, sentia-me com um humor estranho — exausta e eufórica ao mesmo tempo, como se soubesse exatamente como chegar ao castelo que construía no ar. Só acordei quando entrei na fila para comprar o bilhete para o autocarro seguinte e vi que tinha apenas quinze dólares na carteira.

Como podia? Como podia ser tão estúpida?

Do ponto de vista da minha mãe, claro que fazia sentido. Não precisaria de mais do que cem dólares para ir de Cincinnati a Sandhorn. Gastara a maior parte a ir na direção oposta.

Arrastei a minha mochila para uma casa de banho nojenta, fechei-me no último cubículo e chorei. Estava quase sem dinheiro e era, sem sombra de dúvida, uma sem-abrigo. Porque não aceitara a oferta do Sully? Porque não o escutara?

Perdi a paciência e saí da casa de banho com os olhos a arder, mas com a sensação de ter um novo objetivo. Chegaria a Sandhorn como qualquer outra pessoa falida: esticando o polegar para pedir boleia.

Na rua, perguntei ao taxista de aspeto mais simpático qual a melhor maneira de apanhar boleia para o Minnesota.

— Se fosse a ti subia a rua até à faculdade — disse, apontando-me o caminho. — É uma boa altura para apanhar boleia, com todos os estudantes a irem para casa para as férias de verão.

Vinte minutos depois, cheguei ao *campus* universitário e vi passeios de pedra limpa e um relvado brilhante do outro lado do portão aberto. Havia estudantes por toda a parte: passavam de um caminho para outro, liam sentados nos bancos e jogavam *Frisbee*. Apanhei um bocado de cartão num balde do lixo e escrevi PRECISO DE BOLEIA PARA O MINNESOTA. Depois sentei-me à espera. Tentei ler, mas as palavras dançavam, tomando outra posição na página. Acabei por fechar o livro e pensei no meu pai e em como passaríamos o primeiro fim de semana a pintar as paredes do meu novo quarto. Alfazema ou verde-azulado?

Uma hora depois, uma sombra tombou-me no colo.

— Vou de carro para Minneapolis — disse a rapariga. — Podes ajudar a pagar a gasolina?

Era alta, bronzeada e usava uma *T-shirt* que dizia VOLEIBOL DO ESTADO DO MISSOURI.

Assenti, descruzei as pernas e, cambaleando um

pouco, pus-me de pé.

— Fixe — disse ela. — Estás com sorte. Já estava de saída.

Chamava-se Samantha e não estava interessada em grandes amizades, o que para mim estava muito bem. Como já disse, nunca tive uma amiga.

Parámos para meter gasolina algures no Iowa e quando a Samantha voltou para o carro disse:

— Foram vinte dólares. Podes dar-me dez?

— Só me restam quinze dólares.

— Detesto ter de te dizer isto, mas, de qualquer forma, não vais muito longe com quinze dólares. O que é que vais fazer quando chegares a Minneapolis?

— Hei de arranjar outra boleia para Sandhorn.

A Samantha lançou-me um olhar estranho, a seguir pôs o carro a trabalhar e voltámos à autoestrada. Peguei numa nota de cinco dólares e meti-a no cinzeiro, onde guardava os trocos, mas ela não disse nada. Prometera que a ajudava a pagar a gasolina e teria sido maldoso da minha parte voltar com a palavra atrás, mesmo que ela pudesse ter sido mais simpática.

Uma hora depois, disse-lhe que precisava de ir à casa de banho e ela ficou aborrecida.

— Não podias ter ido quando parámos para meter gasolina?

— Nessa altura não precisava.

Continuámos em silêncio durante mais uns quilómetros, mas, quando passámos pela placa do Walmart, ela meteu pela saída e parou no parque de

estacionamento.

— Obrigada — disse eu e corri lá para dentro.

Quando voltei, encontrei a mochila num lugar vazio do parque. Nem queria acreditar. Fiquei ali algum tempo a olhar para o local onde ficara o carro. De que valera dar-lhe o dinheiro para a gasolina se ela afinal ia deixar-me no meio do nada?

Peguei na carteira e contei de novo o dinheiro. Dez dólares e mais uns trocos. A ideia de procurar outra boleia fez com que me apetecesse voltar para a casa de banho e não sair mais de lá.

Espera aí, pensei. A culpa não foi minha. A atitude dela não fazia sentido. Porquê oferecer-me boleia e depois deixar-me ali?

Talvez tivesse sentido o meu cheiro. Também nenhuma miúda da escola gostava de mim.

Tentei respirar fundo e pensar no que fazer a seguir. Mas não queria fazer nada a seguir. Não queria estar ali — não queria estar em parte alguma.

Levei as mãos aos olhos e, por alguns minutos, esqueci-me do mundo. Nem conseguia pensar claramente para poder desejar ter ido com o Sully. Não tinha lenços de papel, de modo que limpei as faces e o nariz à manga da *T-shirt* e, entretanto, as pessoas passavam e entravam na loja. Havia quem tentasse não olhar para mim e quem me fitasse como se eu tivesse três cabeças. Olhei para um homem com uma camisola dos Chicago Cubs, que ficou tão vermelho como o logótipo da *T-shirt* e se apressou a sair pelas portas automáticas.

De repente lembrei-me da minha mãe lavada em lágrimas, inclinada sobre uma saladeira, numa cozinha cujo interior eu nunca veria. Levantei-me, limpei a sujidade da parte de trás das minhas calças de ganga e peguei na minha mochila.

A rajada de ar refrigerado quando passei as portas automáticas quase secou as minhas faces. O Walmart é uma cidade em si, cada departamento é um bairro com carrinhos de compras azuis a deslizar como se fossem automóveis. Podíamos percorrer quilómetros por baixo das luzes fluorescentes e frias, passando por cortadores de relva, catálogos de tintas, camas de bebé e expositores de batom. Podíamos dormir aqui, pelo menos em teoria, em camas cheias de almofadas.

Na cafetaria, fiquei junto ao comprido balcão de vidro para ponderar o que poderia escolher: atum desfiado em pão de forma; *muffin* inglês com recheio de salsicha e, sob uma lâmpada de aquecimento, havia uma embalagem de papel vermelha e branca de macarrão e queijo com uma crosta cor de laranja. Se nessa noite fosse gastar em comida metade do resto do meu dinheiro, não seria ali.

Doces. Se conseguisse comer um *Snickers*, poderia esquecer-me de tudo. Durante minuto e meio podia fingir que era uma pessoa normal.

Voltei a esquina da secção dos doces e parei de repente. Havia um homem em roupa interior a deambular por ali num passo hesitante. Já vi todo o tipo de gente esquisita no Walmart, e, no verão, há

sempre homens que se dirigem à secção refrigerada de calções de banho e havaianas, mas este fulano era de uma espécie inteiramente nova.

Calções de banho e botas de *cowboy* já teriam sido ridículos, mas ele usava essas botas, um chapéu *Stetson*, uma camisola de alças e um par de *boxers* velhos e coçados que deixavam ver à transparência. Debaixo dos braços, a camisola tinha grandes manchas castanhas, como se tivesse bebido cerveja a mais e começasse a destilá-la.

Se se tratasse de um velho bêbedo e maluco talvez a visão fosse apenas triste, mas era muito jovem e não estava assim tão bêbedo, o que lhe dava um aspeto completamente sinistro. Balançava o cesto enquanto caminhava — se é que *caminhar* era a palavra correta — e ia resmungando para consigo: «Não tenho de aturar esta merda. Estou farto de que me deites as culpas de *tudo*, mulher. Vais ver, oh, se *vais*, mulher.»

Uma mensagem gravada saía do altifalante enquanto o homem continuava a falar sozinho. *Promoção Walmart do dia! Embalagens familiares de detergente Tide, compre uma, leve duas. Apenas por tempo limitado!*

O homem devia aproveitar aquilo. Atrás de mim, uma mulher com um carro de compras meteu pelo corredor e, quando passou por mim, vi-a olhar para o bêbedo e ficar imóvel. *Não, quase consegui ouvi-la pensar. Tarde demais para voltar atrás.* Ele já a vira. Por isso, cautelosa, seguiu pelo corredor, olhando

apenas para ter a certeza de que não esbarraria nele com o seu carrinho de compras.

Mas foi o suficiente.

— 'Tás a olhar pra onde? — perguntou ele.

Decerto a mulher não se atreveria a responder: «Para um bêbedo idiota», por isso ficou calada. Ele voltou a cabeça e fitou-a com olhos vítreos.

— Eu diiiiisse, 'tás a *olhar* pra onde, cabra?

Ela ficou imóvel, agarrada à barra do carrinho de compras com os dedos já brancos. Olhou para mim e eu tentei sorrir para me mostrar solidária. Olhámos ambas para o fundo do corredor, mas ninguém vestindo um polo azul apareceu para o levar dali. Havia silêncio além da música de elevador que saía do altifalante, como se todos os empregados do Walmart fizessem a pausa para jantar à mesma hora.

— És surda, cabra? — gritou o bêbedo. — Estás a ouvir, ó estúpida?

— Então! — Alguém mais entrara no corredor atrás de mim. Passou pela minha pessoa para se colocar à frente do carrinho de compras da mulher. Tinha cabelo louro despenteado e usava uma camisola verde de basebol, calças de ganga e botas de trabalho. — Não pode falar assim com uma senhora. Está descontrolado, amigo.

— Amigo? — perguntou agressivamente o *cowboy*. — Não sou teu amigo. — Tinha cuspo nos cantos da boca. Pois. Raivoso.

Lá de trás pareceu-me que o fulano da camisola verde era mais velho do que eu — 18, talvez 20 anos.

Olhou para a mulher por cima do ombro. Esta murmurou um «obrigada», voltou-se e saiu do corredor a empurrar o carrinho. Também eu deveria ter saído, mas sabem como é quando alguém se porta mal em público. Ficamos presos àquele sítio, à espera, para ver o que vai acontecer a seguir.

O *cowboy* embriagado estendeu a mão para o rapaz de verde, mas este afastou-se.

— Agora ouve, miúdo estúpido, filho da puta — gritou o *cowboy*, tentando mais uma vez agarrar a camisola do rapaz. — Não tens o direito de me dizer o que devo fazer.

O rapaz voltou a cabeça e olhou para mim, e invadiu-me uma sensação estranha. Se ele sentiu o mesmo, não o demonstrou. Voltou-se para o bêbedo e disse, com uma calma que me arrepiou:

— Tem razão, mas de qualquer maneira creio que deveríamos ir lá para fora.

Sem olhar para mim, dirigiu-se para o fundo da loja, o que achei estranho, mas o *cowboy* provavelmente nem sóbrio pensaria com clareza. Seguiu o rapaz de verde aos tropeções, depois de deixar cair o cesto no chão, mesmo assim baixou-se e pegou numa embalagem de seis latas de cerveja antes de sair do corredor em passo hesitante.

Espreitei para o cesto: carne de vaca desidratada e uma embalagem enorme de chocolates *Milky Way*. Uma lata de feijão cozido rolou pelo linóleo branco.

Andei pelos corredores durante algum tempo — utensílios de jardim, comida para animais, cosméticos

— a tentar acalmar-me depois do que vira, não só o *cowboy* maluco e bêbedo, mas também o rapaz da camisola verde. Senti-me estranha, tal como quando encontrei a Sra. Harmon, e o chão faltou-me debaixo dos pés.

Uma mãe e uma filha espreitavam o expositor da *Maybeline*.

— Olha, que tal este? — perguntou a mulher entregando à filha um compacto de sombra azul-clara. — Fica bem com a cor dos teus olhos. — A miúda não parecia ter idade para usar maquilhagem. Pelo menos era o que a minha mãe pensaria.

Voltei ao corredor dos enlatados, escolhi uma lata de grão-de-bico e voltei a colocá-la no lugar. Que se passava comigo? Precisava de comer e, para tomar uma decisão, não deveria ser preciso uma folha de cálculo. Como se ganhasse alguma coisa em me agarrar aos dez dólares que me restavam e eles me alimentassem para lá de uma ou duas refeições na autoestrada.

Não *precisava* de os gastar. Nunca roubara nas lojas e, quando pesei essa possibilidade, perdi um pouco o apetite. Não tinha fome suficiente para roubar.

É verdade, pensei. Mas acabarei por ter.

Uma lata de grão-de-bico, uma coisa tão estúpida para roubar — custava apenas cinquenta e nove cêntimos —, mas pensei que, se levasse uma coisa mais barata não seria tão mau. Não estava mais ninguém no corredor. Meti a lata na mochila e saí do

corredor dos enlatados com o ar o mais natural possível.

Teria sido um erro sair da loja imediatamente, por isso fiz um esforço e continuei a andar por ali. Passei ao corredor da papelaria, dei uma vista de olhos à prateleira dos cadernos e reparei que havia algo que não pertencia ali: uma sanduíche embrulhada. Pão branco, salada de atum, uma folha incolor de alface icebergue a espreitar. Era como se lá estivesse escrito em grandes letras vermelhas: *Podias levar-me*. Peguei nela e guardei-a com a lata do grão-de-bico. Nem sequer queria a estúpida sanduíche, mas matar-me-ia a fome e, de resto, ninguém a compraria.

Depois, sem eu dar por isso, voltei ao corredor dos doces. Não estava lá ninguém e o cesto do *cowboy* bêbedo continuava caído no chão. Dei um salto quando mais uma promoção do Walmart se ouviu vinda sabe Deus de onde: *Prepare-se para o melhor Memorial Day de sempre! Grelhador Weber com um desconto de cinquenta dólares apenas por tempo limitado! Grelhe os seus hambúrgueres em grande estilo!*

Regressei à parte da frente da loja, passei pela cafetaria, pelos corredores das caixas e pelas exposições de corta-relvas e mobiliário de jardim. Pensei no *cowboy* bêbedo e no rapaz de verde. Já tinha ido a uma centena de Walmarts e nunca havia uma saída nas traseiras.

Passei as portas automáticas e suspirei. Não tocou qualquer alarme e ninguém veio atrás de mim.

Sentei-me no passeio depois dos carros de compras, mas não peguei na sanduíche. Agora que tinha comida não estava assim com tanta fome.

Uma lâmpada fluorescente cintilou na penumbra. Ouvi as portas automáticas abrirem e fecharem e uma sombra caiu-me no colo pela segunda vez nesse dia. Levantei os olhos e vi um rapaz magro com um polo azul, a poucos metros de mim. Trabalhava ali.

— Olá — disse.

— Olá. — *Caramba*, pensei, *o acne dele é mesmo mau*. Voltei a olhar para os meus ténis. Odeio quando há qualquer coisa de mal numa pessoa e acabamos por pensar nela como a rapariga ou o rapaz com um problema, como se os cinquenta quilos a mais ou um olho preguiçoso fossem a única coisa importante a saber acerca deles.

O rapaz tirou do bolso um maço de cigarros e meteu um entre os lábios.

— Tens um abre-latas na mala?

Senti o coração acelerar.

— O quê?

— Essa lata de grão. — Riscou um fósforo e acendeu o cigarro e, por um segundo, aquilo fez com que parecesse mais velho. Não podia ter mais de 18 anos. Tinha a maior maçã de adão que eu já vira. Não falei. — Roubar é uma coisa estranha — continuou ele. — Geralmente as miúdas levam batom ou verniz das unhas.

— Estavas a vigiar-me?

— Não te vi fazer isso. Só reparei que tinhas a lata

a espreitar da mochila quando saíste.

— Desculpa — disse eu. — Entendo se tiveres de dizer ao teu patrão. Não quero que percas o emprego.

O rapaz encolheu os ombros.

— O meu patrão farta-se de roubar merdas, principalmente coisas do departamento de eletrónica. Passado um tempo, temos a obrigação de devolver os modelos que vieram para exposição, e ele, por vezes, diz para a sede que se deterioraram e fica com eles. Já deve ter uma televisão em cada compartimento da casa, incluindo nas casas de banho.

— Que loucura — comentei.

— Muitas pessoas roubam e nunca são apanhadas. — Olhou-me nos olhos e puxou uma fumaça do cigarro. — Não sei porque haverias de ser.

Podia também contar-lhe da sanduíche de atum.

— Também apanhei isto. — Tirei a sanduíche da mochila.

— Provavelmente já está fora do prazo de validade. — Encolheu os ombros mais uma vez. — Não conta como roubo se ia para o contentor.

— Oh! — Retirei o papel celofane e ofereci-lhe metade, mas depois senti-me estúpida por tê-lo feito.

— Não, mas obrigado na mesma. Chamo-me Andy. E tu?

— Maren.

— Que nome fixe. Nunca o tinha ouvido.

— Pois — disse eu por entre dentadas de atum. — Geralmente é Karen.

— É mais fixe do que Karen.

— Obrigada. — Fiquei a ver o Andy inalar o fumo e deitá-lo pelo nariz. — Não devias fumar. — Depois ri-me de mim própria. Quem sou eu para falar do vício dos outros.

Ele lançou-me um olhar estranho.

— Ainda tens fome?

Abanei a cabeça.

— Tens sim. Não pareces ter comido muito ultimamente.

— Dura mais quando não comemos muito.

— O dinheiro, queres tu dizer? — Anuí e ele fez uma pausa. — Escuta... saio dentro de uma hora. Queres esperar por aqui?

Anuí mais uma vez. O Andy era simpático e afinal eu também não tinha para onde ir. Talvez ele tivesse um sofá onde eu pudesse dormir. Na minha cabeça uma vozinha dizia: «Cuidado.»

Apagou o cigarro e eu segui-o de volta para a loja. A lata de grão-de-bico ardia na minha mochila. Estava admirada por ninguém reparar em mim.

O Andy tirou do bolso uma embalagem de pastilhas elásticas de canela e ofereceu-me uma.

— Não, obrigada — agradei. — A minha mãe não me deixa mastigar pastilha elástica.

— Estou na receção de material — informou-me. — Por isso fico quase sempre lá atrás. Vou ter contigo à secção dos televisores às nove, está bem? — Anuí e ele desapareceu pelas portas rotativas do armazém.

Fui para a secção do mobiliário, escondi a mochila

atrás dos folhos da cobertura de uma cama de exposição, e a seguir fui ao corredor dos enlatados repor a lata de grão. Atravessei todos os corredores dos brinquedos e vi miúdos pedirem aos pais cartas de Pokémon ou bonecas Spice Girls. Passei por meninas que diziam «Por favoooooor» e todos olhavam sem me verem. Senti-me bem a fingir ser invisível.

Voltei à secção de eletrónica. Era a hora do noticiário da noite e o rosto do presidente Clinton estava em todos os ecrãs da parede. Mais cedo ou mais tarde, todos esses aparelhos pertenceriam ao patrão do Andy. Faltava ainda meia hora para ele sair, mas continuei a ver, porque estava farta de andar para cá e para lá nos corredores a olhar para todas as coisas que não podia comprar.

Mostraram umas imagens antigas da história do *impeachment* do princípio desse ano. «Não tive relações sexuais com essa mulher», dizia o presidente.

— Uma coisa é dizer mentiras — ouvi alguém ao meu lado. — Outra coisa é dizê-las na televisão nacional. — Era o outro rapaz do corredor dos doces, o da camisola verde.

— Pois. — (Porque não me teria lembrado de uma resposta melhor?)

— És daqui perto?

— Não. E tu?

— Não. — Não disse mais nada depois disto, por isso ficámos ali um bocado, em silêncio a olhar para a parede dos televisores. A Monica Lewinsky

contratara novos advogados.

Alguém me tocou no ombro e eu voltei-me. O Andy trazia um saco de plástico.

— Estás pronta?

— Até depois — disse eu ao rapaz de verde. Só queria que ele se voltasse para olhar para mim, mas não afastou os olhos do ecrã quando passei para trás dele. Parecia tentar agir como se não se importasse.

— Até depois — disse.

Algo me incomodou quando virei a esquina da secção de eletrónica. Aquele chapéu... Ele não usava chapéu da primeira vez que eu o vira. E agora tinha um *Stetson* na cabeça.

Antes de sairmos, voltei ao departamento das camas para ir buscar a mochila. Segui uns passos atrás do Andy até ao extremo do parque de estacionamento, e chegámos a um *Chevy Nova* dourado, carregado de autocolantes. GENTE MÁ NÃO VALE NADA. SEMPRE GRATO, SEMPRE MORTO. QUANDO RECUPERAR OS PODERES, TODOS RASTEJARÃO DIANTE DE MIM.

Abriu a porta do lugar do passageiro e entregou-me o saco.

— Não te vou levar a lado nenhum — disse. — A menos que queiras. Pensei que podíamos ficar aqui sentados um bocado a conversar enquanto comes.

Pus a minha mochila no banco de trás, sentei-me no lugar do passageiro e abri o saco no colo. Trouxera-me uma embalagem pequena de *Oreos*, uma banana, um iogurte de cereja (com a colher incluída) e um queque de milho embalado. O Andy sentou-se no

lugar do condutor e fechou a porta. Agradei-lhe e ele ficou a ver-me comer. Ofereci-lhe uma *Oreo* e, pela segunda vez naquela noite, senti-me uma idiota por lhe perguntar se ele queria comer coisas que não me pertenciam.

Enquanto comia a banana, toquei com o pé num livro que estava no chão. Peguei nele: *O Mestre e Margarita*. Na capa via-se um gato a mostrar os dentes, empunhando uma pistola. Abri o livro numa página ao acaso e li:

«Vai ficar tudo bem. É sobre isso que o mundo é construído.»

Talvez para as outras pessoas. Mas para mim não. De certeza.

— Estou a ler isso para Literatura Russa — dizia o Andy. — É muito bom. Gostas de ler?

Fiz que sim com a cabeça.

— Qual é o teu livro favorito?

— Tenho muitos favoritos. Gosto de *The Phantom of Tollbooth*, *Um Atalho no Tempo* e os livros de Narnia. — *Sala Vazia*. Estremeci.

— Tens frio? Posso ligar o aquecimento.

— Não obrigada. Estou bem.

— Bem, se gostas desses livros, provavelmente vais gostar de *O Mestre e Margarita*. Leste o *Gormenghast*? — Abanei a cabeça. — É um dos meus favoritos. É uma trilogia. Se te vir outra vez dou-te o meu exemplar.

— Estás a ser muito simpático — disse eu enquanto despachava o iogurte e fechava a embalagem de

plástico com o meu lixo lá dentro. Olhei para ele e esperei.

Ele estendeu o braço e pegou-me na mão entrelaçando os dedos nos meus e pousando-os na consola entre os assentos.

— Posso fazer isto? Está bem assim?

— Mais nada? — perguntei. O hálito dele cheirava a *Fritos*, a *Pepsi* e a tabaco.

Ele acenou com a cabeça. A sua mão era quente e suada, mas sabia-me bem. Por um momento, só por um momento, senti-me segura.

— Não. — Retirei a mão e meti-a debaixo dos joelhos. — Não podes.

— Tudo bem. — Passou os dedos pelas saliências do volante. — Não precisas de fazer nada.

— Não *quero* fazer nada.

— OK. Só quero ficar aqui de mão dada contigo.

— Queres mais do que isso.

Encolheu os ombros.

— Todos os tipos querem mais — hesitou. — Mas não é só isso.

— Não?

— Escuta. Sei como é. Também estou só. Saí de casa no ano passado... teve de ser. O meu pai é horrível quando se embebeda. Saí depois de ele me ter mandado para o hospital.

— O que fez ele?

O Andy levantou a camisa e eu soltei uma exclamação abafada ao ver a cicatriz rosada e saliente por cima das costelas.

— Uma garrafa de cerveja partida. — Fez uma pausa. — Continuo a tentar que ela o deixe, mas ela não quer.

— Lamento.

— Não é culpa tua que o homem que me gerou seja um idiota.

Se uma gargalhada pudesse furar um tímpano, seria aquela. Sabia que o meu pai nunca faria uma coisa assim. A minha mãe casara-se com um homem de bom coração.

O Andy suspirou.

— De qualquer forma, tenho um *futon* a mais no meu apartamento para o caso de ela mudar de ideias. Sabes o que se costuma dizer... *É melhor o mal conhecido...* O que a assusta é a ideia de ficar sozinha. Como se a vida pudesse ser pior do que já é.

— Não estaria sozinha — disse eu. — Ter-te-ia a ti.

O Andy lançou-me um olhar como... como se estivesse agradecido pela minha bondade, mas fazendo-me entender que não era bem assim.

— Alguma vez deixas de fazer o que estás a fazer e pensas: «Que vida é a minha?» — Olhava para mim e apercebia-se de que eu estava pronta a chorar, e isso era resposta bastante. — Ando numa faculdade pública merdosa, em Williston, e depois venho trabalhar para *este* buraco. — Apontou com o polegar para o letreiro azul do Walmart iluminado atrás do seu ombro esquerdo. — A seguir vou para Plainsburg, para um pequeno apartamento também merdoso, por cima de uma lavandaria que trabalha toda a noite. É

uma porcaria, sabes? Uma grande porcaria. Mas depois apareceste e pensei: «Sim, ela pode compreender-me.»

Cruzei os braços com força.

— Não me conheces.

— Não é preciso muito tempo para se saber o que é preciso acerca de uma pessoa.

— Roubei uma lata de grão-de-bico, Andy. Isso faz de mim uma ladra.

— Exatamente. Estás ainda mais desesperada do que eu. — Continuava a olhar para mim. — És muito bonita — disse.

— Não. Não sou.

— És mesmo. As miúdas pensam que lá porque não se parecem com as modelos das capas das revistas não são bonitas. É só *Photoshop*, sabes. São tudo tretas.

— Bem sei — disse eu. — Mas não é isso.

— Então o que é? Tu ouviste-me, agora deixa que te eu ouça.

— Por favor — abanei a cabeça. — Por favor, não sejas tão simpático para comigo.

Ele levou a mão à minha face e acariciou-a.

— Porque não haveria de ser?

Senti o cheiro dele — os *snacks* de milho, a pastilha elástica de canela e o fumo do cigarro — e isso fazia-me estremecer. Tinha de sair dali. Estendi a mão para o puxador da porta e ouvi o clique quando ele carregou no botão e trancou o carro.

— Se de facto te queres ir embora, tudo bem, não

te impeço — disse. — Mas sei que não tens para onde ir. Por isso, porque não me deixas ajudar-te?

— Não entendes, Andy. Fiz coisas horríveis e se não me deixares ir embora, acabarei por te fazer o mesmo. — Pus a mão no fecho da porta, mas ele agarrou-me no ombro e puxou-me para si.

— Por favor — murmurou. — Deixa-me só abraçar-te. — Enquanto me beijava o pescoço, passou os dedos pelas minhas pernas, até aos joelhos, e abriu-os delicadamente.

A tua mãe.

Lamento.

Agora nunca o vai deixar.

Ele podia ter-me feito sentir culpada. Podia-me ter obrigado a fazer-lhe coisas, mas não. Estava sozinho e sabia que eu também não tinha ninguém, por isso, para ele, fazia todo o sentido estarmos sentados no seu carro, de mãos dadas, a comer *Oreos*. Mas enquanto eu comia, uma vozinha murmurava dentro de mim: *Toda a gente está sozinha, não podemos fazer uma coisa só porque estamos sós.*

Tropecei no passeio ao sair do carro e esfolei um joelho. Não fazia ideia de quantas pessoas me poderiam ter visto — nunca o fizera no exterior, exceto com o Luke, mas nunca num local tão público — e corri pelo parque de estacionamento para a noite, como se houvesse alguém atrás de mim. Estava tão descontrolada que não ouviria ninguém, mesmo que alguém lá *tivesse estado*.

O Walmart fora construído no meio de campos de

milho, por isso só podia fugir em direção à autoestrada. Deviam ser dez da noite, mas ainda havia muito trânsito. Uma rajada de ar quente afastou-me o cabelo da testa quando um caminhão passou por mim a toda a velocidade.

As ideias de encontrar o meu pai desapareceram da minha cabeça como o fumo do cigarro do Andy. E não seria tão fácil dar um passo em direção à estrada e deixar que o próximo caminhão livrasse o mundo da minha pessoa? O motorista nada sofreria e ninguém o poderia culpar. Seriam capazes de dizer que não fui atingida por trás.

Era um plano maravilhoso. Simples. Fazia todo o sentido.

Não precisei de esperar muito. Fui para a estrada e deixei que os faróis me encandeassem. O motorista travou com toda a força e carregou na buzina. Fiquei encadeada pelos faróis, mas fiz um esforço por não levar as mãos aos olhos e um ou dois segundos depois senti o calor vermelho da grelha no meu rosto...

Ser atingida por um caminhão não era bem o que eu pensava. Senti-me puxada para o lado, como se a gravidade tivesse deixado de funcionar. Embati com força no alcatrão enquanto o caminhão seguia, com o motorista a bater com o punho na buzina e a gritar obscenidades pela janela aberta.

— Estás maluca? — ouvi alguém perguntar e por um segundo fantástico pensei que a voz pertencia ao Andy. Ele estava bem. Eu não fizera aquilo.

Senti uma mão debaixo do braço e soltei uma

exclamação abafada.

— Desculpa — disse ele, agarrando-me delicadamente pelo cotovelo para me levantar. — Não tive tempo de organizar uma aterragem mais suave. — Não era o Andy. Era o rapaz de verde. Sacudiu o saibro do meu ombro. — Amanhã vais estar cheia de dores, mas não tantas como se o camião te tivesse atingido.

Não precisei de esperar até ao dia seguinte. Doía-me tudo. Levei a mão aos lábios e lembrei-me de qual seria o meu aspeto. Cobri a boca e voltei-me, mas ele pousou ao de leve a mão no meu ombro.

— Estás bem.

— Não estou — murmurei por entre os dedos. — De facto não estou. — O rapaz passou um braço pela minha cintura e ajudou-me a passar a barreira de volta à segurança. — Fizeste qualquer coisa àquele homem. — Quando falava doía-me o lado do corpo, mas eu tinha de saber. — Aquele bêbedo horroroso que entrou na loja de *boxers*.

— Sim — respondeu ele.

— Onde é que arranjaste esse chapéu? — Mas eu sabia onde ele arranjava o chapéu.

Com a mão livre retirou do bolso de trás uma coisa que tilintava e abanou-a de forma que eu pudesse ver do que se tratava.

— No mesmo sítio onde arranjei estas chaves.

— Era o chapéu *dele*.

Guardou as chaves no bolso e levou a mão ao *Stetson*, como que para ter a certeza de que ainda o

tinha na cabeça.

— Já não vai precisar dele.

Chegámos ao fundo da ribanceira e atravessámos o parque de estacionamento vazio. Invadiam-me inúmeros pensamentos, mas todos desligados. Que teria ele feito àquele homem?

— Não te preocupes — afirmou. — A única pessoa que viu o que fizeste fui eu e acredita que não conto a ninguém. Ainda ninguém reparou no carro dele. Estamos bem.

Estamos bem.

— Tu...

Parámos e, durante o que pareceu uma eternidade, ficámos a olhar um para o outro.

— Sim — declarou por fim. — Eu também.

Estava à espera de que ele se assumisse e o dissesse para me deixar invadir pelo alívio de já não estar só. Era tão estranho ter esta segunda possibilidade de amizade quando todas as outras coisas boas deste mundo me tinham abandonado.

— Como foi que...?

— Na casa de banho dos homens. Fui atrás dele e fechei a porta.

— *Sabia* que se passava algo de estranho. Estavas a afastá-lo da saída. — Ele esboçou um meio sorriso. — Tens a certeza de que ninguém mais reparou?

— Tenho. Mas é melhor sairmos daqui.

Cambaleando um pouco, apressei-me a voltar ao carro do Andy. O rapaz seguiu-me e, quando abri a porta traseira para ir buscar a minha mochila, ele

abriu a porta do lado do condutor, puxou de um saco de compras amarrotado que estava debaixo do banco, e começou a juntar a roupa do Andy e outras coisas. No chão encontrava-se o livro acerca do gato que empunhava a pistola e que ele estava a ler para a cadeira de Literatura Russa, marcado a meio com o recibo de uma lata de *Pepsi* e de uma sanduíche de frango. *Nunca saberá como termina.*

Meti o livro na mochila enquanto o rapaz tratava da porcaria — da *minha* porcaria — com as suas próprias mãos, antes de dar um nó duplo nas asas do saco.

— Esse livro é teu? — Fiz que sim com a cabeça. — Então apanha também as coisas.

— Sim — murmurei. — Obrigada por tudo.

— Um dia podes devolver-me o favor. — Tinha um sorriso um pouco retorcido. — Deitamos isto fora noutro lado.

Pendurou o saco de plástico cheio no seu dedo indicador, fechou a porta com força e afastou-se da loja para seguir em direção à carrinha preta do *cowboy* bêbedo estacionada fora do alcance dos candeeiros. Nenhum de nós se surpreendeu ao sentir o fedor da cerveja e dos cigarros. Entrámos para o banco da frente e ele fez girar a chave na ignição. Sabia conduzir carros de mudanças manuais.

— Onde vamos?

Agarrou no primeiro envelope de uma pilha de papéis sobre o tabliê e atirou-o para o meu colo. Parecia uma conta de eletricidade. *BARRY COOK,*

dizia. *5278 Route 13. Pittston, IA.*

Seguimos em silêncio durante uns minutos, apanhando a saída para a Route 13, antes de o rapaz dizer:

— Olha, como te chamas?

— Maren. E tu?

— Lee.

— De onde és, Lee?

Ele lançou-me um olhar cauteloso.

— Isso interessa?

Encolhi os ombros.

— Estava apenas a fazer conversa.

— Desculpa. Sem contar com a que tive com aquele *cowboy* abjeto e bêbedo, há algum tempo que não tenho uma. Parece-me que estou um pouco enferrujado.

— Bem, posso perguntar-te como chegaste àquele Walmart? Isto é, não deixaste lá o carro?

— Não. A embraiagem avariou a oito quilómetros, na autoestrada. Estou tão encravado como tu.

— Como é que sabes que eu *estava* encravada?

O Lee sorriu.

— Porque de contrário teríamos pegado no teu carro.

Baixei o vidro e deixei que o ar da noite me refrescasse o rosto. Pensei no Sully.

— Porquê agora? — perguntei mais para mim do que para ele.

— O que queres dizer?

— Toda a minha vida pensei que era a única —

disse eu. — Depois encontro mais duas pessoas como eu em menos de uma semana.

— Espera um segundo. Quem é a *outra*?

— Agora não posso contar-te a história toda — murmurei. — Dói-me a cabeça.

Senti que ele encolhia os ombros.

— Podes contar-me quando te sentires melhor.

— É que é tão estranho — continuei. — Ninguém e depois aparecem dois.

— E quem sabe quantos mais.

— A sério? Pensas que há muitos como nós?

Encolheu os ombros mais uma vez.

— É como qualquer outra coisa, creio. Nunca se ouviu falar e, quando se ouve, está por todo o lado. — Lancei-lhe um olhar duvidoso. — Encontramos aquilo que esperamos. É isso que quero dizer.

— Talvez. — Lembrei-me de uma professora de História que tivera três escolas atrás, quando vivíamos no Maine. A professora Anderson era jovem, bonita e bastante simpática, mas não era a favorita de nenhum aluno. Um dia, depois do último toque, estava a rever o meu teste formativo na secretária. Eu espreitava por cima do ombro dela e, quando ela se voltou e sorriu, podia jurar que sentira o cheiro no seu hálito, aquele cheiro a metal velho que se escondia por baixo do elixir bucal. Arranquei-lhe o teste da mão e fugi da sala, mas no dia seguinte ela agiu como se nada se tivesse passado.

Convenci-me de que fora imaginação minha. As pessoas não *gostavam* dela, mas não a evitavam do

mesmo modo que me evitavam a mim, e ela não se vestia de preto. Somos todos diferentes. Agora já sabia.

5

Mais uma vez, não houve surpresas: o *cowboy* bêbedo vivia sozinho. Era uma casa pequena, apenas uma sala com uma cozinha atrás e uma casa de banho junto ao quarto de dormir, à esquerda. Toda a casa cheirava como se ele nada mais tivesse feito do que fumar e beber todos os dias durante cem anos.

Deixei-me cair no sofá e olhei à minha volta. A sala era feita de painéis de aglomerado e por trás do televisor havia um poster dos KISS, do chão ao teto, numa moldura de metal amolgada. Viam-se latas de cerveja *PBR* vazias e maços de *Marlboro* em cima da mesinha, juntamente com caixas de *pizza* sujas de gordura. Encontrei uma revista aberta numa página cheia de mulheres nuas, louras oxigenadas que podiam ser feitas de plástico. Cada fotografia estava legendada com um indicativo 900. Fechei a revista e atirei-a para trás do cadeirão que estava no canto.

O Lee foi para a cozinha e investigava o monte de correio em cima da mesa, abrindo as cortinas para espreitar pela janela lateral. Até do sítio onde estava

sentada, conseguia ver que os pratos dentro do lava-loiça estavam cobertos de bolor. O Lee abriu o congelador.

— Há aqui uma caixa de *pizza* — disse. — Mas não tens fome, pois não?

Abanei a cabeça.

— Pois — disse ele. — Eu também não.

Retirei da mochila os meus artigos de toilette e o pijama e apontei para a porta da casa de banho.

— Importas-te que eu vá...?

— Não. Vai à vontade. — Sorriu à ideia de eu lhe perguntar se podia fazer isto ou aquilo, como se aquela fosse a sua casa, e eu sorri um pouco ao fechar a porta atrás de mim.

Claro que tinha uma mancha vermelha em volta da boca, no queixo e também entre os dentes. Independentemente de ele também o fazer, detestava que me tivesse visto assim. Lavei os dentes quatro vezes, gargarejei repetidamente com *Listerine*, mas ainda sentia o sabor do Andy por baixo do mentol.

Havia vários pares de *boxers* amarrotados no chão de azulejo, mesmo onde o Barry Cook os despira, e o tapete de banho parecia nunca ter visto o interior de uma máquina de lavar. Duas bolas de cocó e meia dúzia de pontas de cigarro flutuavam na sanita. Despi a *T-shirt* e os calções, esfreguei-os com um bocado de sabão debaixo da torneira e deixei-os a secar no toalheiro.

Examinei o meu corpo ao espelho. Tinha uma nódoa negra na base das costelas, outra no ombro e um

corte na testa. Parecia ter saído de uma luta de rua. Meti-me na banheira e liguei o chuveiro. A água quente sabia bem e ensaboei-me com ela cada vez mais quente, como se isso fosse suficiente para remover de cima de mim aquilo que fizera. O joelho doeu-me quando o ensaboei para lavar o saibro.

Limpei-me com a toalha mais limpa que encontrei nos cabides da porta e olhei-me de novo no espelho. Poderia ser bonita para mais alguém, além do Andy? Depois ri-me. Que diferença fazia?

Quando saí da casa de banho, o Lee estava sentado à mesa da cozinha, a mastigar um pedaço de carne seca e a ler o correio do Barry Cook.

— Pensei que não tinhas fome.

— É o hábito. — Encolheu os ombros ainda com os olhos na carta. — Ele é do Kentucky — disse enquanto mastigava. — Explica o sotaque. Há dez anos que não vai lá ver os pais. — Abanou a cabeça. — Isto é da mãe dele. Diz que o pai tem um cancro. O carimbo do correio é de há quatro meses e ele nunca a abriu. — Deu outra dentada na carne seca.

Encontrei o comando, deixei-me cair no sofá e liguei a televisão. Vi dois homens a contarem os passos, por entre montes de erva seca a rolarem com o vento, voltarem-se um para o outro e dispararem as pistolas. O Lee sentou-se no cadeirão, reparou na revista pornográfica, folheou-a durante um ou dois segundos e atirou-a para o chão.

Um homem estava estendido na terra e uma mulher de má reputação chorava por cima do seu cadáver.

— Estás a ver isto? — perguntei.

— Foste tu que ligaste a televisão.

Desliguei o aparelho e deixei cair o comando na confusão da mesinha.

— Afinal, porque estamos aqui?

— Tens outro sítio para onde ir?

Franzi o nariz.

— Por favor, diz-me que não vamos ficar aqui esta noite.

— Ninguém te obriga — disse ele. — Podes fazer o que quiseres. — Deixou-se cair na cadeira. — Olha, sei que só nos conhecemos há uma hora, mas espero que saibas que não faço tenções de ficar aqui mais do que uma noite. — Olhei para ele. — Caramba, sei que não vou ser eleito o Cidadão do Mês, mas podes acreditar em mim? É tarde e precisamos de um lugar para ficar.

— Já fizeste isto antes — disse eu.

— E tu também.

— Como é que sabes?

— Não sei. Mas não vejo como possas estar sozinha e não o ter feito.

— Tens razão — suspirei. — Mas não foi desta forma. Fui convidada. — Ele ergueu uma sobrancelha. — É verdade. — Mordisquei uma unha. — Conto-te mais tarde.

— Agora temos tempo.

— É assim... é assim que vives?

— Não todas as noites. Mas, por vezes, sim.

Não olhava para mim, mas senti que me observava.

— Bem, não sei o que achas — disse eu. — Mas já preciso que este dia acabe.

Sentei-me na beira do colchão de água, peguei no meu diário e acrescentei o nome do Andy à lista. O Lee apareceu à porta, correu e deu um salto para o colchão, que oscilou com o ruído da água agitada a fazer-se ouvir por baixo dele.

— Um colchão de água! — Ficou deitado de costas, cruzou os braços atrás da cabeça e sorriu-me. — Bem, agora só precisamos de um espelho no teto.

Senti o calor chegar-me ao rosto, porque se fôssemos pessoas diferentes — pessoas *normais* —, aquilo que ele acabara de dizer teria significado alguma coisa. Estava deitada na cama ao lado dele, não muito perto, mas também não me chegara para a beira. Estar assim perto fazia-me sentir bem. Estávamos em segurança um com o outro, a salvo um do outro. Doíam-me as costelas, mas era fácil viver com essa dor.

Devia estar a olhar para ele, porque se chegou para o lado oposto da cama e perguntou:

— O que foi?

Bocejei.

— Estou a perguntar a mim mesma se te terei imaginado.

Ele não respondeu, limitou-se a ficar deitado de costas a olhar para o teto, e o colchão de água ondulou por baixo de nós. Um navio suavemente embalado, como um berço sobre água parada. Uma sereia numa rocha, passando um pente feito de

concha pelo seu cabelo prateado.

Um pouco mais tarde abri os olhos.

— Lembras-te da tua primeira vez?

— Sim. E tu?

— Era muito pequena. Por vezes penso que me lembro, mas não creio que seja verdade.

— Mas foi alguém que te contou? A tua mãe?

Assenti.

— Quando cresci perguntei-lhe por que razão ela nunca ia a outros sítios como as outras mães. Disse-me que nunca me poderia deixar com quem quer que fosse... depois do que aconteceu.

— Pois — comentou ele. — A minha também foi a *babysitter*.

*

O Lee não estava ao meu lado quando acordei. Encontrei-o num sofá da sala, a ressonar ao de leve com a boca aberta, e senti uma pontada daquilo que provavelmente seria desilusão.

Fui à cozinha e abri o frigorífico, mas só encontrei cerveja e *ketchup*. Tirei a caixa da *pizza* do congelador, liguei o forno elétrico e meti quatro fatias na grelha.

Pouco depois alguém bateu à porta com toda a força. Acocorei-me no linóleo sujo, com o coração a bater na garganta. Era agora.

— Barry! — gritou uma mulher. — Onde está o cheque, Barry? Alguma vez te preocupas se a tua filha tem alguma coisa para comer?

Suspirei. Não era connosco — nem com o Barry, por assim dizer. Talvez o Lee lhe tivesse feito um favor. Consegui vê-la, quem quer que ela fosse, franzindo os olhos para tentar espreitar através da cortina vermelha amarrotada da janela da frente. Não conseguia ver o Lee no sofá, ou pelo menos não percebia que não se tratava do Barry. Avistei cabelo escuro, despenteado e olhos furiosos.

— Sei que estás em casa, meu estúpido!

O Lee abriu os olhos, olhou para mim, deixou-se cair silenciosamente no tapete e foi ter comigo.

As dobradiças da porta de rede guincharam num protesto às pancadas na porta da frente.

— Abre, meu pedaço de merda inútil! — Agitou a maçaneta e senti-me satisfeita por ter fechado a porta à chave na noite anterior.

— Olha. — Ele desviou a cortina da janela lateral e apontou para o *Subaru* no caminho de acesso. — Ela tem a criança no carro. Valha-me Deus!

Pensei no que vira no resto da casa: não havia brinquedos, nem livros de cartão, nem *T-shirts* pequeninas, nem sapatos com tiras de velcro. A criança nunca ficara ali.

— O que fazemos? — murmurei. Havia outra porta ao fundo da cozinha, mas o pátio das traseiras estava protegido por uma rede de arame e eu sabia que não conseguiríamos sair sem que ela nos visse.

— Seu estúpido, preguiçoso, filho da mãe! — Deu um pontapé na porta e abanou mais uma vez a porta de rede. — Desta vez não te safas, Barry. Vou voltar

com a bófia!

Ouvimo-la entrar no carro e partir. Depois juntámos as nossas coisas e saímos.

— Merda — disse o Lee. — Cortou um dos pneus da frente.

— Que vamos fazer?

Saltou para a caixa da carrinha, inclinou-se e apanhou o pneu sobresselente.

— Pelo menos tinha um sobresselente, o que é um espanto, conhecendo o Barry como conhecemos. — O Lee sorriu para consigo com ar afetado. — Ainda bem que ela estava tão irritada que nem reparou que o pneu estava cá atrás. Dás-me uma ajuda?

Passou-me o pneu e abriu a caixa da bagagem para procurar as ferramentas de que precisava. Encontrou o macaco e a chave de cruzeta e saltou da caixa.

— E se ela voltar enquanto estiveres a fazer isso?

Pousou as ferramentas no asfalto e espreitou para o tampão.

— Daqui são precisos pelo menos vinte minutos para chegar onde quer que seja. Consigo mudar o pneu em sete minutos.

— Consegues mesmo?

Vi-o apertar os dentes enquanto se servia do macaco.

— Podes cronometrar-me.

— Acredito — disse eu. Não o cronometrei, mas pareceram-me sete minutos. Trabalhou depressa, com confiança em todos os movimentos. Fiquei a pensar se o pai dele não seria mecânico.

— Vamos ter de arranjar um pneu novo, mas creio que primeiro temos de nos ir embora. Não podemos deixar que reconheçam a carrinha.

Deixou o pneu cortado no caminho de acesso. Entrámos e o Lee ligou a ignição.

— Preciso de ir a casa — disse ele.

— Onde é a tua casa?

— Num sítio chamado Tingley, na Virgínia. Logo a seguir à fronteira com o Kentucky. Para onde disseste que ias?

— Minnesota.

— Tens muita pressa?

Encolhi os ombros. Pensei que tinha feito um bom trabalho a manter a minha esperança em segredo.

— Preciso mesmo de voltar, nem que seja por umas horas — continuou. — Depois posso levar-te onde precisas de ir. É um caminho longo, mas estou disposto a isso, se também estiveres.

Fiquei completamente entusiasmada. Não consegui conter-me.

— Queres dizer que... queres que eu vá contigo? Até à Virgínia?

— A menos que tenhas uma coisa melhor para fazer — retorquiu secamente.

Apaguei o sorriso com as costas da mão.

— Não estou a dizer para sermos amigos ou isso. Mas penso que é bom termos alguém para cuidar de nós.

— E isso não é um amigo?

— Não faço ideia — disse ele. — Nunca tive

nenhum.

— De certeza que tiveste.

— Porquê? Quantos amigos tiveste?

Olhei pela janela.

— Faço amigos — disse. — Só não consigo mantê-los.

Senti que ele me deitava uma olhadela. *Foi o que pensei.*

— Raios! — exclamei. — Deixei a *pizza* no forno.

Seguimos em silêncio durante vários quilómetros. Um bando de pássaros levantou voo de um prado rodeado por abetos. O Lee ficou a olhar.

— Disseste que da última vez que ficaste em casa de alguém tinhas sido convidada.

— Queres ouvir a história toda?

— Temos muito tempo. — Quando bocejou, um bocejo longo e extravagante, pareceu, por um instante, um menino de 6 anos. — Mas debes começar pelo princípio. Se comesas a contar-me uma porção de histórias, todas desordenadas, fico confuso. — Lançou-me um olhar de lado. — De onde és?

— Nasci no Wisconsin, mas estávamos sempre a mudar.

— Oh — disse ele. — Entendo.

— Fui à Pensilvânia depois de a minha mãe ter partido. Calculei que tivesse ido para casa dos pais. — Fiz uma pausa. — Nunca conheci os meus avós. Mas mandavam-lhe postais pelos anos e pelo Natal e uma vez guardei o envelope.

— Ela estava lá?

Assenti.

— Falaste com ela?

— Não.

Olhou para mim com ar entendido.

— Provavelmente foi o melhor.

Parámos para tomar o pequeno-almoço num restaurante de beira de estrada e pedimos a uma empregada com voz rouca de fumadora, que nos tratou sempre por «queridos», para nos trazer ovos, bacon e batatas fritas caseiras. Provavelmente teria metade da idade que aparentava. Lee mandou vir café, por isso eu fiz o mesmo, embora nunca gostasse do sabor quando a minha mãe mo deixava provar.

Assim que a empregada trouxe as canecas, comecei a contar-lhe a história da Sra. Harmon, como a conhecera no supermercado e a ajudara a levar as compras, como ela me dera de comer e prometera ensinar-me a tricotar. O café tinha um sabor amargo mesmo com um daqueles copinhos brancos de leite, por isso servi-me de um segundo e mexi. Contei-lhe que tinha ido dormir a sesta e que quando me levantara a encontrara *já se sabe como*, e que quando me levantara outra vez vira o Sully inclinado sobre ela. Fui muito cuidadosa com as palavras que utilizei. Nunca me esqueci de que estávamos em público. O Lee não comentou, mas percebi que me estava a ouvir — a ouvir a sério. Apesar do que ele dizia de si próprio, sabia que era meu amigo.

O pequeno-almoço chegou.

— Nunca esperei encontrar alguém como eu — disse o Lee enquanto mastigava uma fatia de bacon.

— Imagina o meu espanto quando entrei no parque de estacionamento e te vi no carro daquele fulano.

Baixei os olhos e torci o guardanapo de papel.

— Por favor, não me lembres de tal coisa.

— Nunca o tinhas feito num carro? — Estendeu a mão para pegar noutra fatia. — Não fiques envergonhada. Um minuto depois ninguém consegue ver o que estás a fazer, com todas as janelas embaciadas. Por acaso apanhei-te no princípio.

Senti mais uma vez a cara a arder. Só nos tínhamos conhecido no dia anterior e praticamente nada sabia sobre ele, mas a verdade é que nos compreendíamos quando falávamos disfarçadamente da coisa má que ambos fazíamos. Quem nos escutasse do reservado mais próximo pensaria que eu era daquelas raparigas que fazem coisas com rapazes no banco traseiro de um carro e, por um segundo, desejei ser mesmo *esse* género de rapariga. Melhor uma galdéria do que um monstro.

Aclarei a garganta.

— De certeza que nunca conheceste outra pessoa que...?

— Não — respondeu. — És a primeira.

— Tu também, exceto o Sully.

— Afinal como era ele? Deram-se bem?

— Sim. Muito bem. — Molhei uma torrada na gema do ovo. — Era uma pessoa agradável. Estranho, mas

agradável.

— Calculo que é fácil ficar-se estranho quando se viaja sozinho. Que espécie de comedor é ele?

— É exatamente isso — disse eu lentamente. — Não é como nós. Diz que sente o cheiro nas pessoas que vão morrer, e *depois...* já sabes.

O Lee ergueu uma sobrancelha.

— E acreditas nele?

— Não me deu razões para não o fazer. — Franzi a testa. — Foi o que aconteceu com a Sra. Harmon. Nessa manhã, viu-nos no autocarro e soube logo.

Ele bebia o café com um ar pensativo.

— Creio que haverá de todas as espécies. É estranho nunca ter pensado nisso. — O Lee pousou a caneca e passou um dedo pelo prato para apanhar os restos do bacon. — Como foi que tu e ele se separaram?

— Ele disse que eu podia acompanhá-lo, mas eu queria descobrir o meu pai.

— O teu pai é a razão para ires para o Minnesota?

Assenti.

— Pensas que o teu pai é um de nós e é por isso que teve de te deixar?

Assenti mais uma vez, mas quando ele o disse daquela maneira senti-me um pouco idiota, como se a explicação fosse demasiado limpa.

— Como é que sabes que ele está no Minnesota?

— Não sei. Só sei que é de lá.

— Talvez demores algum tempo a encontrá-lo. Se é que vais encontrá-lo.

Não me ocorrera que podia não encontrar o meu pai. Não me podia dar ao luxo de pensar assim, por isso imaginava-o a pôr a tocar discos dos Beatles para eu ouvir nas manhãs de domingo, enquanto me preparava um pequeno-almoço como o que eu acabara de comer, só que melhor. Distraída, cantarolei em surdina o coro de *Eleanor Rugby*. A empregada apareceu e o Lee sorriu-lhe enquanto ela lhe voltava a encher a caneca de café. Afastou-se e ele bebeu um gole, com os olhos no tampo da mesa.

— Então porque vais a casa? — perguntei. — Vais visitar a família?

— Mais ou menos. Prometi dar à minha irmã umas lições de condução antes de ela fazer o exame.

— Vais muitas vezes a casa?

— Não, muitas vezes não.

— Há quanto tempo vives sozinho?

— Saí de casa quando tinha 17 anos.

— Que idade tens agora?

— Tenho 19. — Fez uma pausa e observou-me, como se me visse pela primeira vez. — E tu? Tens 15, 16?

— Tenho 16 — respondi, constrangida. Parecer mais nova não podia ser boa coisa quando se vivia sozinha. — Como se chama a tua irmã?

— Kayla. É uma boa miúda. — Quase podia vê-lo a pesar os factos na cabeça e a separá-los em partes... o que me queria dizer, o que não queria. — Temos pais diferentes — disse por fim. — A minha mãe, bem... é assim mesmo.

— Porque saíste de casa?

— Porque pensas que foi?

Inclinei-me e baixe a voz.

— Não estou a ver como serias um perigo para elas.

— Não importa. Sei o que sou. — Engoliu o café, ergueu as sobrancelhas e inclinou a cabeça na direção da porta.

Pagámos a conta e voltámos para a carrinha. O Lee ligou o rádio e procurou uma canção para o acompanhar enquanto conduzia.

— Gostas da Shania Twain?

— Claro.

Era uma bela manhã cheia de sol. Passámos por campos infinitos de terra acabada de lavrar, o ar cheio com o ronronar pacífico do trator. O mundo parecia outro. Pensei na bebé do Barry Cook e desejei que a mãe não estivesse sempre assim tão zangada. Tive esperança de que encontrasse outro homem, um homem bom, alguém que não bebesse muito, nem insultasse desconhecidos no corredor dos doces.

Já tínhamos entrado no Illinois quando o Lee decidiu que era seguro comprarmos um pneu novo. Parámos numa estação de serviço e entrámos.

Dei um pontapé num maço de *Marlboros* vazio e analisei o interior da carrinha. Nojento, claro. O Barry Cook não só fora o Rei do Fast-Food Drive-In, como aparentemente não conseguia distinguir a sua carrinha de um caixote do lixo. De cada vez que acabava de comer atirava a embalagem para o chão do lado do passageiro. A única coisa desagradável de

que eu não o podia culpar era da existência do saco azul e branco do Walmart escondido debaixo do banco do condutor.

Parecia que íamos passar grande parte dos nossos dias na carrinha, por isso pensei que era melhor limpá-la um pouco. Procurei um saco de plástico e comecei a recolher embalagens de hambúrgueres do McDonald's e copos vazios. Quando acabei, tinha enchido três sacos para deitar no contentor, com os restos da roupa do Andy.

O Lee saiu e sugeriu que fôssemos comprar uns artigos indispensáveis enquanto esperávamos pelo mecânico. Na loja de ferragens do outro lado da rua comprámos um jerricã de quarenta litros e o dono deixou que o enchêssemos numa bomba das traseiras. Havia também um contentor cheio de bocados de madeira e, enquanto o jerricã enchia, o Lee espreitou e retirou de lá um grande bocado de contraplacado.

— Para que é isso?

— Para fazer uma cama para a caixa.

— Hã?

— Depois vês.

Quando o mecânico terminou, o Lee pegou na carteira do Barry para pagar a conta e voltámos para a carrinha.

— Espera um instante — disse eu. — Mudaste as matrículas?

— Mudei-as por mais algum dinheiro — soltou uma pequena gargalhada. — De contrário não podíamos

continuar a conduzir a carrinha.

Ergui uma sobrancelha. O Lee olhou-me e riu-se mais uma vez.

— Quem foi que fez de ti a rainha de tudo o que é honesto e decente?

Quando anoiteceu já tínhamos entrado no Kentucky há um par de horas.

— Que tal dormirmos ao relento? Há um parque estatal aqui perto. É seguro. Já cá dormi.

— O que fazes quando está frio lá fora?

Ele sorriu.

— Vou para sul.

Metemos pelo caminho para o parque, mas não vi letreiros a indicar parques para campismo. O Lee parou numa pequena reentrância diante de uma placa da flora e fauna local, com setas azuis a assinalar os vários trilhos pedestres que se podiam seguir para as apreciar.

— Tens uma tenda? — perguntei.

— Não precisamos. Podemos dormir lá atrás.

Quando ele mencionara uma cama para a caixa, não me apercebera de que o dissera no sentido literal.

— E se alguém nos encontra?

— Não encontram. Partimos de manhã cedo.

— Mas porquê o contraplacado?

— Mesmo no verão, o metal pode ficar muito frio. Não faz sentido comprar uma placa de espuma. Desfazia-se em pouco tempo e, de qualquer forma,

não é muito mais confortável.

— Pensas em tudo — disse eu.

Ele encolheu os ombros.

— Quando nos encontramos fora de casa e sozinhos sem as coisas necessárias, num instante passamos a ser práticos. — Vi-o tirar da mochila todo o tipo de coisas úteis: um saco-cama e um cobertor, uma lanterna, uma panela de metal, um punhado de isqueiros *Bic* («Recordações», disse ele, franzindo os lábios) e um pequeno fogão a gás. — Que tal sopa de feijão para o jantar?

— Perfeito — respondi.

Como por magia, duas canecas de metal, duas colheres e um pacote de sopa instantânea saíram da mochila, que ainda estava bastante cheia. O Lee pousou tudo sobre uma velha mesa de piquenique marcada com iniciais de pessoas que certamente já não estavam apaixonadas. A floresta vibrava com o canto das cigarras. Na escuridão que se aproximava, o meu novo amigo cozinhou o jantar, enquanto eu peguei na lanterna para escrever no diário.

— Lee?

— Sim?

— Que estavas a fazer no Iowa?

— Fazes sempre assim tantas perguntas?

— Geralmente faço. — Fiz uma pausa. — Se alguma vez te apetecer deixar-me por aí, avisas-me por favor?

O Lee inclinou a cabeça.

— Que tipo de pergunta é essa?

Falei-lhe da Samantha, na esperança de que me dissesse que nunca lhe apeteceria deixar-me por aí, mas afirmou apenas: «Não gosto de pessoas que voltam com a palavra atrás» e a resposta pareceu-me tão boa como uma promessa.

Assim que escureceu completamente, instalámo-nos na cama da caixa. O Lee deu-me o saco-cama e dobrou o cobertor para ele — e durante algum tempo falámos de coisas que nada tinham que ver com um pai perdido ou os riscos de pedir boleia, ou coisas que não deviam ser comidas. Ele ergueu o dedo para apontar para as constelações que ia inventando — uma girafa, um aeroplano, uma bolacha com pepitas de chocolate — e aquilo fez-me lembrar do Jamie Gash, e foi por culpa minha que a conversa se extinguiu num silêncio embaraçoso. Mais uma vez fui a primeira a adormecer, não que dormisse bem e, mais uma vez, o Lee não estava a meu lado quando acordei. O cérebro chocalhava-me dentro da cabeça por ter estado deitada toda a noite no contraplacado.

O Lee estava sentado à mesa de piquenique a ferver água para o café no fogão de campismo. Entregou-me a caneca de metal a fumegar e bebemos rapidamente e em silêncio, antes de voltarmos para a carrinha e nos fazermos à estrada. Ergui os olhos para o céu que clareava e pensei no meu pai. O Francis Yearly encontrava-se algures — algures atrás de nós, mas não por muito tempo. Nesse momento tinha a certeza de que ele partira por pensar que assim eu estaria mais segura.

— Alguma vez foste à procura do teu pai? — perguntei.

— Não. Não tinha maneira de o encontrar mesmo que quisesse.

— Mas nunca pensas nisso? Tipo, se houvesse maneira de o encontrar ias à procura dele?

— Nada disso. Se alguma vez nos encontrássemos, ele acabaria morto. — Ri-me e ele fez o mesmo, porém o seu riso transformou-se num silêncio pensativo. — Julgas que a tua mãe tinha medo de ti? — Senti o estômago às voltas. Olhei para ele. — Desculpa — disse o Lee. — Talvez não devesse ter perguntado.

Quando parámos mais uma vez para meter gasolina, fechei-me na casa de banho da loja de conveniência. O chão estava nojento e não fui capaz de me sentar, por isso acocorei-me, meti a cabeça entre os joelhos e chorei.

A verdade é como as mandíbulas de um monstro à nossa espera, um monstro mais ameaçador do que alguma vez serei. Abre a boca por baixo dos nossos pés e não podemos escapar-lhe e, assim que caímos, transforma-nos em bocados. Claro que, em parte, já me ocorrera que a minha mãe tivesse medo de mim, mas agora que alguém transformara essa ideia em palavras, tornava tudo isso mais provável. Ela nunca me amara, pois não? Sentira-se responsável por mim, como se tudo o que eu fizesse fosse culpa sua por me ter trazido ao mundo. Toda a bondade que me mostrara tivera origem na culpa, não no amor.

Estivera sempre à espera de que eu tivesse idade suficiente para me desembaraçar sozinha.

Dei um salto quando ouvi baterem à porta.

— Maren? Estás bem?

— Sim. — Agarrei numa folha de papel higiénico. — Saio num instante. — Assoei-me várias vezes e vi o que me saía do nariz. O que quer que acontecesse, por muito más que fossem as coisas, sentia-me sempre melhor quando olhava para o meu próprio ranho.

Quando abri a porta, o Lee estava logo ali.

— Precisas de vir? — perguntei.

— Não. — Continuava a olhar para mim, de braços cruzados e testa franzida. Por um segundo pensei que me ia abraçar, mas deu meia-volta e dirigiu-se à carrinha. Quando abri a porta do lugar do passageiro, encontrei à minha espera, sobre o assento, uma lata de *Coca-Cola* e qualquer coisa embrulhada em papel de alumínio. — Imaginei que tivesses fome — disse ele, dando uma dentada na sua sanduíche. Carne assada.

— Obrigada — disse eu. Nem consegui prová-la. A minha mãe dava-me de comer, mas sempre desejando poder meter-me numa jaula. Não era um jantar que me fazia todas as noites, era um sacrifício.

— Olha, lamento se te perturbei — disse o Lee. — Mas não vou andar com pezinhos de lã em volta dos teus sentimentos.

Encolhi os ombros e olhei pela janela.

Chegámos a Tingley já noite dentro. O Lee

estacionou paralelo ao passeio num bairro de casas estreitas de dois andares, que parecia arreigado à recordação da respeitabilidade de classe média. As janelas e as portas de uma ou duas casas estavam entaipadas e o silêncio era tal que consegui ouvir o zumbido das lâmpadas fluorescentes nos candeeiros da rua. Saímos da carrinha, segui-o pelo passeio e passámos por algumas casas antes que ele tomasse um caminho de acesso. Tratava-se de uma casa de aspeto triste, com ervas daninhas a crescerem nos canteiros ao longo do passeio fronteiro.

— De quem é esta casa? — perguntei num murmúrio.

— Já não é de ninguém. — Olhou para mim enquanto se curvava para retirar uma chave de baixo do tapete gasto pelas intempéries. — Oh, descansa. Era da minha tia-avó, que morreu há dois meses. Ninguém a quer comprar.

— Os meus pêssames — senti-me estúpida por dizer aquilo, mas não podia ficar calada.

— Pois, sim, bem... — Encolheu os ombros e rodou a chave na fechadura. — Podemos ficar aqui esta noite. Amanhã de manhã tenho de ir procurar a minha irmã e, a seguir, voltamos para o Minnesota.

Pelos vistos, a parente do Lee não mantivera a casa tão arrumada como a Sra. Harmon. Cheirava a mofo, a doença e a falta de uso. Estendi a mão para o interruptor da luz e o Lee levantou a mão para me impedir.

— Ninguém pode saber que aqui estamos. Tenta

não bater em nada.

— Mas não consigo ver!

— Vais habituar-te.

Estávamos numa pequena cozinha. Com a luz da rua, apercebi-me de que havia um candeeiro de vidro sobre uma mesa redonda à nossa direita, uma bancada em forma de L ao longo da parede da esquerda e um frigorífico. De repente pensei em comida e o Lee deve ter tido a mesma ideia, pois abriu um armário por cima do fogão e espreitou lá para dentro.

— Boa! Ainda aqui há sopa e feijão.

Pousou as latas na bancada, abriu outra gaveta e tirou de lá um abre-latas. Comemos sopa aquecida no micro-ondas e depois peguei no meu diário e na lanterna.

— Estás sempre a escrever nesse livro.

Encolhi os ombros.

— Posso ver as imagens?

Entreguei-lho.

— Não leias o que está escrito, OK?

— Claro.

A fita-cola estalava em volta das gravuras à medida que ele passava as páginas. Olhou para a imagem que eu encontrara num livro da biblioteca com o título de *Estranhas e Maravilhosas Lendas da Escócia*. A legenda dizia: «A polícia descobre o antro de Sawney Beane e do seu clã de canibais.» Havia montes de ossos nos cantos, membros pendurados no teto, dezenas de rostos a espreitar da escuridão e um

caldeirão borbulhante ao cuidado de uma velha bruxa, que devia ser a mulher de Sawney, com as presas iluminadas pela fogueira. Na entrada da caverna viam-se homens fardados, de boca aberta, horrorizados com as provas de uma carnificina de décadas. O próprio Sawney erguia um machado contra os intrusos.

Antes desse dia, nunca me imaginara nessa caverna. Agora quase parecia acolhedora.

— Que sinistro — disse por fim o Lee e voltou a página para a fotocópia de *Saturno Devorando o Filho*. Apontou com o dedo para o sítio onde deveria estar a cabeça da criança. — Uma vez vi esta pintura num livro. Fez-me pensar se não seria um de nós.

— Quem, o Goya?

— É esse o nome dele? — Fechou o caderno e fê-lo deslizar sobre a mesa. — Parece um livro de monstros.

Passei os dedos sobre a capa marmoreada preta e branca.

— Faz-me sentir menos só.

Ele levantou-se e lavou os pratos.

— Vou dormir no sofá da sala. Podes ficar com o quarto no cimo das escadas, à direita. É o que tem a melhor cama. Mas não acendas a luz nem abras as janelas. Os vizinhos dão conta de tudo.

Era um pouco como estar de novo na casa da Sra. Harmon, só que não era tão confortável pois não fora convidada. Enquanto subia, apontava a lanterna para as molduras com as fotografias da família em todas as

paredes e nas cómodas, mas não vi nenhuma do Lee.

O colchão era velho e as molas da cama espetavam-se nas minhas costelas. Fiquei acordada durante muito tempo e o ar do quarto pesava sobre mim como um *gremlin*. Quando por fim adormeci, sonhei que corria por longos corredores escuros em ziguezague. Havia palavras escritas nas paredes com letras que escorriam. Sabia que fora o meu pai que pintara as palavras, mas eu não conseguia lê-las. O cheiro dos sonhos não se sente, mas sabia que estavam a atrair-me com o cheiro do jantar.

6

Desci de manhã e encontrei um recado sobre a mesa: *Lição de condução. Volto em breve*. Tive medo de sair de casa não fosse alguém ver-me, mas sentia-me pouco à vontade ficando lá dentro. E se o agente da imobiliária aparecesse?

Não podia mesmo fazer nada. Assim, peguei nas agulhas e na lã da Sra. Harmon e tentei fazer umas voltas de tricô. Tricotar, ou pelo menos tentar, fazia-me sentir normal. Liguei a televisão e vi *O Preço Certo*. Quando ouvi a porta bater, desliguei-a e fui em bicos de pés até à cozinha.

Ainda com o chapéu de *cowboy* na cabeça, o Lee estava a passar os enlatados dos armários para um caixote de plástico que pousara sobre a bancada. Apontou para um saco do McDonald's em cima da mesa.

— Trouxe-te o pequeno-almoço.

Agradei-lhe e, enquanto engolia avidamente o meu Egg McMuffin, vi uma miúda subir a rua de bicicleta e seguir pelo caminho de acesso. Desmontou e baixou

o apoio com a biqueira da sandália.

— Quem é?

O Lee olhou pela janela e suspirou.

— A minha irmã. Vou falar com ela. — Fez uma pausa. — Será melhor que fiques cá dentro.

— Porquê?

— Não te ofendas, por favor.

— Mas...

Ele saiu deixando que a porta de rede batesse atrás dele e a irmã saltou-lhe para os braços. Era de facto muito bonita, bronzeada e de olhos verdes como os ele, mas teria sido ainda mais bonita sem tanta maquilhagem. Aproximei-me discretamente da porta para a ver melhor. Lá se ia o plano de nos escondermos dos vizinhos.

— Que estás aqui a fazer? — Ouvi-o perguntar. — Já faltaste a várias aulas para um só dia.

A Kayla sorriu.

— A culpa é tua que não vieste no fim de semana.

— Tens razão, devia ter organizado melhor as coisas. Agora volta para a escola.

— De qualquer forma, podemos despedir-nos até para o ano. — Os desenhos dentados das unhas dela, de um azul-elétrico, refletiam a luz. Pintara-as havia umas semanas. — Diverti-me tanto esta manhã, Lee. Foi tão fácil fingir que nunca te foste embora.

— Também me diverti.

— Não tens saudades minhas, quando não estás cá?

— Sabes que és a única pessoa no mundo de quem tenho saudades. — A Kayla lançou-lhe um olhar

duvidoso. — Não vás por aí que não vale a pena — recomendou ele.

— Então e a mãe?

— A mãe o quê?

— Está mesmo preocupada contigo.

O Lee enfiou as mãos nos bolsos e deu um pontapé numa pedra do passeio.

— Estás a brincar com quem?

— Pronto. *Eu* estou preocupada.

— Lamento, Kay. Quem me dera não ter de ir.

— Mas *não* tens mesmo!

— Tenho sim. Sabes que tenho.

— Não sei porquê, Lee. Nunca me dizes nada. Posso não voltar a ver-te durante meses!

— Prometo que não será tanto tempo desta vez.

— Com quem vou comemorar quando passar no exame?

Ele sorriu.

— Se passares no exame.

— Se não passar, a culpa será tua por não me teres dado lições suficientes. — A Kayla olha para trás e vê-me atrás da porta de rede.

— Quem é aquela?

O Lee volta-se e lança-me um olhar frio. Sabia que não devia estar a ouvir, mas preferia que ele se aborrecesse comigo a que mais tarde evitasse as minhas perguntas. Sorri à Kayla e fiz-lhe um pequeno aceno. Ela retribuiu o sorriso, mas apenas com os lábios. *Não gosta de mim*, pensei. *Não gosta de mim porque eu estou com o irmão e ela não.*

— É a tua namorada? Posso conhecê-la?

— É apenas uma amiga. Talvez a conheças noutra ocasião.

Dá-lhe mais um abraço apertado.

— Não podemos ficar. Só precisava de te ver, para ter a certeza de que estavas bem.

— Ficaria muito melhor se viesses para casa.

Ele afastou-se dela, erguendo a mão para se despedir.

— Lamento, Kay. A sério.

Ela cruzou os braços e franziu a testa.

— Odeio isto, Lee. *Odeio* que faças isto.

— Vemo-nos em breve. Passo por casa e celebraremos a tua carta de condução com um filme ou outra coisa qualquer.

— E odeio *mesmo* esse chapéu — disse nas costas dele.

— Bem sei — respondeu o Lee. — Ouvi-te das primeiras três vezes.

Desviei-me para o deixar entrar. A Kayla ainda estava no passeio, com a cabeça baixa e a esfregar os olhos. Afastei-me da porta de rede.

O Lee estava a guardar as últimas coisas na sua mochila.

— Já arranjaste as tuas coisas?

Pelos cálculos dele, demoraríamos três dias a chegar ao Minnesota por uma estrada mais a norte da que a percorrêramos até Tingley: atravessámos as Montanhas Apalaches, fomos da Virgínia Ocidental ao

Ohio, depois ao Indiana, subimos para Chicago e atravessámos o Wisconsin. Quanto mais caminho percorríamos, mais eu sentia o murmúrio da excitação a sair da boca do estômago para me chegar aos membros e me rodear o coração. Cada quilómetro percorrido me levava para mais perto do meu pai.

Quase no fim de um dia de viagem, calculei que esperara o suficiente para abordar o tema da Kayla.

— Então, como se saiu ela?

— Hã?

— A lição de condução. Como correu?

— Oh — disse ele. — Correu bem. Creio que vai passar no exame.

— Ensinaste-a com a carrinha?

— Sim. Imaginei que se conseguisse dar conta desta coisa, não teria problemas com o carro da minha mãe.

— Vai ter um carro só dela, se passar?

O Lee fez uma pausa antes de responder e eu comecei a pensar que estava de novo a fazer demasiadas perguntas.

— Não creio — disse ele por fim. — Ela trabalha numa gelataria, mas, mesmo assim, não estou a ver como se possa dar a esse luxo. Quem me dera poder comprar-lhe um carro.

Um pensamento formou-se dentro da minha cabeça e apresentou-se antes de que o pudesse afastar. *Podias oferecer-lhe um carro e não terias de pagar um cêntimo.*

— Só quero que ela possa partir se for preciso, sabes? Basta um carro que ande e já tem essa liberdade. Que diabo, nem sequer é preciso carta — suspirou. — Odeio saber que está encurralada naquela casa com a minha mãe.

Abri completamente a janela e pus a cabeça de fora. *Mereces estar falida e sozinha por pensares coisas assim.*

— Nunca pensaste em trazê-la contigo? — perguntei.

— Não. Ela merece melhor. — Enquanto falava inclinava-se no assento agarrando o volante com as duas mãos. — Quero que vá para a faculdade. Quero que tenha uma vida normal. Uma vida *boa*.

— Tenho a certeza de que terá. — Ele lançou-me um olhar cético. — Achas que, talvez... se tivermos tempo e houver um bom sítio... talvez me possas também ensinar a conduzir?

O Lee revirou os olhos, mas pelo menos sorria.

— Caramba! — disse. — A seguir vais pedir-me que seja o teu par no baile de finalistas.

Voltei-me mais uma vez para a janela para que ele não visse como eu corara.

— Então, não me ensinas?

— Sim, ensino-te. Quando escurecer, vamos arranjar um parque de estacionamento algures, depois de as lojas fecharem.

— Desde que não seja o do Walmart — disse eu e ele riu-se.

A minha primeira aula de condução teve lugar algures no Ohio, no parque de estacionamento de um Home Depot, e não foi um sucesso. Tive dificuldade em lembrar-me de que tinha de carregar na embraiagem para meter as mudanças e estremecia de cada vez que ouvia o ranger queixoso de metal sobre metal.

Porém, o Lee era um bom professor.

— Tudo bem — disse. — Tens de ir devagar. Fica em primeira. Por enquanto começa por te habituares a estar atrás do volante.

Uma hora depois trocámos de lugar e fomos buscar uma *pizza* com queijo extra e chourição. O jantar aqueceu-me o colo enquanto saímos do território de centros comerciais. O plano era continuarmos a acampar até Sandhorn, num qualquer parque estatal mais ou menos no caminho que o Lee traçara para mim, no seu mapa de estradas muito manuseado.

A *pizza* estava fria quando encontrámos um lugar na mata onde pudéssemos parar, mas devorámo-la de qualquer maneira com as pernas para fora da nossa cama. Usei a mochila como apoio de cabeça e ele perguntou:

— Porque é que a tua mochila é tão grande?

— É tudo o que tenho. Claro que tem de caber numa mala assim.

Encolheu os ombros.

— Podes sempre viajar com pouca coisa.

— Mas precisamos de coisas. Uma lanterna. Mapas. Uma muda de roupa. Uma coisa onde possamos

dormir, coisas para cozinhar.

— Tens alguma dessas coisas na *tua* mochila? — Olhou para mim e esperou um momento. — Vá lá. Deixa-me ver o que tens aí dentro.

Alarguei o cordão e abri o saco. O Lee inclinou-se para espreitar lá para dentro. Principalmente livros e umas peças de vestuário.

— Estes livros não são teus — comentou.

— Alguns são.

— Quais?

Dividi os livros em dois montes sobre a cama — os meus e os deles. Os meus: *Alice Anotada*; *O Senhor dos Anéis*, três em um, que a minha mãe me oferecera no meu aniversário; *As Crónicas de Narnia*, também num só volume; e o livro do circo dos Irmãos Ringling, que o Lee escolheu para folhear.

Depois pegou no primeiro livro do segundo monte: *À Boleia pela Galáxia*.

— Fala-me dele.

Suspirei.

— Era do Kevin. Levou-me ao quarto dele depois da escola para estudarmos juntos para um teste de História. Os pais ainda não tinham chegado a casa. Nunca ninguém soube que lá estive. — Fiz uma pausa. — Era o que acontecia muitas vezes. Um rapaz arranjava uma desculpa para me convidar depois da escola, e...

— Sim, bem sei. — A seguir apanhou a *Volta ao Mundo em Oitenta Dias*.

— Do Marcus. Há dois anos seguiu-me até casa

depois do cortejo do Dia de São Patrício, em Barron Falls.

Escolhe a Tua Aventura: *Escape from Utopia*.

— O Luke, do acampamento de verão, quando eu tinha 8 anos. Foi o primeiro. Isto é, depois da Penny.

— A Penny era a tua *babysitter*?

— Sim. — Tirei-lhe o livro da mão e passei os dedos sobre a ilustração da capa, a imagem de um rapaz e de uma rapariga que fugiam da selva, com o abismo a abrir-se debaixo dos pés. — O Luke queria ser guarda-florestal.

— Não podes pensar nessas coisas.

Pousei o livro no monte.

— Falar é fácil. — Mas logo me senti invadida por uma sensação estranha, como se já não me importasse com o que o Luke queria para a sua vida.

Não, não. *O Lee* é que não se importava. Não tinha de se importar.

Pousou *O Mestre e Margarita* sobre o monte que estava a fazer.

— Este já eu conheço. Do Andy, não é verdade?

Assenti. Continuámos naquilo até o Lee ter examinado todos os livros do meu saco. Encontrou o Norte com a bússola fluorescente do Dmitri e depois abriu a caixinha castanha onde estavam os óculos de aros de tartaruga.

— Como se chamava?

— Jamie.

— Não conseguiste deixar os óculos dele — disse o Lee em voz baixa. — De contrário, saberiam que algo

lhe tinha acontecido. — Pousou a caixa dos óculos sobre o monte de livros. — Estão aqui todos?

Abanei a cabeça.

— Não guardei nada da primeira vez.

— A tua *babysitter* foi a única rapariga?

Fiz um gesto afirmativo.

— E porque pensas que seja assim?

— Não sei. As raparigas na escola nunca queriam ser minhas amigas.

— Sorte delas.

Durante um ou dois minutos arranquei a crosta do meu joelho. Não podia permitir que o que ele dissera me magoasse. Mais uma vez, o Lee tinha razão.

Pegou nos livros e voltou a metê-los na minha mochila.

— Nunca gostei muito de ler.

— Quando eras pequeno, a tua mãe não te lia histórias antes de adormeceres? — Ele abanou a cabeça. — Nunca lia para ti?

— Já te disse que ela não era esse tipo de mãe.

— Então nunca te interessaste por romances.

— Creio que é porque não vejo razão para tal. Tudo o que nos diziam na escola, que devíamos ler todos esses livros e fazer todas essas coisas para melhorarmos. Como se aprender palavras mais compridas nos tornasse pessoas melhores.

— Não é nada disso.

— Não vale a pena. Não *posso* melhorar-me.

— Mas não é por isso que leio. Quando leio um livro posso ser outra pessoa. Durante duzentas ou

trezentas páginas posso ter os problemas de uma pessoa normal... mesmo que essa pessoa viaje através do tempo ou combata os extraterrestres. — Passei a mão por *O Mestre e Margarita*. — Preciso de livros. São tudo o que tenho.

Ele lançou-me um olhar como se tivesse pena de mim.

Queria saber mais acerca da irmã e da mãe dele, e do que ele fazia para arranjar dinheiro, além de ficar com o das pessoas que já não precisavam de o ter e também, o que acontecera para ele ter tido de se esgueirar da sua cidade. Isto é, fazia ideia, mas queria a *história*.

Comecei por fazer as perguntas a que, muito provavelmente, ele responderia.

— O que fazias antes de nos encontrarmos? Como arranjias dinheiro para viver?

— Trabalho principalmente em quintas. Por vezes fico um ou dois dias, outras vezes, mais tempo. Depende da quinta e daquilo para que precisam de mim.

— E o que fazes durante o inverno?

— No ano passado fui para a Florida — disse. — Nessa altura conduzia um *Camaro* velho, era esse o carro que tinha, estacionava-o na praia e dormia numa tenda nas dunas — riu-se. — Creio que isso faz de mim uma ave de arribação.

— Estavas sozinho?

— Estou sempre sozinho. — Lancei-lhe um olhar. —

A exceção és tu.

Mais valia lembrar-se tarde do que nunca.

— Pensas voltar diretamente para Tingley, depois de me deixares em Sandhorn?

— Creio que dependerá do que lá encontrares.

Aquilo encorajou-me.

— Quero dizer, depois de eu ter resolvido as minhas coisas. Depois de ter encontrado o meu pai. E depois?

— Sim — respondeu. — Então volto.

— Ela sabe?

— Quem? A minha irmã? Ou a minha mãe?

— Qualquer uma. Ambas.

— A minha mãe não sabe. A minha irmã... bem, sabe que há qualquer coisa de errado comigo, mas espero que nunca se aperceba de toda a verdade — olhou para mim. — Creio que tenho sorte. Para mim é mais fácil esconder.

— O que é que aconteceu?

— Um dia conto-te. Hoje não.

— Então posso fazer-te uma pergunta diferente?

— Depende da pergunta.

— Porque é que comeste a tua *babysitter*?

Ele fez uma expressão de desprezo.

— Era uma cabra sádica, foi por isso. Fazia-me perguntas e, se eu não respondesse, dava-me beliscões. *Qual é a capital do Mississípi? Porque é que uma vaca tem três estômagos?* Merdas como essas. Chamava-lhe Pinkerwitch. Já não me lembro do nome dela, mas creio que seria Pinker. Vivia ao fundo da rua. Creio que tinha inveja por não poder ter

filhos. E ainda bem que não tinha. Não me recordo exatamente da cara dela, só que tinha os dentes muito compridos e eu detestava quando ela fingia sorrir. Mas lembro-me do cheiro dela. Era rançoso, azedo, como se tivesse estado fechada num quarto durante anos, sempre a falar, a falar, nada mais além de palavras más, e nunca lavasse os dentes.

Senti-me um pouco intimidada. Ele nunca falara tanto de uma só vez.

— Que idade tinhas?

— Não tinha idade para saber qual é a capital do Mississípi. Ela tinha sempre o cuidado de bater em partes do meu corpo onde parecesse que eu tinha caído no parque infantil, magoado o braço nos espaldares ou coisa assim. Disse-te que a minha mãe fez muitas coisas estúpidas na vida, mas ela não era assim *tão* estúpida. Na última vez que aconteceu... o dia em que comi a bruxa... lembro-me de a minha mãe se ter ajoelhado e segredado ao meu ouvido, antes de sair. Disse: *Esta será a última vez que terás de ficar com ela, prometo. Não consegui arranjar mais ninguém.* A Kayla era bebé e a minha mãe teve de a levar ao médico. Não sei porque não me levou também... eu não era a melhor criança do mundo, mas sabia portar-me bem e estar calado, se ela me explicasse que era importante.

»De qualquer maneira, não acreditava que fosse mesmo a última vez... a minha mãe dizia essas coisas, mas depois não cumpria... por isso, nesse dia, algo explodiu dentro de mim.

— Como foi? A primeira vez?

O Lee soltou um longo assobio em surdina.

— Senti uma agitação enorme. De cada vez que o faço, sinto-me agitado. Sabia que qualquer pessoa pensaria que aquilo não estava certo, mas ainda assim sentia-me uma estranha espécie de super-herói.

Seguimos em silêncio mais um ou dois minutos e depois eu disse:

— Já que tenho de ser assim, quem me dera ser como tu.

— Não é assim tão diferente.

Olhei para ele.

— É *completamente* diferente.

— *Eles* são diferentes. Mas *gostas* tanto como eu.

Senti uma onda quente de raiva na boca do estômago.

— Não é verdade — disse em voz baixa. — Só dizes isso porque não entendes. Só sabes como é para *ti*. — Mas uma parte de mim fugia, fugia do Lee para entrar na escuridão.

— Já te disse, Maren, não vou dizer-te só o que gostas de ouvir.

Tapei os olhos com as mãos. Não queria ver o que era evidente.

— Não compreendes.

— Compreendo. Sabes que sim. — Esperou que eu o admitisse, depois desistiu. — Tudo bem — afirmou. — Ganhaste. Então acabou a conversa, não é verdade?

— Não — respondi eu, mas só porque me queria esquecer de tudo aquilo. — Continua, estavas a falar da Pinkerwitch.

— Pois sim. Até dessa primeira vez, percebi que tinha de limpar tudo. Quando a minha mãe voltou, imaginou que a Pinkerwitch se tivesse ido embora para casa, deixando-me ali. Mesmo quando um dos outros vizinhos foi lá a casa dizer que ela tinha desaparecido, nunca suspeitou que eu tivesse alguma coisa que ver com aquilo. *Creio que é o que acontece às babysitters que não prestam.* Lembro-me de ela ter dito isso.

— Não tens saudades dela?

— Da minha mãe? Não, que raio. Talvez ela tenha bom coração, mas tudo o que faz põe-me louco. Bebe demais, com homens que não prestam, nunca acabou a escola porque desistiu para me ter, por fim deixou de ser apoiada pela segurança social, mas arranjava empregos tão maus que nunca ficava neles muito tempo. E a pior parte eram os namorados. Começou a sair com um estúpido que toda a gente na cidade sabia que tinha ido parar à cadeia por espancar a mulher e ela dizia que eu não o conhecia verdadeiramente e que devia dar-lhe uma oportunidade. Houve outros tão maus como esse. Nunca conheci o meu pai nem o da Kayla — suspirou. — Mesmo se eu não fosse como sou, seria muito difícil ficar junto dela. Fico frustrado com o que ela faz, sabes.

— Sim.

— Sempre quis que ela arranjasse um homem bom, um homem que ficasse. Os outros miúdos tinham pais. Fulanos que faziam coisas com eles. Não me parecia que fosse tão difícil para a minha mãe arranjar um homem assim.

— Mas nunca arranjou.

Ele abanou a cabeça.

— Como é a tua mãe? — Afastou os olhos da estrada e olhou para mim à espera de uma resposta. Não estava a fazer conversa. Queria saber e não se importava que eu não quisesse falar do assunto.

— Consegue datilografar noventa palavras por minuto.

O Lee soltou um assobio de apreço.

— Que mais?

— Não cozinha de verdade. Muitas vezes jantámos tostas de queijo e canja de *noodles* de lata.

— Podia ser pior do que jantar tostas de queijo e canja de lata. Que mais?

— Costumava inclinar-se sobre a banheira para pintar o cabelo. — Pensei naquelas noites em que nos enroscávamos no sofá debaixo dos edredões a ver *Não o Levarás Contigo*, o cabelo dela coberto por uma toalha que enrolava à volta da cabeça. — E gostava de ver a *Serenata à Chuva*, o *Natal Branco*, e todos os do Frank Capra.

— Quem é o Frank Capra?

— O realizador de *Do Céu Caiu Uma Estrela*.

— Nunca vi.

— Dá sempre na televisão, pelo Natal. É um

clássico.

— Nunca ninguém queria ver essas coisas na minha casa — disse, com um sorriso irónico. — Os musicais são pirosos.

— E então? — perguntei. — São o melhor tipo de fantasia. Todas estas pessoas tão bonitas que do nada começam a cantar, porque falar acerca do que sentem não é suficiente.

O Lee contemplou-me como se da minha boca tivesse saído um peixinho dourado. Corei e ele foi mais simpático.

— Continua — disse.

— Lia muito, mas não ficava com os livros quando os acabava. Podia meter todos os seus pertences numa única mala.

— Alguma vez gritou contigo?

— Não.

— Alguma vez te disse que eras um monstro?

— Não.

— Alguma vez te viu fazer aquilo?

Estremeci.

— Credo... não.

— Mas disseste-lhe?

— Teve de ser. De qualquer forma, ela teria descoberto.

— Mas não foi por isso que lhe disseste.

— Não. Creio que não.

— Querias que ela emendasse as coisas.

— É assim quando somos pequenos. Pensamos que a nossa mãe pode reparar tudo.

O Lee sorriu.

— A minha mãe não.

— Pois — respondi. — Desculpa.

Folhee o mapa de estradas que tinha no colo. Na manhã seguinte passaríamos perto de Chicago.

— Olha — disse ele. — Queres conduzir o resto do caminho até ao parque? Há pouco trânsito e podes manter-te na faixa da direita.

— Não consigo. Ainda não estou preparada.

Ele encolheu os ombros.

— Estás preparada quando disseres que estás preparada. Tens a certeza de que não queres experimentar?

Se eu recusasse, ele ver-me-ia de uma forma menos positiva. Por isso passei uma hora tensa atrás do volante, recordando a mim própria que tinha de pisar a embraiagem antes de meter as mudanças. Alguns carros passavam a acelerar na faixa da esquerda fazendo soar as buzinas.

— Não lhes dê atenção — aconselhou o Lee. — Estás a ir muito bem.

Não nos envolvemos em nenhum acidente nem fomos mandados parar pela polícia, o que considerei um sucesso.

Depois do jantar deitámo-nos na caixa e o Lee ligou o transístor. A princípio, em onda média, conseguíamos apenas sintonizar jogos de futebol ou disparates políticos, mas depois sintonizei isto:

— ... *Sabem, somos todos irmãos e irmãs, apesar de*

muitas vezes não agirmos como tal. Todos, na fila da caixa do supermercado, todos os que esperam connosco que mude o semáforo, todos os que passam por nós, todas as manhãs a caminho do emprego...

O homem falava como um pregador antiquado, mas, de facto, o que dizia fazia algum sentido. Tinha uma voz intensa, trémula, maravilhosa e eu fiquei ali deitada a olhar para o rádio entre nós sobre o contraplacado, a escutá-lo como se a minha vida dependesse disso.

— A nossa colega que parece não conseguir dizer nada simpático a ou a respeito de alguém é nossa irmã. O ladrão que entrou na nossa casa e esvaziou o cofre das nossas joias é nosso irmão. Temos de nos perdoar uns aos outros!

Consegui imaginar claramente o orador: alto e magro, com um nariz comprido, uma maçã de adão saliente e um ar muito circunspeto no seu fato cinzento e laço vermelho.

Só me apercebi de que o programa de rádio era ao vivo quando se ouviu um coro de vozes (não muito altas, pois estavam longe do microfone):

— Ámen! Diga-nos, reverendo!

O pregador continuou:

— Porém, só nos poderemos perdoar uns aos outros, quando nos tivermos perdoado a nós mesmos.

Observava o público através dos óculos escuros muito graduados, como os homens costumavam usar nos anos 60, e tinha uma pequena cicatriz numa sobrelanceira onde o patim de gelo da irmã o cortara,

quando tinha 6 anos.

O público respondeu de forma calorosa e retumbante.

— *Aleluia! Perdoa e sê perdoado, irmão!*

Tinham percorrido longas distâncias para estarem ali naquela noite, apesar de já lá terem ido muitas vezes para o ver. Era uma daquelas igrejas em que os fiéis balançavam, tremiam e gritavam para louvar o homem que morrera pelos pecados dos outros. (Nunca fora capaz de imaginar exatamente como aquilo funcionava.)

— *É por isso que aqui estamos, não é verdade? Perdão. É por isso que aqui estás, não é verdade, irmão?*

— *Claro, reverendo* — respondeu uma voz distante.

Fechei os olhos e vi-me diante da multidão. O homem do laço encarnado voltou-se para mim e estendeu as mãos para me dar as boas-vindas.

— *E tu, irmã? Porque estás aqui?*

Abri a boca, mas alguém respondeu por mim numa voz fervorosa saída do rádio:

— *Para perdoar e ser perdoada.*

O Lee bocejou.

— Onde quer que se vá neste país, só se ouvem os fanáticos de Jesus na rádio.

— Este fulano não é um vulgar fanático de Jesus — respondi. — Gosto do que ele tem a dizer.

— Pois, pois. Atraem-te com toda essa agradável conversa de amor e aceitação, depois, assim que te apanham, começam a dizer-te que precisam de mais

dinheiro e que Jesus não quer que sejas seu amigo só para as coisas boas.

— ... o Senhor diz: *«Não há paz para os malvados.»* Não queremos todos ter paz? Sim... sim, digo-vos eu! Até o homem mais malvado do mundo deseja ter paz...

O Lee estendeu a mão para o botão do rádio, mas eu afastei-lha.

— Importas-te? — perguntei impaciente.

Ele revirou os olhos.

— Perdoa-me, irmã Maren.

Aumentei o volume para abafar os resmungos.

— *Agora quero dizer-vos uma coisa. Há muito tempo que fazemos estas Missões da Meia-Noite por todo o país e já ouvi todo o tipo de pessoas. Pecaram contra si mesmos e pecaram contra outros. Levantam-se e dizem: «Reverendo, por vezes é muito difícil ser bom.»*

O Lee soltou uma exclamação de desprezo.

— Olha que com isso eu concordo.

— *E eu digo-lhes: «Deixai o Senhor entrar. Deixai-O entrar e Ele mostrar-vos-á como podeis ser bons.»*

O público rompeu em aplausos e exclamações reverentes e depois um locutor fez-se ouvir:

— *O reverendo Thomas Figtree, da Igreja Livre de Nazaré, realizará a sua Missão da Meia-Noite no Harmony Hall Plumville no domingo, dia 7 de junho, a partir das 22 horas. É amanhã à noite, pessoal.*

— Não percebo porque queres ouvir isto — disse o Lee quando um anúncio de seguros automóvel

interrompeu o programa. — Nada disto se aplica a nós.

— Como sabes que não?

— Porque não. Não há lugar para nós na imagem que fazem do mundo. Se soubessem quem somos, pensariam que até o inferno seria uma sentença boa demais. — Voltou-se na sua cama improvisada e afofou a fina almofada de campismo. — Além do mais — disse ele voltado para o contraplacado —, Jesus não me quereria no meu melhor dia, quanto mais no pior. — Um instante depois, voltou-se para mim. Ouvira-me folhear o mapa de estradas. — Que estás a fazer?

— Quero ver se estamos muito longe de Plumville.

— Maren, não me digas que queres mesmo *ir* a isso. — Estendeu a mão para o rádio e, dessa vez, deixei que o desligasse. — Deixa-me contar-te uma coisa: uma vez, no ano passado, a minha irmã foi arrastada para uma coisa dessas por um dos seus supostos «amigos». Quiseram que a Kayla falasse, por isso ela levantou-se e disse que não tinha a certeza de acreditar em Deus, devido a todas as coisas horríveis que aconteciam no mundo, e imagina o que aconteceu. Consegues imaginar? — Encolhi os ombros. — Vaiaram-na porta fora, foi o que foi. Aposto que lhe teriam atirado com tomates podres se os tivessem, e a Kayla nunca matou sequer uma aranha.

— O reverendo Figtree não atiraria tomates.

O Lee suspirou.

— Fazemos assim: se prometeres ir amanhã a esse salão e contares ao teu maravilhoso reverendo Figtree exatamente quem és e o que fizeste, então acompanho-te com todo o prazer. — Lançou-me um olhar duro. — Estás disposta a isso?

Enrolei-me dentro do saco-cama e não respondi. Era estúpido imaginar sequer que alguém me pudesse absolver sem saber o que eu fizera.

— Pensas que procuras a verdade, Maren — continuou o Lee, enquanto eu dava voltas, tentando pelo menos encontrar uma posição confortável sobre o contraplacado. — Mas se preferires viver dentro da bolha de raios de sol e certeza de um qualquer pregador, será melhor chamar-lhe aquilo que é.

Quando adormeci e as imagens surgiram da escuridão, claro que me encontrei na Missão Meia-Noite. Era numa igreja e não num salão. Havia janelas cobertas de vitrais que se erguiam até à escuridão das travessas do teto e, nesses vitrais, os mártires encontravam a morte de formas espetaculares. Leões, dragões, fogueiras douradas e rubras. Pelo canto do olho vi palavras pintadas nas paredes de pedra por baixo das janelas, mas sabia que não era capaz de as ler, por isso não me voltei para as olhar. À minha volta, a congregação cantava um hino numa língua que não existia.

Caminhava pela nave. As pessoas tocavam-me no braço e chamavam-me irmã. *Ajoelha-te*, disse o reverendo. Tinha um brilho duro no olhar e eu tive

medo dele. *Ajoelha-te para seres abençoada, irmã Maren.*

Ajoelhei-me e ele ficou por cima de mim, com as palmas das mãos sobre a minha cabeça. Senti o rosto quente e só queria sair dali, fugir, voltar para a cama na caixa da carrinha com um amigo que nunca me faria mal. Senti uma onda de riso erguer-se da multidão, um milhar de desconhecidos que se riam, cobrindo a boca com as mãos. *Perdão* era uma palavra que pertencia a outra língua, aquela que desapareceu assim que acordei.

7

Na tarde do dia seguinte passámos por uma placa que indicava Friendship, Wisconsin.

— Foi aqui que nasci — disse eu. — Ironia das ironias.

— Amanhã a esta hora estaremos em Sandhorn. Tens algum plano?

Não queria pensar em Sandhorn. Queria encontrar o meu pai, mas ainda não — não se aquilo significava despedir-me do Lee.

— Creio que vou começar pela lista telefónica.

Três quilómetros depois do cruzamento para Friendship, passámos por um cartaz que dizia PARQUE DE DIVERSÕES DE ANGARIÇÃO DE FUNDOS PARA A MÃE DA PAZ. DIVERTIMENTOS, JOGOS, BOA COMIDA E PRÉMIOS. DE 7 A 13 DE JUNHO. ABERTO TODAS AS NOITES ENTRE AS 17 E AS 22. SAÍDA 47 PARA GILDER, A 15 KM.

Olhámos um para o outro, sorrimos e esqueci-me de tudo, dos sonhos maus e de todas as noites de diversões que roubara às outras pessoas. Durante aquele segundo perfeito, até me esqueci dos nomes

delas.

Tomámos a saída 47 e atravessámos terreno agrícola até chegarmos a Gilder, uma terra de só uma rua com lojas de antiguidades e consultórios médicos, empoleirada no cimo de uma colina íngreme. Descemos mais uma vez e, quilómetro e meio mais adiante, avistámos uma feira improvisada: uma roda gigante a girar e uma gôndola a balançar para a frente e para trás, num campo ao lado de uma igreja de tijolo com um campanário branco. O Lee arranhou um lugar de estacionamento junto ao campo de futebol do outro lado da estrada, e deixou o chapéu no assento.

Quando atravessámos a estrada e nos introduzimos na multidão, comecei a sentir-me criança. Havia uma mulher numa cabina de vidro a fazer redemoinhos rosa e azuis de algodão-doce em paus compridos, e entregava cada pau a uma criança como se fosse um símbolo mágico. O sistema de som punha no ar *Like a Prayer* e um círculo de meninas de 12 anos dançava enquanto esperava na fila da gôndola. O aroma da massa frita e do açúcar em pó misturava-se com o fumo dos cigarros e o cheiro do óleo mecânico das juntas que rangiam. Uma mulher-palhaço veio aos saltos ter connosco para nos perguntar se queríamos comprar uma rifa.

— O prémio principal é uma televisão de ecrã gigante! — exclamou enquanto um acordeão de bilhetes verdes lhe saltava das luvas de folhos.

— Não, obrigado — recusou o Lee a sorrir.

Pegou-me na mão, empurrou-me para atravessarmos a multidão e tudo à minha volta se desvaneceu um pouco. Vi apenas o sol a brilhar através das árvores nos limites do recinto, manchas de cor e ténis brancos quando as cadeiras voadoras erguiam as pessoas até ao céu, e só consegui pensar no calor da mão dele na minha.

Ouvi-o dizer qualquer coisa e por isso voltei à terra. Apontava para a casa assombrada e olhava para trás, para mim, com uma expressão maliciosa. Era evidente que a visitaríamos quer eu quisesse quer não.

As mães acompanhavam os filhos de divertimento em divertimento, racionando os bilhetes e esquivando-se a exigências de mais gelados. A seguir aos carrinhos de choque havia uma tenda azul onde os pais, de bonés de basebol e calças de ganga, esvaziavam copos de cerveja aguada. O meu pai não era assim. Gostava de gelados, dos divertimentos da feira, mas não bebia cerveja nem queria saber de desporto.

Entrámos na fila do quiosque dos hambúrgueres e o Lee puxou da carteira do Barry Cook. Recebi o nosso tabuleiro com hambúrgueres, batatas fritas e gasosas e encontrámos um espaço numa mesa de piquenique perto das barracas dos jogos. Enquanto comíamos, vi que o Lee observava as pessoas que passavam, as crianças que choravam, por terem perdido um jogo, ou faziam birra, por já estarem cansadas. Os homens passeavam com os seus copos de cerveja e as

mulheres manobravam os carrinhos de bebé por entre a multidão, olhando para os rostos em busca dos maridos. As primeiras notas de *My Heart Will Go On* saíram dos altifalantes e, quando pensei na minha mãe, descobri que já quase não me importava.

O Lee deu uma nova dentada no hambúrguer e mastigou com ar pensativo.

— Nunca ficas nervosa?

Percebi o que ele queria dizer — fingir ser normal. Assenti.

— Não te queres ir embora, pois não?

— Nem penses. Não vamos a parte alguma antes de termos andado naquela coisa.

Apontou para trás de mim e voltei-me no meu lugar. Uma máquina inclinada, cor de laranja, irrompeu, brilhante, por entre as copas das árvores, para logo mergulhar de novo. Parecia um cruzamento entre uma roda gigante e uma montanha-russa.

— É o Zipper — disse ele.

— Devíamos ter esperado para comer.

Ele sorriu enquanto limpava as mãos ao guardanapo.

— Então qual vai ser primeiro, aquilo ou a casa assombrada?

Escolhi a casa assombrada. Comprámos uma folha de bilhetes — mais uma oferta do Barry Cook — e lá fomos. O Lee baixou a barra do assento com um suspiro de felicidade.

— Vamos fingir que temos medo?

— Talvez eu não finja.

— É engraçado pensar que possas ter medo de alguma coisa — disse ele enquanto o carro avançava com um solavanco para descrever uma curva na escuridão total. Um conjunto de portas abriu-se e o compartimento a seguir estava iluminado com lâmpadas azuis fluorescentes, a zumbir e a cintilar. Havia um paciente numa mesa de operações com as tripas a escorrerem para um chão de linóleo nojento e, junto dele, uma enfermeira demoníaca brandia um instrumento cirúrgico ensanguentado em cada mão. Olhou-nos de esguelha e piscou o olho ao Lee.

— Socorro! — gritava o homem na mesa. — *Por amor de Deus!*

— Isto é muito bom — murmurou o Lee. — Vale os oito bilhetes, sem sombra de dúvida.

Passámos o hospital dos horrores para entrar mais uma vez na escuridão e nos debatermos com uma cortina de teias de aranha fingidas, ao mesmo tempo que começávamos a ouvir o tema do filme *Halloween*. Na esquina seguinte deparámo-nos com um carro funerário. A porta de trás estava aberta, assim como a tampa do caixão. Ao lado do carro encontrava-se um homem com um fato comido pelas traças, com o braço estendido para nos convidar a deitarmo-nos nele. Os seus dentes cintilavam com um brilho violeta naquela luz sinistra. Senti uma mão no ombro.

— Para com isso.

— Não fui eu — afirmou o Lee e um silvo ao meu ouvido confirmou-o, quando fomos empurrados para o compartimento seguinte.

O tema do filme de terror transformou-se no som de grilos e no piar de um mocho. Era o cenário de um cemitério com a lua em quarto crescente, numa pintura fosforescente por cima de outro caixão. Este estava fechado, mas inclinava-se para nós, para que pudéssemos ver que estava apenas semienterrado. Ao lado viam-se duas pás cravadas num monte de terra, sinal de que os coveiros se tinham ido embora antes de terminarem o trabalho. Depois de um momento de silêncio, a tampa do caixão abanou nas dobradiças, enquanto alguém batia nela da parte de dentro. Uma mulher gritava e implorava e percebi que não se tratava de uma gravação.

Seguimos ao longo de um corredor na escuridão. Alguém se riu ao meu ouvido, num tom baixo e ameaçador, e o Lee pôs o braço à minha volta. Ou não? Era mais nas costas do assento do que nos meus ombros. Afastei-me um pouco dele quando entrámos no compartimento seguinte.

Um homem com os cabelos em desalinho e olhar selvagem estava sentado a uma mesa com as mangas arregaçadas, um garfo de trinchar numa mão e um braço cortado na outra. Na mesa havia uma cabeça num prato, tão retalhada que não consegui perceber se pertencia a um homem ou a uma mulher. Um segundo prato estava parcialmente oculto por um pano da loiça vermelho, mas consegui ver que dele espreitavam dedos das mãos e dos pés. Havia um jarro de vidro cheio do que pretendia ser sangue e dois olhos claros olhavam-nos do fundo de um copo

vazio.

«*He, he, he, he, he*», dizia uma voz esganiçada através do altifalante. «*A seguir és tu.*» Havia umas palavras rabiscadas a sangue no papel de parede por cima da cabeça do homem, mas não tive oportunidade de as ler antes que o carro contornasse a última esquina.

Saímos para o sol da tarde. O Lee estava em ótima forma.

— Agora para o Zipper!

— A roda gigante — pedi. — *Depois*, o Zipper. — Se não conseguisse escapar ao mais assustador, pelo menos queria ter feito a digestão.

Poucas vezes tinha ido a um parque de diversões, mas a roda gigante era o meu divertimento preferido. Adorava subir acima das copas das árvores, lentamente, de modo que quando descesse pudesse olhar e ver toda a gente às voltas por baixo dos meus pés.

Quando chegámos ao cimo, o Lee olhou para baixo e franziu a testa e, quando começámos a descer, voltou a cabeça e continuou a olhar para o que lhe chamara a atenção.

— Que se passa? — perguntei.

— É um fulano — disse ele, esticando o pescoço. — Creio que está a acenar-nos.

Segui-lhe a direção do dedo. Lá estava, exatamente como no dia em que eu o vira pela primeira vez: imóvel, a sorrir e a acenar, enquanto o resto do

mundo se apressava a passar alegremente à volta dele.

— É o Sully! — exclamei, acenando-lhe também, embora uma vozinha dentro de mim perguntasse: *Como foi que ele chegou aqui? Como é que me descobriu?*

O Lee franziu a testa.

— O que está ele aqui a fazer?

Encolhi os ombros e subimos para mais uma volta.

— Creio que vamos descobrir dentro de um minuto.

O Sully estava à nossa espera junto à roda gigante, com um remoinho de algodão-doce azul.

— Ei! Aqui, miúda!

— Sully! — exclamei! Ele apertou-me a mão e deu-me um bocado de algodão-doce. — Nem acredito que esteja aqui! Como é que nos descobriu?

— Sabia que vinhas para cá à procura do teu pai e pensei que talvez precisasses de alguém com quem falar para o caso de as coisas não correrem bem. — O Sully acenou ao Lee. — Mas devia ter percebido que uma miúda simpática como tu não teria dificuldade em fazer amigos.

— Que coincidência — disse o Lee, apertando a mão do Sully. — A Maren disse-me que o tinha conhecido na Pensilvânia.

O Sully encolheu os ombros.

— Tantas estradas que podemos percorrer e afinal também vinha para cá.

O Lee cruzou os braços e passou o peso do corpo de um pé para o outro.

— A sério?

— Sim, de facto. Arranjei uma cabana junto aos lagos. Lá em cima é tudo muito bonito e sossegado. Mais ou menos a uma hora daqui. — O Sully olhou para a banca dos cachorros-quentes. — Já comeram alguma coisa, meninos?

— Sim. Comemos hambúrgueres.

O Lee voltou-se para mim.

— E agora? Que tal o Zipper?

Entreguei-lhe os meus bilhetes.

— Importas-te de ir sozinho? Fico aqui à espera, a conversar com o Sully.

Ele pareceu desconfiado.

— Onde vais ficar?

Apontei para o banco mais próximo, de onde um grupo de rapazes acabava de se levantar, e o Lee lançou mais um olhar cauteloso ao Sully.

— Só não desapareças, OK?

Disfarcei um sorriso.

— Não desapareço.

O Lee perdeu-se na multidão, enquanto eu e o Sully nos sentávamos no banco.

— Algodão-doce?

— Aceito, obrigada. — Tirei mais um bocado.

O Sully tinha um certo brilho no olhar.

— Estou a ver que arranjaste um namorado.

Suspirei.

— Não é meu namorado.

O velho deu outra dentada no algodão-doce.

— Talvez ele não tenha recebido a mensagem.

— Oh — disse eu, lembrando-me da mulher acrobata. — Obrigada pelo livro do circo.

Ele sorriu.

— Sabes, por vezes encontramos uma coisa bonita e ainda não sabemos a quem vai pertencer.

Sorri.

— Queria mesmo conversar consigo sobre a sua oferta. Preciso mesmo de encontrar o meu pai.

— *Pensas* que precisas de encontrar o teu pai — corrigiu o Sully. Tinha a língua azul e brilhante. — Devia ter adivinhado, quando escrevi aquele recado, que não virias comigo. — O Zipper saiu mais uma vez a girar de dentro das árvores e o Sully perguntou: — Como conheceste o teu não-sei-quantos?

— Lee. Estava a pedir boleia em St. Louis, mas uma rapariga deixou-me num Walmart no Iowa...

— San Louis! Miúda, estiveste em tantos sítios desde a última vez que te vi!

Sorri.

— Seja como for, meti-me em sarilhos no Walmart e o Lee apareceu mesmo a tempo — fez uma pausa. — Também é um comedor.

— Pois. Imaginei.

— O senhor é o segundo que ele conhece, depois de mim.

— Ah, sim? Muito bem. — Já não havia algodão-doce no pau que ele tinha na mão, por isso atirou-o para o lixo e lambeu o dedo sujo. — Escuta, vocês têm sítio onde ficar esta noite?

Abanei a cabeça.

— Isto é, temos acampado.

— Bem, se quiserem, tenho duas belas camas limpinhas para vocês.

— Na sua cabana? A sério?

— Claro. E até tenho um guisado vagabundo à espera no fogão.

O meu estômago rugiu ao lembrar-me de mais umas colheradas de carne picada com queijo derretido. Uma sombra caiu sobre o meu colo e ergui os olhos.

— Que tal a viagem? — perguntei.

O Lee estava mais uma vez de braços cruzados.

— Incrível. Mas tinhas razão. O teu hambúrguer teria vindo cá para fora.

— O Sully estava a dizer-me que podíamos ficar na cabana dele esta noite. Tem um jantar ao lume e tudo o mais.

O Lee abriu a boca e, como até ali parecera tão desconfiado, fiquei admirada quando ele respirou fundo e disse:

— OK. Obrigado.

— Tudo bem, então. — O velho levantou-se e coçou a orelha que não tinha com o dedo que também lhe faltava. — Vou deixar-vos aqui com as vossas diversões e jogos e encontramo-nos ao final da noite.

— Escuta — disse eu, depois de o Sully passar pelo canto da gôndola e desaparecer da vista. — É óbvio que não gostas do homem, mas tens de ser assim *tão* óbvio?

— Olha lá, acreditas que ele atravessou metade do

país para te oferecer apoio moral?

— Já ouvi coisas mais improváveis — disse eu. — Como, oh, sei lá... *trolls* debaixo das pontes de caminho de ferro a comer bebés? Molho de tomate feito de *rednecks* bêbedos.

O Lee meteu os punhos fechados nos bolsos e deu um pontapé numa ponta de cigarro que ficara sobre a relva.

— Não estou a brincar, Maren.

— Muito bem, então a sério. Se ele quisesse fazer alguma coisa, tê-lo-ia feito da primeira vez que o vi, certo?

O Lee inclinou a cabeça, olhando para mim com um ar ainda desconfiado. Não ia ceder facilmente.

— Não se trata de uma coincidência — declarou. — Há qualquer coisa nele, Maren. Como se te *conhecesse*.

Encolhi os ombros.

— Claro que me *conhece*. Falámos durante horas.

— Não estás a perceber. Como sabia ele que estaríamos aqui?

Revirei os olhos.

— Não sabia, Lee. Vá lá. Quero uma refeição caseira e uma cama macia, sabes? — Até o dizer em voz alta, não me apercebera do muito que o necessitava. — Fechamos a porta do quarto à chave. Vai correr tudo bem, garanto. Agora, o que queres fazer a seguir?

— Que tal uns granizados? — Soltou, com um suspiro de derrota.

— Porque é que concordaste, se não querias ficar na cabana? — perguntei-lhe quando estávamos na fila para os granizados.

— Para termos tempo de discutir o assunto.

Revirei os olhos.

— E há outra coisa, Maren. Aquela história da orelha atrofiada e da falta de dedos?

— Só lhe falta um dedo. Pensas que podes avaliar uma pessoa por lhe faltarem bocados?

— Depende de como isso aconteceu, não achas? — Lançou-me um olhar mordaz. — Perdeu-o num acidente agrícola?

O rapazinho à nossa frente na fila virou-se e olhou para mim com uma expressão de curiosidade infantil por trás dos seus óculos de fundo de garrafa. Qual a criança que não espreita a orelha ao ouvir falar de dedos cortados? Tentei sorrir-lhe, mas provavelmente fiz-lhe cara de quem estava com dores de dentes.

— Será melhor falarmos de outra coisa — sugeri.

Acabámos os nossos granizados junto às barracas dos jogos a ver os miúdos gastarem o dinheiro dos pais a rebentar balões com setas ou na roda da sorte, que nunca, mas nunca, parava no número em que tinham colocado as fichas. Ali perto, descobrimos uma barraca em que tínhamos de lançar uma bola de baseball para uma grade de bilhas de leite metálicas e esperar que ela não saltasse para fora. A barraca estava rodeada por prateleiras apenas com um tipo de boneco para os vencedores: um ET de peluche.

Ninguém estava a jogar. A rapariga que trabalhava

na barraca sentava-se num banco alto com uma expressão tão enfasiada que quase parecia furiosa. O rapazito que estava à nossa frente na fila dos granizados deitou o copo de papel para o caixote do lixo e dirigiu-se à barraca.

— Quanto? — perguntou.

— Três bilhetes, três tentativas — respondeu a rapariga. — Sentes-te com sorte hoje, vidrinhos? — Apesar de não aparentar ter mais de 16 anos, a miúda tinha «experiência» escrita no rosto. Não era o *eyeliner*. Alguém a tratara mal, não apenas uma vez, mas durante vários anos, e agora ela ia vingar-se em quem não tinha culpa.

O rapaz não respondeu. Limitou-se a tirar os três bilhetes do bolso das calças de ganga e a pousá-los no balcão.

— Estás a desperdiçar o teu dinheiro — disse ela, quando lhe atirou a primeira bola, que lhe saltou dos dedos e foi parar ao passeio.

Um instante depois, o Lee meteu a biqueira por baixo da bola e lançou-a suavemente no ar de modo a ir parar às mãos do rapaz. Este lançou-lhe um olhar agradecido, que afinal foi para mim, e apressou-se a voltar à barraca.

O primeiro lançamento saiu torto e o segundo também. Senti o Lee retrair-se a meu lado. Queria que o rapaz ganhasse. *Vá, miúdo. Tu consegues.*

Tentou uma estratégia diferente no lançamento final, lançou a bola por baixo e esta quase tocou no teto da barraca, antes de aterrar com um ruído

satisfatório dentro da lata colocada no centro da grade. O rapaz saltou, rodopiou e bateu as palmas.

— Ganhei! Ganhei!

A rapariga cruzou os braços e olhou para ele.

— Não pode ser.

— Mas está ali dentro da bilha, não vê? — Era um pouco comovente ouvi-lo dizer aquilo, ainda a acreditar que ela não queria fazer batota. — Consegui. Ganhei.

— Não, não ganhaste — disse, despeitada, a miúda da barraca. — Vê lá se és capaz de tocar no teu nariz sem falhares.

Pela expressão do rapaz percebi que todos os dias era atormentado da mesma forma na escola e também que não se habituara a isso. Estendeu a mão para um ET numa prateleira lateral mais baixa e apertou-o contra o peito.

— Ganhei-o, limpinho.

— Não. — A rapariga arrancou-lhe o boneco das mãos e pô-lo numa prateleira alta por cima da sua cabeça. — Fizeste batota.

— Não fiz! — exclamou ele.

Ela fez-lhe uma careta, virou-se, encostou-se à grade de bilhas de leite, tirou a bola vencedora e deixou-a cair num balde.

— E o que é que vais fazer, hã? É isso, vai chorar para o pé da tua mamã — disse ela, e o rapaz afastou-se da barraca a correr.

O Lee atirou o cone de papel para o lixo.

— Vê para onde vai esse rapaz — disse. — Vou

ganhar um boneco para ele.

Dirigiu-se ao balcão e a rapariga lançou-lhe um sorriso que me deu volta ao estômago. Não tinha reparado que estivéramos a observá-la. Perguntei a mim mesma se, de contrário, teria tratado assim o rapazito.

Vi o miúdo dirigir-se, de cabeça baixa, para junto de uma mulher na fila da banca que vendia bolos de massa frita e, quando ela lhe passou o braço pelos ombros, percebi que ele lhe contava o que se passara. *Luta por ele, pensei. Não deixes que ela se safe depois do que lhe fez.*

— Estás a tentar ganhar alguma coisa para a tua namorada? — perguntou a rapariga da barraca das bilhas de leite erguendo o queixo na minha direção.

— É apenas uma amiga — replicou o Lee. Aquilo não queria dizer nada, e eu sabia-o, mas mesmo assim fiquei desiludida ao ouvi-lo.

Agora o rapazinho estava lavado em lágrimas. A mãe saiu da fila, deu-lhe a mão e levou-o para um banco do parque, para o afastar do caos do parque de diversões e o deixar esconder o rosto na sua blusa cor-de-rosa, mas não mostrava intenções de se dirigir à barraca. Pequenos desapontamentos para o prepararem melhor para os grandes — tinha um rosto bondoso, mas era aquele tipo de mãe. A minha teria feito o mesmo.

O Lee pegou na bola exatamente como o rapazinho fizera. Falhou na primeira tentativa, mas acertou na segunda.

— Posso ganhar duas vezes com o terceiro lançamento?

— Não deverias — disse ela. — Mas ninguém irá saber se eu deixar. — (Também ninguém me viu revirar os olhos.) Deu-lhe a terceira bola e deixou que os seus dedos se demorassem nos dele. A bola acertou na bilha.

— Olha lá — disse ele, depois de ela lhe entregar os dois ET de peluche —, o que se pode fazer por aqui que não seja esta porcaria de parque de diversões?

— Saio às onze — disse ela.

Voltei-me, incomodada. Por um instante, as pessoas passaram pelo meu campo de visão em manchas coloridas e todo o barulho da música e das conversas se transformou num murmúrio distante. Depois senti um som suave ao ouvido.

— ET telefona para casa — dizia o Lee. — Não. Mudou de ideias... prefere ir contigo. — Pôs-me o boneco nas mãos e olhou em volta. — Disseste que o ias vigiar, Maren. Para onde foi ele?

Apontei para o banco do parque atrás da banca dos bolos de massa frita.

— Está ali com a mãe.

Entusiasmados pelo sucesso do Lee, um grupo de rapazes dirigiu-se ao balcão da barraca das bilhas de leite e, como tal, a rapariga não se apercebeu de que ele se dirigia ao miúdo sentado no banco. Segui-o à distância de uns passos, segurando o ET com os dedos frios e pegajosos do granizado.

— Com licença — ouvi-o dizer. — Creio que isto te

pertence.

O rosto do rapazinho iluminou-se quando estendeu as mãos. Um momento depois, a mãe observou o Lee e corou ao ver que um desconhecido fora capaz de fazer uma coisa que a ela nunca lhe ocorrera.

O Lee estendeu a mão e despenteou o cabelo do rapazito.

— Um dia, vais ser crescido e poderás ripostar. Depois não vais aceitar merdas de mais ninguém, pois não?

O rapaz abanou a cabeça com força.

— Como se chama? — perguntou a mãe.

— Lee.

— Obrigada, Lee. — Viu-me atrás do ombro do Lee e sorriu. — Olha, Josh... o Lee ganhou um ET para a namorada. — Tomou-lhe as faces nas mãos, limpou-lhe as lágrimas com os polegares e encostou o nariz ao dele. — Ganharam os dois esta noite, não é verdade?

*

Esperámos na carrinha até o parque fechar. Depois de ter dado o ET ao Josh, o Lee regressara à barraca das bilhas de leite e combinara encontrar-se com a rapariga do outro lado da estrada, em frente ao parque.

As onze horas chegaram finalmente e, desde a carrinha, vimos as luzes brilhantes dos divertimentos a extinguirem-se ao mesmo tempo.

— Podes ir ter com o teu velho amigo Sully — disse

o Lee. — Encontramo-nos lá. — Pegou nas chaves, saltou da cabina e atravessou o campo de futebol vazio.

Pois, sim. Esperei uns minutos e depois saí e fui atrás dele. Havia uma vedação metálica em volta do parque infantil e escondi-me atrás de uma placa junto ao portão que dizia: PARQUE COMUNITÁRIO DE GILDER. O recinto do outro lado da rua estava escuro e silencioso e o campanário parecia agora azul, ao luar.

A rapariga estava sentada num dos baloiços, de costas para mim. Mudara do uniforme vermelho do parque de diversões para uma coisa dois tamanhos abaixo, coberta de cristais. O Lee estava sentado no baloiço ao lado.

— Não me disseste o teu nome — ouvi-a dizer.
Como se isso tivesse importância.

— Mike. E o teu?

— Lauren. Então, quem era aquela miúda com quem estavas?

— Já te disse. É só uma amiga.

— Onde está ela?

— Foi para casa.

— Então estás só de visita?

— Sim. Onde está esse divertimento todo que me prometeste?

Vi-a apontar para uma estrutura de luxo, no canto oposto do parque infantil. Era toda em madeira, na forma de um castelo, com torres ligadas por passadiços suspensos por cordas.

— Há um baloiço feito com um pneu por baixo

daquela torre. Ninguém nos verá ali. — E seguiu para o seu destino, levando-o pela mão. Em parte, tive vontade de os seguir, para ver como ele o fazia.

Ouvi passos leves na relva atrás de mim, e voltei-me. Era o Sully que ali estava com as mãos nos bolsos. Não consegui ver-lhe o rosto na escuridão, mas, quando falou, fê-lo numa voz suave.

— Anda daí, miúda. — Levantei-me e atravessámos juntos o campo de futebol.

Havia outra carrinha estacionada ao lado da nossa, mais velha, vermelha e meio ferrugenta, com uma havaiana em miniatura a dançar pendurada no retrovisor. Espreitei para a janela do lado do passageiro e reparei que o assento estava coberto com um oleado azul-escuro com limas e limões estampados. Sorri.

— Esta carrinha é sua?

— A minha carrinha ou o meu castelo, dependendo de como se olha para ela — disse com uma gargalhada.

Durante uns minutos, o Sully mostrou-me o seu castelo ambulante, o monte de carne seca no portaluvas, as cortinas de estampado havaiano e o boião de cerâmica azul onde guardava o tabaco de cachimbo, escondido debaixo do assento — a tentar distrair-me, julgo eu. Só que o Lee levou menos tempo do que eu teria levado. Vi-o surgir na escuridão, debaixo da estrutura do parque infantil e, quando atravessou o campo de futebol, vi que trazia uma garrafa de água e um saco de compras cheio

com os farrapos da roupa dela e o salto de um sapato a sair do plástico. Atirou-o para um contentor do lixo e fez uma pausa para beber água. Vi-o gargarejar e engolir. Depois, passou as costas da mão pelos lábios para limpar os vestígios e, por fim, veio ter connosco.

— Estás pronto? — perguntou o Sully. — A cabana fica para norte, a pouco mais de uma hora daqui.

— Claro — respondeu o Lee. — Vamos atrás de si.

O Sully saltou para a cabina, deu a volta à chave na ignição e acenou-me.

— Conversamos daqui a pouco.

Quando voltámos à estrada, quase esperei que o Lee seguisse na direção oposta, mas não o fez. Os acordes de *bluegrass* vindos das janelas abertas do carro do Sully chegavam até nós na quente noite estival.

— Como fazes, quando é uma rapariga que gosta de ti? — perguntei.

— Que queres dizer?

— Beija-la primeiro?

— O que interessa isso?

— Interessa para ela, não achas? Pelo menos durante um ou dois segundos.

Ele lançou-me um olhar trocista.

— O que é? Tens ciúmes?

Revirei os olhos.

— Não sejas ridículo.

Ficámos em silêncio durante algum tempo e tentei examinar aquele meu sentimento. Como poderia ter ciúmes da Detestável Lauren, a miúda da barraca das

bilhas de leite?

Não eram ciúmes. Nem por isso. Só queria a atenção do Lee, se não para sempre, pelo menos durante os sete minutos e meio que levaria a engolir-me.

— Fizeste tudo de forma impecável — comentei. Da última vez fora fácil; fizera-o na casa de banho.

— Até que não. Despi a camisa e atirei-a para a relva. Depois usei a dela para limpar a cara. — Fez uma pausa. — Não comi assim tantas raparigas. — Ergui uma sobrancelha. — Porque é que te espantas? As mulheres não me dão tantas razões para as detestar. São mais honestas. Nem sempre, mas quase sempre.

Pensei na Samantha, que me abandonara no parque de estacionamento do Walmart, e na Lauren, a miúda da barraca das bilhas de leite. Pensei na minha mãe.

— Olha que não sei.

— Certo. Então como as exceções. — Fez uma pausa. — A tua mãe mentia-te?

Juntei as mãos em volta do ET de peluche que tinha no colo.

— Creio que não. Não exatamente. Mas escondia-me coisas, e não será isso o mesmo que mentir? — O Lee encolheu os ombros. — O que é? — perguntei.

— Não vou concordar contigo só porque tu queres.

— Também não tens de discordar só por isso.

Lançou-me um sorriso e metemos por uma estrada de terra batida, ladeada de árvores. A *bluegrass* do Sully continuava a fazer-se ouvir no silêncio da meia-

noite. Queria falar de outra coisa, por isso disse:

— Nunca tinha tido um boneco de peluche.

— Não? Pensei que todas as miúdas os tinham aos montes.

— Eu não. A minha mãe nunca me deixou ter um, porque, de contrário, havia de querer mais e ela dizia que era muita coisa para enfiar nas malas. — Carga alijada. É assim que se chama àquilo que os navios atiram ao mar.

A cabana era velha, mas tinha um ar robusto, com um poço e uma bomba manual de ferro junto ao alpendre traseiro. O Sully levou-nos para uma sala com um fogão a lenha, um tapete entrançado e pelo menos três ou quatro cabeças de veado na parede. As hastes de um dos veados quase chegavam ao teto.

— Entrem e deixem as vossas coisas antes de irmos comer — disse o Sully, ligando o interruptor do nosso quarto. Havia duas camas, cada uma delas com uma colcha vermelha de *patchwork*. — Não se importam de partilhar o quarto? Só há dois para dormir e o outro é o meu, por isso, se preferires, podes ficar no sofá, está bem, Lee?

— Assim está bem, obrigado. — O Lee deixou cair a mochila e passou por nós para sair do quarto. — Vou só tomar um duche, se não se importam.

Segui o Sully para o exterior e fiquei a vê-lo dobrar-se sobre a braseira para mexer o nosso jantar com um pau comprido.

— Quanto mais tempo aqui ficar, melhor vai saber.

— Pegou numa pá de cabo curto e ergueu suavemente das cinzas a embalagem de folha de alumínio. — Se não te importares, miúda, há tigelas e colheres na cozinha.

Quando regressei com os utensílios, o Sully encheu até cima duas tigelas com legumes fumegantes e carne tenra.

— Ahhh — murmurou para consigo, quando levou a primeira colherada aos lábios. — Chamo a isto um banquete à meia-noite.

Sentámo-nos nas cadeiras de madeira em volta do fogo lento, a comer num silêncio satisfeito. As traças juntavam-se e dançavam em volta da luz do alpendre. O bosque estava vivo com o barulho das cigarras, mas se me concentrasse demasiado nesse som, começava a sentir-me inquieta. A floresta estendia-se por quilómetros e sabe-se lá o que mais continha.

O Lee saiu da casa de banho com o cabelo molhado e uma *T-shirt* limpa. O Sully voltou à braseira para encher outra tigela.

— Para mim, só um pouco, obrigado.

— És daqui, rapaz?

O Lee concentrou-se no guisado.

— Não.

— É da Virgínia — adiantei-me.

— Vais voltar para lá quando encaminhares esta pequena dama?

— Vamos ver o que acontece. — O Lee pousou a tigela de metal e inclinou-se, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. — Porque pergunta?

O Sully voltou-se para mim.

— Sei o que te disse na noite em que nos conhecemos: que é melhor não fazer amigos e tudo o mais. Mas, desde aí, tenho estado a pensar. A estrada é longa e solitária e não faz sentido torná-la mais longa e solitária do que já tem de ser.

O Lee disfarçou um arroteio.

— Bem dito. — Não consegui perceber se estava a ser sarcástico.

— Talvez o que esteja a tentar dizer seja que gente como nós tem de formar a sua própria família.

Pensei no meu avô verdadeiro, que bebia vinho tinto ao jantar, conduzia um *Cadillac* azul-escuro e provavelmente desejava que eu nunca tivesse nascido. Nunca me ofereceria o jantar ou um lugar para eu ficar.

— Obrigada, Sully, por este jantar delicioso — disse eu, enquanto ele enchia mais uma vez a minha tigela —, e por se preocupar comigo. — O lume refletiu-se no branco dos olhos do Lee quando ele os revirou.

A corda de cabelo nunca fez a sua aparição e pensei que talvez o Sully não a quisesse exhibir, devido à presença do Lee. De qualquer maneira, já era muito tarde, por isso não nos demorámos muito mais perto do lume. Lavei as tigelas na cozinha, enquanto o Sully alimentava o fogão de lenha. As noites do princípio de verão podiam ser bastante frias ali em cima.

O Lee sentou-se no sofá e olhou em volta.

— Disse que a cabana era sua, Sully?

— Claro que é minha. — O velho encolheu os

ombros. — Por vezes, quando as coisas se tornam desagradáveis, volto para os meus sítios do costume, onde sei que ninguém me incomoda. Eis um conselho do velho Sully: arranjem um lugar como este assim que puderem.

— Quando as coisas se tornam desagradáveis — repetiu o Lee, um pouco mordaz. — Entendo. — Voltou-se para contemplar as paredes forradas de madeira, liberalmente enfeitadas com cabeças de veados. — Creio que seja um ávido caçador.

— Estes troféus não são meus, mas gosto de perseguir um veado uma vez ou outra.

— Vem para aqui muitas vezes?

— De vez em quando. É bom vir nesta altura do ano. No verão não está cá ninguém. Vão todos para os lagos.

O Lee levantou-se e saiu, regressando pouco depois com o mapa de estradas.

— Agradecia que me mostrasse no mapa onde estamos exatamente — pediu ao Sully. — Gostaríamos de chegar a Sandhorn amanhã à tarde e não quero perder tempo.

Enquanto eles conversavam junto à mesa da cozinha, saquei da lã e das agulhas da Sra. Harmon e enrosquei-me no sofá debaixo de um candeeiro de couro. Consegui fazer a primeira volta de pontos, mas quando tentei tricotar a segunda, misturei irremediavelmente tudo. Por isso pousei as agulhas e fui examinar a mesinha de apoio. Na gaveta encontrei um baralho de cartas, um livro de *Mad Libs*, o *Guia*

de Observação de Aves do Midwest e uma mão-cheia de moedas. Quando abri o armário por baixo encontrei um cesto parecido com o da Sra. Harmon, com uma agulha de crochet espetada num novelo de acrílico, vermelho-vivo.

Pouco depois, o Sully deu-nos as boas noites. Tomei um duche demorado e preparei-me para ir para a cama. O Lee fechou a porta à chave.

— Então? — perguntei. — Gostaste do guisado vagabundo?

— Os vagabundos provocam-me indigestão.

— Ah! Ah!

— Ele tinha comida mais do que suficiente para os três. Como sabia que teria companhia esta noite?

Puxei a colcha para cima do ombro e meti o ET de peluche debaixo do queixo.

— Estás a ficar paranoico.

— Prefiro pensar que fui muito educado.

— Foste incrivelmente...

— Incrivelmente quê?

— Incrivelmente indiscreto.

O Lee lançou-me um olhar enquanto desligava o cadeeiro da mesa de cabeceira.

— Aprendi contigo. Não sabemos se podemos confiar em alguém enquanto não esgotarmos as perguntas.

*

Na manhã seguinte a carrinha do Sully desaparecera.

MIÚDA

Há ovos e bacon no frigorífico, sirvam-se.

Porque não voltas quando encontrares o teu pai, e eu ensino-te a pescar?

*Até depois,
SULLIVAN*

Senti que o Lee estava a ler por cima do meu ombro.

— Porque te chama miúda?

Sorri.

— É um diminutivo de Maren.

Lançou-me um olhar desconfiado.

— Não, não é.

Tomámos o pequeno-almoço e bebemos o café no alpendre da frente, sentados nas cadeiras de baloiço, para absorvermos o rangido e o murmúrio da floresta. O caminho de terra batida e cheio de buracos afastava-se da cabana, desaparecendo nas árvores distantes como um trilho de migalhas de pão.

8

As horas que levámos a chegar à terra natal do meu pai foram as mais silenciosas que passámos juntos. Senti que o Lee não queria falar, como se quisesse afastar-me, pois a essa hora no dia seguinte poderíamos ter seguido em direcções diferentes. Talvez levasse algum tempo a encontrar o meu pai, mas, quando isso acontecesse, queria que o Lee também ficasse. Sandhorn não era muito longe do Lago Superior e no caminho para lá passámos por muitos estabelecimentos à beira da estrada que anunciavam aluguer de barcos no verão e cabanas de férias com vista tranquila para a água. Outra pequena cidade, uma rua de lojas, uma igreja branca junto a um relvado bem tratado. O Lee estacionou ao lado de uma cabina telefónica.

— O momento da verdade — disse.

Talvez um de muitos. Saí com o meu caderno de apontamentos e a bolsa dos trocos, fechei-me na cabina e, com os dedos trémulos, procurei no final da lista telefónica. Havia apenas um nome. *Yearly*,

Barbara.

A morada, o número de telefone. Era tão simples.

Encontrei a mãe do meu pai a pôr uma carta na caixa do correio. Estava ao fundo do seu caminho de acesso, envergando um casaco de malha grosso e com uns elegantes chinelos de carneira nos pés. Ergueu a bandeira da caixa do correio com uma mão comprida e branca e, quando me aproximei dela, aconchegou a gola do casaco ao pescoço e estremeceu como se eu trouxesse atrás de mim nuvens de tempestade. Estava uma bela tarde de sol, porém, a sua roupa seria mais apropriada para novembro.

Quando abri a boca para a cumprimentar, voltou-me as costas e apressou-se em direção a casa, arrastando os chinelos no asfalto.

— Espere! Sra. Yearly! — chamei-a. — O meu nome é Maren. Vim falar consigo.

Ela fez uma pausa, apoiada no corrimão, e voltou-se no último degrau para me fitar, enquanto eu me apressava a percorrer o caminho de acesso. A Barbara Yearly observou-me e, satisfeita por eu ter a idade exata para ser a pessoa que ela suspeitava, perguntou:

— Como é que me encontraste?

Desdobrei a certidão de nascimento e estendi-lha. Quando a espreitou e leu o meu nome ergueu as sobrancelhas.

— Deram-te o nosso nome.

Que outro nome haveriam de me ter dado? Porém, disse-lhe da forma mais neutra que me foi possível:

— Os meus pais eram casados.

— Sim. — A mulher devolveu-me a certidão de nascimento. — Sim, bem sei. Suponho que queiras fazer-me algumas perguntas. Será melhor entrares.

Segui-a e entrei numa sala dominada por uma lareira de pedra cinzenta. Os cortinados estavam corridos de ambos os lados, de modo que a única luz desse compartimento provinha das estreitas tiras que os estores lançavam sobre o velho tapete castanho. Num canto escurecido, avistei um pequeno bar, dois bancos estofados a couro e prateleiras com copos de xerez voltados ao contrário, cobertos por uma leve camada de pó. Fiquei a pensar se iria conhecer o meu avô ou se ele ainda estaria a trabalhar.

Quando a Barbara Yearly entrou vagarosamente na cozinha, senti um leve cheiro a algo maduro e levemente gorduroso, como se ela não lavasse a cabeça há semanas. O cabelo escuro, com fios grisalhos esparsos, estava preso num carrapito ao fundo do seu longo pescoço branco. Alguns fios soltos caíam-lhe sem vida dentro da gola do casaco.

— Nunca tinha vindo ao Minnesota. Deve fazer muito frio no inverno. Muita neve?

— Faz sempre frio — afirmou.

Sempre inverno, nunca Natal. Estremeci.

Com a mão aberta, a Barbara Yearly indicou-me uma cadeira junto à mesa. Sentei-me.

— Bem — começou ela. — Podes ter a certeza de

que não estava à espera disto.

Perscrutei-lhe o rosto, mas não vi nele nada que se assemelhasse ao meu.

— Não sabia que o meu pai tinha uma filha?

Abanou a cabeça.

— A última coisa que soube do teu pai foi que ia casar-se com a Jeanette, creio que é esse o nome dela. É a tua mãe?

Assenti.

— Janelle.

A mulher encolheu os ombros.

— Não liguei grande coisa, na verdade. Imaginei que não iria durar. Os romances de verão raramente duram. Sei que te deve parecer insensível da minha parte, mas será melhor que saibas agora e que te poupes ao trabalho.

Pigarreei.

— Bem, lamento tê-la surpreendido. — Cruzei as mãos sobre a toalha da mesa, consciente de que estava a tentar tornar-me o mais inócua possível. — Creio que tive receio de telefonar antecipadamente.

— Receio? Porquê?

Encolhi os ombros.

— Receei que não me quisesse ver.

Em vez de responder, voltou-se para a torneira, encheu dois copos e colocou um deles junto ao meu cotovelo. Agradei-lhe e ela sentou-se à minha frente, bebeu delicadamente um gole e esperou, com o olhar pousado na mesa de fórmica que nos separava.

— A senhora é a mãe... do meu pai? — Não fui

capaz de usar a palavra *avó*. Não tive coragem.

A Sra. Yearly cruzou as mãos e olhou-me nos olhos.

— Acolhemo-lo quando ele tinha cerca de 6 anos. —
Reparou na minha expressão e perguntou: — A tua mãe nunca te disse?

Abanei a cabeça.

— Onde está a tua mãe? Foi ela que te trouxe?

— Não.

— Ela sabe que vieste cá?

— Mais ou menos.

A mulher lançou-me um olhar arguto.

— Que quer isso dizer?

— Ela não está aqui — disse eu. — Ficou na Pensilvânia.

— Estás a dizer-me que fugiste de casa?

Abanei a cabeça.

— A minha mãe pensa que já tenho idade suficiente para viver sozinha.

Quase consegui ouvir o maxilar da Barbara Yearly estalar quando o abriu, e vi agitarem-se-lhe os músculos da garganta, quando se esforçou por entender a minha resposta. Um momento depois, recompôs-se, bebeu outro gole de água e disse:

— Se procuras um lar com o teu pai, lamento dizer-te, mas não será possível. O Frank foi internado já há algum tempo.

Sem mais nem menos, perdi o caminho para o meu castelo no ar. Durante aquilo que me pareceu ser muito tempo, fiquei a olhar para as mãos que pousara no colo e a pensar: *Não chores, seja como for, não*

chores.

Depois, a Barbara Yearly pigarreou e eu pensei: *Talvez não esteja assim tão doente. Talvez quando eu o for ver se sinta feliz e melhore e possamos ainda escutar o Revolver, enquanto ele frita o bacon.* Respirei fundo e decidi dar novo rumo à conversa.

— Só vim em busca de respostas — disse. — Mais nada.

— O que te disse a tua mãe?

— Nada, exceto a certidão de nascimento. Ela... creio que não gostava de falar dele.

Percebi um brilho de irritação nos olhos dela.

— Não conheci a tua mãe — disse a Barbara Yearly.
— O Frank enviou-nos uma fotografia e convidou-nos para o casamento, mas não pudemos assistir. O meu Dan não estava bem.

Onde estaria o marido dela? A casa parecia tão gelada e vazia, que calculei não ser preciso perguntar.

— O Sr. Yearly... ele...

— Morreu há quase nove anos. De cancro da garganta. Nessa altura o teu pai ainda estava em casa — soltou um suspiro trémulo. — Mesmo assim, consola-me saber que o Dan e o Tom estão agora juntos.

— O Tom?

— O Tom era o nosso menino. — A Barbara apontou para uma fotografia a preto-e-branco por cima do interruptor da luz. — Podes vê-lo ali. Levámo-lo ao fotógrafo quando fez 3 anos.

A criança estava empoleirada num triciclo diante de um fundo branco, todo ele faces rosadas e pulsos com covinhas. Não me atrevi a perguntar como tinha morrido.

— Deve ter ficado de rastos quando o perdeu.

— Mais do que possas imaginar.

— Adotou o meu pai depois de o Tom...?

A Barbara ergueu o queixo e assentiu.

— Sabíamos que o rapazinho tinha sido encontrado em circunstâncias misteriosas, mas, pensando bem, suponho que estivéssemos tão ansiosos que não demos muita atenção ao facto.

De súbito ficou frio. Senti os meus braços cobertos de pele de galinha.

— Como assim, «circunstâncias misteriosas»?

— Não vale a pena falar agora dessas coisas. Nunca ninguém saberá o que de facto sucedeu.

— Agradecia que a senhora me dissesse o que sabe. É importante para mim.

— Foi encontrado numa área de descanso na Estrada 35, à saída de Duluth — suspirou. — Fica a cerca de cento e vinte quilómetros daqui. Duas testemunhas da bomba de gasolina dizem que um homem, um homem de aspeto estranho, fez sair o rapazinho de um autocarro da *Trailways* e o levou para as traseiras do edifício. Algum tempo depois, começaram a ficar preocupados e quando abriram a porta da casa de banho encontraram a criança inconsciente e coberta de sangue, mas não havia sinais do homem em parte alguma. O dono da bomba

de gasolina chamou a polícia e levaram o rapazinho imediatamente para o hospital, mas nunca encontraram os pais, nem o homem que o atacou.

»Ele não se lembrava de nada antes do hospital. Quando recebemos o telefonema da agência de adoção, fomos visitá-lo e perguntámos-lhe se gostaria de vir para casa connosco e... — A mulher aconchegou mais uma vez a gola de lã cinzenta ao pescoço. — E ser o nosso menino a partir daí. Chamámos-lhe Francis, pelo pai do Dan. Talvez... — suspirou —, talvez não tenhamos sido muito sensatos quando o adotámos, mas parecia-se tanto com o Tom. Como se verdadeiramente pudessem ter sido irmãos. — Vi-a acariciar a borda do copo de água, com muita ternura, como se acariciasse a orelha do seu bebé. — Faria 40 anos este ano — disse mais para consigo do que para mim.

— Lamento muito — repeti. E pensei no que poderia dizer para ela me contar mais coisas do meu pai. — Como era o Frank, quando era pequeno?

— Como assim?

«*Como assim*», o quê?

— O que gostava de fazer e o que faziam juntos? Que livros gostava de ler? Era bom aluno?

Comia pessoas enquanto aqui viveu? Sabia o que ele era?

— Não — disse a Barbara Yearly. — Não, não era muito bom aluno.

Esperei enquanto ela tamborilava com os dedos na mesa e olhava para a rua, onde passava uma carrinha

de gelados. A carrinha parou mais abaixo, junto ao passeio, e um grupo de miúdos veio a correr pela relva com as mãos cheias de trocos.

— Tem fotografias dele que eu possa ver? — perguntei, por fim.

Abanou a cabeça.

— Lamento. Não guardei nada.

— Nada? Nem uma única fotografia?

A mulher cruzou os braços com força.

— Olha. Não quero ser desagradável, por isso espero que não leves isto a peito. Podemos ter o mesmo nome, mas para mim és uma desconhecida. És-me tão desconhecida como o teu pai sempre foi.

— Ele não *era* um desconhecido. — Detetei a indignação na minha voz, mas sabia que, se me zangasse, ela mostrar-me-ia o caminho da porta. — Era seu filho. *Escolheu-o*.

Porém, naquele universo — no universo daquela casa gelada e vazia —, não havia qualquer ligação, uma ligação que afinal nunca existira.

— *Tive* um filho. Foi um erro da minha parte pensar que o podia substituir. — A Barbara Yearly olhou para mim e depois de novo para a janela. Um gato preto estava sentado junto a um ácer a espreitar um passarinho cinzento que saltitava sobre um ramo baixo. A carrinha dos gelados partiu e a sua música recomeçou. — A culpa foi toda minha — continuou. — O Dan disse-me que era comigo, que me deixava decidir pelos dois. O meu marido compreendia que ninguém sente a morte de um filho como uma mãe.

Pensei na minha mãe e, mais uma vez, achei que não me importava. Ela não gostava de mim, mas eu não precisava dela.

— Pode dar-me a morada do hospital em que o meu pai está?

A Barbara Yearly levantou-se da mesa e foi à bancada buscar um livro de endereços com capa às flores já desbotada, que guardava num organizador de secretária. Copiou a morada para um bloco a condizer e entregou-ma.

— Não me leves a mal por não te convidar para jantar — disse. — Não cozinho desde a morte do meu marido.

Levou-me à porta e, dessa vez, pude observar a sala. Os painéis escuros das paredes estavam cobertos por molduras de todos os tamanhos, mas não havia paisagens do mar nem da natureza coberta de neve, nem tão pouco pores do sol de technicolor descorado. Nada de provérbios bordados ou de gravuras da *Madonna* de Rafael. Apenas o Tom.

A mulher apertou-me a mão e retirou a dela antes mesmo de eu poder sentir que me tocara. *Devia ter percebido*, pensei. *Devia ter percebido que conseguiria menos do que fui ali buscar.*

— Boa sorte — disse, e vi o seu rosto pálido retirar-se para a escuridão da casa, um momento antes da porta da rua se fechar e eu ouvir o clique suave da fechadura.

Combinara encontrar-me com o Lee nessa tarde na

Biblioteca Pública de Sandhorn, mas, quando cheguei, ele ainda lá não estava. Perguntei à bibliotecária onde poderia encontrar os livros da escola secundária local. É estranho como levei mais tempo a encontrar a fotografia do meu pai do que a descobrir a morada da Sra. Yearly.

E também era estranho ele não ser diferente de nenhum dos outros rapazes das turmas a que pertencera — tal como os colegas, usava gravata, tinha o cabelo despenteado, a mesma expressão de surpresa nas sobrancelhas e o sorriso um pouco embaraçado. Mas naquela fotografia vi esclarecidas todas as diferenças entre mim e a minha mãe: os meus olhos claros, quando os dela eram escuros, o meu rosto redondo, quando o dela era comprido.

Passei a ponta do dedo pelas palavras por baixo da fotografia, *Francis Yearly*, como se o nome fosse uma novidade para mim. Aquele rapaz viria a ser meu pai, contudo, parecia um vulgar jovem de 18 anos, pronto para entrar no mundo e fazer algo por si próprio. *Acorda, Maren, quais são as possibilidades de ele alguma vez pintar o teu quarto ou te preparar o pequeno-almoço?*

O problema destas perguntas é que uma leva sempre a outra. Onde estarei *eu* dentro de vinte anos? Terei de viver sempre nas casas de outras pessoas, fingindo que me pertencem? Com quem viajarei — e se tiver de viajar sozinha — e se *não puder* viajar?

Alguma vez estarei em paz com quem fui e com o

que fiz? Como será possível?

Sentia-me exausta só de pensar naquilo — *vivê-lo* então era impensável. Repus os livros na prateleira, peguei no caderno de apontamentos e comecei a escrever.

Faltava um quarto para as oito quando o Lee apareceu.

— Como correu? — perguntou. Olhei para ele. — Foi assim tão mau?

Assenti.

— Deu-te a morada dele?

Tirei o papel do bolso e passei-lho sobre a mesa. *Francis Yearly* (como se alguma vez pudesse esquecer-me do nome dele), *Bridewell Hospital, 19046 Co. Hwy F, Tarbridge, WI.*

O Lee franziu a testa.

— Está no hospital?

— É um hospital para doentes *mentais*.

Lançou-me um olhar: triste, mas não surpreendido.

— Oh, Maren, lamento muito.

Olhei para ele e encolhi os ombros ao de leve. Senti-me velha e cansada, como se tivesse vivido vinte anos numa hora.

A bibliotecária aproximou-se do altifalante.

— Fechamos dentro de dez minutos.

— Queres ir vê-lo, mesmo assim?

Assenti.

— Então voltamos para o Wisconsin — disse o Lee. — Pelo menos não é muito longe. — Apontou para o monte de fotocópias à minha frente sobre a mesa. —

O que é isso?

Entreguei-lhe uma das páginas e ele leu-a.

Chamo-me Maren Yearly e tenho 16 anos. Compreendo que o que vou contar pareça uma piada doentia, mas quando virem que os nomes e datas que indico abaixo correspondem a pessoas dadas como desaparecidas, compreenderão que não sou uma pessoa com um péssimo sentido de humor e sem nada que fazer.

— Nem penses — disse ele. — A sério, não vais mandar isto para quem quer que seja.

— Porque não? — *A verdade liberta.*

— Ninguém vai acreditar em ti.

Ia dizer-lhe que pouco me importava que acreditassem ou não, mas depois pensei que ele talvez não entendesse.

— Talvez acreditem — preferi dizer.

Enquanto esperava pelo Lee, procurara no computador as moradas de todas as esquadras da polícia nas cidades em que fizera a coisa má. Escrevera a confissão no meu caderno de apontamentos e fizera nove fotocópias. Não sabia bem onde deveria esperar pela polícia, mas poderia resolver depois e acrescentar um *post scriptum*.

Parte de mim sentia-se melhor por ter feito aquilo. Parte de mim continuava a correr, sem se revelar.

— Vamos embora — disse ele. — Não precisas de enviar isto esta noite. Quero chegar a Tarbridge o mais rapidamente possível e arranjar um lugar para dormirmos.

Voltámos para o Wisconsin, rodeados de campos ondulantes. A luz já desaparecia quando uma forma saltou à nossa frente, vinda da colina à nossa esquerda. Já vira muitos veados desde que começara a viajar com o Lee, mas apenas nas paredes das cabanas, ou sobre os ombros de alguém, completos, mas sem vida.

— Espera — disse eu, e o Lee travou de repente. O veado atravessou a estrada e correu ao longo da orla relvada junto a uma vedação de arame farpado.

De repente deu um salto no ar, pairando sobre o arame farpado, com o pompom branco da cauda a brilhar na escuridão. Foi como se o mundo parasse por um momento. Depois as patas traseiras ultrapassaram o arame — num movimento ligeiro — e, num abrir e fechar de olhos, desapareceu no cimo de outro monte. Nunca vira algo tão gracioso na minha vida.

*

Já passava muito das onze quando chegámos a Tarbridge. Atravessámos a cidade e passámos o desvio para o Bridewell Hospital no caminho para o Parque Estatal de Otsinuwako. Sem aviso, o Lee deu meia-volta e tudo oscilou dentro da carrinha.

— Viste ali aquela placa?

— Que placa?

— Daquela nova urbanização. Apartamento modelo. Significa que a casa modelo está mobilada. — Uma cama de verdade pela segunda vez, se

conseguíssemos arranjar maneira de entrar.

Era uma rua nova, de modo que ainda não tinha iluminação. O Lee estacionou a carrinha diante de uma casa por acabar — ainda não tinha paredes, apenas a estrutura de madeira — e subimos a rua, ainda por pavimentar, até à casa no cimo da urbanização. Tinha um relvado verde perfeito, arbustos aparados com toda a precisão e uma coroa de pinhas e fitas cor-de-rosa pendurada na porta. Entrada com teto em ogiva, garagem para dois carros.

O Lee baixou-se para dar a volta à casa e eu fui atrás dele. Havia um extenso pavimento de madeira sobranceiro a outro relvado, e uma vedação de estacas marcava o limite da propriedade. O Lee subiu os degraus e inclinou-se para examinar a fechadura da porta de vidro. Retirou algo do bolso de trás — uma pequena vara de metal — e inseriu-a na fechadura.

— Onde aprendeste a abrir fechaduras?

— Na escola profissional. — Enquanto fazia girar a vara dentro da fechadura, sorriu ao recordar-se. — Nos dias em que o professor faltava por doença havia uns tipos que davam aulas do que sabiam.

Ouvi um clique e o Lee fez deslizar a porta.

— Primeiro as senhoras — disse e seguiu-me até à cozinha. Havia uma mesa redonda com uma taça de cerâmica vermelha cheia de limões de plástico. Vi uma ilha com bancos de bar de um lado, um enorme frigorífico de aço inoxidável e um fogão de seis bicos.

Tirámos os sapatos e começámos a explorar. Dentro do frigorífico encontrei meia dúzia de embalagens com massa de biscoitos pronta a meter no forno.

— Aposto que fazem uma fornada de biscoitos antes de começarem a mostrar a casa. — Tirou uma embalagem. — Dá-lhe um cheiro acolhedor. Tens fome?

Assenti e ele pegou num tabuleiro do forno, fez girar o mostrador para os cento e oitenta graus e abriu a embalagem. Lavámos as mãos no lava-loiça da cozinha e passámos uns minutos distraídos a separar fatias de massa que íamos colocando no tabuleiro.

Assim que pusemos as bolachas no forno, fomos para a sala de jantar. A mesa estava posta para um jantar de festa: pratos de porcelana com ramos de botões de rosa na borda, toalha vermelha com guardanapos a condizer colocados em argolas de esmalte, talheres pesados, copos de vinho de cristal e tudo o mais.

A sala a seguir era ainda mais formal, com dois sofás de veludo azul e braços de madeira trabalhada, pesados cortinados de brocado, enfeitados com borlas, e uma enorme vitrina que ocupava quase uma parede. O Lee passou por mim para entrar na sala, pegou numa jarra e pousou-a de novo.

— Que lugar ridículo — comentou. — Alguém há de comprar esta casa com tudo o que ela tem dentro, mas nunca ninguém se vai sentar aqui. Parece um museu.

— Mesmo assim gosto — disse eu. — A minha mãe nunca fazia decorações como esta. Nunca ficávamos na mesma casa tempo suficiente para que ela se desse ao trabalho.

— Nós vivemos sempre no mesmo sítio. — O Lee inclinou-se sobre a taça de cristal e cheirou o *potpourri* que ela continha. — Qual seria a desculpa da minha mãe?

Passei ao vestíbulo. A mesinha junto à porta tinha todo o tipo de folhetos e cartões de visita em pequenas bandejas de plástico. Estas eram as pessoas que faziam parecer que uma família vivia de facto naquela casa. Era estranho pensar que aquilo era o emprego de alguém.

O aroma doce dos biscoitos espalhou-se pelas salas e pelo andar superior. Em primeiro lugar, encontrámos o quarto de hóspedes — não uma Sala Vazia, pois não se pode encontrar uma Sala Vazia numa casa onde não vive ninguém — e o quarto das crianças com duas camas iguais. Havia uma cadeira de baloiço num canto e um candeeiro azul na mesa de cabeceira entre as duas camas, cobertas com edredões iguais salpicados de pequenos arco-íris.

Ao fundo do corredor, no quarto principal, havia uma cama com quatro colunas, cheia de almofadas debruadas a dourado.

— Estás a pensar o mesmo que eu? — perguntou o Lee quando estávamos à porta.

— Sim — respondi. E, a rir como miúdos pequenos, corremos pelo espesso tapete bege para aterrar

sobre o edredão, que parecia ter sido acolchoado à mão.

O cronómetro do forno apitou. Fomos para baixo e jantámos biscoitos.

Não havia aparelhos eletrónicos. Descobrimos quando o Lee abriu o armário enorme do «centro de entretenimento» na sala de estar, à espera de ver uma televisão de ecrã gigante. Havia estantes de ambos os lados da larga lareira de tijolo. Alguns livros eram verdadeiros, outros eram bocados de madeira recortados e pintados de vermelho e dourado para parecerem livros encadernados a couro, como no cenário de um filme. Um tabuleiro de xadrez esperava pelos jogadores numa mesa junto a uma janela que dava para o relvado da frente e para a nova rua cheia de pó, mas nenhum de nós sabia jogar, por isso inventámos as nossas regras. As peças do jogo eram pesadas, feitas de uma espécie de quartzo branco. Sopesei a minha rainha na palma da mão antes de a pousar no tabuleiro e derrubar o rei preto.

Depois decidimos que eram horas de ir para a cama. Fui para o quarto das crianças e o Lee seguiu-me.

— O quê? Não queres dormir na cama das quatro colunas? — perguntei-lhe.

— Dá uma trabalhadeira arrumar aquelas almofadas todas — disse ele, puxando o edredão do arco-íris e instalando-se.

Pousei o dedo no interruptor do candeeiro de lava.

— Posso?

Antes de fazer um gesto afirmativo, ele olhou para as janelas ocultas pelas cortinas e eu liguei-o. Uma misteriosa luz azul encheu o quarto e, assim que a lâmpada aqueceu, as manchas coloridas subiram e lançaram sombras em movimento nas paredes. Enfie-me debaixo da roupa na cama junto à porta. Os lençóis estavam rígidos e cheiravam a plástico. Claro que nunca haviam sido lavados.

— Lee?

— Sim?

— Já tiveste uma namorada?

— Sim. Uma vez.

Senti o coração acelerar no meu peito e tive medo de que ele o pudesse ouvir.

— Como se chamava?

— Rachel.

— É um nome bonito.

— Sim. — Fez uma pausa. — Por vezes fazes-me lembrar dela.

Ergui-me apoiada num cotovelo para lhe poder ver o rosto.

— A sério?

Ele olhou para mim.

— Sim. — Nova pausa. — Gostava muito de ler. Jane Austen, coisas assim.

— O que... — comecei e quase perdi a coragem. — O que é que aconteceu?

— É uma longa história.

Tentei sorrir.

— Temos toda a noite, não temos?

— Está bem. — Deteve-se para organizar as recordações na ordem correta. — Uma noite levei a Rachel lá a casa porque a Kayla queria conhecê-la e pensei que talvez pudessem conversar acerca das coisas de que vocês falam, pois sabia que a minha irmã precisava de ter alguém em quem confiar. A minha mãe quase nem se incomodava em guardar a comida no frigorífico, quanto mais em dizer-lhe o que quer que fosse. E estávamos muito divertidos, só os três, a beber salsaparrilha e a rir de anedotas parvas, até *ele* aparecer. — O Lee fechou a mão sobre o edredão do arco-íris. — Outro dos namorados da minha mãe. Eram todos iguais, sabes? Eu chegava a casa e encontrava um estendido no sofá, com duas dúzias de latas de cerveja vazias sobre a mesinha e outra aberta na mão peluda, a televisão numa qualquer corrida de automóveis, com o som tão alto que não sei como os vizinhos nunca apresentaram queixa. Dizia-me que lhe fosse buscar outra cerveja ao frigorífico, eu respondia que não era criado dele e ele começava a chamar-me nomes que o definiam muito mais a ele, dizendo que já era tempo de a minha mãe me pôr na rua, e eu então ripostava: «Não. É mas é tempo de a minha mãe te pôr *a ti* na rua.» — Suspirou. — A minha mãe pagava sempre a cerveja.

»Nessa altura ele levantava-se do sofá, aproximava-se da minha cara e eu sentia todas as coisas nojentas que ele fizera nessa semana. Arfara nos becos, vomitara nos caixotes do lixo. Seguia-me pela sala,

insultava-me e, entretanto, eu trancava a porta e fechava os estores. — Riu-se num tom gélido. — Não fazia ideia do que o esperava. Estavam sempre tão bêbedos que nunca faziam ideia.

»De qualquer forma, dessa vez a diferença era que a Kayla e a Rachel estavam presentes. Mandeí as duas para o quarto da Kayla, fechei a porta à chave e eu... e... a Rachel não me ouviu. *Ela viu*. — Ouvi-o engolir em seco. — E foi por isso que tive de me ir embora.

— O que aconteceu? — Sentei-me na cama e cruzei as pernas debaixo do corpo. — Quero dizer... o que fez ela?

Ele olhou para o teto e prosseguiu.

— Não gritou... pelo menos a princípio. Limitou-se a olhar para mim durante muito tempo com a boca aberta. Eu queria lavar-me antes de ir ter com ela... consolá-la, sabes, mas tinha medo de que ela fugisse antes de eu chegar à casa de banho, por isso fiquei ali parado e tentei falar-lhe. Disse-lhe que nunca lhe faria mal, que só fazia mal a pessoas que tinham feito mal a outras e que não o podia evitar, mas ela ficou ali, imóvel como uma estátua. — Respirou fundo e percebi que estava a chorar, ou quase. Sentei-me no chão entre as duas camas e dei-lhe umas palmadinhas na mão. — Depois, ouvi a Kayla abrir a porta do quarto, gritar o meu nome e perguntar se já podia sair, e a Rachel saiu do transe. Saiu de casa a correr, mas eu não podia correr atrás dela, não fosse ela pensar que a estava a perseguir, sabes? Por isso

limpei-me e esperei mais uns minutos... pareceu-me uma eternidade... e depois disse à Kayla que ia sair. Ela continuava a perguntar-me o que tinha acontecido, se eu e a Rachel tínhamos discutido, mas não lhe quis dizer.

Pegou-me na mão e apertou-me, depois largou-a e, a partir daí, eu já não soube onde as pôr.

— Fui de carro a casa da Rachel e o pai dela abriu a porta. Nunca tinha gostado de mim e percebi pela sua expressão... assim, presunçoso, como se sempre tivesse tido razão a meu respeito. Fechou a porta de rede para eu não poder entrar e ficou ali com os seus grossos braços cruzados, como o segurança de uma discoteca, a dizer-me que ela chegara a casa a vomitar e a falar sem nexo de alguém que tinha sido comido. Percebi que nunca ocorrera aos pais que aquilo pudesse ser dito literalmente, pensaram que eu a tinha embriagado e tentado... — Suspirou e esfregou os olhos. — De qualquer forma, disse-lhe que nunca lhe tocara, mas claro que ele não acreditou. Conseguia ouvir os gritos e o choro dela no andar de cima e a mãe a tentar acalmá-la. — Afastou as mãos dos olhos. — Amava-a mais do que a qualquer outra pessoa, mas não consegui tranquilizá-la e desfazer o que tinha feito. O pai dela bateu-me com a porta na cara, mas antes... — O Lee imitou um tom profundo e intimidatório: — *Vais ficar bem longe da minha filha, entendes?* — Fez uma pausa. — Se não fosse a Kayla, eu ter-me-ia matado.

Até ouvirmos uma história como esta, pensamos

que o coração partido é apenas uma figura de estilo. Queria consolá-lo, não apenas com umas pancadinhas na mão e dizer-lhe que tinha muita pena, mas melhorar mesmo as coisas. Se eu tinha de ser um monstro, porque não poderia ter uma espécie de poder mágico que resolvesse aquilo?

— O que aconteceu depois? — perguntei. — Foste à escola no dia seguinte?

— Como poderia voltar depois daquilo? As coisas sabem-se. As pessoas falam. Toda a gente sabia que eu tinha feito algo terrível, algo imperdoável. Não sabiam o quê, mas isso bastava.

— E a Rachel?

Abanou a cabeça.

— Há dois anos que não a vejo. Desde essa noite.

— Nunca mais te quis ver?

— Não podia ver-me mesmo que quisesse. Dei-lhe cabo da vida, Maren. Ela foi internada. Tiraram-na na escola. Não havia maneira de chegar a ela. Não posso falar com ela, não posso explicar-lhe. Está lá presa, com um monte de gente louca, a desenhar com lápis de cor e a comer puré de batata com uma colher e nunca ninguém acreditará nela.

Está lá presa com um monte de gente louca. Gente como o meu pai.

O Lee começou a chorar e, dessa vez, não tentou escondê-lo. Sentei-me na cama ao lado dele e ele sentou-se também, agarrou o meu ombro e encostou a testa à curva do meu pescoço.

— Durante todo este tempo nunca contei isto a

ninguém — afirmou em voz estranhamente calma. Senti as palavras dele percorrerem-me num murmúrio. — Como poderia contar à Kayla? É a única pessoa no mundo que ainda pensa que sou *bom*.

— *Eu* penso que és bom.

O Lee tentou rir-se.

— Creio que não me conheces muito bem.

— Um de nós tem de ser o bom — repliquei. — E de certeza que não sou eu.

— Nunca deveria tê-la levado a minha casa. Porque não as levei a comer um gelado ou assim? — Afastou-se de mim. Tinha os olhos raiados de sangue. — Estás satisfeita por teres perguntado?

— É essa a outra razão por que continuas a voltar a casa, não é verdade? Tens esperança de voltar a vê-la.

O Lee deitou-se e fechou os olhos e eu voltei para a minha cama. O momento terminara.

— Fico sentado no parque de estacionamento a olhar para o edifício e a imaginar qual será o quarto dela. Tentei entrar algumas vezes, mas os pais dela falaram-lhes de mim. Têm uma lista de pessoas autorizadas a visitá-la e quem não faz parte dessa lista não pode entrar. Não creio que haja maneira de compor as coisas, mas se eu pudesse explicar-lhe tudo, talvez ajudasse.

— Ainda... ainda a amas?

— Sim — respondeu lentamente. — Sim, claro que sim. Não é... o mesmo, se é que isso faz sentido. Sei que acabou tudo entre nós e sei que ela merece

melhor... sempre mereceu melhor.

Nunca pensei ter ciúmes de uma miúda internada num hospital psiquiátrico. E, contudo... se pudesse ter trocado de lugar com ela, tê-lo-ia feito. Resolveria os nossos problemas — os dela e os meus. Eu e o meu pai podíamos ter quartos contíguos, jogar às damas e passear pela relva, nos nossos pijamas brancos. E ainda poderíamos escutar o *Revolver* juntos.

O Lee abriu os olhos.

— Estás nervosa?

A princípio não entendi.

O meu pai, claro. O Frank.

— Não estarias?

— Se estivesse no teu lugar? Claro.

Adormeceu pouco depois, com o rosto ainda manchado de lágrimas. Deitei-me de lado a ver as manchas azuis tomarem forma e subirem pela parede.

*

Na manhã seguinte, o Lee estava pouco simpático. Acordei e vi-o abrir as cortinas, para deixar entrar a luz pálida da madrugada.

— Quem sabe a que horas chegam para mostrar a casa? — disse. — E ainda temos de limpar a cozinha.

Gostaria de saber se o agente imobiliário daria pela falta da embalagem da massa. Não que tivesse grande importância.

Na cozinha havia uma máquina de café, por isso tomámo-lo acabado de fazer, apenas com uma

embalagem de leite em pó e sem conversa. Sempre que me aproximava dele — para pegar numa caneca, ou pedir emprestada a colher que ele usara para mexer o leite —, afastava-se de mim, como se fosse acontecer algum desastre se as nossas mãos ou cotovelos se tocassem.

A princípio não disse nada. Queria ver se ele se dispunha a falar comigo. Por fim perguntei:

— Porque é que estás tão estranho? Será porque te arrependeste de me teres contado o que se passou com a Rachel?

Suspirou enquanto lavava a caneca do café, sacudia as gotas de água e a arrumava no armário.

— Bem, se pões as coisas nesses termos...

— A culpa não é minha.

— Não disse que era.

— Estava apenas a perguntar-te coisas da tua vida. É o que fazem os amigos.

Não respondeu. Saímos da mesma forma que entráramos, voltámos para a carrinha e afastámo-nos do condomínio em construção. Faltavam apenas cerca de oito quilómetros para Bridewell. E depois?

Ainda o mesmo silêncio de pedra no lugar do condutor. Revi mentalmente todas as possibilidades — tudo o que poderia dizer e todas as hipóteses de resposta da parte dele. Sabia que se lhe perguntasse: «Queres deixar-me em Tarbridge, regressar à Virgínia e nunca mais me ver?» e ele dissesse que sim, já não seria capaz de fingir que só me interessava por ele como um conhecido de passagem.

Eu iria chorar e ele iria perceber.

Por isso tive de fingir que era ideia minha.

— Creio que chegámos ao fim — disse eu, quando ele virou no cruzamento para Bridewell.

— Como assim?

— Vais deixar-me aqui e voltar à Virgínia.

— O quê? — Voltou-se no assento e olhou para mim.

— E o que *vais* fazer? Pedir para te internarem?

O hospital psiquiátrico surgia no alto da colina, três andares de tijolo e janelas com grades. Parámos junto à casa do guarda, onde o parque de estacionamento terminava numa vedação de ferro forjado. O homem no cubículo usava um uniforme azul com um emblema no braço que dizia SEGURANÇA DE BRIDEWELL.

— Visitante?

O Lee assentiu.

— Muito bem. Vamos anotar a matrícula e depois pode seguir.

O parque de estacionamento estava quase vazio, mas o Lee parou num lugar o mais longe possível da entrada principal.

— Responde-me, Maren. O que vais fazer?

— Tem alguma importância? — O Lee soltou um suspiro exasperado e desceu da cabina. — Não sei porque estás a agir como se de repente te importasses — disse eu, enquanto ele dava a volta para abrir a porta do passageiro. — Foste *tu* que disseste que não fazias amigos.

— Não te vou deixar aqui, sem teres um plano sensato.

— Volto para a cabana do Sully.

— Eu disse sensato, Maren. O homem é sinistro e tu sabe-lo.

— Esfaqueou-te enquanto dormias? Envenenou o teu guisado?

— Para — disse ele. — Não sejas idiota.

— Agora vou ver o meu pai e o que acontecer depois não é da tua conta.

Ele pareceu realmente magoado.

— Estás a falar a sério?

É óbvio que não consegui olhar de frente para ele quando respondi.

— Sim. Estou a falar a sério.

— E se mudares de ideias?

— Não mudo.

— Mudas. Sei que mudas. Mas não posso ficar por aqui à tua espera, Maren.

Atirei a mochila para cima do ombro e, a seguir, bati com a porta da carrinha.

— Então não fiques.

A mulher da receção ergueu as suas sobrancelhas desenhadas quando lhe disse que queria ver o Frank Yearly.

— Só um momento, enquanto vou tentar encontrar a Dra. Worth.

Na parede oposta via-se o retrato enorme de um homem de cabelos brancos envergando um casaco de *tweed*. A placa por baixo da pesada moldura dourada dizia:

DR. GEORGE BRIDEWELL

«O que quer que um médico diagnostique ou
receite,
o seu melhor instrumento é a compaixão.»

— A Dra. Worth vai recebê-la no gabinete — disse a rececionista. — Venha por aqui.

Entrei atrás dela na porta ao lado da receção e segui por um longo corredor cinzento. Ela abriu a porta e indicou-me com a mão que eu devia entrar, mas o gabinete estava vazio.

— É só um momento — disse ela, e desapareceu.

Sobre a secretária via-se um pesa-papéis em forma de sapo que não segurava papéis e na parede do fundo havia estantes repletas de livros de medicina. O gabinete estava muito limpo, com a exceção de uma enorme mancha de humidade no teto, em vários tons de castanho, como se alguém tivesse entornado várias chávenas de chá no primeiro andar. As janelas davam para o parque de estacionamento e o meu coração emocionou-se quando vi ao longe a carrinha escura.

A médica entrou. Tinha cabelo curto, ruivo, óculos com uma grossa armação de metal e parecia ser um pouco mais velha do que a minha mãe.

— Bom dia — cumprimentou em tom agressivo, enquanto se sentava à secretária. — Sou a Dra. Worth, diretora de Bridewell. Disseram-me que desejas visitar o Francis Yearly.

Assenti.

— Se precisar de provas de que sou filha dele, tenho aqui a minha certidão de nascimento. — Passei-lhe o papel azul dobrado por cima da secretária, mas ela nem olhou para ele, limitando-se a abrir o dossiê que trouxera para o gabinete.

— Lamento dizer-te, mas o Sr. Yearly está muito doente — comentou enquanto examinava o documento dentro da pasta. — A minha preocupação é se uma visita depois de tantos anos não o irá perturbar, a ele ou a ti.

— Quer dizer que ele nunca teve visitas?

A médica lançou outro olhar superficial ao gráfico.

— Exatamente.

— Ninguém teve autorização de o ver, ou... nunca cá veio ninguém? — A médica compôs as suas feições numa máscara de solidariedade profissional. — Eu não sabia onde ele estava — expliquei. — Se soubesse, teria vindo muito antes.

— Por favor, não sintas remorsos por isso. Verdade seja dita, nunca em boa consciência teria permitido a um menor visitar um doente no estado em que ele está. — Fechou o dossiê e abriu a minha certidão de nascimento. — Tens só 16 anos. Onde está a tua mãe? Ela sabe que aqui estás?

Segui com os olhos o contorno sinuoso da grande mancha castanha, a transformar-se no mapa de um continente perdido.

— Ela não pôde vir, mas... mas sabe que estou aqui.

— Não devia deixar-te entrar para o veres, sem a tua mãe presente.

Inclinei-me para a frente e apertei com força a beira da secretária da Dra. Worth. Estava literalmente a agarrar-me.

— Sei que o meu pai não está bem, doutora. Só preciso que ele saiba que, finalmente, eu estou aqui.

— Vives com a tua mãe?

— Não. Já não.

— Então, onde vives?

Engoli em seco.

— Com uma pessoa amiga.

A Dra. Worth observou-me por cima dos óculos de

ver ao perto.

— Entendo.

— Vai deixar que eu veja o meu pai?

Suspirou.

— É pouco provável que ele se aperceba de quem és. Sei que estás ansiosa por vê-lo, mas ninguém está preparado para isto.

— Sim — disse eu. — Compreendo.

A Dra. Worth inclinou-se para diante e carregou no botão do intercomunicador do telefone.

— Denise, pode chamar o Travis ao meu gabinete?

Enquanto esperávamos, espreitei pela janela. A carrinha desaparecera. Fechei os olhos e respirei fundo. *Nunca mais o verei.*

Um minuto depois, a porta abriu-se e entrou um homem com o fato cinzento do hospital. Era alto, com algum excesso de peso e precisava de cortar o cabelo. Tinha um ar simpático, de ursinho de peluche, e apercebi-me nesse instante de que seria bondoso para comigo.

— Travis, o Sr. Yearly está acordado?

O auxiliar sorriu e cumprimentou-me antes de responder.

— Sim, doutora.

— E como está ele hoje?

— Bastante bem. Alerta. Comeu o pequeno-almoço quase todo.

A médica assentiu e voltou-se de novo para mim.

— Vou deixar-te entrar para veres o teu pai durante dez minutos. Para tua segurança, o Travis

permanecerá contigo durante a visita.

Para minha segurança?

*

Talvez pensem que sabem como é o interior de um hospital psiquiátrico, mas provavelmente estarão enganados. Não há loucos delirantes metendo os braços por entre as grades para nos agarrarem, nem lutas furiosas que se dissolvem em lágrimas, sedação e coletes de forças — pelo menos que eu visse. Na sala de convívio, o rádio estava sintonizado numa estação de música clássica e pessoas de todas as idades jogavam damas, faziam paciências ou pintavam com aquarela. Algumas estavam de pijama, outras completamente vestidas. Ninguém falava sozinho, mas também não conversavam uns com os outros.

Uma rapariga com uma disforme camisola cinzenta estava sentada numa cadeira junto à janela que dava para a mata atrás do hospital, com as mãos apertadas no colo, como as de uma velha. Tinha no rosto uma expressão ansiosa, quase ávida, como se estivesse apenas à espera da noite em que as fadas viessem resgatá-la. Lembrei-me da Rachel.

Alguns pacientes mais velhos estavam em cadeiras de rodas. Esperava ver uma centelha de curiosidade quando erguiam os olhos à nossa passagem, mas esse olhar bastava-lhes para perceberem que eu não lhes levava comida ou medicamentos e, por isso, para eles, eu não existia.

Uma mulher numa cadeira de rodas tricotava um cachecol com agulhas rombas, de plástico. O cachecol parecia ter metros e metros e várias cores e dobrava-se sobre si próprio no colo dela, antes de desaparecer dentro de um enorme saco com um padrão floral pousado no chão, a seu lado. Trabalhava com movimentos adequados, mas apáticos, sem sequer olhar para as agulhas enquanto tricotava. Um cachecol para um gigante ou um cachecol para ninguém.

O Travis conduziu-me por uma série de portas giratórias ao longo de um corredor comprido e, quando chegámos à porta do fundo, retirou um chaveiro do cinto. O meu pai estava lá dentro, fechado atrás de uma porta com três fechaduras. Senti o coração na garganta.

Vi-o sentado a uma pequena mesa almofadada, de costas para a porta. Não se virou quando entrámos. Avistei a cama dele antes de lhe ver o rosto: almofada branca, lençol branco, correias penduradas nos suportes laterais, à espera da hora da sesta. Aventurei-me a entrar, observando a cada passo o perfil do homem sentado na cadeira.

— Está aqui uma pessoa que o vem visitar, Frank.
— O Travis falava com uma ternura exagerada, como se o meu pai fosse uma criança pequena. — Uma pessoa de quem tem estado à espera há muito tempo, não é verdade?

Desaparecera o rapaz do livro das turmas da escola. O meu pai ergueu os olhos claros e húmidos

para o meu rosto e eu avistei-lhe o queixo com a barba grisalha de alguns dias e os músculos do pescoço agora tensos. Mas não sorriu, nem falou.

— Olá — murmurei. — Olá, pai.

Pai: outra palavra nessa língua imaginária. Quando falei, ele abriu muito os olhos, as lágrimas caíram-lhe nas faces e o seu queixo agitou-se com mais energia. Moveu os lábios, mas não consegui perceber o que tentava dizer. Senti o coração apertado. *Nunca vai cantar enquanto prepara o nosso pequeno-almoço.*

— Ele não... Ele não consegue falar?

— É a medicação — disse o Travis com delicadeza, trazendo-me uma cadeira. — Pronto. Porque não te sentas?

Sentei-me enquanto o auxiliar punha a mão sobre a do meu pai. A outra, a direita, estava debaixo da mesa almofada.

— Tudo bem, Frank. Calma, está tudo bem. — E voltou-se para mim. — A princípio, disse-lhe que era muito cedo para esperar que viesses, que eras muito pequena para chegar aqui sozinha, mas não sei se compreendeu. — Fez uma pausa. — Tenho a dizer que só te esperava daqui a mais uns bons anos.

Aquele homem, que eu apenas conhecera minutos antes, sabia quem eu era e porque estava ali. Não sabendo o que havia de pensar, disse-lhe apenas:

— Então, calculo que trabalhe aqui há muito tempo.

Travis esboçou um meio sorriso.

— O tempo é mais rápido à medida que vamos envelhecendo. Creio que faz sentido. Um dia torna-se

uma fração cada vez mais pequena da nossa vida.

Olhei para o meu pai.

— Posso tocar-lhe?

O auxiliar assentiu.

— Só um pouco. E dá-lhe espaço, se ele ficar perturbado.

— Neste momento está perturbado?

— Não. Não está perturbado. Apenas confuso.

Toquei-lhe na mão — tão frouxa e húmida como eu esperava — e vi que o meu pai fixava os olhos atrás de mim, onde o Travis abria a gaveta da mesa de cabeceira.

— Está aqui uma coisa que ele quer que tu leias — disse o auxiliar.

— Como é que sabe?

— Foi na minha primeira semana aqui que, uma noite, o teu pai chegou a Bridewell. Sempre sentimos que percorríamos juntos este caminho, não é verdade, Frank?

O Frank acenou com a cabeça, ou pelo menos tentou.

— Há quanto tempo está ele aqui?

— Há cerca de catorze anos.

O Travis encontrou o que procurava e colocou-o na mesa à minha frente. Nesse primeiro momento, convenci-me de que o auxiliar me entregava o meu próprio diário. Mas claro que era mais antigo: um caderno de apontamentos de capa jaspeada preta e branca, amarelecida pelo tempo, com folhas enrugadas dos velhos salpicos de tinta.

Horrivelmente, horrivelmente familiar.

Olhei para o Travis, plantado à porta como uma sentinela.

— Devo...?

O auxiliar anuiu.

— Ele quer que o leias. Escreveu-o para ti.

Abri o caderno para encontrar a primeira página coberta com uns gatafunhos masculinos, difíceis de decifrar. Seria a caligrafia do meu pai? Olhei para ele — e para os seus olhos ainda húmidos de lágrimas não derramadas — antes de começar a ler.

Olá, pequeno Yearly. Quem me dera saber o teu nome, mas ignoro até se és rapaz ou rapariga, homem ou mulher, quando chegares a ler isto. Se leres. Quero tanto que cá venhas, mas receio o que possas pensar a meu respeito. Receio que me detestes, mas, se assim for, compreenderei. Talvez a tua mãe nunca te fale de mim, e, se for esse o caso, sei que será pelo melhor.

Mesmo assim escreverei, para o caso de vires. Se não for assim, quando cá chegares, receio não conseguir responder às tuas perguntas.

Voltei a página.

Não me lembro dos meus verdadeiros pais. Até hoje não consigo sequer recordar o nome que me deram. O tempo que passei com a tua

mãe é o único que ainda é nítido para mim. Por vezes, acordo neste lugar frio e vazio e sinto o coração alegre, como se ela tivesse passado toda a noite comigo. Penso que consigo sentir o cheiro do seu champô na almofada e do bacon a fritar na divisão contígua. Agarro-me a esse momento tanto tempo quanto posso.

De contrário, a minha memória está cheia de lacunas e sei que, quanto mais tempo aqui estiver, de menos me recordarei. Mas estou em segurança, pequeno Yearly, e tu também.

Senti um frio percorrer-me a espinha. O meu pai não sabia o que se passava comigo. Nunca lhe ocorrera.

Perguntei muitas vezes a mim próprio por que razão os Yearlys ficaram comigo, mas creio que se me devolvessem ficariam com a sensação de terem quebrado uma promessa e isso transformá-los-ia em pessoas más. Ninguém, nem sequer eu, quer pensar que é uma pessoa má.

Tinha três refeições por dia e uma cama quente e limpa, mas era muito infeliz, pois não conseguia escapar ao fantasma do Tom. Por vezes falavam dele como se fosse o meu irmão mais velho (nos seus dias maus, a mãe Yearly punha um quarto lugar na mesa, à hora do jantar) e, noutras vezes, chamavam-me Tom.

Porém, na maior parte do tempo, eu era exatamente aquilo que era, um substituto pouco satisfatório. Se o Tom cá estivesse ensinava-te a andar de bicicleta. O Tom só teria notas altas. O Tom teria ido para Harvard ou Stanford. O Tom salvava os pássaros feridos. O Tom teria sido veterinário, médico ou talvez advogado ou engenheiro. Alguém, ao contrário de TI, Frank, que serás sempre um Zé-Ninguém.

Nem quando dormia estava livre do Tom. Por vezes sonhava que estava acordado e que ele se infiltrava pelo teto e se empoleirava sobre a cómoda com olhos vermelhos e brilhantes, os indicadores a puxarem os cantos da boca e a sua língua comprida e fina a agitar-se como a de uma serpente.

Nem durante o dia conseguia afastar a sensação de que alguém me vigiava. Por vezes, na escola, espreitava pela janela e via um homem de camisa de flanela vermelha encostado à vedação e a olhar para mim. À minha espera. Nunca o vi quando estava lá fora, mas tinha sempre medo de que isso acontecesse.

Deixei os Yearlys assim que terminei a escola secundária e, apesar de querer ir para a faculdade, nunca lá cheguei. Quando não temos dinheiro, é fácil dizermos a nós próprios que

iremos para a faculdade assim que arranjarmos emprego e pouparmos dinheiro para as propinas. Depois, de repente, uma manhã olhamo-nos ao espelho da barba e percebemos que se formos agora, os miúdos da turma se rirão de nós e chamar-nos-ão «cotas». Espero que vás para a faculdade. Não sei se teria feito diferença na minha vida, mas tenho a certeza de que fará diferença na tua.

Naquele quarto branco e vazio, com trancas e correias, a faculdade parecia mais impossível que nunca. Olhei para o Travis.

— Os meus dez minutos devem estar quase a acabar.

Depois de pensar por um momento, acenou com a cabeça.

— Volto já.

Agora posso falar-te da Janelle.

Tive muitos empregos em muitos lugares. Não tinha problemas em fazer novos amigos, mas, por vezes, estes acabavam por afinal não o ser, e quando eu descobria que me tinham mentido ou enganado, nunca conseguia afastar-me.

Aos 22 anos arranjei um emprego como guarda-florestal (estremeci) no Laskin National Park. As minhas funções eram principalmente patrulhar os parques de campismo para verificar se ninguém atirava lixo para o chão ou

cortava ramos para lenha. A Janelle estava na cabana da recepção a cobrar as entradas e, no meu primeiro dia, entrei e conversámos e já nessa altura, enquanto ríamos da boneca insuflável de cabeleira ruiva sentada no carro de um homem, sabia que a amaria para sempre. A tua mãe era uma bela mulher, mas havia nela muito mais do que a beleza. O bom dos empregos nos parques é que temos sempre muito tempo livre para nadar ou fazer caminhadas (ou quem está a trabalhar tem sempre possibilidade de se escapar). Admito que nenhum dos dois trabalhava tanto quanto devia.

O Travis voltou silenciosamente para o quarto.

— A Dra. Worth está na ala norte com outro paciente. Podes ficar à vontade mais algum tempo. — Pousou a mão grande e branca sobre o ombro do Frank. — Está preparado para lhe mostrar as fotografias?

O meu pai baixou o queixo e o Travis apresentou um segundo objeto saído da mesa de cabeceira: um pequeno álbum de fotografias de couro decorado a folha de ouro: O NOSSO VERÃO PERFEITO. No interior da capa vi as letras J.S. + F.Y. inscritas na caligrafia da minha mãe dentro de um belo coração vermelho e, por baixo, 1980.

Voltei silenciosamente as páginas. A minha mãe num passadiço de madeira envergando o macacão

verde do uniforme, as suas longas pernas bronzeadas terminando numas fortes botas de caminhada. A minha mãe, linda, muito antes de ter de pintar o cabelo na banheira. A minha mãe a cavalo. A minha mãe a rir-se com um semifrio à frente, as lentes da máquina refletidas na colher mergulhada no copo. A minha mãe, antes de eu lhe ter estragado a vida.

Quando o verão terminou, conseguimos ficar numa das cabanas dos vigilantes em Plover Lake, e os ricos pagavam-nos para varrer os alpendres e verificar se os canos não congelavam. Tínhamos feito amigos entre os guardas-florestais, o Sam, o Flip e o Robby, que, às quintas-feiras à noite, vinham beber uns copos e jogar póquer diante do fogão a lenha. Uma vez, o lago congelou e levámos a carrinha do Flip até ao meio, só pelo gozo. Era perigoso, mas foi emocionante. Quando voltámos, a Janelle tinha tostas de queijo e cacau quente à nossa espera. A tua mãe nunca foi grande cozinheira, mas quando cozinhava era um sucesso.

Na primavera, os pais dela vieram ao casamento. Fizeram os possíveis por ser simpáticos para comigo, mas não lhes agradara não me terem conhecido antes. Sempre que a mãe da Janelle me sorria, parecia que o sorriso estava colado, e eu receava que ela tivesse suspeitado do meu segredo. Mas são boa gente

e espero que agora sejas chegado a eles.

A tua mãe não sabia o meu segredo antes de nos casarmos. Sabia que eu lhe escondia qualquer coisa, mas continuou a amar-me como se não tivesse importância que eu lhe dissesse ou não, por isso pensei que talvez nunca tivesse de o fazer.

Se alguma vez aqui vieres, sei o que me vais perguntar. Porque é que me deixei apaixonar por ela? O que me levaria a pensar que era suficientemente bom para ela, que a coisa má não tinha importância?

Mas talvez agora tenhas idade suficiente e te tenhas apaixonado. Se for esse o caso, então já conheces a resposta.

Por um instante pude ver-me uns anos mais velha, a fritar bacon e ovos para o Lee, com uma barriga redonda como a lua. Assim que o imaginei, soube que nunca aconteceria.

Quem me dera poder ter sido um bom pai para ti. Um pai de verdade. Quando a Janelle me disse que estava à tua espera, prometi a mim próprio que o seria, que a tua infância não seria como a minha. A tua mãe sempre foi uma pessoa feliz, mas enquanto esteve grávida estava ainda mais feliz. Cantava canções de embalar durante todo o dia, como se já tivesses nascido.

Senti a garganta apertada ao ler aquelas linhas. A minha mãe *desejara-me*. Pelo menos por uns momentos, eu fizera-a feliz.

Não tínhamos dito a ninguém, mas sabíamos que vinhas a caminho e queríamos poupar o máximo, de modo que a Janelle arranhou um emprego num hotel em Whippoorwill Lake. O Robby apareceu numa noite em que ela estava a trabalhar. Bebemos muito e ele disse coisas que nunca devia ter dito, acerca do corpo da tua mãe. Disse que ela não era a rapariga doce e inocente que eu pensava. Sabia que ele estava a mentir, mas também sabia que nunca mais poderia pensar no nosso verão perfeito, sem me lembrar das palavras dele.

Disse-lhe que se fosse embora, mas ele recusou-se. Disse-lhe que dava cabo dele, mas ele limitou-se a rir. É tão difícil descobrir o que alguém que consideramos amigo pensa de nós.

Aquilo poderia ter sido escrito por mim.

Então aconteceu o impensável. A tua mãe voltou mais cedo do trabalho.

Por muito que lhe tivesse dito que nunca lhe faria mal, mesmo que discutíssemos, não sei se realmente acreditou em mim. A partir dessa noite, até à noite em que me fui embora, senti o seu amor por mim, mas também o seu receio. Quero acreditar que não foi o medo que a

manteve comigo, mas talvez esteja a mentir a mim próprio. É um alívio nunca o vir a saber.

Uma noite, quando a tua mãe estava grávida de oito meses, tivemos uma discussão. A Janelle queria que nos mudássemos para a Pensilvânia, mas eu disse-lhe que queria que o nosso bebé crescesse a amar aquelas florestas, montes e rios tanto como nós. Porém, a discussão não foi só sobre o local onde viveríamos. Eu sabia que ela queria estar perto dos pais, porque tinha medo. Disse-lho e ela ergueu a voz ao mesmo tempo que se afastava de mim. Vi terror nos olhos dela. A Janelle nunca mais se riu e eu sabia porquê.

Tentei recordar o riso da minha mãe, mas não fui capaz. Mas ela amara-me. Isso sim.

Havia algumas páginas em branco, e depois:

Quero ser bom para ti, pequeno Yearly, mas não posso. Posso apenas ser honesto. Agora vou contar-te tudo.

A primeira coisa de que me lembro é de ser muito pequeno, ao lado de um grande autocarro, junto a uma bomba de gasolina. Um homem dava-me a mão e levava-me à casa de banho atrás das bombas. Não me lembro da cara dele, mas fechou-se lá dentro comigo e tentava que eu lhe fizesse uma coisa má, mas eu fiz outra muito pior. Comi-o.

Lamento muito a dor e o choque que isto te irá causar. Não sei se haverá mais alguém como eu neste mundo. Sei que existem pessoas no mundo que comem gente, do mesmo modo que uma pessoa vulgar come um bife ou um hambúrguer. Não foi o que fiz. Era apenas um menino, mas até com os meus dentes de leite consegui moer os ossos do homem e, quanto mais comia, mais fome tinha.

A tua mãe tinha um modo de me fazer esquecer que eu era um monstro, mesmo depois de ter descoberto o que fizera. Fazia-me sentir que me era possível viver uma boa vida e ser um homem honesto, e essa era apenas uma das razões pelas quais a amava.

Não queria deixar-te, mas tive de o fazer, embora soubesse que nunca te faria mal nem a ti nem à tua mãe. Também sabia que nunca poderia ter a certeza disso. A única razão para não lhe ter escrito foi recear que ela não me respondesse. Agora lamento muito, mas é tarde demais.

Ela era o meu sol. A pior dor da minha vida é saber que nunca mais a verei.

Mais páginas em branco e, quando a caligrafia surgiu mais uma vez, era muito maior e mais infantil.

No primeiro dia de cada mês, celebram todos os aniversários da enfermaria que acontecem

nesse mesmo mês e há sempre um bolo de baunilha retangular e um jogo de bingo. Nunca soube o dia do meu aniversário, por isso os Yearlys consideram-no no dia 1 de janeiro. Se soubesse a data do teu aniversário, pediria ao Travis que me recordasse quando estivesse próximo. Assim podia imaginar o que estarias a fazer para o celebrar. O Travis diz que hoje é dia 1 de abril de 1991, por isso creio que agora terás quase 9 anos. Quem me dera saber se és rapaz ou rapariga, porque é difícil imaginar-te sem o saber.

Havia um espaço e depois mais uma linha ao fundo da página:

O Travis é meu amigo. É a única pessoa aqui que me conhece.

Olhei para o auxiliar.

— O senhor leu isto?

Ele pigarreou, mas não desviou os olhos.

— Li partes.

— Ele... ele mostrou-lhe? Queria que o senhor visse?

O Travis assentiu.

Senti-me um pouco irritada. O homem não tinha o direito de ter lido aquilo, quando era evidente que o meu pai não estava no seu juízo perfeito.

— Porquê? — perguntei. — Porque é que ele o deixou ver isto?

— Lamento que te sintas violada na tua privacidade
— replicou num tom bondoso e eu tive de me comover. — Ele estava ansioso por que eu o lesse. Precisava de alguém que o compreendesse, entendes?

Assenti e voltei à leitura. Mais páginas em branco e depois:

Não consigo controlar os pensamentos. Surge-me um e desaparece no tempo que levo a pegar no lápis. Não me deixam escrever com canetas, só com lápis mal afiados. Creio que devem pagar a alguém para lamber as pontas dos lápis antes de mos entregarem.

Esquecer tem uma vantagem. Os rostos deles desapareceram. Já não me lembro de como eram. Agora, quando adormeço, tudo é escuridão.

Mas retiro da gaveta a fotografia da tua mãe e olho para ela enquanto estou na cama, assim que acordo e antes de adormecer. Deste modo não esquecerei o seu rosto. Custa-me olhar, porque sei que nunca mais a verei, mas olho de qualquer forma, porque se esquecer o rosto dela, nada restará de mim.

E na página seguinte, num leve azul arroxeadado:

Hoje tiraram-me os lápis.

Havia mais páginas em branco e comecei a pensar que não tinha mais nada para ler. Depois vi uma

página escrita com um lápis de cor vermelho vivo, numa caligrafia tão confusa que mal conseguia perceber.

Hoje dei cabo da mão com que escrevia.

MÃO DESAPARECEU

DESAPARECEU

DESAPARECEU

Ergui o olhar com o coração a bater-me na garganta. O meu pai fechara os olhos e eu não consegui perceber se tinha adormecido.

— O que significa isto? — perguntei ao Travis. — O que queria ele dizer com «dei cabo da mão»?

Lentamente, com os olhos ainda fechados, o meu pai levantou a mão esquerda até a deixar cair no colo para proteger a direita. Vi-lhe o rosto enrugado como uma folha de papel inutilizada por uma única gralha. O Travis olhou para o chão.

Virei a página e depois outra e mais outra. O resto do caderno estava preenchido com uma palavra, uma e outra vez, em todas as cores da caixa de lápis.

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle

Janelle

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

*Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle Janelle
Janelle*

— Onde está a tua mãe? — perguntou o Travis em voz baixa.

— Foi-se embora.

— Era o que eu receava.

Olhei para o meu pai. Lentamente, muito lentamente, a minha tristeza transformou-se em raiva.

— Porque não responde à minha pergunta?

— Por favor, Maren, pedi-te que não o perturbasses — disse o Travis com um suspiro. — Escuta-me, pois isto é importante. A Dra. Worth anda a fazer telefonemas a teu respeito.

— Telefonemas? Como assim?

Os olhos do Travis pareciam-me os de um cão, húmidos e castanhos, ansiosos por agradar.

— Comissão de proteção de menores.

— Porquê?

— Disse que tinhas trazido uma mochila enorme...

— Deixei-a no gabinete dela. O que tem de mal?

— Não tem nada de mal. Mas para a doutora é evidente que trazes a tua vida às costas.

Suspirei.

— Então vem alguém buscar-me?

— Ainda não sei. Escuta, Maren, se não tens para onde ir...

— Eu fico bem — disse imediatamente.

— O meu turno termina às seis — continuou. — Compreendo se julgares que deves recusar e não quero que faças o que quer que seja com que não te sintas confortável. Só sei que o Frank gostaria que pelo menos te fizesse a oferta.

O meu pai tinha ainda os olhos apertados.

— Obrigada. Não posso mesmo, mas... agradeço.

— Tens a certeza? Posso ajudar-te a resolver o que vais fazer a seguir. Isto é, se não quiseses ir para uma família de acolhimento.

— Acha que há outra opção?

— Não sei. Mas faço-te o jantar e talvez possamos resolver isto juntos.

— Pois, sim. — Voltei-me para o homem sentado na cadeira. — Tenho de ir, pai.

Ele tomou a minha mão e tentou apertá-la. Senti que devia dizer-lhe que voltaria em breve, mas não o fiz.

O Travis ficou para trás, para oferecer ao meu pai algumas palavras de consolo.

— Espere. — Detive-me na porta, com a mão na ombreira. — Não saio daqui sem que me diga o que

ele fez à mão.

O Travis empurrou-me suavemente para o lado antes de fechar a porta e dar uma volta na primeira fechadura.

— Creio que já sabes a resposta.

Dez minutos depois das seis, o Travis percorreu o caminho de Bridewell no seu velho carro preto. Entrei, ele sorriu e disse:

— Espero que o dia não te tenha custado muito a passar.

— Tudo bem.

De facto, custara. O passeio a Tarbridge pouco rendera, nem sequer havia uma biblioteca pública ou um alfarrabista. Mas o Travis guardara a minha mochila no assento traseiro, portanto, pelo menos, não tivera de carregar com ela durante todo o dia.

Lançou-me um olhar de esguelha.

— Há quanto tempo estás sozinha?

— Não há muito tempo — respondi. — Só há umas semanas.

— Pode acontecer muita coisa numas semanas.

Só nessa altura me apercebi de como era estranho que alguém que não fosse comedor soubesse que tal coisa existia. O Travis era uma das pessoas mais calmas e agradáveis que eu conhecera. Não mostrara a mínima sensação de terror ou desagrado, nem sequer quando me disse indiretamente o que o meu pai fizera à mão. Talvez não lhe tivesse ocorrido que eu pudesse ser como o Frank.

— Arranjaste lugares seguros para dormir? — perguntou. — As pessoas trataram-te bem?

Não menti — pelo menos não completamente. Deixei-o imaginar que a Sra. Harmon se despedira de mim com um aceno e um sorriso, que o Sully vivia numa quinta e vendia legumes e carne de veado e que o Lee aparecera no Walmart nessa noite, conduzindo a sua carrinha preta. Não falámos do meu pai.

O Travis vivia numa casinha azul a meia hora de carro do hospital, na direção da cabana do Sully. Outra Sala Vazia e confortável. Não me agradou que aquilo me fosse tão familiar.

Em frente ao fogão já estava posta uma pequena mesa com um prato, talheres e um copo, sobre um individual acolchoado que, mais uma vez, me fez lembrar a Sra. Harmon.

— Vais desculpar-me — disse ele, abrindo uma gaveta para tirar outro conjunto de talheres. — Não estava à espera de uma visita esta noite.

— Vive sozinho?

Assentiu.

— Desde que a minha mãe faleceu.

— Oh — respondi. — Lamento muito.

O Travis abriu o frigorífico, inclinou-se e, com ambas as mãos, retirou lá de dentro uma panela tapada.

— Fiz um guisado na minha última folga. A receita da minha mãe. Está bem para ti?

— Claro.

— Espero que gostes — disse. Colocou a panela no fogão e ligou o bico.

— Tenho a certeza de que é delicioso.

Sorriu ao levantar a tampa para mexer o guisado.

— Nunca tive de cozinhar para mim, mas agora descobri que até gosto. Gosto de fazer as receitas antigas da minha mãe porque assim esqueço-me um pouco de que ela já cá não está.

— Viveu sempre aqui?

O Travis assentiu.

— É uma casinha simpática, não achas? Nunca quis viver noutro sítio.

Para lhe agradar, lancei um olhar de apreço à cozinha e à sala. Havia uma manta de lã castanha e amarela sobre o sofá e, a um canto, uma cadeira de baloiço de aspeto frágil, como se tivesse sido feita de paus de fósforo. Enquanto o Travis andava por ali a abrir as janelas, apanhou-me a olhar para a cadeira e disse:

— Essa cadeira de baloiço está na minha família há mais de cento e cinquenta anos. A minha mãe deu-me de mamar sentada nela. A minha avó deu de mamar ao meu pai também sentada nela e foi assim desde os pioneiros.

Enquanto falava, olhava para os desenhos do tapete e sorria com uma expressão vaga.

— Creio que foi o meu tetravô que a fez.

— Tem irmãos ou irmãs? — inquiri.

O Travis sorriu pesaroso.

— Não. Sou só eu. E creio que também és filha

única. — Confirmei com a cabeça. — A minha mãe esteve muito doente depois de me ter dado à luz. O médico disse-lhe que não podia ter mais filhos.

— Oh! — exclamei.

A casa encheu-se de aromas saborosos enquanto o guisado fervia no fogão. O meu estômago queixou-se ruidosamente e rimo-nos ambos. O Travis serviu uma tigela para cada um e vi-o pôr as mãos e curvar a cabeça antes de pegar na colher.

O guisado estava delicioso, mas comecei a sentir-me um pouco incomodada ao ver que o Travis se detinha para me ver comer.

— Passa-se alguma coisa? — perguntei.

Ele abanou a cabeça, lançou-me um meio sorriso e mergulhou a colher. Servimo-nos pela segunda e pela terceira vez. Uma fresca brisa noturna entrava pelas janelas da sala e, sobre uma árvore no pátio da frente, uma ave noturna entoou um canto que eu nunca ouvira.

O Travis não me deixou lavar a loiça.

— Põe-te à vontade — disse, voltando-se para o lava-loiça. — Já te levo uns biscoitos de açúcar e limonada para sobremesa.

Sentei-me no sofá.

— A sério que não precisa de se incomodar.

— Não é incómodo. — Fez uma pausa com o esfregão ensaboado na mão. — Creio que é agradável ter alguém de quem cuidar. — Abanou a cabeça como se discutisse consigo próprio. — Não, não és um «alguém» qualquer... és *tu*... a filha do Frank. Nunca

poderei fazer o jantar para o teu pai, mas, pelo menos, posso fazê-lo para ti.

Um silêncio pouco agradável pairou na sala enquanto o Travis acabava de lavar a loiça. Quando terminou, foi buscar uma embalagem de limonada e uma caixa de biscoitos de açúcar do supermercado, encheu dois copos e dispôs os biscoitos num prato. Colocou a nossa sobremesa sobre a mesinha e sentou-se ao meu lado. O Travis respirou fundo e eu apercebi-me de que não ia gostar do que ele me ia dizer.

— Tenho de te contar uma coisa — disse lentamente. — Uma coisa que devo confessar.

De súbito deixou de me parecer um ursinho de peluche.

— Confessar?

— Não é que não seja verdade que quero ajudar-te a resolver as coisas para não teres de ir para uma família de acolhimento. É verdade que quero mesmo ajudar-te.

O cansaço começou a percorrer-me.

— Diga-me então, Travis. O que é?

Respirou fundo mais uma vez, antes de falar.

— Fui eu o culpado daquilo que o teu pai fez a si próprio.

Olhei para ele.

— O quê? Como?

— Pensei que o ajudaria se lhe pudesse mostrar uma prova de que não estava só, de que não era o único. Passei meses à procura das pessoas certas,

imaginando como fazer as perguntas certas. Sabia que era perigoso, mas não me importei.

— Que pessoas? Que perguntas?

O Travis olhou para mim com uma expressão triste e grave.

— És uma menina inteligente, Maren. Sei que continuas a fazer perguntas para as quais já sabes a resposta.

Olhei para o prato dos biscoitos de açúcar. De repente parecia que o guisado não me tinha assentado bem no estômago.

— Porque me está a dizer isso?

— Sabia que virias — continuou o Travis. — Sabia que serias como ele.

Fui invadida pela mesma sensação que me assaltou quando encontrei a Sra. Harmon morta no sofá... como se pairasse algures, quilómetros acima dos meus pés.

— Não vês? — disse em voz baixa. — A culpa foi minha porque lhe contei o que tinha descoberto. Pensei que o consolaria, mas não tive em conta o que isso queria dizer sobre *a tua pessoa*. Foi um momento muito triste — murmurou. — Na vida dele e na minha. — O Travis ergueu os olhos claros e receosos. — Compreendes o que estou a tentar dizer-te?

Abanei a cabeça.

— Nunca lhe tinha ocorrido que pudesses ser como ele. Ficou de rastos, Maren. Foi por isso que ele... ele... — Engoliu em seco, olhou para mim e novamente para o chão. — Foi por isso que se

mutilou. Por minha causa. Estava a tentar ajudar e só piorei as coisas. — Levou as mãos aos olhos. — Mas afinal, é o que a minha vida sempre foi. Tento ajudar, mas nunca consigo. Estrago tudo.

Senti-me mal. Não o culpava — só desejava que não me tivesse dito.

— A culpa não foi sua, Travis.

Limpou os olhos e tentou em vão sorrir.

— Não acredito, mas faz-me sentir melhor ouvir-te dizer isso.

— Não entendo — disse eu depois de uma pausa. — Foi mesmo à procura de pessoas como nós?

Encolheu os ombros.

— Fiquei fascinado. Qualquer pessoa ficaria. Queria saber como era possível uma pessoa com um aspeto perfeitamente normal, uma pessoa como tu, comer outra como se fosse um ogre de um conto de fadas. Ainda não vi, mas sei que é possível. Sei que é real.

— Mas não teve medo de ser... — Deixei a pergunta no ar e o Travis suspirou.

— Não havia necessidade de ter medo. — Pela primeira vez vi-lhe uma expressão desagradável no rosto. — Ninguém me queria. — Parecia quase zangado ao dizer isto.

— Onde foi? Como é que os descobriu?

— Há anos tinha um amigo nas forças de segurança e uma noite tive oportunidade de lhe perguntar acerca do assunto. Disse-lhe o que sabia... quero que saibas que não mencionei o nome do Frank... e ele disse que se tratava de algo de que apenas algumas

peessoas das forças policiais estavam dispostas a falar. Desaparece gente a toda a hora e quando não conseguem encontrar o cadáver, concluem que foi o que aconteceu. Por vezes a polícia sabe quem foi, mas nunca o conseguirá provar. Os comedores são pessoas vulgares, cidadãos *bons e íntegros* e tudo o mais. O meu amigo até me deu nomes. Foi assim que os conheci. Homens que iam beber um copo depois do trabalho, antes de irem para casa ter com as mulheres e os filhos, sabes? Não conheci mulheres ou meninas, mas disseram-me que elas também o faziam. — Descansou os cotovelos nos joelhos, fechou os olhos e coçou a cana do nariz, tal como a minha mãe costumava fazer. — Não me surpreenderia que até haja polícias que o façam. O meu amigo tinha as suas suspeitas.

Pensei mais uma vez no bordado sobre a porta da esquadra da polícia e em como estava errado.

— Não podemos ter esta vida, sem andarmos sempre a fugir dela — disse eu. *Ou sem ser encarcerado*. Esses devaneios que eu tinha a respeito do meu pai, de viver numa casa e fazer tudo o que faziam as famílias normais, pareciam-me agora ridículos.

O Travis ergueu a cabeça e olhou para mim.

— De cada vez que o fazias, a tua mãe arrumava as coisas e mudavam-se imediatamente?

Assenti.

— Já alguma vez imaginaste o que poderia ter acontecido se tivesses ficado? — Abanei a cabeça. —

Talvez nada — sugeriu ele. — Mas pensavam que tinham de fugir, por isso fugiam.

Levantei-me e pus-me a andar de um lado para o outro. Não conseguia ficar tão perto dele, depois de tudo o que me dissera.

— Há uma coisa que não entendo. Porque é que não tem medo de nós? — Ele continuava a olhar para o chão, de modo que prossegui. — Quero dizer, a única razão que me vem à cabeça é que *seja* um de nós... mas não creio que o seja. Ou é?

O Travis abanou a cabeça.

— Não — disse em surdina numa voz subitamente rouca. — Não sou um de vós.

— Então porquê? Porquê... essa *fixação* em nós?

Quando começou a chorar, invadiu-me um novo sentimento, um misto de pena e embaraço.

— Estou tão sozinho, Maren. Toda a minha vida foi assim. Tentei, acredita que tentei. Tentei com todas as minhas forças fazer amigos. Mas quando a minha mãe morreu, sabia que não restava ninguém neste mundo que gostasse de mim.

— Acabou de dizer que tinha um amigo que era da polícia!

O Travis abanou a cabeça com os olhos no tapete.

— Não era um amigo. Nem por isso. — Quando levantou o queixo e olhou para mim, não vi um homem à minha frente, mas sim um rapazinho inconsolável. — Sei que sabes como me sinto. Os teus pais ainda estão vivos, mas estás tão só como eu.

— O senhor não é como eu, Travis. É uma pessoa

boa. Pode sair à vontade e fazer amigos. Sei que pode.

— Já tentei. Não posso continuar a tentar, quando o desfecho vai ser como sempre foi. Não posso sujeitar-me mais a isso, não posso. — Puxou um lenço de papel de uma caixa de croché e limpou os olhos. — Posso perguntar-te uma coisa?

Assenti, cautelosa.

— O que te leva a comer as pessoas que comes? O que te atrai nelas? Sei que é diferente para cada um de vocês...

Abanei a cabeça.

— Não quero falar disso.

O Travis suspirou e deu umas pancadinhas no sofá, a seu lado.

— Gostava que te sentasses. Fico nervoso ao pensar que podes sair a correr pela porta. Mais nervoso do que já estou.

Sentei-me na ponta oposta do sofá.

— Está nervoso porquê?

— Porque tenho de te pedir uma coisa. — Estendeu a mão.

— Não! — Levantei-me e afastei-me. — Não, não, não.

— Por favor, não... não me interpretes mal. Não estou a tentar aproveitar-me de ti, garanto. — Respirou lentamente. — Nem sequer gosto de mulheres dessa maneira.

— Não posso, Travis. — Sentia-me tremer, onda após onda. — Lamento, mas não posso, não posso.

— Sei que não está certo e detesto-me ainda mais por to pedir — murmurou. — Mas desde que conheci o teu pai e descobri quem ele era, eu *soube*.

— «Soube», mas o que quer dizer com isso?

— Por favor — pediu de novo. — Significaria tanto para mim.

Fui-me aproximando da porta.

— Creio que me devia ir embora.

— Para onde vais? — Olhou para mim, estranhamento calmo.

Pus a mochila ao ombro.

— Não sei. Depois resolvo.

— *Por favor*, Maren. Não falamos mais disso. Não digo mais uma palavra, prometo.

Abanei a cabeça.

— A sério que pensa que nos podemos sentar a comer biscoitos, a ver um filme e a conversar como se nada disto tivesse acontecido? Tenho mesmo de me ir embora.

Ele inclinou-se para diante, os cotovelos sobre os joelhos, e esfregou a cara com as mãos.

— Muito bem — suspirou. — Mas sentir-me-ia muito melhor se me deixasses levar-te de carro.

A cabana do Sully ficava longe, mas o Travis não se queixou. Dormitei no carro e, quando acordei, senti-me aliviada por não ter de fingir. Como poderíamos ter uma conversa normal depois do que ele me pedira?

Felizmente não tentou. Assim que acordei, ligou o

rádio e ficámos a ouvir um jogo de futebol.

— É adepto do Brewers? — perguntei. Parecia estranho dizer uma coisa tão vulgar. O Travis limitou-se a encolher os ombros.

Não vi a carrinha do Sully quando estacionámos, embora as luzes da casa estivessem acesas e a porta aberta.

— Sully? Está em casa? — perguntei, embora soubesse que ele não podia lá estar. Ainda havia lume no fogão a lenha. — Talvez tenha ido buscar leite — sugeri.

— Está à tua espera?

Assenti. O Travis sentou-se no sofá e deitou uma olhadela aos troféus de caça.

— Será melhor que espere contigo até ele voltar.

— Está tudo bem — respondi. — Não precisa de ficar. — O que eu queria dizer era «Por favor vá-se embora», mas ou ele não percebeu ou fez-se desentendido.

— Disseste que este fulano é amigo da senhora que encontraste no supermercado?

— Mais ou menos.

— Mais ou menos? — O Travis ergueu as sobrancelhas.

— Não quero ser indelicada, mas também não creio que tenha de lhe dar explicações.

— Agora sou praticamente responsável por ti, Maren. O que diria ao teu pai se alguma coisa te acontecesse?

— Escute, Travis, sei que nunca me faria mal, mas

isso não significa que me sinta segura consigo.

— Não é justo — disse ele em voz baixa. — *Sabes* que estás segura comigo, Maren. Sei tudo a teu respeito e não tenho medo. Isso não conta?

— Claro que conta. — Senti uma pontada de irritação, mas tentei não mostrar. — E estou agradecida por tudo o que fez por mim hoje.

Ficámos em silêncio. O Travis respirava fundo entre os sons da noite que entravam pela porta de rede. Senti a mão dele, fria e húmida, no meu braço.

— Posso ser aquilo que quiseses. Posso dizer aquilo que quiseses que diga, se ao menos... — Passou os dedos pelo meu pulso e tentou agarrar-me a mão.

Antes mesmo de perceber o que estava a fazer, puxei a minha mão e esbofeteei-o com força. Nunca tinha feito aquilo a outra pessoa e, por um segundo, olhámos um para o outro chocados.

— Prometeu que não voltava a pedir-me — disse eu por fim.

— Não compreendes — murmurou. — Não quero aproveitar-me de ti. Nunca, mas nunca te faria mal.

— As coisas não são assim. — Agora, de cada vez que olhava para ele, sentia vontade de vomitar. — Disse-me que compreendia.

Estendeu-me de novo a mão e eu levantei-me para me afastar. Senti o seu desespero colado em todos os cantos do meu corpo, frio e pegajoso.

— Sei que me posso transformar na pessoa que quiseses — exclamou. — Sei que posso, se ao menos me *disseres*!

Agarrei-lhe na mão, obriguei-o a levantar-se e empurrei-o para a rua.

— Muito obrigada pela boleia e pelo jantar. — Não tinha coragem de olhar para ele, enquanto me debatia com a tranca da porta de rede. — Agradeço muito.

As mãos tremiam-lhe quando tirou do bolso as chaves do carro.

Ficou por um momento diante da porta, passando a outra mão pelos olhos. Embora não conseguisse encará-lo, sabia que ele estava a chorar. Por fim, deu meia-volta e apressou-se a descer os degraus instáveis. Saí e fiquei no alpendre a vê-lo afastar-se no carro na direção da floresta banhada pelo luar. Pensei que deveria sentir-me aliviada, mas não.

Passou uma hora e o Sully não voltou. Tirei da mochila as fotocópias da minha confissão, amarrotei-as e atirei-as para o lume, uma a uma.

Chamo-me Maren Yearly e sou responsável pela morte das seguintes pessoas... Penny Wilson (de 20 e pouco anos), de ou de perto de Edgerton, Pensilvânia, em 1983... Luke Vanderwall (8 anos), Acampamento Ameewagan (Catskills), Nova Iorque, em 1990... Jamie Gash (10 anos), Badgerstown, Maryland, em dezembro de 1992... Dimitri Levertov (11 anos), Newfontaine, Carolina do Sul, em maio de 1993... Joe Sharkey (12 anos), Buckley, Florida, em outubro de 1994... Kevin Wheeler (13 anos),

Fairweather, Nova Jérсия, em dezembro de 1995... Noble Collins (14 anos), Holland, Maine, em abril de 1996... Marcus Hoff (15 anos), Barron Falls, Maine, em março de 1997... C. J. Mitchell (16 anos), Clover Hills, Nova Iorque, em novembro de 1997... Andy (não sei o apelido, mas era empregado do Walmart perto de Pittston, Iowa), em junho de 1998...

A verdade não me libertaria. Eu ia acabar simplesmente como o meu pai.

Andei pela cabana em busca de distrações. Numa prateleira da área de refeições vi uma fila de antigos livros de bolso, mas eram principalmente *thrillers* de espionagem ou romances de amor, nada que me interessasse. Fui à cozinha em busca de chocolate quente e coisas para fazer uma tosta de queijo — não era a época do ano indicada para essas coisas, mas creio que precisava de sentir que a cabana era a minha casa, ou pelo menos outra versão dela. Não havia pão nem queijo, nem sequer cacau, por isso contentei-me com um bocado de carne seca.

Depois, abri um armário junto à porta das traseiras, à espera de encontrar velas de citronela ou um monte de jogos de tabuleiro, porém estava cheio de uma grande variedade de objetos: roupas e pequenos emaranhados de bijuterias de mulher, *walkmans*, moedas de coleção em pequenas caixas de plástico, pratos de estanho e bugigangas avulsas. Meti uma mão curiosa naquela confusão e, um minuto depois, os meus dedos tocaram num objeto de contornos

horrivelmente familiares.

Retirei o objeto do armário. Era a esfinge do Sr. Harmon. Tentei dizer a mim própria que se tratava de uma mera recordação, mas sabia que tal não era verdade. O Sully aproveitava coisas que podia vender, não apenas objetos para recordar as suas vítimas.

Depois fui ao quarto dele, embora não me atrevesse a acender a luz. A cama estava feita, mas em volta do quarto havia uma confusão de coisas que não cabiam no armário: candeeiros, relógios e bonecas de porcelana com olhos de vidro que se fechavam.

Sentei-me na cama e remexi as coisas que estavam na mesa de cabeceira. Mais joias. Um frasco de prata fosca — não o que guardava no bolso, mas o de outra pessoa. Cartões de crédito com nomes diferentes. Entre esses cartões havia um cartão de identificação que indicava FUNCIONÁRIO DO PARQUE NACIONAL, FRANCIS YEARLY. No canto do cartão via-se uma pequena fotografia a preto e branco — estava manchada, mas percebia-se que era o sorriso dele.

Pai, Pai, Pai. Uma palavra sem significado. Que fazia o Sully com a identificação do meu pai? Não fazia sentido. Como conhecera o meu pai? O que queria dele?

O som do motor de uma carrinha e a luz dos faróis a passarem pela parede afastaram-me daquela confusão. Corri para o quarto de hóspedes e escondi o troféu e o cartão de identificação na mesa de cabeceira. Ouvi os passos do Sully a ranger no alpendre, seguidos pelo bater da porta de rede.

— Miúda? Estás aí?

Levei um instante a recompor-me antes de sair para a sala.

— Olá, Sully. — *Quem és tu?*

Ele estava parado debaixo da cabeça de veado com um saco de papel com as compras do supermercado.

— Ora, ora. Nunca pensei que voltasses tão cedo.

— Não faz mal eu ter vindo para cá?

— Se não faz mal? Claro que não! — Pousou o saco das compras na mesa da cozinha e guardou o leite no frigorífico. — Tens fome?

— Nem por isso, obrigada. — Esperava que o meu estômago não roncasse para me denunciar.

— Onde está o teu namorado?

— Voltou para a Virgínia.

— E deixou-te aqui?

Assenti, só porque não queria ter de explicar tudo.

— Estás com pena por ele se ter ido embora? — Encolhi os ombros e o Sully olhou-me de lado. — Agrada-te pensar que não estás. — Tirou a cápsula de uma garrafa de cerveja, sentou-se à mesa e começou a beber. Vi como a sua maçã de adão subia e descia enquanto ele engolia. — Desististe de encontrar o teu pai?

— Não. Encontrei-o.

As suas fartas sobrancelhas ergueram-se rapidamente.

— Isso é que foi um belo trabalho de detetive.

Meti as mãos nos bolsos e toquei com a biqueira do sapato na ponta do tapete entrançado.

— Pois. É verdade.

— Então? Não me deixes na expetativa, miúda!

— Está numa casa de saúde — disse eu lentamente.

— Numa casa de saúde psiquiátrica.

— Oh, miúda. Lamento. — Ao ouvi-lo, perguntei a mim mesma quantas outras mentiras já me teria dito. O Sully não lamentava, nem um pouco. Sempre soubera onde o meu pai estava.

— Tinha razão — comentei. — Deveria ter desistido dele e ido consigo desde o princípio. — Não sei o que me fez dizer aquilo. Agora, o Sully era a última pessoa com quem eu queria viajar. *A língua do pai em conserva, o coração da mãe num guisado...*

Bebeu mais um gole de cerveja e lançou-me um olhar estranho. Nesse momento senti que a história de *nós contra o mundo* já não fazia sentido, já para não falar na tal lição de pesca que me prometera — como se soubesse que eu vasculhara os seus armários.

— Fazes ideia do que vais fazer a seguir? — perguntou.

Abanei a cabeça. Quem me dera não ter dito ao Travis para se ir embora. Ou ao Lee. Se não tivesse discutido com o Lee, esta noite horrível nunca teria acontecido.

O Sully terminou a cerveja e atirou a garrafa para o lixo.

— Bem, tens tempo de resolver isso amanhã de manhã.

— Desta vez estará aqui quando eu acordar?

Assentiu.

— Dorme bem, miúda.

10

Fui para o quarto e dei a volta à chave o mais silenciosamente que consegui. Fui buscar a esfinge e coloquei-a sobre a mesa de cabeceira e guardei o cartão de identificação do meu pai na mochila. Depois, apaguei a luz e, sem despir as calças de ganga, subi para a cama em que o Lee dormira e meti-me debaixo da colcha azul. Consegui sentir o cheiro dele nos lençóis, o que me reconfortou. A esta hora, ele estaria provavelmente a meio caminho de Tingley.

Quando adormeci, sonhei com a Sra. Harmon. Estávamos sentadas à mesa da cozinha e a luz que se refletia nos seus pingentes de vidro colorido punha manchas cintilantes no linóleo azul. Ela cortava a fatia de bolo que me prometera.

«É de cenoura com cobertura de creme de queijo», dizia orgulhosa, enquanto colocava a fatia húmida e alaranjada num prato que depois me entregava. «É o último bolo que farei, por isso estou muito contente por ter ficado tão bom.»

A Sra. Harmon pegou no bule e serviu uma chávena de chá a cada uma de nós, enquanto eu devorava a fatia de bolo. Via-me comer, enquanto bebia o seu chá com ar pensativo.

«Não é um homem muito simpático, pois não, minha querida?»

«Quem? O Sully?»

Concordou.

Levei a mão ao pescoço para esconder o medalhão.

«Porque ele levou o troféu do seu marido?»

«Essa é uma das razões.»

«Deu-me conselhos muito bons.»

«Senteste-te grata por isso?»

«Sim, creio que sim.»

«Maren», começou ela, pousando a chávena e descansando as palmas das mãos sobre a mesa. «Por vezes, são as piores coisas desta vida que mais nos ensinam. Aproveitas o que podes e, quanto às partes mais desagradáveis, bem... passas adiante e continuas a viver, como dizia o meu Dougie. Percebes o que te quero dizer?»

«Creio que sim.»

Ela assentiu.

«Não te preocupes com o medalhão, minha querida. Fico feliz por saber que pensarás em mim sempre que o usares», disse com um suspiro. «Só lamento não conseguir ensinar-te a tricotar.»

«Sra. Harmon, tenho de lhe dizer uma coisa.»

Ela sorriu na expectativa. Pousei o garfo e deixei cair as mãos no colo. Eu só bebera um gole do meu chá,

mas a chávena estava vazia e ela pegou no bule para a encher até cima. Olhei-lhe para as mãos enquanto servia o chá e eram as mãos de uma mulher muito mais nova. Pensei que seria mais fácil se lhe dissesse o que tinha a dizer enquanto ela continuava a servir-me o chá. Depois de toda a bondade que tivera para comigo, seria difícil olhá-la nos olhos.

«Sou como ele», murmurei.

Pousou o bule com ar resoluto.

«Não, minha querida», disse pousando a mão sobre a minha. «Não és.»

A cozinha dissolveu-se em nada e o mesmo aconteceu à Sra. Harmon. Tinha a mão dela sobre a minha e vi-a desaparecer. A seguir voltei ao monte de casacos no quarto de hóspedes do Jamie Gash, uma gola de pele a fazer-me cócegas na face e a ouvir a minha mãe chamar por mim. *Levanta-te, Maren. Acorda.*

Na confusão dos meus sonhos, convenci-me, apenas por um segundo, de que depois de tudo o que eu tinha passado, ela mudara por fim de ideias, viera procurar-me, encontrara-me e mostrara algum profundo instinto maternal. Um segundo depois, estava completamente acordada, com o coração a bater-me na garganta. Havia alguém no quarto, mas não era a minha mãe. Devia ter suspeitado que não valia a pena fechar a porta à chave.

O Sully estava sentado numa cadeira no canto do quarto. Não conseguia distinguir-lhe a cara.

— Já vi que encontraste o cartão de identificação.

— Era do meu pai — apoiei-me nos cotovelos e encostei-me à cabeceira da cama como se quisesse afastar-me dele. — Como é que o arranjou?

— Ele deixou-o aqui. — O Sully coçou o queixo e o som parecia lixa a raspar. — É meu filho.

— Seu *filho*? — exclamei.

Pela segunda vez nessa noite, senti-me como se andasse à deriva, algures, fora da minha pessoa. Não podia ser. Não podia. *Não contando com o meu avô, nunca fiz aquilo dentro de casa.*

— A maldita mulher meteu-se no carro e levou-mo — dizia o Sully. — Quando a apanhei, ela tinha-o perdido. O homem roubou o meu filho nas barbas dela. — Soltoou uma exclamação de desprezo. — Não era muito esperta, isso posso dizer-te.

— A minha... a minha avó?

— Sim. — Pôs a cabeça de lado como se fizesse pela primeira vez a ligação. — Creio que era.

— O que lhe aconteceu? — O Sully soltoou uma gargalhada fria e terrível. Foi a resposta que recebi. — Sabia onde estava o meu pai? Quando ele estava a viver com os Yearlys?

— Não conseguia chegar a ele. Teria de fazer uma cena e era a última coisa de que eu precisava. Mas esperei tempo demais. Está escondido e sabe que nunca lhe vou chegar. Mas também creio que agora não é preciso, pois não?

— Como assim?

— Sabia que andavas por aí. E se não lhe podia chegar, pelo menos podia chegar *a ti*. Estava à tua

espera, miúda. Durante todo este tempo esperei que voltasses — disse lentamente.

Uma sensação desagradável percorreu-me interiormente.

— Porque é que não me disse quem era?

Desatou a rir-se.

— Porque é que *levaste* tanto tempo a perceber?

Não falámos durante um longo minuto.

— Era disto que estava à espera? — perguntei por fim.

O Sully mudou de posição na cadeira e eu ouvi os seus ossos estalarem.

— Todas as crianças são um erro — disse. — Todas as crianças que já existiram. Percebes, não é verdade, miúda?

— Não sei — disse eu lentamente. — Que outra coisa haveria o senhor de comer?

Sully soltou uma gargalhada.

— Agora estás a usar a tola.

A língua do filho em conserva. O coração da neta num guisado. Nessa altura ele expirou e o cheiro que me atingiu foi como se os restos de um campo de batalha, uma fossa a transbordar e uma centena de aterros sanitários se juntassem num único hálito. Podem imaginar, não é verdade? O homem banqueteara-se com cadáveres e nunca lavava os dentes.

Não vi a faca, mas sabia que ela estava lá. Ele ia matar-me com a lâmina que usava para descascar as maçãs.

Sai daí, disse a minha mãe. Sai daí ou ele encurrala-te debaixo das cobertas.

Muitas vezes desejei estar morta, mas não queria morrer *assim*. Empurrei a colcha com força quando ele saltou para a cama. Pôs-se em cima de mim, mas não completamente — segurava-me os braços, mas as minhas pernas estavam livres — e senti a lâmina fria da faca junto ao meu braço esquerdo.

— Mentiu-me! — gritei. — Mentiu-me!

— Nunca minto — exclamou em tom sibilante e o hálito dele na minha cara quase me fez desmaiar. — Só os como quando estão mortos, mas nem sempre espero que morram de morte natural.

Porquê passar tanto tempo a contar-me histórias? A fazer-me perguntas? A *ensinar-me* coisas? Que importância tinha tudo aquilo, se apenas me ia comer?

Diversão. Ou talvez estivesse a engordar-me.

Agora solta a mão esquerda — obriga-o a procurar a faca — estende a mão para trás para agarrares o troféu.

Ergui o joelho e comecei a bater-lhe nas pernas com o calcanhar, e embora o esforço fosse quase inútil, distraiu-o e fê-lo afrouxar a força com que me prendia. Soltei a mão esquerda, afastei a faca pelo cabo e continuei a pontapeá-lo enquanto alcançava o troféu na mesa de cabeceira. Ele tentava ficar com a faca e eu com o troféu. O meu coração deu um salto ao sentir os dedos pousarem no contorno frio e metálico da esfinge. Agarrei no troféu pelas asas e fi-

lo descrever um arco sobre a minha cabeça. A pancada aterrou-lhe na parte de trás do crânio e fê-lo largar a faca.

— Cabra! — gritou. — Sua pequena cabra!

Ergueu-se e levou a mão à cabeça e foi então que lhe bati com força. Caiu em cima de mim e eu senti o sangue, quente e pegajoso nos meus dedos. Deixei cair o troféu, empurrei-o, saí da cama e procurei os ténis às apalpadelas.

Em retrospectiva, sei que poderia ter metido as minhas coisas na mochila. Mas não fazia ideia de quanto tempo ele levaria a recuperar, de modo que não havia um segundo a perder. Desci os periclitantes degraus de madeira e cheguei à floresta levando apenas o meu diário na mão e a certidão de nascimento no bolso das calças de ganga.

Não tinha hipótese, claro. Mesmo que pudesse correr três ou quatro quilómetros pela mata até à estrada principal seria difícil arranjar boleia a meio da noite. O Sully viria atrás de mim na sua carrinha. Talvez me atropelasse e eu obtivesse, finalmente, aquilo que procurara numa outra autoestrada, no Iowa.

O atalho estava cheio de lama, o que me fez escorregar mais do que uma vez, mas levantei-me e continuei, respirando fundo para afastar o pânico. Joelhos enlameados e mãos ensanguentadas. Mesmo que houvesse alguém na estrada àquela hora, ninguém no seu juízo perfeito pararia o carro.

Estava quase no fim do caminho de terra batida

quando vi uma luz mais à frente. Abrandei, à medida que me aproximava, e a luz transformou-se num carro. Um carro vazio, com a porta do condutor completamente aberta.

Parei junto a essa porta para tomar fôlego e voltei-me para olhar para trás antes de me curvar para espreitar lá para dentro. Era o carro do Travis. O seu porta-chaves com o Pato Donald ainda balançava na ignição.

Ergui a cabeça e observei a floresta iluminada pelo luar. Não me atrevi a chamar por ele, mas tive a sensação de que nem valia a pena. Ele não estava ali.

Nascia o Sol quando meti pelo caminho de acesso da casa do Travis e entrei silenciosamente. Os copos de limonada e o prato dos biscoitos de açúcar ainda estavam sobre a mesinha.

Tirei a *T-shirt* e as calças de ganga e meti-as na máquina de lavar. Depois tomei um duche com a água o mais quente que aguentei e chorei. Não estava segura em parte alguma.

Nem sequer poderia ali ficar muito tempo. O Travis não teria ido trabalhar e alguém viria à procura dele. Esfreguei o seu sabonete nas minhas mãos, usei o seu champô *Head & Shoulders* e a sua toalha branca e macia e vi-me ao espelho como se fosse uma pessoa diferente, uma pessoa sem nomes escritos no coração. Estava farta de fingir que era normal.

Quando saí do duche enxaguei a boca com o *Listerine* do Travis. Meti a roupa na secadora e

percorri a casa. O primeiro andar era um grande quarto, de teto inclinado e janelas de mansarda. Havia fotografias dos pais dele sobre a cómoda e a mesa de cabeceira, e um edredão florido na cama. Talvez tivesse herdado o quarto depois da morte da mãe.

Encontrei uma mochila nova num cabide do armário e depois abri todas as gavetas da cómoda. As roupas dele eram demasiado grandes para mim, mas precisava de dinheiro e o Travis parecia-me o tipo de pessoa que guardava algum no fundo da gaveta das meias.

Porém, enganei-me. O dinheiro não estava na gaveta, mas no armário, enrolado na biqueira de um velho sapato de cabedal. Sentei-me na cama, com o cabelo a pingar sobre o edredão e contei setecentos dólares.

Tive de limpar o volante antes de pôr o carro a trabalhar. Queria ir a Tingley, atrás do Lee, mas não sabia o que lhe dizer. E se *Tu bem dizias* não melhorasse as coisas? E se ele já não quisesse ser meu amigo?

Sabia que não devia ir. Mas fazer coisas que não devia era afinal a minha especialidade.

Depois da carrinha, o carro do Travis era fácil de conduzir. Percebi como meter gasolina quando precisasse e tive o cuidado de me manter dentro do limite de velocidade. Soltava um suspiro de alívio de cada vez que um carro da polícia passava por mim.

Nessa noite fiz aquilo que eu e o Lee tínhamos feito — procurei um parque, mas não demasiado perto de um parque de campismo —, saltei para o banco de trás e enrolei-me num áspero cobertor de lã que descobrira no porta-bagagens.

Quando adormeci, sonhei com o Sully. Voltei à Sala Vazia da Sra. Harmon sufocada pela escuridão, só que, desta vez, não me vi livre das cobertas a tempo e ele apanhou-me de forma que não lhe pudesse dar pontapés. Com uma das mãos prendeu-me os pulsos de encontro à almofada e com a outra agarrou no troféu da esfinge. Ergueu-o acima da cabeça e vi o luar refletido nas asas de bronze. *Não existe uma fuga perfeita, miúda*, disse ele e eu acordei antes que o troféu me batesse na cara.

*

Só me ocorreu que não sabia o apelido do Lee quando cheguei a Tingley, de modo que me dirigi à escola secundária. Estávamos no verão, mas a secretaria ainda não fechara para férias. Uma funcionária simpática marcou o número da Kayla e passou-me o telefone.

— Olá — cumprimentei. — Fala a Maren... a amiga do Lee? Daquela vez em casa da tua tia?

— Oh, sim — disse ela, lentamente. — Já me lembro.

— Nesse dia queria falar contigo para te cumprimentar, mas...

— Pois. Não há problema. O meu irmão está contigo?

— Queres dizer que não está cá?

— Não voltou desde que vocês cá estiveram. — Fez uma pausa. — Ele está bem?

— Tenho a certeza que sim. Nós... tivemos, tipo, uma discussão. Quis voltar cá para fazer as pazes com ele.

— Ele disse-te que ia voltar?

— Sim, mas provavelmente ficou retido num lado qualquer. Talvez tenha arranjado trabalho.

— Sim — concordou ela. — Talvez. — Apetecia-me dizer-lhe mais qualquer coisa, mas não sabia como começar. Felizmente ela poupou-me o incómodo. — Agora tenho de ir trabalhar, mas achas que depois podes ir ter comigo para conversarmos? Saio às oito. — Fez uma pausa. — Se quiseres, talvez possa arranjar-te um gelado de cone, e de graça.

Sorri para o auscultador.

— Obrigada. Seria ótimo.

Fiel à sua palavra, a Kayla foi ter comigo ao parque de estacionamento do Haliday's Ice Cream Parlor com duas bolas de um gelado de manteiga de amendoim. Entrou para o lugar do passageiro.

— Passaste no exame de condução? — perguntei entre lambidelas.

Ela assentiu.

— Tive de pedir emprestada a carrinha de um amigo, de modo que estava um pouco nervosa, mas

correu tudo bem. Nem sequer me esqueci de parar no *Stop*. O Lee disse que se eu aprendesse a estacionar em paralelo com uma carrinha de caixa aberta, estava mais do que pronta, e tinha razão.

Sorri.

— Boa!

Puxou a pala para se ver ao espelho.

— Já vi que também passaste no teu. — Abanei a cabeça e ela abriu muito os olhos. — Queres dizer que vieste a conduzir até aqui sem carta?

— Nunca me mandaram parar nem nada. O teu irmão é um bom professor.

Ela lançou-me um sorriso triste e ficou calada enquanto eu ia sorvendo o gelado. Assim que engoli o último bocadinho do cone de bolacha estava pronta para lhe explicar a outra razão que me fizera voltar a Tingley.

— O Lee queria que tu tivesses um carro — afirmei. — Por isso, fica com este. Pede apenas ao Lee que mude a matrícula, da próxima vez que ele vier a casa. — A Kayla olhava para mim boquiaberta. — Mas, por favor, não me perguntes de quem é o carro. Não o roubei e é tudo o que precisas de saber.

De manhã ela encheu duas tigelas de *Count Chocula* e comemos nos degraus da entrada.

— Podias ficar aqui algum tempo — sugeriu a Kayla. — Esperavas até que o Lee voltasse. A minha mãe não se importaria. — A mãe não estivera em casa desde que eu chegara.

— Obrigada. É muito simpático da tua parte, mas não creio que o Lee quisesse.

Ela fez uma careta.

— Também acho que não, só que não percebo porquê.

— Gosta de ti mais do que qualquer outra pessoa. Quer proteger-te.

— Proteger-me de quê?

Suspirei.

— Tem que ver com a Rachel, não tem? Ele falou-te da Rachel?

Assenti.

— Eu gostava da Rachel — comentou ela com tristeza.

— O Lee disse-me que ela ainda está no hospital.

— Tentei ir vê-la uma vez, depois de aquilo ter acontecido — afirmou a Kayla. — Não me deixaram entrar.

— O meu pai está num sítio desses. — Mexi o leite achocolatado no fundo da tigela de cereais. — Um sítio chamado Bridewell, no Wisconsin.

A Kayla pousou a tigela e deu-me uma palmadinha no ombro.

— Lamento.

Tomei um duche e vesti uma muda de roupa que lhe pertencia. Pensei pedir-lhe uma *T-shirt* preta, mas desisti da ideia.

Ela levou-me até à autoestrada e eu saí do carro com a mochila do Travis cheia de comida, outra muda de roupa e dois romances da Madeleine L'Engle, que

a Kayla surripiara para me oferecer.

A Kayla desligou o motor.

— Tens mesmo a certeza de que queres oferecer-me o teu carro?

— Tenho a certeza.

— Para onde vais?

— Creio que vou voltar a Bridewell.

— Vais visitar o teu pai? E depois?

Encolhi os ombros. Aparentemente, voltar ao Wisconsin era meter-me na boca aberta do Sully, mas não sabia aonde mais havia de ir.

— Quando o Lee voltar a casa, digo-lhe que vá lá ter contigo.

Sorri quando a Kayla saiu do carro e me abraçou junto ao para-choques dianteiro. Era muito simpático da parte dela, mas não valia a pena ter esperança de que o irmão lhe obedecesse.

*

Dessa vez, milagrosamente, não tive problemas em arranjar boleia. No segundo dia cheguei a Oberon, no Kentucky, onde o casal de meia-idade com que viajei me ofereceu um especial de rolo de carne e um semifrio num restaurante que estava aberto toda a noite. Graças ao Travis fiquei numa estalagem, tomei um demorado banho quente e adormeci com a televisão ligada.

Na manhã seguinte dei um passeio nos montes. Atravessei uma ponte de madeira coberta sobre um rio lento e passei por roupa estendida aqui e ali perto

de uma quinta decrepita. Não sabia para onde ia, mas, pela primeira vez em muitas semanas, não me sentia ansiosa. A companhia da Kayla fez-me sentir melhor em relação a muitas coisas. Se nunca mais visse o Lee, melhor para ele. O Travis tivera o que merecia e, se o Sully quisesse acabar comigo, que aparecesse. Eu estava preparada.

Parei para admirar a vista numa curva da estrada. Vi um celeiro vermelho à beira de um prado — era afinal um campo que havia anos não era lavrado — e atrás, a toda a volta, havia um denso pinhal que se erguia até um cume ali perto.

O celeiro pertencia a uma quinta do outro lado da estrada. A casa e o pátio estavam cercados por uma vedação de estacas brancas em mau estado e as condições da própria casa não eram melhores. Havia janelas partidas e, na porta da frente, um cartaz manchado pela humidade avisava que a casa não podia ser habitada. Havia anos que ninguém ali vivia.

Levantei a tranca do pequeno portão de madeira e dei a volta ao edifício. No pátio das traseiras havia um poço tapado e um pequeno alpendre cheio de ferramentas a enferrujar. Retirei uma machadinha e tomei-lhe o peso. Um pequenino jardim cercado por rede de galinheiro produzia ainda um arbusto de manjerição ou rosmaninho por entre ervas daninhas e flores silvestres.

Fui verificar o celeiro do outro lado da estrada. A tranca da porta era ainda segura e, quando a abri, alguns pássaros que lá tinham feito o ninho

protestaram do alto das traves do teto. Embora os estábulos estivessem vazios, sentia-se o cheiro adocicado a feno e a estrume de vaca, e a escada para o palheiro parecia suficientemente forte para aguentar com o meu peso. Subi e olhei para as árvores pela janela. Não poderia pedir um esconderijo melhor.

Voltei à estrada e entrei num armazém militar perto da estalagem, onde comprei uma tenda, um saco-cama, um garrafão de água e mais umas coisas de que necessitava. Dessa vez não me esqueci do abre-latas.

Durante semanas alimentei-me de feijão enlatado e dos restos da horta e dormi no sótão, na minha tenda nova, com a machadinha a meu lado. Nos meus sonhos, o meu pai vinha ter comigo, sorria e estendia-me a mão. Eu abria a boca e ele punha a mão lá dentro. Corria pelos corredores sinuosos, com palavras escritas nas paredes, e encontrei-os um a um, todos eles à minha espera na escuridão. Até o Sully, deitado no chão com as costas junto à parede, me lançava um olhar cansado, antes de me oferecer o pescoço.

Avancei um pouco mais pela estrada até uma farmácia para comprar dois frascos de *Listerine* e, nessa noite, afoguei-me num oceano de elixir bucal com sabor a canela. Quando acordei ainda sentia o nariz a arder.

Nalgumas tardes em que me sentava no telhado do celeiro a olhar para a estrada com o livro *Troubling a*

Star aberto nos joelhos, avistava uma carrinha vermelha e ferrugenta na curva da estrada, esquecia-me do que tinha sonhado e sentia de repente o coração a bater-me na garganta. Outras vezes, imaginava continuar a viver assim para sempre, sem fazer mal às pessoas ou às coisas, quando todos os dias me despedia do Sol e inventava os meus próprios padrões entre as estrelas.

Depois, claro, choveria o dia inteiro ou encontraria um sapo num poço, ou uns vizinhos aproximar-se-iam demasiado e eu desistiria definitivamente de viver ali. Não havia alfarrabistas naquela faixa da estrada e a casa da quinta nada mais tinha além de uma vela, uma pilha de jornais já com dez anos e uma caixa de fósforos.

Por isso, nessa última semana de julho, arrumei as minhas coisas e desci a escada pela última vez, deixando a machadinha no chão do palheiro. Fizera-me sentir segura, mas não podia pedir boleia com um machado na mão.

Uma camionista — fã dos Beatles, que parecia viver de *Red Bull* e daqueles pacotinhos de bolachas cor de laranja de manteiga de amendoim — deixou-me em Tarbridge três dias depois. Subi a estrada até Bridewell, na esperança de que a carrinha preta lá estivesse, mas sentindo-me perturbada com a certeza de que não estaria lá.

Não estava lá.

Não estava lá.

Mas afinal estava.

Encontrei-o sentado, a balançar as pernas para fora da caixa, com o chapéu do Barry Cook a proteger-lhe os olhos do sol da tarde. Tinha uma *Pepsi* numa mão e uma revista na outra. Aproximei-me da parte de trás da carrinha, deixei cair a mochila no chão de gravilha, olhei para ele e escondi a cara nas mãos.

— Olá! — Senti as mãos dele pousarem suavemente nos meus ombros. — Está tudo bem. Sabia que voltaríamos a encontrar-nos.

Queria que ele me abraçasse, mas tive de me contentar em sentir os seus dedos no meu cabelo, afagando-o e alisando-o como se eu fosse uma criança desanimada.

Não sabia o que dizer, por isso, o que me saiu foi:

— O que andaste a fazer?

— Ora, já sabes. A tentar ser útil. — Lançou-me o seu sorriso irónico. — Encontrei um mecânico que precisava de ajuda, de modo que fiquei umas semanas com ele. — O Lee olhou para o meu saco novo e franziu a testa.

— O que aconteceu à tua mochila?

— Perdi-a.

— Com tudo o que lá estava dentro? — Assenti. — Até o ET?

— Até o ET.

Ele encolheu os ombros.

— Paciência.

Limpei os olhos com as palmas das mãos.

— Então o *timing* foi perfeito, não é verdade?

— Isso é o que tu pensas — respondeu ele, mas sorria. — Há uma semana que venho para aqui todos os dias. Nem sequer tenho o tricô para me entreter.

Saltei para o lado dele, na caixa aberta da carrinha. O Lee abriu outra lata de *Pepsi* e entregou-ma.

— Já não faço tricô — expliquei.

— Porquê?

Pensei na mulher da cadeira de rodas em Bridewell e na lã nas agulhas da Sra. Harmon, escondidas no armário onde o Sully guardava as coisas das outras pessoas.

— É uma longa história.

— Obrigada por teres dado aquele carro à Kayla. Foi muito importante para mim.

Claro que foi. Foi por isso que o fiz.

— Sem problema. Arranjaste uma matrícula nova?

Ele assentiu.

— Afinal onde o arranjaste? — Olhou-me com uma expressão severa. — Ou talvez prefiras não dizer?

— Não o comi.

— Então quem foi?

Em vez de responder, bebi um gole.

— Voltaste à cabana do Sully?

Ele abanou a cabeça.

— E tu?

Fiz que sim com a cabeça.

— Quem me dera que lá tivesses ido. — Depois contei-lhe tudo.

— Bem te *disse* que a família era sobrevalorizada — comentou por fim o Lee.

Enfiei as mãos fechadas nos bolsos das calças de ganga.

— Fui mesmo burra, não é verdade?

O Lee abanou a cabeça.

— Estou contente por estares bem.

— De momento, pelo menos.

— Há quanto tempo foi? Um pouco mais de um mês? Não achas que ele teria sido capaz de te localizar durante todo este tempo? Não teve qualquer problema em nos encontrar no parque de diversões.

— Queres dizer... queres dizer que posso tê-lo matado?

Encolheu os ombros.

— Claro que podes matar uma pessoa se lhe bateres com força na cabeça. Nunca te ocorreu?

Abanei a cabeça e senti a respiração entrecortada.

— Se fosse a ti, não me sentiria muito mal com essa possibilidade. Eras tu ou ele. Vais visitar o teu pai? — perguntou depois de uma pausa.

Não lhe respondi imediatamente. Olhei para o homem atrás da pequena janela do portão de segurança, e para lá da vedação para os três infindáveis andares de janelas de grades. Pensei no meu pai, sentado naquela cadeira, com o fantasma da sua mão direita escondido debaixo de um cobertor, enquanto a sua cara era lavada por outro auxiliar a quem pouco importava quem ele era ou o tipo de vida que levara. Percorri todo aquele caminho de volta a Bridewell e afinal não tinha a mínima intenção de lá entrar outra vez.

O Lee olhou para mim e acenou com a cabeça.

Seguimos para o Laskin National Park. Aproximava-se a época mais importante do campismo e, com tanta gente por ali, dormir na caixa da carrinha era menos atraente do que pagar a entrada do parque como as outras pessoas. À noite, sozinha na minha pequena tenda, fechei os olhos e vi os instantâneos do verão perfeito dos meus pais projetados na escuridão. Quem me dera que um de nós tivesse uma máquina fotográfica.

Então, quase no final de agosto, despedimo-nos da carrinha do Barry Cook.

Nessa manhã, decidimos fazer um passeio ao Door County para pescar e estávamos a poucos quilómetros quando o motor tossiu de uma forma estranha e o Lee teve de estacionar na berma da estrada. Passou quase uma hora inclinado debaixo do capô e, quando por fim me disse o que se passava, eu não percebi nada. Qualquer que fosse a avaria, não a conseguiria reparar sozinho e, por várias razões, não podíamos chamar um reboque.

— A culpa não é tua — disse-lhe eu quando retirámos as nossas coisas da caixa da carrinha pela última vez. Mesmo assim estava irritadiço e não disse grande coisa enquanto caminhávamos.

O Lee esticava o polegar para cada carro que passava, mas só meia hora depois alguém parou. O carro estacionou mais adiante e uma loura de óculos de sol magenta espreitou pela janela do lado do condutor.

— Olá! Tiveram uma avaria ou isso?

Chegámos junto dela e o Lee lançou um olhar duvidoso através da janela para o banco de trás. Estava coberto de caixas de cartão empilhadas até ao teto.

— Vou voltar para a escola — disse ela. — Não há problema, posso arranjar espaço. Para onde vão?

— Vamos para onde fores — disse o Lee.

Ela saiu do carro e mostrou-nos os dentes brilhantes.

— Ora é a isso que chamo gente com quem é fácil viajar.

Apresentou-se como sendo Kerri-Ann Watt, finalista da Universidade de Wisconsin-Madison. Mal olhou para mim e o seu aperto de mão foi tão mole como massa de lasanha. Se tivesse sido só eu, teria seguido em frente. Foi por isso que me vi arrumada no banco traseiro, enquanto o Lee se sentou à frente, apesar de se voltar constantemente para trás para me lançar olhares de solidariedade. A Kerri-Ann fazia-lhe todo o tipo de perguntas pessoais e eu tive de tapar o meu

sorrisinho com uma mão de cada vez que ele mentia.

Chegámos a Madison pouco depois das quatro da tarde e esperámos no carro enquanto a Kerri-Ann se registava na residência e recebia as chaves. Viam-se por toda a parte estudantes de *T-shirt* e boné de baseball com emblemas, todos a rir e a chamarem-se uns aos outros no parque de estacionamento, a abraçarem-se e a cumprimentarem-se.

— Vocês não têm onde ficar, pois não? — perguntou a Kerri-Ann quando voltou. — Se quiserem podem ficar comigo esta noite. Tenho um quarto só para mim — sorriu para o Lee. — Só têm de me ajudar a levar as coisas.

— Claro que sim — concordou ele. — Entre os três fazemos isto num instante.

Levámos tudo lá para cima para o quarto. Nunca tinha estado numa residência universitária, mas creio que esta era como todas as outras: paredes de betão pintado, chão de linóleo cinzento, mobília de contraplacado. Esperámos que a Kerri-Ann acabasse de pendurar todos os pósteres — o Lee revirava os olhos de cada vez que ela puxava de outro, Tom Cruise em *Negócio Arriscado* ou os Right Said Fred — e depois fomos jantar à pizzeria do *campus*. A Kerri-Ann caminhava à minha frente pelo caminho paralelo ao lago, com o Lee ao seu lado, e tocava-lhe na parte interior do braço, de cada vez que lhe queria indicar qualquer coisa. Aquilo estava a tornar-se chato. No dia seguinte teríamos de resolver o que

faríamos depois e, fosse o que fosse, não teria que ver com a Kerri-Ann Watt.

— És tão habilidoso, Lee — disse ela, quando voltámos para o quarto. — Importas-te de montar a minha cama alta? Deve levar apenas uns minutos. Enquanto fazes isso vou arrumar todas as minhas coisas femininas. Maren, não queres ajudar-me?

A Kerri-Ann fechou a porta da casa de banho atrás de nós e começou a expor os seus artigos de *toilette* e cosméticos na bancada.

— Esta é a minha parte favorita do novo ano escolar — disse ela. — Organizar o meu toucador.

— Tens muitos artigos de maquilhagem.

Ela riu-se.

— Dizes isso como se fosse uma coisa negativa.

— Não sei para que precisas de tudo isso. Já és bonita.

Não me agradeceu o elogio. Continuou a arrumar os boiões, os tubos e os frascos. Fiquei a vê-la e na minha imaginação vi-me a apertar os dedos em volta da tesoura de unhas.

Um ou dois minutos depois pareceu satisfeita e olhou para mim com ar de quem me avalia.

— Sabes que podias ser atraente, se fizesses um esforço?

Cruzei os braços e olhei-a no espelho.

— E agora vais dizer-me que eu não devia andar sempre vestida de preto, porque me faz parecer mais pálida, sombria e profundamente infeliz e que ninguém vai querer ser meu amigo.

— Bem, se já ouviste tudo isso antes, não achas que quer dizer qualquer coisa?

— O Lee é meu amigo. Não se importa com o que eu visto ou ponho na cara.

— Hum... — A Kerri-Ann pegou numa madeixa do meu cabelo e passou-ma para trás da orelha.

— O Lee não gosta de mim dessa maneira.

— Dizes tu. Mas rapazes e raparigas não podem ser amigos.

— Não aconteceu nada. De qualquer forma, ele considera-me um bebé.

— Porquê? Que idade tens?

— Tenho 16.

A Kerri-Ann soltou uma gargalhada.

— E que idade tem ele? Uns 20?

— Tem 19.

— Tudo bem — disse ela, enquanto abria um pequeno boião de plástico e, com a ponta do dedo, tirava de lá uma substância pegajosa que passou nos lábios. — Gosto deles um pouco mais novos.

O Lee tinha acabado de montar a cama alta quando saímos da casa de banho. O relógio da mesa de cabeceira marcava 23h33. Ali estávamos nós, já depois da hora de nos deitarmos, e eu não fazia ideia de onde iria dormir.

A Kerri-Ann trepou para a cama e apontou para uma caixa junto à sua secretária.

— O colchão insuflável está aí dentro. Lee, porque não o enches para ti? Maren, creio que ficarás mais confortável num dos sofás da sala de convívio ao

fundo do corredor. São muito cómodos... no ano passado, adormecia sempre que me deitava neles a ver filmes.

O Lee lançou-me um olhar duvidoso.

— Olha, porque é que eu não encho o colchão para a Maren e...

— O colchão insuflável tem um furo — ripostou a Kerri-Ann, categórica. — Não queres que a Maren tenha uma boa noite de sono?

Não havia maneira de protestar sem transformar aquilo numa *confusão*. A Kerri-Ann atirou-me um velho cobertor cinzento.

— Encontramo-nos amanhã de manhã — despediu-se.

A luz da sala de convívio estava apagada. Com a luz dos candeeiros de rua consegui aperceber-me de uma *kitchenette* e um frigorífico a um canto, uma televisão enorme noutro e vários sofás espalhados pela sala. Escolhi um e instalei-me. As almofadas cheiravam a cerveja e a peúgas sujas.

Imaginei a Kerri-Ann a desabotoar a camisa do Lee e a atirá-la para o chão ao lado do colchão vazio. Vi-o passar-lhe os dedos pela pele nua. *És tão habilidoso, Lee*. Revirei os olhos no escuro e tentei mesmo não pensar em nada. Quando adormeci, voltei a correr pelos corredores em ziguezague, enquanto a Kerri-Ann se perdia tropeçando nos seus sapatos cor-de-rosa de saltos de agulha.

Logo a seguir havia uma lanterna a incidir-me na cara.

— Não devia estar aqui — disse uma voz severa, apesar de simpática. — A sala de convívio está fechada. Pertence a esta residência?

Levei a mão aos olhos e a figura afastou a lanterna, um momento antes de a luz do teto ser acendida. Vi um segurança na zona da *kitchenette*, alto e entroncado, com um corte de cabelo muito curto. Levei um segundo a aperceber-me de que o guarda não era um homem.

— Sou amiga da Kerri-Ann Watt. — Quase sufoquei com a palavra *amiga*. — O quarto dela é o 29.

— Registou-se para passar a noite? — perguntou com cuidado; a sua primeira língua não era o inglês.

— Hum... não sabia que tínhamos de nos registar.

— Traga as suas coisas, por favor. Vamos agora ao quarto da sua amiga.

Segui a guarda pelo corredor, com o cobertor a arrastar atrás de mim.

Ela bateu com força na porta da Kerri-Ann, esperou e bateu mais uma vez. Por fim, ouvimos passos.

A Kerri-Ann abriu a porta. Olhei por cima do ombro dela e vi a cama vazia. O colchão insuflável continuava amarfanhado no chão de linóleo.

— Sim?

— Encontrei esta jovem a dormir na sala de convívio. Diz que é sua amiga.

A Kerri-Ann mirou-me da cabeça aos pés, com uma expressão vaga.

— Não, desculpe. Não a conheço.

Abri a boca para protestar, enquanto a guarda

pedia desculpa e a Kerri-Ann me lançava um pequeno olhar de triunfo nas costas da mulher.

— Não é bom mentir, menina. Agora tenho de fazer queixa de si. Vai receber uma citação da polícia do *campus*.

— Não estou a mentir — insisti, já cansada. — É *ela* que está a mentir porque quer o meu amigo só para ela. — Devia ter usado aquela tesoura das unhas quando tive oportunidade.

A guarda olhou mais uma vez para a porta da Kerri-Ann e depois para mim, enquanto seguíamos pelo corredor em direção à palavra SAÍDA, iluminada a vermelho, e apercebi-me de que não se tratava de ela acreditar ou não no que eu dissera. Não queria saber. Estava apenas a fazer o seu trabalho e se eu desaparecesse naquele momento, encolheria os ombros e continuaria a sua ronda como se nada tivesse acontecido.

— Agora vamos à esquadra da polícia do *campus* — disse enquanto descíamos a escada. — Fica a dois quarteirões daqui.

Saí atrás dela pela porta ao fundo da escada, mas quando ela dobrou a esquina do edifício eu fugi na direção oposta. Sabia que não me perseguiria.

Percorri mais uns quarteirões até ao lago e sentei-me num banco do parque junto à água. Faltavam ainda várias horas para o dia nascer. A minha mochila estava no quarto da Kerri-Ann, nada mais tinha comigo senão um velho cobertor esfarrapado e não sabia o que fazer. Embora tivesse sido uma sem-

abrigo durante meses, nunca me sentira como naquele momento.

Devo ter dormitado, porque de repente já tinha amanhecido e o Lee estava sentado a meu lado. Passavam por ali pessoas no seu *jogging* matinal e eu senti-me nua e ridícula debaixo do cobertor. Doía-me a garganta.

— Onde estiveste? — perguntei num tom vago. — Não estavas com ela.

— Desculpa, Maren. Nunca devia ter deixado aquilo ir tão longe. Ela foi uma chata desde a hora que a encontramos, mas nunca pensei que fosse *assim*.

— Ela disse-te o que fez?

— Não foi preciso.

— Deixei o meu saco no quarto dela. Podes ir buscar-mo?

— Podes lá ir tu. Mas não há necessidade de nos irmos já embora. — Soprou e eu senti o seu hálito. O fedor por baixo do mentol. Provavelmente usara a escova de dentes dela. — Agora, tudo o que está naquele quarto te pertence.

Usei toda a roupa preta que pertencera à Kerri-Ann, incluindo as peças de roupa interior, e servi-me todos os dias da sua identificação para entrar na biblioteca da universidade. Nunca ninguém verificou se a minha cara correspondia à fotografia. Limitava-me a levantar o cartão diante de um estudante de ar enfatiado sentado ao balcão e passava o torniquete para entrar na maior biblioteca que alguma vez vira.

Após umas horas de leitura, caminhava por entre as estantes para esticar as pernas e via sempre muitos livros nos carrinhos para serem repostos nas prateleiras. Parecia nunca haver ninguém para o fazer, de modo que comecei a tratar disso. Acalmava-me arrumar os livros das outras pessoas.

Pouco via o Lee durante o dia. Onde quer que ele fosse e o que quer que fizesse, acabava sempre no McDonald's ou no Burger King, de onde me trazia um hambúrguer e um batido de morango para jantar.

Não sabia durante quanto tempo poderíamos continuar assim, mas pensava que não duraria muito, pois eu *gostava* daquele lugar. Gostava daquela cidade, gostava do *campus*. A cafetaria estava decorada como um pavilhão de caça alemão ou coisa parecida, com madeiras escuras e dizeres em escrita gótica e, quando o tempo estava bom, podíamos levar o tabuleiro para um terraço sobranceiro ao lago.

As pessoas também eram simpáticas, embora não pudesse falar com elas. Vi algumas vezes três raparigas a tricotarem no terraço e, um dia, uma delas ergueu os olhos e viu que eu a observava. Sorriu e disse-me:

— Sabes fazer malha?

Abanei a cabeça.

— Tentei aprender, mas não me entendi lá muito bem.

— Oh, no princípio toda a gente pensa isso. — A rapariga inclinou-se e bateu ao de leve no lugar ao lado dela. — Senta-te aqui e ensino-te para que

percebas bem.

— Ah! — exclamou uma das amigas. Não tinham deixado de tricotar durante a conversa.

— Agora não tenho tempo — murmurei.

— Oh, está bem. — Pareceu desapontada. — Olha, tricotamos muitas vezes juntas, podes vir ter connosco em qualquer altura.

— Não somos bem um círculo — disse a terceira rapariga. — Mas conversamos bastante para compensar.

— As pessoas pensam que isto é uma coisa que só as avós fazem — disse a primeira rapariga, com um suspiro. — Por isso, se puderes, vem para a semana. — Traz a tua lã e agulhas.

Assenti e tentei sorrir enquanto me afastava da mesa.

Nem queria acreditar. Eram tão *simpáticas*.

Quando chegava a hora de nos deitarmos, o Lee enchia o colchão insuflável, mas eu acordava a meio da noite e já o encontrava vazio. Ou ele tinha encontrado um esconderijo na sala de convívio, ou dormia no banco de trás do carro da Kerri-Ann. Por vezes estava no duche quando eu acordava, outras vezes já se tinha ido embora. Nessa noite ofereci-lhe mais uma vez a cama, mas ele não aceitou. Pegava numa das coisas da Kerri-Ann, uma escova de cabelo ou um *top* de alças, suspirava e dizia:

— Alguém me deveria comer um destes dias. Era bem feito.

— Não digas isso — era a minha resposta.
— Porque não? Porque não haveria de o dizer?
Não respondi. Nunca me lembrava de uma razão.

No dia seguinte, como sempre, instalei-me numa das mesas da biblioteca. Li e escrevi durante algumas horas antes de fazer uma pausa para ir à casa de banho.

Quando voltei à mesa, encontrei algo na margem do livro aberto que, a princípio, o meu cérebro se recusou a reconhecer.

Uma tira comprida e branca.

Fofa.

Ligada a algo que parecia uma pulseira de berloques.

Peguei no objeto, porque ainda não percebera do que se tratava. O pelo tinha sangue seco aglomerado na ponta em que fora cortado.

A cauda. A cauda de um gato. Do gato da Sra. Harmon.

Algo tilintou ao de leve quando a cauda caiu no chão e apercebi-me de que não era uma pulseira, mas sim a coleira. Ajoelhei-me e peguei lentamente na chapa. BICHANO, dizia. E na parte de trás: HARMON — AV. SUGARBUSH, 217 — EDGARTOWN, PA.. Nesse instante regressei à Sala Vazia, e ao momento em que fechara a porta ao belo gato branco da Sra. Harmon.

Devia tê-lo deixado entrar.

Havia muitos estudantes na biblioteca, mas não percebi se algum tinha reparado em alguma coisa de

anormal. O silêncio amplificava-se. Todos se tinham transformado em manequins, mas sentia os olhos do Sully nas minhas costas e o estômago às voltas, e comecei a aperceber-me do meu destino.

Podia esconder a cauda do gato e continuar sentada, ali ninguém me podia tocar, mas a biblioteca não ficaria aberta para sempre.

Fechei os livros e, ao contrário do que era hábito, deixei-os sobre a mesa, peguei na cauda do gato e descobri rapidamente o caixote do lixo mais próximo. Estava uma tarde maravilhosa e, lá fora, havia gente a jogar *frisbee* ou a apanhar sol. Sem me voltar para olhar para trás, dirigi-me à residência.

Cheguei à escada, subi-a até ao primeiro andar e sentei-me no degrau. Para lá das portas duplas, os corredores estavam desertos. Aguardei o som das botas nos degraus.

A porta do fundo abriu-se e fechou-se e lá estavam os passos, lentos e firmes. Fechei os olhos e fiquei à escuta com as mãos a tremerem e o coração a bater acelerado. Vencera-o uma vez, mas o medo antigo é mais difícil de ultrapassar.

Quando voltei a abrir os olhos, o Sully lançava-me um olhar lúbrico e não consegui perceber como fora possível eu ter confiado nele. O canivete brilhava-lhe na mão — naquela mão horrível, com crostas de sangue à volta das unhas.

— Ora, ora. Sabes que foste uma menina má, e é meu dever, como teu avô, pôr as coisas no devido lugar, não é verdade, miúda?

Suspirei.

— Podia tê-lo feito há um mês.

— Tive de recuperar as forças. Além do mais, não dizem que há um prato que é melhor servido frio? Vá, levanta-te daí. — Cravou a faca na porta atrás de mim. — Já tive problemas que bastem, não preciso de mais.

O Sully seguiu-me até ao quarto da Kerry-Ann e trancou a porta. Empurrou-me para a cama e não pude evitar olhar por cima do ombro dele, só que era inútil. O Lee não estaria de volta senão dali a horas. A luz do dia desaparecia e o quarto enchia-se de sombras.

— Agora, ouve-me bem. Se voltas a olhar para aquela porta, racho-te ao meio, percebes?

Assenti. Porquê a faca? Saturno nunca precisava de uma.

O Sully sentou-se na cadeira da secretária, virou-a para mim e sentou-se. Começou a esgravatar as unhas com a ponta da faca, atirando para o chão partículas de sujidade e sangue seco.

— É a segunda vez que o teu namorado não vem a correr salvar-te — declarou irónico. — Belo namorado que te saiu.

— Vai voltar a qualquer momento.

— Nem penses. Já lhe tratei da saúde.

Nesse momento, tive pena do homem. Era como se não se tivesse visto ao espelho nos últimos quarenta anos. Também pensei em como a minha mãe cuidara de mim e me protegera. O Sully nunca saberia o que

era ser amado — ou quase.

— Está a dizer que o matou? — perguntei.

O Sully soltou uma gargalhada.

— Cortei-lhe o pescoço e jantei mais cedo.

Estava a mentir. Nem era preciso eu ter esperança de que estivesse a mentir.

— Seguiu-me até casa do Travis? Estava a vigiar-me quando eu...

— Ora cala-te, miúda. A única coisa que podes fazer é implorar piedade antes que eu dê cabo de ti. — Estremeceu quando esfregou a parte de trás da cabeça. Tinha um feio hematoma, semelhante a uma mancha num pêssogo podre, com uma linha quebrada onde o canto do troféu o ferira. Tinha menos cabelo do que no mês anterior. — Bateste-me com toda a força e desde aí não tenho estado bem. Não só esqueço as coisas, como também onde estive e o que fiz. Por vezes nem vejo nada. Nem sequer posso sair com a luz do dia, porque fico com mais dores de cabeça do que as que já tenho.

— Se me tivesse deixado em paz, não me teria visto obrigada a fazê-lo.

Apontou-me a faca.

— E se *te* tivesses calado e deixado de me dar pontapés, ter-me-ias poupado muitos problemas. E a ti também.

Bem, lá *isso* era verdade.

O Sully voltou à remoção da sujidade das unhas.

— Conheci um homem que comeu a própria mãe — disse, com os seus modos estranhamente bruscos. —

Claro que pode ter dito isso à espera de uma reação. Mas não tenho medo de ninguém nem de nada, nem sequer de um homem que comeu a própria mãe.

— O Lee pode ter comido o próprio pai. Não duvide de que vai conseguir tratar de *si*.

Os olhos do meu avô brilharam na escuridão.

— Não me estás a ouvir, miúda? Não te disse que toda a gente o faz?

Ouvi uma porta bater ao fundo do corredor e passos firmes e pesados a aproximarem-se. Era o Lee. Tinha a certeza.

— Gostava de saber porque diz isso, quando não é verdade — comentei com cautela. — Sabe o que vai acontecer, Sully. Pode comer-me, mas, depois, ele vai comê-lo *a si*. É isso que ele faz. Come pessoas sem as quais o mundo fica melhor.

Uma chave girou na fechadura. A porta resistiu de encontro à tranca.

— Maren? Maren, estás aí?

O Sully olhou para mim. Passou a mão pelo que lhe restava de cabelo.

— Digo-lhe que está aqui? — perguntei. Era estranho sentir-me tão calma, quando sabia que ele podia atirar-se a mim e esfaquear-me. O Lee estava a tentar qualquer coisa. Ouvi ranger a sola de borracha das suas botas, enquanto mexia na porta, metal contra metal. — Ele vai abri-la — insisti. — Sabe abrir todo o tipo de fechaduras.

Então era agora ou nunca. O Sully atirou-se a mim, mas eu estava pronta. Agarrei-lhe firmemente o braço

direito e, com um estranho distanciamento, observei a forma como ele rodou o cabo da faca, na esperança de me espetar a lâmina na mão.

— Estou a ir, Maren!

Soltei a mão do Sully no último instante e ele caiu para a frente na cama, e espetou a faca na almofada. Consegui subir para as costas dele e agarrei-lhe a mão por trás, no instante em que a tranca cedeu e a porta se abriu de par em par. O Sully voltou-se para o Lee com uma expressão admirada, quase assutada, e, nesse momento pareceu-me estranhamente frágil, sendo ele uma pessoa que passara todo o mês anterior a perseguir-me.

O Lee mal olhou para mim; pegou no braço do Sully assim que a porta se fechou. Soltei-o.

— Espera na casa de banho — disse.

Corri para a porta e tranquei-a de novo, enquanto o Sully dizia:

— Então, espera um instante, filho...

E o Lee disse:

— Não me chame *filho*.

Entrei na banheira, corri a cortina e apertei os olhos com as palmas das mãos até ver estrelas. Sete minutos, mais ou menos. Agora estava salva. Estava quase, quase salva.

Por fim, o Lee bateu à porta da casa de banho.

— Posso entrar? — Não respondi, mas entrou, mesmo assim. Ajoelhou-se junto à banheira e abriu a cortina do duche. — Estás bem? — Abraçou-me, respirou para cima de mim e tive vontade de vomitar.

— Desculpa. Vou lavar os dentes.
— Ele disse-me que te tinha tratado da saúde.
— Muito me surpreenderia se esse homem alguma vez tivesse dito a verdade em toda a sua vida.

Ergui o olhar.

— Obrigada.

— De nada. — Pegou-me na mão e apertou-me suavemente. — Anda. Vou tirar-te dessa banheira.

Lavou a cara e as mãos e serviu-se da escova de dentes da Kerri-Ann enquanto eu voltava para o quarto. Nunca fora um quarto especialmente acolhedor, mas agora ainda o era menos, embora o Lee já tivesse retirado os lençóis e tapado o colchão com o edredão *Laura Ashley*. Enrosquei-me o mais possível aos pés da cama. Pelo canto do olho, vi um saco de plástico amarelo no chão junto à porta, com as asas atadas com dois nós sobre uma enorme massa de restos humanos. Não que o meu avô alguma vez tivesse sido muito humano.

O Lee saiu da casa de banho e sentou-se na cadeira da secretária a esfregar os olhos.

— Nem posso acreditar que estive perto de te perder — disse.

— Porque é que voltaste mais cedo?

Ele encolheu os ombros.

— Tive a sensação de que devia fazê-lo.

Havia algo a sair da porta aberta do armário. Parecia uma corda. Então o Sully tinha guardado a sua mochila no quarto antes de ir à minha caça na biblioteca.

O Lee seguiu-me o olhar e pôs-se pé para investigar. Abriu a porta do armário de par em par e pegou na corda de cabelo.

— Mas que raio...?

Enquanto puxava e a corda saía e saía e saía, o Lee tinha uma expressão estranha — como se tivesse encontrado um dedo cortado na mesa das saladas, como se não fosse um comedor.

A corda formava vários círculos sobre o linóleo à medida que o Lee a ia tirando do saco. Era tão comprida que custava acreditar que o Sully tivesse conseguido enfiar mais alguma coisa na sua mochila.

— É doentio — murmurou o Lee. — Como uma Rapunzel Frankenstein e *zombie*.

Só aquilo conseguiu fazer-me rir.

Quando por fim chegou à outra extremidade, olhou para mim, com o rosto iluminado pelo mesmo misto de fascinação e desagrado que eu sentira naquela noite, em casa da Sra. Harmon.

— Já tinhas visto isto?

Assenti.

— É o cabelo dela, quase nessa ponta.

Mesmo assim a corda estava mais comprida. Quando vira aquela coisa pela primeira vez, ocorrera-me que, se o Sully só comesse pessoas mortas, haveria muito mais cabelo grisalho, branco e prateado ao longo da corda.

O Lee afastou-a com um pontapé e sentou-se na cadeira da secretária a fitá-la.

— É a coisa mais repulsiva que já vi.

— Não sei porquê, mas duvido — comentei. Olhámos em silêncio para a mochila como se outra desagradável surpresa deslizasse de lá a qualquer momento.

De repente, tive uma vontade avassaladora de me ver livre dela. Levantei-me de um salto e meti a corda de cabelo dentro do saco, peguei nele pela asa e arrastei-o pelo chão.

— Que estás a fazer?

— Vou levar isto para o contentor.

— Espera. — O Lee levantou-se e tirou-me a asa da mão. — Não faças isso.

— Estou tão cansada de mexer nas coisas das outras pessoas, Lee. E principalmente não quero mexer nas dele.

— Não precisas de ver.

— Há pior, sabes? Devias ter visto o que depositou na minha mesa da biblioteca — estremeci. — Ele matou o gato da Sra. Harmon. — Por um instante, olhámos um para o outro em silêncio. — Vou continuar a sentir-me assim? — perguntei. — Mesmo sabendo que ele está morto?

— Vai levar algum tempo até acalmares os nervos, mais nada. Tudo há de passar. Porque não tomas um duche agora e prometo que guardo para mim o que quer que encontre?

Senti-me um pouco melhor debaixo da água quente. Quando saí da casa de banho ele tinha na mão um grosso maço de notas de vinte.

— Estás a ver? Foi por isso que te disse que não

metesses tudo no lixo.

— Não quero isso. Pertence à Sra. Harmon.

— Ela não foi a única.

O Lee tinha razão. Não sabia o que dizer, de modo que peguei no exemplar de *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde*, que pertencera à Kerry-Ann. Porém, não conseguia ler. Sentia os olhos dele sobre mim.

— O que foi? — perguntei, por fim.

— Adoro a expressão do teu rosto quando estás a ler. É como se estivesses noutro lugar.

— Observas-me enquanto estou a ler?

Encolheu os ombros.

— Ficas tão concentrada que nem notas.

Parecia querer dizer mais qualquer coisa, mas lambeu o polegar e começou a contar o dinheiro enquanto eu voltava para o meu livro.

— Quinhentos e oitenta e nove dólares. — Estendeu-me uma pequena bolsa. — E está aqui outra coisa. — Abanou-a e tilintou. — Aposto que são joias.

— Posso ver?

Entregou-me a bolsa, eu alarguei o cordão e despejei o seu conteúdo para cima da cama. Entre várias dezenas de peças que não reconheci, encontravam-se os anéis de opala e pérolas que eu pousara na lareira da Sra. Harmon.

O Lee ergueu os olhos da mochila.

— Encontraste alguma coisa que te pertence?

— Não — disse eu. — São da Sra. Harmon. — Retirei os anéis da amálgama e coloquei-os na palma

da mão. Queria mandá-los à sobrinha, mas não fazia ideia de como a encontrar. Passei o dedo pelo medalhão que usava à volta do pescoço e pensei no bolo de cenoura e nos noivos da Cidade das Esmeraldas.

— Que loucura! — O Lee soltou uma gargalhada ao tirar algo mais de dentro do saco. — Ele era como um Pai Natal demoníaco. — Pegou no frasco de prata baça e abriu a tampa. — Bota abaixo! — Lançou a cabeça para trás e bebeu um grande gole.

— Tens a certeza de que queres pôr os lábios nisso? — perguntei.

— O que é que interessa? — Limpou o gargalo do frasco com um canto da camisa e entregou-mo. — Não devia ter lavado os dentes.

— Não, obrigada.

— Devias reconsiderar. É um *whisky* ótimo.

Levantou-se e foi ter comigo à cama. Peguei no frasco e inclinei-o, tossindo assim que o álcool me queimou a garganta.

— Bah! — exclamei, mas tomei outro gole. — Isto é um nojo.

— Mesmo assim continuas a beber. — Os meus dedos tocaram nos dele quando lhe devolvi o frasco.

— Sabe mal, mas acende uma pequena fogueira nas nossas entranhas.

De repente, nada mais me incomodou: nem a ideia da faca do Sully junto ao meu pescoço, nem dos ossos dele assentes como um monte de gravilha no estômago do Lee. Não me importei que o meu avô

nunca me tivesse levado à pesca. Não me importei de ter o dinheiro que não me pertencia por direito, nem que o meu pai acordasse todas as manhãs do resto da sua vida na esperança de que eu o fosse visitar, nem de que alguém pudesse vir bater à porta à procura da Kerry-Ann, visse luz, ouvisse as nossas vozes e nos entregasse à polícia do *campus*. Percebi por que razão as pessoas começavam a beber.

Puxei o edredão até ao queixo.

— Pronto. — O Lee estendeu-me o frasco. — Acaba tu.

— Não, obrigada. — Tive a sensação de que, se bebesse mais, aquela confortável despreocupação me abandonaria. Sentia-me fraca, mas de uma maneira aprazível. Nessa noite teria sonhos agradáveis.

O Lee encolheu os ombros, levou o frasco à boca e pousou-o, já vazio, sobre a mesa de cabeceira.

— Chegou a hora de nos despedirmos deste dia.

Levantou-se e apagou o candeeiro do teto. As luzes do pátio eram suficientes para que pudéssemos ver. Despiu a camisa e atirou-a para cima da cadeira da secretária; então, depois de levar a mão ao nariz para sentir o hálito, foi à casa de banho em busca da escova de dentes da Kerri-Ann.

Quando voltou vinha a abotoar a braguilha.

— Há quanto tempo nos conhecemos, Maren? Há mesmo só três meses?

De súbito, todas as palavras, mesmo um simples sim ou não, me pareceram um esforço incrível. O calor e o peso espalhavam-se pelos meus membros,

puxavam-me as pálpebras e abafavam-me a língua.

Mesmo assim, mantinha os olhos abertos o suficiente para o ver acabar de se despir. O Lee tinha uns belos músculos. Inclinou-se para a frente para despir as calças de ganga e, à luz do pátio, vi como a penugem das suas costas brilhava e como a sua sombra parecia feita de ouro e não de escuridão. Pensei naquela primeira noite em que eu adormecera no colchão de água e ele fora dormir para o sofá. O inútil colchão insuflável estava amarfanhado num canto. Queria perguntar: *Porque vais dormir aqui? O que há de diferente nesta noite?*

Deixou as calças de ganga no chão e passou por cima de mim, tendo o cuidado de se encaixar entre a parede e o sítio que eu ocupava.

— Está tudo bem? Estás confortável?

Como poderia estar?

— Sim — murmurei.

Pousou a mão no meu ombro.

— Maren...

— Hum? — Através do nevoeiro que pairava na minha cabeça, espantei-me como eu conseguia aparentar que nada me preocupava.

Ele riu-se baixinho.

— Amanhã de manhã vais estar de ressaca.

— Foram só uns golinhos!

— O que é muito para quem nunca bebeu. — Descansou o queixo no meu ombro. Queria dizer-me algo, mas eu não lhe podia perguntar. Por fim atreveu-se: — Naquela noite, assim que te vi no

corredor dos doces... o que quero dizer é que senti. Qualquer coisa, não sei. Só sei é que te vi e que senti.

— Sentiste o quê?

— Isto. Sabia que isto aconteceria.

Isto? O que era *isto*? O calor subia de novo por mim, membro a membro. *Dorme*, pensei. *Esquece*.

— Sabias o que eu era? Logo ali, no corredor dos doces?

— Só tive a certeza quando te vi no carro. — Dever ter sentido o meu estremecimento. — Desculpa. Sei que não gostas que to recorde.

Nenhum de nós falou durante algum tempo. Ele continuava apoiado num cotovelo, descansando a mão livre sobre o meu ombro. Depois começou a acariciar-me a cabeça.

— O teu cabelo — murmurou. — Ele teria usado o teu cabelo.

Nunca dera grande atenção ao meu cabelo — era comprido, escuro e insignificante —, mas quando o Lee pôs as mãos na minha cabeça, transformou-se em seda. Com dedos suaves, afastou-o do meu pescoço. Inclinou-se e beijou-me aí, ao lado do sítio que sempre procuramos.

— Não faças isso — pedi.

— Porque não queres que o faça ou porque não devo fazê-lo?

— Não faças... porque... não deves.

— Sei que fui frio. — Percorreu-me o braço com os seus dedos. — Lamento. Sabes que tinha de o ser.

E, sob aquele pesado calor, aquela segurança que

retirara de um frasco, senti o meu estômago roncar.

Acordei e o Lee não estava. Senti o mau gosto na boca. Não havia forma de negar o que eu tinha feito.

Era uma manhã escura e cinzenta e no quarto havia coisas que não deviam lá estar. O chapéu *Stetson* sobre a secretária, onde ele o tinha deixado. As calças de ganga continuavam no chão. Havia outras coisas, sem as quais não poderia partir, partes dele, cujo interior eu nunca vira. Fechei os olhos e inspirei o cheiro dele nos lençóis. Quando me abraçara, tudo se dissolvera, tudo o que era escuro, feio e podre dentro de mim. O Lee tornara-me pura. Deixara-me fazê-lo. Mas fiquei na cama durante muito tempo, desejando de todo o coração não o ter feito. Agora o nome dele também lá estava escrito.

Nessa noite, quando voltei da biblioteca, havia um recado num papel cor-de-rosa pregado na porta: *K-A: Porque não apareceste no pequeno-almoço de boas-vindas da Delta? Estavas ressacada ou quê? Liga-me*

o mais depressa possível. — Melissa

Não sabia o que fazer a partir dali. Não podia continuar assim, não é verdade? Um dia alguém haveria de me encontrar no quarto da Kerri-Ann.

Na manhã seguinte, enquanto arrumava uns livros, reparei num rapaz que me observava a partir de uma das mesas de estudo. Era mais velho — poderia ser aluno do segundo ou do terceiro ano — e embora estivesse tão em forma como o Lee, usava uma camisa de bom corte e impecável, que lhe dava o aspeto de um bancário.

Quando terminei a pilha de livros, peguei num, chamado *As Lendas da Babilónia*, e sentei-me na mesa em frente ao rapaz. Muito me passou pela cabeça, mas soube-me bem *tentar* compreender. Também gostei de saber que os olhos dele se afastavam da página do livro do outro lado da mesa, para espreitarem o interior do meu braço.

Quinze minutos depois, mais ou menos, o rapaz arrancou uma folha do caderno e fê-la deslizar sobre a mesa. *Desculpa intrometer-me, mas não pude deixar de reparar que estavas a ler sobre a Babilónia. Já leste I Dreamed of the Tigris, de Reginald Toomey?*

Abanei a cabeça e ele continuou a escrever. *Procura no catálogo. Se estiver requisitado, posso emprestar-te o meu exemplar.*

Obrigada, respondi. És muito simpático.

Pensas especializar-te em Arqueologia ou Antropologia?

Ainda não decidi.

Estou a fazer as duas especializações. Terei todo o prazer em responder a todas as questões que te possam surgir. Já leste alguma coisa de Claude Lévi-Strauss? Ou de Margaret Mead?

Prosseguimos assim durante alguns minutos, a escrever para trás e para a frente acerca de livros e das aulas dele. Ele era giro e refugiava-se na biblioteca de sua livre vontade. Tínhamos bastante em comum.

Chamo-me Jason, escreveu por fim. Prazer em conhecer-te.

Escrevi o meu nome por baixo do dele, e o seu sorriso era tão perfeito que poderia ter sido escolhido para um anúncio da *Colgate*.

Ou do Listerine, disse-me uma vizinha.

Veio então a pergunta seguinte. Claro que tinha de ser. *Tens namorado?*

Olhei para ele — ele olhou para mim, com uma expressão dolorosamente franca — e porque sabia que não podia facilitar-lhe demasiado as coisas, escrevi *Sim*. Não precisei de lhe mandar o papel; senti que se encolhia enquanto eu ainda estava a escrever. *Desculpa, continuei. Obrigada pelas boas recomendações.*

Dar-tas-ia de qualquer forma, respondeu. Espero que acredites.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça, sorri e juntei os meus livros. Provavelmente voltaria a encontrá-lo. Estudava aqui; estaria na biblioteca quase todos os

dias.

Por vezes, quando assistia a uma aula, lia o texto e pensava no que escreveria se pertencesse de facto à turma e tivesse de compor uma dissertação acerca dos povos Jivaros do Equador que encolhiam as cabeças dos seus inimigos. Talvez ainda o façam. O Jason observava-me por entre as estantes, e eu permitia-lho.

Um dia, cansei-me de ler e comecei a arrumar os livros nas prateleiras como de costume. Quando fui buscar outra braçada, estava um homem na extremidade do corredor, com o cotovelo sobre o carrinho. Vestia uma camisa de manga curta, um pouco amarrotada e fina, a ponto de deixar ver o contorno da camisola interior. Tinha manchas de transpiração debaixo dos braços. Não foi uma ideia simpática, mas escapou-me antes de a poder censurar — era *balof*. O nariz, os braços, a forma do rosto. Usava o cabelo preto comprido e revoltado em volta das orelhas e havia tempo que não se barbeava. Era mais baixo do que eu. Via-o quase todos os dias, a responder a perguntas no balcão de informações, mas nunca lhe prestara tanta atenção como naquele momento.

Fiquei ali, nervosa, e fingi andar a ver o que havia nas prateleiras, como se não tivesse pensado repor todos os livros que esperavam por baixo do seu cotovelo branco e gordo. Ele olhou para mim com o canto da boca torcido naquilo que, provavelmente,

para ele seria um sorriso.

— E durante todo este tempo pensava eu que os livros se arrumavam sozinhos.

— Era para fazer qualquer coisa — respondi.

— Não tens pesquisas para fazer para as aulas?

— Já terminei.

— Como queiras. — Afastou-se e eu peguei numa braçada de livros.

Retirou do carrinho um lápis que ali ficara perdido e bateu com ele no nariz.

— Os alunos que repõem os livros ganham seis dólares e meio à hora. Tens de te registar junto do bibliotecário principal. — Apontou com o lápis para um gabinete de vidro do outro lado da sala. — São geralmente dez horas por semana, mas como agora temos falta de gente, podes fazer um turno duplo sempre que te apetecer. — Fez uma pausa. — És calóira?

Assenti.

Estendeu a mão.

— Sou o Wayne e estou a fazer o doutoramento.

— Sou a Maren.

— Encantado — respondeu e de repente compreendi a diferença entre ironia e sarcasmo. Decidi que gostava dele. Eu e o Wayne nunca seríamos amigos — sorte dele —, mas tornara claro que me respeitava, e isso significava muito.

Arrastei um pé e depois o outro.

— Vais doutorar-te em quê?

— Em Biblioteconomia. — Encolheu os ombros. —

Nada de interessante.

Trocámos um sorriso. Ele voltou-se para se ir embora, mas depois estacou.

— Olha... vou falar com o Henderson. É o bibliotecário principal. Sei que já trabalhaste uma semana e meia, por isso vou ver se te pagam pelo que já fizeste.

— Obrigada. — De repente senti-me tão grata que tive vontade de chorar. — É muito simpático da tua parte.

O Wayne encolheu mais uma vez os ombros antes de arrastar os pés de volta para o balcão de informações. Voltei às arrumações com os braços cheios de manuais de engenharia, a sorrir para comigo mesma como se não tivesse preocupações neste mundo.

*

Nessa tarde, à saída da biblioteca, apanhei um exemplar do jornal do *campus*. Comprei uma sanduíche na cafetaria e, enquanto comia, abri o jornal sobre a mesa para procurar quartos para arrendar na página dos classificados. A opção mais barata ficava a meia dúzia de quarteirões do *campus*, o que me fez suspeitar de uma renda de apenas duzentos dólares.

*Dirija-se ao número 355 da Front Street entre
as 10 e as 18 horas. Apenas raparigas.*

A pensão era uma casa vitoriana, de aspeto decadente e em mau estado — mobília de jardim empilhada no alpendre e gnomos com a pintura a lascar nas suas faces alegres — delapidada, mas não desagradável. Uma mulher, da idade da Sra. Harmon, mas muito mais forte, abriu a porta.

— Olá — disse eu. — Estou aqui por causa do quarto.

Ela assentiu e chegou-se para o lado para me deixar entrar. O vestíbulo cheirava a bolor e a pastilhas para a tosse. De tão gastas, partes da passadeira oriental estavam transformadas em longas manchas cinzentas. Através de uma porta aberta à esquerda vi um sofá cheio de almofadas de croché.

— Não me pareces ter idade suficiente para viver sozinha — comentou a mulher.

— Sou caloirá.

— Não te davas bem com a companheira de quarto? Bem, aqui ninguém te incomoda. Só recebo três hóspedes de cada vez, só senhoras, e as outras duas são caladas que nem ratos. Mal as vejo. Não há serventia de cozinha, mas como comes no *campus*, também não tem importância. Queres ver o quarto?

— Sim, por favor.

Apontou para a escada.

— Segunda porta à direita. A casa de banho fica ao fundo do corredor. Vais desculpar-me por não to mostrar pessoalmente. Nestes últimos tempos não vou muito lá acima.

Assenti e subi. O quarto era pequeno, mas muito

limpo, com uma secretária e uma cómoda e lençóis brancos impecáveis numa cama de solteiro. Abri a porta do armário e uma fileira de cabides de lavanderia chocalharam no varão. A janela estava fechada, mas ouvi crianças a rir no quintal de algum vizinho. Levantei os olhos e vi um crucifixo por cima da porta.

A mulher ainda estava no vestíbulo quando desci a escada.

— Então? — perguntou com modos bruscos, mas não indelicados. Nunca a imaginaria a convidar-me para ir à cozinha tomar chá e comer bolo.

— Posso ficar com o quarto?

— A renda são duzentos dólares por mês. Pagas agora o primeiro e o último, o que dá quatrocentos, e é teu.

— Posso pagar em dinheiro?

Ergueu as sobrancelhas.

— Trazes tanto contigo?

Peguei no que restava do dinheiro do Travis e contei quatrocentos em notas de vinte.

— Não é uma boa ideia, andar por aí com tanto dinheiro.

— E geralmente não ando. — Paguei-lhe e ela lambeu o indicador antes de o voltar a contar.

— Bem, pareces uma boa menina, mas de qualquer forma, vou avisar-te. Por regra, não permito homens nesta casa, excetuando o meu neto. De vez em quando, ele faz alguns trabalhos para mim, de modo que, se o vires, não te assustes.

— Compreendo — respondi.

Voltei ao quarto da Kerri-Ann, embalei as minhas coisas e fechei a porta atrás de mim.

Tinha emprego. Tinha casa. Devia estar entusiasmada.

*

A Sra. Clipper tinha razão acerca das outras raparigas da casa — só que não eram ratos, eram fantasmas. Via-as uma ou duas vezes por semana a desaparecerem nos seus quartos, com o cabelo escuro a pingar e os corpos envolvidos em toalhas brancas. Uma noite, já tarde, podia jurar que ouvi a voz de um homem e passos de duas pessoas a esgueirarem-se escada acima; ouvi barulhos no quarto ao lado, porém, de manhã, apenas uma pessoa — a que tinha os passos mais leves, a minha fantasmagórica companheira de casa — desceu. Queria bater-lhe à porta, mas sabia que ela o negaria. Pensei no Travis e perguntei a mim própria se haveria pessoas no mundo que faziam o que eu não podia fazer. Tinha de haver.

Tinha adquirido uma rotina. Repunha livros nas prateleiras, depois passava a hora do almoço com uma sanduíche de atum e um romance da Anne Rice num canto isolado da biblioteca e, a seguir, voltava para o meu quartinho na casa da Sra. Clipper e terminava os livros que começara durante o dia. Tinha duas manhãs livres por semana e, nesses dias, assistia a uma aula e tirava apontamentos como se as

minhas notas dependessem deles. Noutros dias, se o Jason estivesse na biblioteca, lá se ia a minha rotina — principalmente se ele me seguisse até às estantes.

— Tens feito pesquisas ultimamente?

Soltei uma exclamação abafada e ergui os olhos com o último conjunto de manuais junto ao peito. O Jason esboçou um breve sorriso como se se sentisse satisfeito por me ter sobressaltado.

— Desculpa — murmurou.

— Não há problema. — Espreitei para a etiqueta da lombada do livro seguinte e afastei-me dele em busca da prateleira correta.

Tentei não estremecer ao som do meu nome nos seus lábios.

— Podes pousar os livros? Só por um segundo?

Pus os livros numa prateleira meio vazia e ele avançou um passo. Senti que me voltava para ele — como metal para um íman, como uma flor para o sol. A mão dele pairou no espaço entre nós.

— Posso?

Anuí. Ergueu delicadamente o meu medalhão, apertou o pequeno botão e a tampa abriu-se com um estalo. Dentro dele, o Douglas Harmon oferecia o seu sorriso de estrela de cinema a um fotógrafo há muito falecido.

— Que fulano bem-parecido — comentou o Jason. A camisa dele cheirava levemente a detergente de lavandaria e, quando respirava, senti o cheiro fumado do bacon sob o do *Listerine* de mentol. — É o teu avô?

Quem me dera.

— Não creio que tenha sido avô de ninguém. — O Jason franziu a testa, mas não lhe dei oportunidade para me perguntar se encontrara o colar numa loja de velharias. Recuei e o medalhão soltou-se dos seus dedos e aterrou na minha pele mais quente do que quando dela se erguera. — É melhor continuar a repor os livros.

Deixei-o no corredor, com a mão estendida, como se a fotografia do Douglas Harmon ainda estivesse dentro dela.

Depois disso, nunca mais pus o medalhão. De súbito pareceu-me errado usar a recordação do amor da vida de outra pessoa, quando nunca poderia ter o meu.

Passaram semanas e comecei a vestir-me de modo diferente. Casacos de malha pretos, saias pretas, meias de renda pretas. Pensei que o Jason gostaria de ter uma melhor visão das minhas pernas. Observei fotografias de esculturas babilónicas do Museu Britânico, belos monstros de granito polido. *A criatura atrai o louco aventureiro com perfumes fantasmagóricos de jardins suspensos, tentando-o a esquecer que todas as flores se transformaram em pó mil anos antes. É homem apenas por mais um ou dois momentos.*

A meio de novembro, o Jason encurralou-me com outra braçada de livros e convidou-me para um jantar do Dia de Ação de Graças.

— Não posso — respondi-lhe.

— Não há problema se fores vegetariana ou qualquer coisa dessas — disse imediatamente. — Vai haver muito mais coisas para comer além do peru.

Abanei a cabeça e tentei não sorrir.

— Não sou vegetariana — disse-lhe. — Mas obrigada pelo convite, Jason. É amoroso da tua parte.

Na primeira semana de dezembro seguiu-me até às estantes com um impresso amarelo para requisitar um livro. Era necessário preenchê-los sempre que se queria requisitar um livro muito antigo e obscuro que não constasse das prateleiras normais, e o bibliotecário tinha de o ir buscar. Mas devia ser solicitado no balcão.

O Jason aproximou-se e fez com que o seu hálito me aquecesse o pescoço.

— Preciso deste livro — disse em voz baixa. — Será que me podes ajudar?

Anuí, tirei-lhe o impresso da mão e dirigi-me à zona mais calma da biblioteca. Marquei um código na parede do fundo e ele seguiu-me até às estantes fechadas. Levei-o para a direita e para a esquerda, até chegarmos ao fundo. As luzes do teto estremeciam e apagavam-se um minuto de cada vez e eu sentia o cheiro do pó e do bolor dos livros antigos — paredes de palavras que provavelmente nunca leria.

Por fim, voltei-me para ele. Detivera-se no corredor e passava distraidamente os dedos pelos livros raros,

encadernados a couro, enquanto esperava para ver o que eu fazia.

Voltei-me de costas para ele e comecei a desapertar os botões da blusa preta de folhos que pertencera à Kerri-Ann, ouvindo-lhe a respiração entrecortada. Quando soltei o último botão e despi a blusa, virei-me para ele, que se debatia com a fivela do cinto, de olhos a brilhar. Com um arrepio nos braços e no estômago, enrolei a blusa numa bola e enfiei-a numa fileira de livros.

— Isto aqui é seguro? — Ele desafivelara o cinto e abriu o fecho-éclair da braguilha. — Tens a certeza de que ninguém nos descobre?

— Não posso ter a certeza de nada — disse eu e estremeci. Por vezes, não sabemos quanta verdade há numa coisa até a pormos por palavras.

— Oh, meu Deus! — O Jason mergulhou os dedos debaixo do cós dos *boxers*. — Oh, meu Deus!

Pus os olhos no chão.

— Não estou a tentar excitar-te. — Era exatamente o contrário e acreditei quando o disse, mas já não sabia se era ou não verdade.

— Bem — murmurou, avançando um passo. — Não está a dar resultado. — Estendeu a mão livre e passou um dedo pela minha clavícula e por baixo da alça do meu *soutien*. Estremeci quando me acariciou a cintura e pressionou os dedos sobre os meus rins. Respirou de novo sobre mim, o fantasma de um bom pequeno-almoço sob produtos químicos com sabor a mentol.

— Só tirei a blusa para não a sujar — disse eu.

Ele sorriu.

— Então podes também tirar a saia.

Abanei a cabeça e recuei um passo para ficar fora do alcance dele.

— Sabes qual é o número do Sistema Decimal de Dewey para o canibalismo, Jason? — Ele olhou-me sem entender. — É 391.9. — *Factos. Os factos reconfortam-me muito.* — Queres que te diga como sei?

Ele riu-se e aproximou-se mais de mim, com a mão ainda escondida no cós.

— Vais devorar-me, menina Rato de Biblioteca?

Recuei.

— Demonologia, 133.

— Diz-me mais — murmurou o Jason. — Serás um súcubo, Maren?

— Se não te fores embora... imediatamente... como-te. Primeiro o pescoço e depois o resto. — Respirei fundo e esperei, mas nesse espaço um pequeno pensamento malévolo, uma recordação, abriu caminho em mim. *Há coisas que nunca te vou contar, por muito que me peças.* Durante todo este tempo pensava que queria saber.

Os olhos do Jason brilharam na escuridão das estantes. Avançou para mim e passou a língua pelo contorno do meu queixo.

— Não tinha a mínima ideia de que eras tão perturbada.

Suspirei enquanto pressionava os meus lábios no

pescoço dele.

— Nunca ninguém tem.

Agradecimentos

As pessoas que sabem que sou vegana pensam que ter escrito um romance acerca de canibais (são de facto *ghouls*, mas canibais é mais fácil) é bizarro, hilariante ou ambas as coisas. A versão abreviada é que acredito que o mundo seria um lugar muito mais seguro se nós, como indivíduos e como sociedade, lançássemos um olhar firme e honesto à nossa prática de comer carne juntamente com as suas consequências ambientais e espirituais. Para tal, gostaria de agradecer a Will Turtle, cujo livro *The World Peace Diet* me ajudou a clarificar os objetivos enquanto revia *Até aos Ossos*, e a Victoria Moran, mentora, amiga e superestrela vegana.

Tenho uma enorme dívida de gratidão para com a Sra. Drue Heinz e para com todos no Hawthornden Castle International Retreat for Writers, pois deram-me tempo e espaço (já para não mencionar alimentação) para reformular o manuscrito em janeiro de 2013: Hamish, Ally, Mary, Georgina e os meus colegas Helena, Kirsty, Melanie, Colin e Tendai

— muito obrigada pelo vosso apoio. Agradeço também a Ann Marie DiBlasio e a Sally Kim pelas recomendações que escreveram para que eu o conseguisse.

Muito obrigada a Nova Ren Suma e a Rachel Cantor pelo entusiasmo demonstrado, logo de princípio (quando tudo o que eu tinha era «canibais apaixonados») no jantar no Dirt Candy, a Seanan McDonnell por ser tão minucioso e atencioso como sempre, a Kelly Brown e a McCormick Templeman pela sua perspicácia e entusiasmo, e a Elizabeth Duvivier, Amiee Wright, Deirdre Sullivan, Diarmuid O'Brien, Ailbhe Slevin e Christian O'Reilly por toda a benevolência e encorajamento. Um beijo a Maggie Ginsberg-Schutz e a Sarah Paré Miller, por me terem recebido no Wisconsin, e a Gail Lowry e Paul Brothie, por me mostrarem como se faz um guisado vagabundo. E obrigada, como sempre, a Brian DeFiore, Shaye Areheart, Adrian Frazier e Mike McCormack.

A minha agente, Kate Garrick, trabalhou incansavelmente em cada versão, muito para lá dos seus deveres profissionais, e estou-lhe muito grata por ter acreditado em mim. Sara Goodman, és maravilhosa e estou emocionada por estar na tua lista. Os meus agradecimentos a Alicia Clancy, Melissa Hastings, Olga Grlic, Paul Hochman, Lauren Hougen, Melanie Sanders, Courtney Sanks, Steven Seighman, Justin Velella, George Witte e a todos os outros que adoraram este livro na St. Martin's, e a

Hana Osman e ao resto da equipa da Penguin UK.

Obrigada, principalmente a toda a minha família — de sangue e não só —, que sempre assumiu que uma história escrita por mim é uma história que vale a pena ler.

Sobre este livro

ESTA RAPARIGA NÃO PARTE CORAÇÕES, ELA DEVORA-OS.



Maren Yearly quer o mesmo que qualquer rapariga da sua idade. Tornar-se alguém que os outros admirem e respeitem. Ser amada. Mas Maren tem um segredo que a torna diferente, impulsos que não consegue controlar. E odeia-se pelas coisas más que o seu instinto a pressiona a fazer, por aquilo que causa a si e à sua família.

Porque Maren não se limita a partir corações, ela devora-os. Desde o dia em que a sua mãe encontrou um osso da orelha da ama na sua boca, quando ela tinha apenas dois anos, soube que a vida não seria normal para nenhuma

das duas.

Quando, no seu décimo sexto aniversário, a mãe a abandona com apenas algum dinheiro e a sua certidão de nascimento, Maren decide partir em busca do pai, que nunca conheceu, determinada a encontrar as suas origens e a razão para ser como é.

Confrontada com um mundo onde, pela primeira vez, conhece outros comedores e inimigos, mas também a possibilidade inesperada do amor, Maren percebe que não está apenas à procura do pai, está à procura de si própria. A verdadeira questão é: será que vai gostar da rapariga que encontrar?

Sobre Camille DeAngelis

Camille DeAngelis é uma autora norte-americana de livros de fantasia e não-ficção, bem como de um guia de viagens à Irlanda. É licenciada em Belas-Artes, com especialização em Estudos Irlandeses, pela Universidade de Nova Iorque, e tem um mestrado em Escrita da Universidade Nacional da Irlanda.

Até aos Ossos, que acompanha a jornada de dois canibais adolescentes, venceu o Prémio Alex, atribuído pela American Library Association, em 2016. O livro foi adaptado para cinema em 2022 pelo realizador Luca Guadagnino, com Taylor Russell e Timothée Chalamet nos papéis principais.

- [1] Sanduíche quente de carne picada, condimentada com vários molhos. (*N. da T.*)
- [2] «*Be he alive or be he dead, I'll grind his bones to make my bread*» — fala do gigante no conto «João e o Pé de Feijão». (*N. da T.*)
- [3] *Hobo casserole*: guisado originariamente preparado para trabalhadores itinerantes e vagabundos. Versão americana da sopa da pedra. (*N. da T.*)